Reg ~~1918~~ 564
Livro 1
Folha 61

P 112

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 1/438

PROCURA-SE UMA ROSA	DISTRIBUIÇÃO
AUTOR GLAUCIO GIL	

M. J. - D. P. F.
SERVIÇO CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RECEBIDO NA I.C.I.C.

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIENCIAS E LETRAS DE ARAPONGAS

— D A —

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE ARAPONGAS

574

Ao Serviço de Censura Federal.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p 2

O Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Arapongas, Ervino Nesello, abaixo assinado, não tendo - conhecimento da censura da peça de Guarnieri - Arena Conta Tiradentes, - em requerimento anterior solicitou a sua liberação para ser representada pelo grupo de Teatro Universitário de Arapongas. Este grupo, no interêsse de promover o desenvolvimento cultural no norte do Paraná, por meu intermédio, vem requerer a liberação das peças:

Procura-se uma Rosa - Pedro Bloch

e

Procura-se uma Rosa - Glaúcio Gil, com a finalidade de participar no Festival Universitário de Londrina.

Têrmos em que

Pede Deferimento.

Arapongas, 9 de Outubro de 1.969.

Recebi em 24-10-69

Prof. ERVINO NESELLO
Diretor.

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.892, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, — de Paris. —

SBAT

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093,P.3

Direitos de Representação — Autorização Nº 139665

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: Procura-se Uma Rosa

Original de R. Glauco Gil

Música de

Tradução de

No Teatro ..... Cidade .....

Emprêsa ..... Pela Cia. .....

nos dias Para ser Censurada

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de X % da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Brasília, 14 de Outubro de 1969

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 4

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes do sautores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, runiões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. cc93, p.5

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

597

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 1918/69

PEÇA /=/=/=/=/ PROCURA-SE UMA ROSA /=/=/=/=/

Censura de Diversões Públicas D. P. F.

ORIGINAL DE GLAUCIO GILL

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 09 de JULHO de 1974

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO ATÉ — 18 ANOS —

Brasília, 24 de OUTUBRO de 1969

Chefe do S. C. D. P. - ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

M.J.-D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 1 fôlha nº 61, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada PROCURA-SE UMA ROSA

Original de GLAUCIO GILL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. cc93, p.6

Tradução de

Adaptação de

Produção de FAC. FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS ARAPONGAS - PARANA

Tendo sido censurada em 04 de JULHO de 1969 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 16(DEZESSEIS) ANOS .-.-. CONDICIONADA AO EXAME DE ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ CONFORME O § 2º do Art. 1º da Lei 5536/68.

ÊSTE CERTIFICADO SÒMENTE TEM VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 24 de OUTUBRO de 1969

JOSÉ CAMPALO BRAGA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 7, 34

SERVIÇO DE DEFESA DO DIREITO AUTORAL
— BUREAU DE COBRANÇA —
Rua Visconde de Inhaúma, 107 - 8.º andar — Rio de Janeiro

COBRANÇA DE ACORDO COM A RENDA

NÃO VALE COMO RECIBO

Usuário Luiz Ronaldo Vieira

Local Teatro Martins Pena

Dia(s) 17, 18 e 19/10/67 das — às 21 — horas.

Tipo da função Peça Teatral de Pedro Bloch

Corresponde ao recibo n.º CAR. MINIMA 18 P (SBAT)

B S B, 4/10/67. a) Claudiomar

B-17 - 5.000 Tls. 25x2 fls - 12-66

AUTORIZAÇÃO

A № 113186

Autorizamos o uso do nosso repertório musical, nas condições expressas ao lado e referentes a

DIREITOS AUTORAIS

Const. Fed. - art 141 § 19
Cód. Civil - art. 649 e §§
Dec. n.º 4.790 de 2-1-1924
Dec. n.º 5.492 de 16-7-1928
Dec. n.º 1.023 de 17-5-1962

ISENTO DE SÊLO pelo art. 203 da Const. Fed

Fundação Universidade de Brasília

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 8

IILMO. SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D.P.F.

1736

LUIZ RONALDO VIEIRA, abaixo-assinado, residente nesta cidade, vem mui respeitosamente requerer a V.S. se digne censurar as peças:

"PROCURA-SE UMA ROSA" de PEDRO BLOCH E GLÁUCIO GIL , segundo "script" anexo.

NESTES TÊRMOS
P. DEFERIMENTO

Brasília, 29 de Setembro de 1967

LUIZ RONALDO VIEIRA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P.

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 5248
Em 29 / 9 / 1967
Protocolista

PROIBIDO ATÉ 16 ANOS

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em 9 de Outubro de 1967

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 9

Ao Sr. Chefe da Seção de Censura.

Solicito indicar Censor para exame da peça anexo.

Em 29/09/67.

Maria R. Weitzel
Chefe da TCTC.

Ao Sr. Chefe de TTC.

Remeto o processo referente à peça "Procura-se uma Rosa", para as providências cabíveis.

Em 04/10/67.

Chefe da Seção de Censura do SCDP

Ao Censor José Vieira Madeira, para examinar.

Em 29/09/67

Chefe da Seção de Censura do SCDP

Sr. Chefe da Seção de Censura do SCDP

Conforme parecer anexo, em que dou minhas razões, libero a peça com a impropriedade de 16 ANOS, conforme a Portaria nº 81/66, do Sr Chefe do SCDP.

Em 5 de Outubro de 1967

José Vieira Madeira
Val 2.095.858 - 18-B

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093 p. 10

36 A

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

FICHA DE CENSURA

Nº ____/____

Título do filme: PROCURA-SE UMA ROSA
GLAUCIO GIL

Diretor:

Gênero :

POLICIAL	☐	WESTERN	☐	COMÉDIA	☐	TERROR	☐	MUSICAL	☐
FICÇÃO	☐	DRAMA	☐	CIENTÍFICO	☐	DOCUMENTÁRIO	☐	TV	☐
[illegible]UALIDADE	☐	SERIADO	☐	DESENHO	☐	TEATRO	☐		☐

Metragem: Nacionalidade:

Sistema: Teatro de Comedia

Entrecho: Em tom de comedia, o autor conta a disputa que se cria em torno de Rosa, a mulher que todos querem. Pega já consagrada até no cinema

Crítica artística: Internacional, numa linguagem satírica traz o problema de Rosa, a mulher que deseja um mundo feliz. O tema é tratado dentro de uma linguagem corrente, sem qualquer propósito de fazer humor em baixo calão, com diálogos bem escritos,

Apreciação técnica: com certa malicia, mas sem qualquer excesso.

Apreciação moral: Dentro dos critérios determinados pela chefia do SCDP, a presente obra pode ser liberada para um público de certa compreensão

Restrições:

16 ANOS (Port 91/66)

Brasília, DF., 6, de - Outubro, de 1967

Censor
Mat. 2.095.858

DPF-SAv.-6002.PFS

37 ~~48~~

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

FICHA DE CENSURA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 11

Nº ____/____

Título do filme: PROCURA-SE UMA ROSA

AUTOR: PEDRO BLOCH E GLÁUCO GIL

Diretor:

Gênero:

POLICIAL	☐	WESTERN	☐	COMÉDIA	☐	TERROR	☐	MUSICAL	☐
FICÇÃO	☐	DRAMA	☐	CIENTÍFICO	☐	DOCUMENTÁRIO	☐	TV	☐
ATUALIDADE	☐	SERIADO	☐	DESENHO	☐	TEATRO	☒		☐

Metragem: Nacionalidade:

Sistema: TEATRO DE COMÉDIA

Entrecho: UM MECÂNICO CASA-SE COM UMA PROFESSORA, PROVOCANDO, COM ISSO, UM DESAJUSTE SOCIAL ENTRE AMBOS. TEMPO ATUAL PASSADO NUM SUBURBIO CARIOCA DA CENTRAL DO BRASIL.

Crítica artística: COMÉDIA URBANA, DE COSTUMES, ANALIZANDO UM PROBLEMA SOCIOLÓGICO. ESCRITA COM BASTANTE PROPRIEDADE, COM UM LINGUAJAR CARACTERÍSTICO DOS HABITANTES DOS SUBURBIOS CARIOCAS E ANALIZANDO BEM OS PERSONAGENS.

ESCRITA COM VIGÔR E BEM ARMADA A PEÇA PODE SER CLASSIFICADA COMO DE BOA QUALIDADE ARTÍSTICA

Apreciação técnica:

Apreciação moral: O TEMA AÍ TRATADO INDICA UM PÚBLICO DE CERTO ENTENDIMENTO PARA ASSISTÍ-LA, RAZÃO PELA QUAL INDICAMOS UMA IMPROPRIEDADE QUE DEFENDA A INFÂNCIA DE OUVIR CERTAS EXPRESSÕES, QUE NO TEATRO COMUNICARIAM MAIS FACE À FORMA DE REPRESENTAÇÃO.

Restrições:

16 ANOS / PORT. Nº 91/66

Brasília, DF., 5, de - Outubro, de 1967

[signature]

Censor

Mat 2.095.858

384

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

CERTIFICADO DE CENSURA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 12

Nº de Registro 1.736/67

Título do PROGRAMA : Peça Teatral ("PROCURA-SE UMA ROSA")

Autoria de Pedro Bloch e Glauco Gil

RESPONSÁVEL : LUIZ RONALDO VIEIRA

Aprovado pelo S. C. D. P.

Validade ATÉ 05 (CINCO) DE OUTUBRO DE 1968

PROIBIDO ATÉ 16 ANOS

Certificado de Censura

Brasília, 05 de outubro de 19 67

A. ROMERO LAGO

CHEFE DO S. C. D. P.

DPF-SAv-7007-PFS.

P 112 3 97

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

REG 542

CENSOR -

TITULO: PROCURA-SE UMA ROSA

AUTOR: PEDRO BLOCH.

RESUMO:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 13

PROIBIDO
Carimbo do S. C. ATÉ
—16 ANOS

Sec C. 427

Autuação

Anexos:

M. J. - D. P. F.
SERVIÇO CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RECEBIDO NA T.C.T.C.
EM 12-8-69

Distribuição

404

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 14

Presidente Prudente, 3 de Agosto de 1968

Exmo Sr.
Departamento Serviço de Censura - Diversões Publica
Palaçio da Justiça, Poliçia Federal
Brasilia

O Grupo Teatral Amador Walt Disney (G T A D I S N E Y), registrado na Federação de Teatro da Alta Sorocabana, pretendendo a concorrer no Festival que sera realizado nos dias 25 de Agôsto á 1 de Setembro de 1968, vem mui respeitosamente requerer de V.Excia., O numero da censura Federal, da Peça Procura-se uma rosa, Autor Pedro Bloch.

Ausente de outro particular, na expectativa de poder contar com vossa habitual atenção, antecipadamente agradecemos e subiscrevemo-nos mui

ATENCIOSAMENTE

GRUPO TEATRAL AMADOR
WALT DISNEY
GTA DISNEY

Joaquim Rubens Pires
Presidente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.15

Presidente Prudente,7 de agôsto de 1.968

Ilmo.Sr.
Diretor do Departamento de Censura e Diversões Públicas
Palácio da Justiça-Policia Federal
B R A S I L I A

Presado Senhor:

O GRUPO TEATRAL AMADOR WALT DISNEY(GTA DISNEY) da cidade de Presidente Prudent e,Estado de São Paulo,estando devidamente registrado nas organizações que regulamentam o Teatro Amador em nosso Estado,ou sejam a Federação de Teatro da Alta Soracabana(FETAS),Comissão Estadual de Teatro do Estado de São Paulo.,ao ensejo desta comunica V.S. que já enviou a êste Departamento em dias dêste mês(dia 3 de agôsto de 1.068, conforme recibo do D.C.T. sob número 46382)cópias do texto que pretende encenar durante as eleimatórias para o Vl Festival de Teatro amador do Estado São Paulo,esquecendo na época de enviar os documentos seguintes,o que fazemos agora:
1)Autorização nº166794(Direitos de Representação)
2)Certidão do Serviço de Defesa do Direito Autoral.

Solicitando os préstimos dêste Departamente ao nosso pedido,desde já agradecemos V.S. e somos mui

Atenciosamente
GRUPO TEATRAL AMADOR
WALT DISNEY
GTA DISNEY
P/ Joaquim Rubens Fileses
Presidente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 16

42

AUTORAL

DIREITO

SERVIÇO DE DEFESA DO

U.B.C.
S.B.A.T.
S.B.A.C.E.M.
SADEMBRA
SOCINPRO
Direitos Conexos
(Brasil)

GEMA
AWA
(Alemanha)

SAFCA
(África do Sul)

SADAIC
(Argentina)

AKM
(Áustria)

SABAM
(Bélgica)

SOBODAICOM
(Bolívia)

CAPAC
(Canadá)

DAIC
(Chile)

SAYCO
(Colômbia)

KODA
(Dinamarca)

ASCAP-BMI
(Estados Unidos)

SGAE
(Espanha)

SACEM
(França)

TEOSTO
(Finlândia)

ESSE
(Grécia)

BUMA
(Holanda)

ARTISJUS
(Hungria)

PRS
(Inglaterra)

STEF
(Islândia)

ACUM
(Israel)

SIAE
(Itália)

JASRAC
(Japão)

SACM
(México)

APRA
(Nova Zelândia)

TONO
(Noruega)

APA
(Paraguay)

APDAYC
(Peru)

ZAIKS
(Polônia)

SECTP
(Portugal)

STIM
(Suécia)

SUISA
(Suíça)

OSA
(Tcheco-Eslováquia)

AGADU
(Uruguay)

SACVEN
(Venezuela)

CERTIDÃO

Certificamos, a pedido do interessado, que o GRUPO TEATRAL AMADOR "WALT DISNEY" (GTA DISNEY), com séde nesta cidade de - Presidente Prudente, Estado de São Paulo, até a presente data satisfez todos os pagamentos relativos a direitos autorais devidos à -- S.B.A.T.

Presidente Prudente, 7 agosto 1968

P. Prudente 7 / 8 / 1968

ROBERTO GOYA

Tokumitu Goya

BUREAU DE COBRANÇA

Adm. Geral - Av. Casper Libero, 58-12.° - Tels. 33-9682 e 33-5379
Cobrança - Av. Ipiranga, 1123 - 3.° andar — Telefone 34-5692
São Paulo - Brasil

B-1 - 5.000 - 2/68

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. c093, p. 17

1/346

AUTORAL

DIREITO

SERVIÇO DE DEFESA DO

CERTIDÃO

Certificamos, a pedido do interessado, que o GRUPO TEATRAL AMADOR "WALT DISNEY" (GTA DISNEY), com séde nesta cidade de - Presidente Prudente, Estado de São Paulo, até a presente data satisfez todos os pagamentos relativos a direitos autorais devidos à -- S.B.A.T.

Presidente Prudente, 7 agôsto 1968

P. Prudente, 7 / 8 / 1968

RUBENS GOYA

Tokumitu Goya

U.B.C.
S.B.A.T.
S.B.A.C.E.M.
SADEMBRA
SOCINPRO
Direitos Conexos
(Brasil)

GEMA
AWA
(Alemanha)

SAFCA
(África do Sul)

SADAIC
(Argentina)

AKM
(Áustria)

SABAM
(Bélgica)

SOBODAICOM
(Bolivia)

CAPAC
(Canadá)

DAIC
(Chile)

SAYCO
(Colômbia)

KODA
(Dinamarca)

ASCAP-BMI
(Estados Unidos)

SGAE
(Espanha)

SACEM
(França)

TEOSTO
(Finlândia)

ESSE
(Grécia)

BUMA
(Holanda)

ARTISJUS
(Hungria)

PRS
(Inglaterra)

STEF
(Islândia)

ACUM
(Israel)

SIAE
(Itália)

JASRAC
(Japão)

SACM
(México)

APRA
(Nova Zelândia)

TONO
(Noruega)

APA
(Paraguay)

APDAYC
(Peru)

ZAIKS
(Polônia)

SECTP
(Portugal)

STIM
(Suécia)

SUISA
(Suiça)

OSA
(Tcheco-Eslováquia)

AGADU
(Uruguay)

SACVEN
(Venezuela)

BUREAU DE COBRANÇA
Adm. Geral - Av. Casper Libero, 58-12.° - Tels. 33-9682 e 33-5379
Cobrança - Av. Ipiranga, 1123 - 3.° andar — Telefone 34-5692
São Paulo - Brasil

B-1 - 5.000 - 2/68

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.18

4C 47

AUTORAL

DIREITO

SERVIÇO DE DEFESA DO

U.B.C.
S.B.A.T.
S.B.A.C.E.M.
SADEMBRA
SOCINPRO
Direitos Conexos
(Brasil)

GEMA
AWA
(Alemanha)

SAFCA
(África do Sul)

SADAIC
(Argentina)

AKM
(Áustria)

SABAM
(Bélgica)

SOBODAICOM
(Bolívia)

CAPAC
(Canadá)

DAIC
(Chile)

SAYCO
(Colômbia)

KODA
(Dinamarca)

ASCAP-BMI
(Estados Unidos)

SGAE
(Espanha)

SACEM
(França)

TEOSTO
(Finlândia)

ESSE
(Grécia)

BUMA
(Holanda)

ARTISJUS
(Hungria)

PRS
(Inglaterra)

STEF
(Islândia)

ACUM
(Israel)

SIAE
(Itália)

JASRAC
(Japão)

SACM
(México)

APRA
(Nova Zelândia)

TONO
(Noruega)

APA
(Paraguay)

APDAYC
(Peru)

ZAIKS
(Polônia)

SECTP
(Portugal)

STIM
(Suécia)

SUISA
(Suíça)

OSA
(Tcheco-Eslováquia)

AGADU
(Uruguay)

SACVEN
(Venezuela)

CERTIDÃO

Certificamos, a pedido do interessado, que o GRUPO TEATRAL AMADOR "WALT DISNEY" (GTA DISNEY), com séde nesta cidade de Presidente Prudente, Estado de São Paulo, até a presente data satisfez todos os pagamentos relativos a direitos autorais devidos à S.B.A.T.

Presidente Prudente, 7 agôsto 1968

P. Prudente 7 / 8 / 1968

RUBENS GOYA

Tokumitu Goya

BUREAU DE COBRANÇA
Adm. Geral - Av. Casper Libero, 58-12.° - Tels. 33-9682 e 33-5379
Cobrança - Av. Ipiranga, 1123 - 3.° andar — Telefone 34-5692
São Paulo - Brasil

B-1 - 5.000 - 2/68

RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.19

Direitos de Representação — Autorização Nº 166794

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: Procura-se uma Rosa

Original de Pedro Bloch

Música de —

Tradução de —

No Teatro ..... Cidade Presidente Prudente

Emprêsa Grupo Teatral A Walt Disney Pela Cia. —

nos dias Para Censura da Peça

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de — % da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem coom pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

São Paulo, 14 de Maio de 1968

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

Decreto n.º 4.0[illegible]2, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou. às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização ,para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham [illegible] balho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 193[illegible]

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, [illegible] licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 20

c/ 6 ff

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p 21

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA.

O GRUPO TEATRAL AMADOR WALT DISNEY (GTA DISNEY)-SP, ENVIOU PARA EXAME DESTE SCDP A PEÇA TEATRAL " PROCURA-SE UMA ROSA" DE PEDRO BLOCH.

A REFERIDA OBRA JÁ FOI LIBERADA POR ÊSTE ORGÃO, / PELO CERTIFICADO Nº1 736/67 DE 5/OUTUBRO/67, VÁLIDO ATÉ / 5 DE OUTUBRO DO CORRENTE, CLASSIFICANDO-A IMPROPRIA PARA MENORES ATÉ 16 (DEZESSEIS) ANOS; APÓS TER SIDO RATIFICADO O PARECER DO CENSOR JOSÉ VIEIRA MADEIRA QUE A EXAMINOU.

ASSIM SENDO, À VISTA DO EXPOSTO, SUGIRO, SMJ, QUE SEJA MANTIDO O CRITÉRIO, EMITINDO-SE OS CERTIFICADOS REQUERIDOS .

A CONSIDERAÇÃO SUPERIOR.

EM, 14 DE AGOSTO DE 1 968

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
TCTC- SCDP/DF

A impropriedade de 16 anos não existe na legislação específica sôbre censura. Assim, os demais certificados devem sair com 18 anos - após audiência do censor.

Em 14/8/68

Em Tempo:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 22

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

Certificado Nº 542/68

PEÇA - / PROCURA - SE UMA ROSA / -

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO ATÉ 18 ANOS

VÁLIDO ATÉ 27 de AGOSTO de 19 69

Brasília, 27 de AGOSTO de 19 68

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

M. J. – D. P. F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 17, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada – PROCURA-SE UMA ROSA –

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 23

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de GRUPO TEATRAL AMADOR WALT DISNEY (G T A D I S N E Y)

Tendo sido censurada em 14 de AGOSTO de 19 68 e recebido a seguinte classificação IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS

ESTE CERTIFICADO SOMENTE É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 27 de AGOSTO de 19 68

Serv. de Censura de Diversões Públicas – D. P. F.

– JOSÉ SAMPAIO BRAGA –

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 24

F. 112 9PH

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

REG. 386/68 L.1. F.13v
~~REG. 388/68 L.1 F.13v~~

CENSOR: MADEIRA

RESTRIÇÃO: anteriores 16 anos

Carimbo do S. C.

TÍTULO: PROCURA-SE UMA ROSA

Autor: Pedro Bloch e Glaucio Gill

Autuação

Anexos:

Sec. Prot. 287
4-7-68

Distribuição

PROC.º 112
LIV. 01
FOL. 12
REG.º 386

D. P. F. — DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 25

4974

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO POLÍCIA FEDERAL
Delegacia Regional em Pernambuco
Polícia de Segurança - T.C.D.P.

D.F.S.P.
038600 25 JUN 68

D.F.S.P.
038600 25 JUN 68

Ofício nº 040/68-PS/TCDP Em 20 de junho de 1968

Do: Delegado Regional do DPF/DR-Pernambuco
Ao: Sr. Chefe do S.C.D.P.
Assunto: Scripts de Peça Teatral - encaminha

Senhor Chefe.

Em cumprimento à Portaria nº 768 de 31/10/67, do Exº Sr. Diretor Geral do DPF, encaminho em anexo a V.Sª. 6(seis) scripts da Peça Teatral "PROCURA-SE UMA ROSA", de autoria de Pedro Bloch e Gláucio Gill, respectivamente, a fim de que seja censurada prèviamente / por êsse SCDP.

Na oportunidade reitero a V.S. protestos de estima e consideração.

HAROLDO TORRES - Cel. R/1
Delegado Regional DPF/PE.

SEÇÃO DA D. F. S. P
RECEBIDO EM 25/6/68 ÀS 11 HS
ASS
CHEFE SUBSEÇÃO RECEBIMENTO (SSR)

50771

M. J. — DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.26

Sr. Chefe da Seção de Censura.

A Peça PROCURA-SE UMA ROSA, de Pedro Bloch e Blauco Gil, de que trata o presente, foi em 5 de outubro de 1 967 censurada, conforme parecer do Censor JOSE VIEIRA MADEIRA constante no Processo nº 112-TCTC, o qual sugeriu e depois de ratificada pelo Chefe dêste / Serviço, foi expedido o Certificado nº 1736/67, válido até 5 de outubro do corrente, com a impropriedade para menores até 16 anos.

Para êste produtor sugiro, s.m.j., que seja expedido outro Certificado com a mesma restrição etária.

A consideração superior.

Em, 1/julho/1968

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
T C T C-SCDP-DF

De acôrdo. Encaminhar ao Sr. Chefe do SCDP para apreciação e decisão final.
Em 3/7/68
[signature]

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 27

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

Certificado Nº 386/68

PEÇA -/ PROCURA-SE UMA ROSA /-

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH E GLÁUCIO GILL

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO ATÉ —16 ANOS—

VÁLIDO ATÉ 02 de JULHO de 1969

Brasília, 02 de JULHO de 1968

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

51

M. J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C[illegible].P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 13V, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " PROCURA-SE UMA ROSA "

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 28

Original de PEDRO BLOCH E GLÁCIO GILL

Tradução de XX

Adaptação de XX

Produção de XX CENSURA REQUERIDA ATRAVÉS DA DELEGACIA REGIONAL DE PERNAMBUCO

Tendo sido censurada em 1º de JULHO de 19 68 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS

OBS: ESTE CERTIFICADO SÔMENTE É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 02 de JULHO de 19 68

JOSÉ SAMPAIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

DPF. SAv. 7034-PFS

P 112

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

REG - ~~604~~

L. 01 F. 19

CENSURA -

Rio 6 out

Carimbo do S. C.

TÍTULO: PROCURA-SE UMA ROSA.

AUTOR: PEDRO BLOCK.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 29

GB. Sec. S. 478

Autuação

Anexos:

M. J. - D. P. F.
SERVIÇO CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RECEBIDO NA T.C.T.C.
EM 30-8-67

Distribuição

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.30

527

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL — GB
TURMA DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DR - GB

Of. nº 346/68 — Em 27 de AGÔSTO de 1968

Do Chefe da Turma de Censura de Diversões Públicas
Ao Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-DPF-
Assunto: sôbre peça teatral

Senhor Chefe,

Em obediência as determinações dêsse SCDP, encaminho a V.Sa. o texto acompanhado da autorização da SBAT, referente a peça teatral de Pedro Bloch, intitulada "PROCURA-SE UMA ROSA", a fim de ser examinada por êsse Serviço.

Aproveito a oportunidade para renovar a V.Sa. os protestos de estima e distinta consideração.

Marina de Mello Ferreira

MARINA DE MELLO FERREIRA
Chefe da TCDP-DR/GB.

537

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092. de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 · 3º andar — End. Teleg. SBAT · RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 31

Encaminhe-se para Brasília Em 27-8-68 Maria M. Teixeira

Rio de Janeiro, 27 de Agosto de 196 8

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V.S., para fins de CENSURA, duas cópias da peça:

PROCURA-SE UMA ROSA - de Pedro Bloch

próxima apresentação da DO GRUPO TEATRAL CENA 3

no Teatro JACAREPAGUÁ T.C.

com estreia marcada para o dia 31 de Agosto de 1968

Sem outro assunto, subscrevemo-nos, com a maior consideração,

Djalma Bittencourt
Superintendente

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS 26 AGO 68 RIO

D.P.F. - DELEGACIA REGIONAL - GB
CENSURA FEDERAL
PROTOCOLO N.º 7714
DATA 27/08/1968
ASSINATURA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 32

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL
TEATRO

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F.

Certificado Nº 604/68

PEÇA -/ : : : PROCURA - SE UMA ROSA : : : /-

ORIGINAL DE PEDRO BLOCK

APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 09 de SETEMBRO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 09 de SETEMBRO de 19 68

IMPRÓPRIO ATÉ 18 ANOS

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 19, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada – PROCURA - SE UMA ROSA –

Original de PEDRO BLOCK.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.33

Tradução de

Adaptação de

Produção de GRUPO TEATRAL CENA 3

Tendo sido censurada em 06 de SETEMBRO de 19 68 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PAR MENORES ATÉ 18(DEZOITO) ANOS;

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓMENTE É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO ROTEIRO DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 09 de SETEMBRO de 19 68

– JOSÉ SAMPAIO BRAGA –

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

DPF. SAv. 7034-PFS

SCDP

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093,p.34

Sr. Chefe da Seção de Censura.

O Grupo Teatral Cena 3- GB, enviou, por intermédio / da DR- DPF naquele Estado, para exame dêste SCDP a peça teatral " PROCURA-SE UMA ROSA" de Pedro Bloch.

A referida obra foi liberada por êste Orgaõ, em 5 de outubro de 1967 pelo Certificado nº 1736/67, válido até 5 de outubro do corrente, depois de ratificado o parecer do Censor JOSÉ VIEIRA MADEIRA, que a classificou IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 16 (dezesseis) anos.

Em 27 de agosto p. passado, expedimos o Certificado nº 542/68, classificando-a IMPROPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS, por não existir na Legislação especifica sôbre Censura a impropriedade de 16 anos, conforme despacho de V. Sª, constante no processo nº 112/TCTC.

Assim sendo, à vista do exposto, sugiro que seja // expedido os Certificados requeridos com a impropriedade para menores até 18 (dezoito) anos, mantendo-se o critério adotado. S.M.J..

A consideração superior.

Em, 06 de setembro de 1 968

JOSÉ BARBOSA BRAGA
TCTC-SCDP/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 35

1ª Via

SP

145

PROC.- 0112
LIV.- 02
PAG.- 47
REG.- 4661

"Procura-se uma Rosa"

Autor: Pedro Bloch

ENTRADA
09 / 02 / 72
DISTR.- 9 / 2 / 72
1.a CEN.- /
2.a CEN.- /
CERT.- / /
SAIDA / /
TEMPO TRAM.
DIAS.

Grupo Estudantil "O VARAL"

São Carlos - S.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 36

146

DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DA SEÇÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS

-8 FEV 1048 BSB 006261

RECEBIDO POR:

Ilmo. Sr.
Diretor do Serviço de Censura Federal e Diversões Públicas
BRASILIA

João Paulo Scabora, Presidente da Federação de Teatro Amador do Centro do Estado, com sede em São Carlos no Teatro Municipal Dr. Perdigão, vem respeitosamente através do presente expediente, solicitar a expedição do certificado de censura para o texto de Pedro Bloch, "Procura- se uma rosa".

A responsabilidade da montagem é do Grupo Estudantil "O varal", nosso filiado. Nesta oportunidade apresentamos os nossos melhores votos de estima e aprêço.

São Carlos, 29 de janeiro de 1972

JOÃO PAULO SCABORA
Presidente da Federação de Teatro
Amador do Centro do Estado - FETAC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 37

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - GB Nº 3340

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: Procura-se Uma Rosa -

Original de Pedro Bloch

Música de

Tradução de

No Teatro Divinas Cidade São Carlos - S. P.

Emprêsa Fetac Pela Cia.

nos dias Para Censura da Peça

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de ~~%~~

..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

São Paulo, 24 de Janeiro de 1972

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS ★ 24 JAN 1972

(pela SBAT)

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 38

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quôtas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

142

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093/p.39

"PROCURA-SE UMA ROSA"

AUTOR: PEDRO BLOCH

PERSONAGENS

LINO
MILTOM
RUBÃO
TIZINHA
MARIA ROSA

GRUPO ESTUDANTIL "O VARAL"

SÃO CARLOS - S.P.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
★ 28 JAN 1972
SUCURSAL SÃO PAULO

AUTORIZAÇÃO S. B. A. T. Nº 3340

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.40
1494

PROCURA - SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

PRIMEIRO QUADRO

SALA DE ESTAR DE CASA MODESTA DE SUBÚRBIO CARIOCA. ENTÃO EM CENA MILTON, SUA MULHER TIZINHA E LINO, COLEGA DE TRABALHO DE MILTON, PREOCUPADOS, COMO QUE ANALISANDO UM FATO SEM LÓGICA, APARENTEMENTE ABSURDO. LINO ESTÁ SENTADO COM A CADEIRA AO CONTRÁRIO E, DE VEZ EM QUANDO, COÇA A CABEÇA DESESPERADO, PERDIDO.

MILTON - É...
TIZINHA - COISA, HEM ?
LINO - (VAI LEVANTAR A MÃO PARA DIZER ALGO. OS OUTROS VÃO PRESTAR ATENÇÃO. ÊLE DESISTE. A CONCENTRAÇÃO VOLTA.)
MILTON - ESSA NÃO!
TIZINHA - A VIDA !
LINO - (PARECE QUE CONCLUI ALGO) ESPERA... (VERIFICA QUE O QUE VAI DIZER TAMBÉM NÃO FUNCIONA. DESISTE).
RUBÃO - (NEGRO JOVEM, ENTRA DESALENTO. VESTE UM BLUSÃO COM MANCHAS DE GRAXA. TODOS SE VOLTAM PARA ÊLE AFLITOS.)
MILTON - CUMÉ ?
RUBÃO - (FAZ "QUE NÃO" COM A CABEÇA)
LINO - PESO FILHO DAS UNHAS!
TIZINHA - LINO!
LINO - E NÃO É ?
RUBÃO - TROÇO BESTA! OLHE... EU...
MILTON - NÃO ENCHE, RUBÃO, TÁ ?
LINO - TINHA QUE ACABAR ASSIM.
TIZINHA - TINHA COISA NENHUMA!
LINO - TAVA NA CARA. E NÃO CULPO ELA NÃO.
MILTON - CULPA QUEM ?
LINO - (SEM DAR ATENÇÃO). A VIDA. ERA VIDA?
MILTON - NÃO SEI PORQUE.
LINO - VOCÊ ACHA QUE TEM AMOR QUE RESISTE MARIDO COMO EU ? AMOR QUE RESISTE TREM DA CENTRAL ?
RUBÃO - NEM AMOR DE MÃE.
MILTON - POIS O NOSSO AGÜENTOU. NÃO FOI, TIZINHA ?
TIZINHA - OUTRA RESISTÊNCIA (ELA TOMA, QUASE OCULTAMENTE, UM REMÉDIO)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, P.41
150

MILTON - (AGARRA-A EM FLAGRANTE). REMÉDIO OUTRA VÊZ?!
TIZINHA - (ARRANCA-O DAS MÃOS DE MILTON) AMOSTRA GRÁTIS !
LINO - EU SABIA !
MILTON - SABIA NADA !
LINO - SABIA! SUBÚRBIO NÃO É ZONA. É CASTIGO. E O DESGRAÇADO DO TREM! "EXPREME PESSOAL"!
RUBÃO - "INCHA MOÇADA! ".
LINO - "VAMOS CARREGAR ÊLE PRA CHUPAR LARANJA!" "BEBER ÁGUA DE POÇO".
TIZINHA - E SEM PAR PRA RESPIRAR. SEM LUGAR PRA BOTAR O PÉ.
RUBÃO - É. LEVANTOU, TÁ FUBECADO.
MILTON - RUBÃO!
RUBÃO - EU DISSE BESTEIRA ?
LINO - QUANDO ELA FICAVA DE NOITE, DE OLHO ABERTO, SÓ VIA ELA PISADA POR AQUELA MULTIDÃO DE GENTE. EU FICAVA CALCULANDO O DIA QUE ELA FICASSE DE BARRIGA, ESPERANDO... ERAM CAPAZ DE MATAR O GAROTO!
TIZINHA - ESPERA. ELA NÃO ESTAVA... ES...
LINO - NÃO. SÓ PENSANDO. SEM AR PRA RESPIRAR, SEM CHÃO PRA PISAR. A GENTE FICA ALI EXPREMIDO LENDO O JORNAL INTEIRO. SONHANDO, SENÃO A GENTE VIRA MALUCO! A GENTE NÃO PODE FICAR ALI OLHANDO A VERDADE TODO DIA... E SABENDO QUE AMANHÃ TEM MAIS. TUDO DE NOVO, TUDO OUTRA VEZ. TÁ DOIDO!
RUBÃO - ESPÊTO!
LINO - INFERNO! EU QUERIA DAR UM SONHO PRA ELA. É CRIME? QUERIA QUE ELA PARASSE DE PENSAR UMA SEMANA.
RUBÃO - VOCÊS QUER SABER UMA COISA ?
OS OUTROS - (EM CÔRO) NÃO.
RUBÃO - TEVE UM CASO AÍ... QUE...
MILTON - RUBÃO! NÃO CHATEIA!
LINO - (PAUSA LONGA). QUE É QUE O PESSOAL TÁ DIZENDO LÁ FORA ?
RUBÃO - NADA.
LINO - NADA É PEIXE.
RUBÃO - PALAVRA!
LINO - JÁ ME BOTARAM OS CHIFRE.
RUBÃO - BOTARAM NADA! (PAUSA). SÓ Ó SEVERINO.
LINO - O QUE FOI QUE ÊLE DISSE? FALA, RUBÃO. ANADA! FALA!
MILTON - DEIXA DISSO, LINO. FRESCURA! TU VAI LIGAR PRE LADÃO DE AUTOMÓVEL ?
LINO - É LADRÃO MAS TÁ COM OS TUBO.(ARUBÃO). TU NÃO DISSE, AGORA - MESMO, QUE...
RUBÃO - TU NÃO SABE COMO ÊLE É? SE TU XXM NÃO TEM DEFEITO ÊLE INVENTA. TU É MEU! QUE É QUE HÁ ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.42
151

LINO - (DEPOIS DE UMA PAUSA) É. SÓ FAZENDO A LISTA.
TIZINHA- OUTRA, LINO ?
LINO - SEM LISTA EU NÃO SEI PENSAR. PENSAMENTO É UM TROÇO... MUITA VEZ FIQUEI PENSANDO COMO É QUE TRABALHA PENSAMENTO DE GENTE- QUE SABE COISAS...
RUBÃO - DEVE SER CHEIO DE NOVE-HORAS.
LINO - POIS É. QUANDO A GENTE PENSA É NA BASE DA IGNORÂNCIA, FOI QUE EU PENSEI... FUTEBOL, VIDA, BICHO, TREM. ELESNÃO. É TUDO MAIS COMPLICADO. GENTE COM COISA NA CABEÇA PENSA DIFERENTE. "HIDRA MATIQUE".
RUBÃO - TUDO TEM O SEU CONFORME.
LINO - PENSA... QUE É QUE TU TEM DENTRO DA CABEÇA? NÃO DIZ, NÃO! ELA DIZIA COISA QUE EU, MUITA VEZ, NÃO ENTENDIA. AÍ EU CISMEI E- QUIS TREINAR O PENSAMENTO. CABEÇA, RUBÃO, NÃO FOI FEITA SÓ PRA BATER BOLA. UM DIA... COMECEI A PENSAR NA VIDA . COMO É QUE - DEUS EXPLICA PRA FORMIGA PORQUE ELA NÃO TEM LUZ NEM VOA COMO- VAGALUME.
RUBÃO - "MANERA" LINO! DEUS TEM LÁ TEMPO PRA PENSAR EM FORMIGA ?
LINO - DEUS PENSA EM TUDO. ATÉ EM NÓS, RUBÃO. FICAVA PENSANDO COISA- ASSIM:"- DE ONDE VEM A VIDA DAS FORMIGAS?"
RUBÃO - PRA QUE, HEM ?
LINO - DE BESTEIRA. BATE-BOLA. GENTE INTELIGENTE PENSA À TÔA. VIDA DE FORMIGA. TU JÁ PENSOU NISSO?
RUBÃO - FORMIGA, NÃO. PENSEI BORBOLETA.
LINO - E DAÍ ?
RUBÃO - JOGUEI NO BICHO.(PAUSA, ENQUANTO OS OUTROS OLHAM COM RAIVA). DEU GATO. (NOVO OLHAR DOS OUTROS). ALGUÉM SABE O RESULTADO DO BICHO ?
TIZINHA- AGORA, LOMO ?
RUBÃO - BICHO CORRE DO MESMO JEITO. SE AS COISA FOSSE NA LÓGICA NINGUÉM CONTAVA PIADA FAZENDO QUARTO A DEFUNTO.
LINO - TINHA HORA QUE ELA FALAVA COM OS OLHOS.
RUBÃO - COM QUE ?
LINO - NEM TUDO A GENTE DIZ COM PALAVRA. PALAVRA ÀS VEZ ATRAPALHA. OLHAR, NÃO. É SENTIMENTO QUE VAI, SENTIMENTO QUE VEM, PRONTO.- TU NÃO ENTENDO DISSO!
RUBÃO -(DEPOIS DE UMA PAUSA). 3 A 2 .
MILTON - QUEM ?
RUBÃO - FLAMENGO, UÉ!
MILTON - ÔBA! GOL DE QUEM ?
LINO - PÔXA! FUTEBOL NUMA HORA DESSAS!
MILTON - QUE É ISSO, LINO ?
LINO - É ISSO MESMO! NÃO SE TEM AMIGO PRA NADA ! SÓ PRA EMPURAR A GENTE PRO FOGO!
TIZINHA- LINO!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 43

LINO - FUTEBOL, (QUER SABER?) FOI FEITO É PRA NÃO DEIXAR A GENTE PENSAR NA VIDA. A GENTE BRIGA PELO MENGO. ENQUANTO BRIGA, ESQUECE. BRIGA... MAS SE TU NÃO TIVER A GAITA NA HORA DE ENTRAR NO MARACANÃ... TÁ BARRADO, NÃO TÁ? E NÃO ADIANTA DIZER QUE JÁ FEZ E ACONTECEU. EU QUERO QUE O FLAMENGO SE DANE!

RUBÃO - PECADO, RAPAZ!

LINO - NA HORA DE SOFRER NÃO É OS CARTOLA QUE SOFRE. PERGUNTA AO HILTON SANTOS SE ÊLE JÁ CHOROU UMA DERROTA DO MENGO. EU JÁ.

MILTON- MOÇA DECENTE DAQUELAS!

LINO - VOCÊ TAMBÉM NÃO ACREDITA!

MILTON- QUER SABER? NÃO.

LINO - POIS SUMIU, COMPREENDE? SUMIU. ESTAVA AQUI, Ó! (BATE NO PRÓPRIO BRAÇO). SUMIU. QUE É QUE EU VOU FAZER?

RUBÃO - ESSA NÃO!

LINO - MAS SE EU TOU DIZENDO! A "RODOVIÁRIA" COM AQUÊLE MOVIMENTO TODO. O ÔNIBUS, ALI, ESPERANDO A GENTE. POLTRONA ESTOFADA E TUDO. ERA COMO SE A GENTE ESTIVESSE SE CASANDO NAQUELA HORA. EU IA TIRAR ELA UMA SEMANA DESSA VIDA. LUA DE MEL!

RUBÃO - COM DOIS ANOS DE CASADO?

MILTON- FACILITA, RUBÃO !

LINO - RUBÃO, TU NÃO ENTENDE POESIA, O PIOR É QUE EU QUERIA LARGAR ESSA VIDA DE MACÂNICO. QUERIA SUBIR, APRENDER TELEVISÃO.

RUBÃO - LEGAL, HEM? ONDE ?

LINO - CORRESPONDÊNCIA . CAIXA POSTAL.

RUBÃO - PODE, É ?

LINO - DÁ DIPLOMA E TUDO. TUDO PRA FACILITAR. PRA ELA. TAMBÉM QUEM MANDOU EU CASAR? EU DEVIA TER ME ENXERGADO. DEVIA TER OLHADO MINHA CARA NO ESPELHO! "TU NÃO TÁ VENDO, LINO, QUE AQUILO NÃO É MULHER DE TANQUE"? E EU FALANDO PRO HOMEM... ÊLE DANOU PORQUE ERA DELEGADO E EU XINGUEI ÊLE DE COMISSÁRIO. FECHOU O TEMPO.

RUBÃO - VAI VER QUE É POR ISSO QUE ÊLE NÃO ENCONTRA A ROSA. FAZ DOIS DIAS E...

TIZINHA- FAZ TRÊS.

LINO - E EU QUERENDO FACILITAR! E EU DIZENDO TUDO! E EU ESVASIANDO! "SEU DEELGADO, FAZ A LISTA. O NEGÓCIO TEM QUE SER NA TÉQUINA , VER ONDE ESTÁ PEGANDO. É SÓ PROCURAR" (PAUSA) SÓ NÃO ENTENDO É POR QUE . UMA TRISTEZA!

RUBÃO - (CANTAROLA BAIXINHO). "TRISTEZA NÃO TEM FIM... FELICIDADE SIM... (O PESSOAL O OLHA E ÊLE SE CALA. PAUSA). MULHER AMBICIOSA! QUERIA GELADEIRA.

MILTON - VOCÊ, HEM?

LINO -FELICIDADE IA SER MATO.

TIZINHA- PARECIA, NÃO É?...

LINO - PARECIA NÃO. IA.

TIZINHA- O PIOR É QUE NA HORA DE SER FELIZ NINGUÉM SABE QUE É.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 44

MILTON - Só depois...
TIZINHA - Lembra,Lino, quando ela apareceu aqui da primeira vez?
LINO - Pôxa si!...Tá doido!
TIZINHA - Quem podia adivinhar?...
LINO - É mesmo. Eu tava arrenbentado de trabalho e daquela viagem de trem ...Lembra?

(Escurece.Ouve-se no escuro um trem em marcha violenta)

FIM DO QUADRO

SEGUNDO QUADRO

Estão em cena Tizinha,Lino,Milton e Rubão.Lino está de camisa suja e barba por fazer. Dois anos antes.Estão "alegres"e o numero de garrafas de cerveja, ao canto e na mesa, mostram porque.

LINO - Mas pera í, Tizinha! Não tá direito! Eu avisei que a moça vinha.
TIZINHA - E daí?
LINO - Você acha que isso é jeito da gente receber mulher que vai ser mulher da gente? Cerveja e Pastel?
MILTON - Tu tá doido! Queria o que?
LINO - É doido quem casa?Porque tu casou?
MILTON - Descuido.
TIZINHA - (Protesta) Milton!
MILTON - Desculpe. E casar como? Com que roupa?
LINO - Com essa mesma. Chiiii.! E, por falar em roupa, você tem uma camisa limpa do Milton?
TIZINHA - Não deu tempo de passar.
LINO - (se cheira) Tô com cheiro de gazolina.
TIZINHA - Cheiro de trabalho é perfume. Tem é agua de Colônia Regina (Entrega)Te enfeita!
RUBÃO - Ele precisa se arrumar porque a mulher é professôra...
MILTON - É o que?!
LINO - Rubão,tu ainda não desconfiou que tu tá sobrando?
TIZINHA - Faz isso,Lino!
LINO - Pois desconfia e cai fora.
RUBÃO - Que é isso, meu faixa?Nóa somo irmão; Só fico até a moça aparecer.
LINO - Você hem, Rubão?
TIZINHA - Ah! então a moça é professôra mesmo!
LINO - "Jardim da Infancia" Ensina criança deste tamanho. Tem alguma coisa demais? Puxa, Rubão. Não dá uma dentro,hem?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 45

RUBÃO - Eu disse besteira?
LINO - Só chuta na trave, hem, rapaz? Falou, quicou, pôxa!
RUBÃO - Falei na lógica. Se eles vão saber daqui a pouco...
LINO - Vamo mudar de assunto?
TIZINHA - Mudar pra que? Só porque deu minhoca na sua cabeça?... Como é que tu pode casar? De que jeito?
LINO - Eu me arrumo.
TIZINHA - Arruma onde?
LINO - Vocês quer saber uma coisa? Eu acho que bobeei fazendo a... ...moça vir aqui. Pensei: Tizinha e Miltom são os amigos casados que eu tenho. Pediu pra conhecer a família. Eu tenho? Ia levar ela onde? Pensei em vocês. Se tô errado diz. Olha, se ela perguntar, vocês diz que sômos primos longe. Foi o que eu disse, tá?
TIZINHA - Primo, é?
LINO - E depois a gente a precisa acreditar, senão a gente arrebenta. Deus é grande e é meu faixa. Quando a coisa piora de vez é que é bom. Dali só pode é melhorar.
TIZINHA - Você sabe como a vida tá pra casar, rapaz?
LINO - Não cria caso, Tizinha. Já fiz as conta. A lista tá aqui.
MILTON - Deixa ver essa tal de lista. " Casa... Dois contos quinhetos..."
TIZINHA - Dois contos e o que?! Onde é que você vai arranjar casa por esse preço?
LINO - Casa é maneira de dizer. Vocês quando ~~xxxxxm~~ casaram vieram morar aqui. Agora quando vocês mudarem pra casa da vila deixa essa comigo. Compro móvel e tudo. Não foi combinado?
RUBÃO - Bem, já que vai fazer besteira, se precisar de uns cobre... eu tenho na caixa.
LINO - Facilita, Rubão!
TIZINHA - "Condução: um conto e cem". Só se for a pé. Um conto e cem você gasta só de cigarros e mata-rato!
LINO - Deixo de fumar.
Rubão - Boa idéia! Me dá um cigarro aí.
LINO - (Oferece) Vê se compra, hem?
RUBÃO - (Recebendo) Tá fumando "Felipe Morre", seu?
LINO - Ganhei no pôsto. E é hoje só. Dá licença?
MILTON - E, depois, empregado dos outros tem jeito? E se Osório chuta você? fica na lona. (A Tizinha). Vê aí a soma de tudo.
TIZINHA - Oito conto e duzentos.
MILTON - Não pode!
LINO - Eu não disse? Tá tudo aí na ponta do lápis.
MILTON - Deixa ver essa lista. (Apanha e lê) É... pela suas conta você podia casar mesmo .
LINO - Tá vendo?... Não sabe, não teima

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.46
155

MILTON - PERA AÍ, PERA AÍ, PERA AÍ, PERA AÍ, PERAM AÍ. VOCÊ SÓ SÓ ESQUECEU UMA COISA.

LINO - TÁ TUDO AÍ.

MILTON - VOCÊS VÃO COMER NÃO VÃO?

LINO - E DAÍ?

MILTO N - ESQUECEU A COMIDA.

LINO - DEIXE VER (PEGA A LISTA). EU SABIA QUE VOCÊS IA ARRANJAR DESCOLPA.

TIZINHA - MAS PERA AÍ! NÃO É DESCULPA, LINO. É COMIDA!

LINO - VOCÊS NÃO VÃO CRIAR CASO POR CAUSA DE COMIDA, VÃO?

MILTON - E U SABIA QUE VOCÊ IA FAZER ESSA BESTEIRA. A GENTE VIVE EMPURRANDO MULHER PRA VOCÊ...VOCÊ FOI LOGO PRA QUEM NÃO PODE.

LINO - NÃO POSSO PORQUE?

TIZINHA - MAS TÁ NA CARA. NEM PARECE QUE TEM A CABEÇA NO LUGAR.

MILTON - CASAR ONDE? COMO?

LINO - TODO MUNDO NÃO CASA?

RUBÃO - CASA NA LÓGICA.

TIZINHA - CADÊ DINHEIRO PRA IGREJA, PRA FESTA, PRO CARRO?

LINO - ME ARRUMO. E EU NÃO VOU QUERER AQUELE CARRO FORRADO DE SÊDA COM FLÔR E LUZINHA.

MILTON - E SE ELA QUISER?

RUBÃO - MULHER TEM DESSAS BESTEIRA.

LINO - VOCÊS ESTÃO FALANDO DA MOÇA SEM CONHECER.

MILTON - DA OUTRA VEZ VOCÊ...

LINO - MAS NÃAO TEM OUTRA VEZ. ESSA É UM ESPETÁCULO. EDUCADA, BOA, VINTE E POUCOS ANOS...

TIZINHA - DEPOIS DIZ QUE A GENTE NÃO É AMIGO. VINTE E POUCOS ANOS... ENCRUOU. SÓ PODE SER BUCHO.

LINO - MAS NÃO ME FAÇA ESSA VERGONHA.! A MOÇA SÓ QUER É CONHECER A FAMÍLIA.

TIZINHA - SÓ PODE SER BOFE.

LINO - NÃO FICA AÍ BOTANDO BANCA, NÃO. VOCÊ TAMBÉM NÃO É UMA BELEZA. SE NÃO É O PALHAÇO DO MILTON TU AINDA TAVA NA PRATELEIRA.

TIZINHA - NÃO PRECISA VIR DE QUATRO PEDRA. TÁ VENDO A INGRATIDÃO?

LINO - EU SEI QUE A INTEÇÃO É BOA, MAS BOA INTENÇÃO JÁ MATOU CEM.

TIZINHA - TÁ CERTO, VOCÊ É QUE SABE.

MILTON - E LOGO PROFESSÔRA!

TIZINHA - É PROFESSÔRA MESMO?

LINO - (DESESPERADO). JARDIM DA INFÂNCIA! NÃO ENSINANEM A LER. É SÓ BOBAGEM E BRINQUEDO DE RODA. (PAUSA). NÃO PODE VER NINGUÉM FELIZ E FICA INVENTANDO COISAS!

MILTON - MAS COM TANTA MULHER AÍ DANDO SOPA... VOCÊ FOI LOGO... SE ELA PERGUNTAR A CAPITAL DA FRANÇA VOCÊ SABE?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.47

LINO - NÃO VAI PERGUNTAR.
TIZINHA - MANEIRA DE DIZER.
RUBÃO - QUAL A CAPITAL DA FRANÇA?
LINO - ELA NÃO É MASCARADA. SOFREU MUITO. VOCÊS ESTÃO FAZENDO ISSO MAS É DE GÔZO. PRA VER MINHA CAVEIRA. TÃO PENSANDO QUE EU NÃO TENHO ASSUNTO PRA PROFESSÔRA.
RUBÃO - FALA MAL DO FLUMINENSE.
LINO - RUBÃO,VOCÊ AINDA NÃO CAIU FORA?
RUBÃO - JÁ TÔ (PAUSA). QUAL É A CAPITAL DA FRANÇA?
LINO - PARIS. ASSIM TAMBÉM NÃO, NÃO É? E NÃO VÁ ESPALHAR ISSO POR AÍ.
RUBÃO - UÉ! TÁ ME ESTRANHANDO?
LIMO - É PORISSO QUE EU ME DANO. SERÁ QUE VOCÊS NÃO COMPRENDE?... A GENTE NÃO CASA SÓ PRA DORMIR JUNTO NA MESMA CAMA. A GENTE CASA PORQUE DA UNS TROÇOS QUE A GENTE SENTE.
RUBÃO - QUE É TU QUE SENTIU?
LINO - FOI NO TREM. A MULHER COITADA!, PARECIA QUE IA FICAR IMPRENSADA. GENTE POR TODO LADO. PROTEGÍ. NO DIA SEGUINTE TAVA ALI. MESMA COISA. ELA SORRIU...EU SORRI. DISSE QUE ERA PROFESSÔRA.
TIZINHA - DÁ NOVELA E DEPOIS?
LINO - NO DIA SEGUINTE ELA DISSE QUE O NOME DELA ERA MARIA. MARIA SÓ, NÃO. MARIA ROSA. AÍ EU FALEI:"NOME BONITO" NÃO TEM FLÔR MAIS BONITA QUE ESTA". ELA ENCABULOU E FALOU BAIXO: "ACHA MESMO?" AÍ EU GARANTÍ: "TEM NÃO". ELA GOSTOU.
MILTON - E ISTO DÁ PRA CASAR?
LINO - TU NÃO ENTENDE. NÃO É O QUE AS PESSOAS SÃO.É O QUE A GENTE ENXERGA POR DENTRO. QUANDO, A GENTE A GOSTA, A GENTE VÊ A PESSOA COMO SE FÔSSE DE VIDRO. VÊ COISA QUE NEM ELA MESMO VÊ.
RUBÃO - DE VIDRO É? NIMGUÉM DEVIA DE OLHAR AS PESSOAS POR DENTRO. EU VÍ, NA LAPA, " GIGANTE DE VIDRO"...TRIPA E TUDO...
LINO - Ó BURRÃO!...NÃO TOU FALANDO DE VER SENTIMENTO TRIPA. TOU FALANDO DE VER SENTIMENTO.
RUBÃO - AH! (JUSTIFICANDO-SE). TU NÃO EXPRICA!
LINO - SÓ TEM UMA COISA...VOCÊS AGUENTA A MÃO AÍ...(PAUSA)VOCÊS ACHA QUE A BARBA TÁ BOA?(CAUTELOSO)EU NÃO DISSE A ELA QUE SOU MECENICO DE AUTOMÓVEL.
MILTON - TÁ VENDO? EU TÔ DIZENDO!
LINO - QUER DIZER,DISSE...MAS NÃO DISSE BEM CERTO. DISSE QUE EU TRABALHO EM ELETRÔNICA.
MILTON - MAS ISSO É BAFO. TÁ VENDO? JÁ TÁ COM VERGONHA DE SER MECÂNICO.
LINO - NÃO É MENTIRA COMPLETA. O QUE É TELEVISÃO? ELETRÔNICA!
TIZINHA - VAI VER JÁ TÁ COM VERGONHA DA GENTE, TAMBÉM.
LINO - SE EU TIVESSE MANDAVA ELA VIR?...TINHA COMBINADO? TINHA ESCOLHIDO VOCÊS PRA PADRINHO?
MILTON - ESCOLHEU O QUÊ?
LINO - LÓGICO!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 48

MILTON - E ELA?

TIZINHA - O QUE FOI QUE ELA DISSE?

LINO - NADA.

MILTON - NADA?

TIZINHA - NADA COMO?

LINO - É QUE ELA AINDA NÃO SABE.

MILTON - QUE VAMOS SER PADRINHOS?

LINO - NÃO. ELA NÃO SABE QUE VAMOS CASAR.

TIZINHA - COMO É ISSO?!

MILTON - EU TÔ DIZENDO!

LINO - TAMBÉM NÃO É ASSIM! A GENTE TEM QUE IR NA CALMA. PRECISO CAVAR AS COISA...TER DINHEIRO PRA LUA DE MEL... COMPRAR ALIANÇA...CASANDO, SE DEUS QUIZER, EU VOU MATAR UMA VONTADE QUE SEMPRE TIVE!- UMA SEMANA DE FÉRIAS...SEM FAZER NADA... UMA SEMANA...DESDE MENONO MINHA TIA ME PROMETIA ME LEVAR PRA FAZENDA DELA...ELA CHAMAVA FAZENDA MAS ERA SÍTIO PEQUE PEQUENO! NOVA IGUAÇU!...EU IA PASSAR UMA SEMANA...TOMANDO L LEITE TIRADO NA HORA...MONTAR CAVALO...MAS A TAL SEMANA NÃO CHEGAVA NUNCA...UM DIA ERA SARAMPO, NO OUTRO ERA CATAPORA... NO OUTRO NÃO ERA NADA... MAS ME DAVA FEBRE SÓ DE VONTADE DE IR... NA FEBRE EU MONTAVA A CAVALO...FAZIA TUDO...(PAUSA) ELA TEM COLITE.

MILTON - QUEM?

LINO - ROSA... COMENDO FORA DE CASA. PRECISAVA VER A CARA COM QUE ELA DISSE " DEVE SER BONITO...ELETRÔNICA". AÍ EU FALEI: "BONITO É ENSINAR CRIANÇA!" ELA GOSTOU.

MILTON - NÃO VAI GOSTAR QUANDO DESCOBRIR.

LINO - (IRRITADO). VOCÊ ACHA QUE EU PODIA DIZER PRA ELA QUE EU VIVO O DIA INTEIRO ME SUJANDO COM AUTOMÓVEL? SÓ DIZER ISSO ... ME DAVA A IMPRESSÃO DE SUJAR ELA DE GRAXA. FICO SEMPRE COM A IMPRESSÃO DE QUE ESTOU FEDENDO GAZOLINA.

TIZINHA - O CHEIRO AÍ É QUE É BOM.

LINO - BOM PRA GENTE QUE ESTÁ ACOSTUMADO. O PIOR É AQUELETREM. ELA TEM QUE VIR TODO DIA DO GRAJAÚ.

TIZINHA - ELA É DE ONDE?

LINO - DO GRAJAÚ. SE FORMOU E NOMEARAM ELA PRA CAIXA PREGO. RUBÃO TU AINDA NÃO CAIU FORA?

RUBÃO - TÁ COM VERGONHA DE MIM, MEU IRMÃO?NÃO QUER QUE EU...

LINO - NÃO QUERO É QUE VOCÊ DE SUAS PEDRADAS. VOCÊ NÃO CHUTA NEM "PÊNOTI"

RUBÃO - TÁ ME BOTANDO PRA FORA, EU VOU.

TIZINHA - QUE É ISSO, RUBÃO? NÃO FOI ISSO QUE ELE DISSE.

RUBÃO - NÃO DISSE MA S PENSOU. TÁ COM CONVERSA DE FLUMINENSE...

LINO - RUBÃO, NÃO CHATEIA!

RUBÃO - TÉA ME MANDANDO EMBORA, EU VOU.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, P 49

LINO - QUER PARAR COM ESSA AGONIA, RUBÃO? NÃO TÁ VENDO QUE EU TOU NERVOSO? E VÊ SENTA DIREITO.

TIZINHA- TÁ VENDO, MILTON? JÁ NEM SABEMOS SENTAR.

LINO - NÃO É ISSO. EDUCAÇÃO NUNCA FÊZ MAL A NINGUEM.

TIZINHA- VAI VER A GENTE NEM SERVE MAIS PRA PADRINHO. OLHA SÓ COMO ESTOU. SERÁ QUE ÊSSE VESTIDO TÁ BOM?

LINO - NÃO FICA NO GÔZO, TÁ BEM? SÓ TOU AVISANDO PORQUE A MOÇA NÃO ESTÁ ACOSTUMADA COM ESTUPIDEZ. E NINGUEM VAI FAZER PERGUNTA BÊSTA PRA ELA, VAI?

MILTON - ISTO AGORA FOI PRA MACHUCAR!

LINO - DESCULPE.

RUBÃO - QUER SABER UMA COISA? MORANDO NO ASSUNTO EU ACHO QUE NÃO TOU MUITO LEGAL HOJE DE ROUPA.

TIZINHA- BESTEIRA, RUBÃO.

RUBÃO - NÃO, AGORA QUE ME LEMBREI QUE TEM UNS TROÇO AÍ PRA RESOLVER.

LINO - TÚ NÃO QUER CONHECER A MOÇA, RUBÃO?

RUBÃO - FICA PRA OUTRA VEZ...NÃO VAI FUGIR VAI?

LINO - (DEPARANDO COM MARIA ROSA QUE ENTROU). ROSA!

MARIA - DESCULPEM MAS A MOÇA MANDOU IR ENTRANDO.

(ESPECTATIVA. INIBIÇÃO GERAL. PAUSA)

LINO - ESTA É A ROSA...(APRESENTA E ELA VAI RESPONDENDO COM "PRAZER" A CADA UM). MILTON... TIZINHA...RUBÃO...(RUBÃO ENXUGA A MÃO NA ROUPA ANTES DE APERTAR. TODOS SE SENTAM E NINGUEM ABRE A BÔCA. LINO VAI FALAR MAS DESISTE).

RUBÃO - ÊSSES É QUE VÃO SER OS SEUS PADRINHO DE CASAMENTO.

(INDIGNAÇÃO GERAL, ENQUANTO RUBÃO FAZ CARA DE INOCENTE)

(ESCURECE. TREM COM "MARCHA NUPCIAL").

FIM DO QUADRO

TERCEIRO QUADRO

MESMO CENÁRIO. ESTÃO EM CENA LINO E MARIA. ELA ESTÁ COM CARTILHAS E PAPÉIS NA MESA E RECORTANDO FIGURAS PARA A AULA DO JARDIM DA INFANCIA. LINO BEBE CERVEJA.

LINO - NÃO, MINHA FILHA. NEM PENSE QUE EU ESTOU SENTIDO. EU SEI QUE NÃO TENHO CONVERSA PRA VOCÊ.

MARIA - CARINHO NÃO SE CONVERSA.

LINO - VOCÊ FOI CASAR COM UM SUJEITO NA ÚLTIMA LONA. EU DEVIA ERA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p 50

MARIA - Pra acabar preso?

LINO - Que preso! Tá tudo aí dando as carta. Imagine o galho se Tizinha não deixa esta casa pra gente.

MARIA - Deixa disso,Lino. Você tem futuro. Vai longe.

LINO - Vou até o Irajá. E você...Isto é que me chateia! Não tenho nada pra lhe dar. Nem conversa.

MARIA - Deixa de ser bobo, Lino.

LINO - Falar de que? Carburador?Vela? Bateria? Diferencial?

MARIA - Por que não?Eu não falo de criança?

LINO - Criança dá assunto. Futebol...E,depois,o Flamengo anda com um pêso de fufas.

MARIA - É mesmo.

LINO - O pior foi aquele tiro do Henrique e o pelotaço de Baba. Passou raspando a trave, pela lateral direita. Chute de azar desgraçado.

MARIA - E o Dida?

LINO - Que Dida,minha filha? Dida não jogou. Babá suspendeu e Gerson de cabeça,aninhou a pelota no fundo das rêdes...

MARIA - E o Maracanã...

LINO - Que maracanã?...O jôgo foi no Pacaembú.Tu nem prestou atenção.

MARIA - Prestei, Lino. E que,de repente, me lembrei da Leninha na escola.

LINO - Perder um gôl daqueles! A Leninha?

MARIA - Veio de avental branco com um coelhinho bordado aqui assim. Aí eu perguntei o nome do coelho. "É coelho de avental, professora", ela disse.

LINO - Era só empurrar a bola,assim,ó.

MARIA - "Coelho de avental não precisa ter nome porque ninguem vai chamar êle". Viu?Agora é você que não esta prestando atenção.

LINO - É raiva. Raiva doida de não poder tirar você daqui.

MARIA - Estou bem.

LINO - Bem, hem? Bem como?Você já tava acostumada no Grajaú. Aqui na hora de acordar é quase hora de acordar. Não se tem tempo nem de peneirar o cansaço.

MARIA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p 51

MARIA - EU AMO VOCÊ.

LINO - AMA...ADIANTOU EU ESTUDAR DE NOITE?CABEÇA DURA.NÃO ENTRA! ADIANTOU EU TIRAR DIPLOMA DE TELEVISÃO COM CARIMBO E TUDO?

MARIA - É SÓ NÃO AFOBAR,LINO

LINO - FIRMA RECONHECIDA NO TABELIÃO.TÁ ALI PRA QUEM QUIZER VER. NÃO DÁ PROS GASTOS.(AFASTA O COPO DE CERVEJA). PORCARIA DE CERVEJA QUENTE!

MARIA - FALTA A GELADEIRA.

LINO - JÁ VEM VOCÊ COM NOVIDADE.

MARIA - NÃO É NOVIDADE.TEM MULHER QUE SONHA COM JÓIA.EU SONHO COM GELADEIRA.DIVISÃO PRA TUDO:ÔVO,COCA-COLA,MANTEIGA,CARNE...

LINO - ROSA...EU JURO!DEUS NÃO VAI ME FAZER ESSA EALSETA! QUALQUER DIA DESSES NÓS VAMOS DECIDIR UM BOM COMETA NA RODOVIÁRIA E EU LEVO VOCÊ...EU,SEU LINO E ESPOSA...E VAMOS QUEIMAR UNS TROCADOS NUMA SEMANA DE LUA DE MEL...AQUELA QUE EU PROMETI. É FÉ EM DEUS E PÉ NA TÁBUA.

MARIA - PRIMEIRO A LESTA.QUANDO TUDO ESTIVER PAGO,VAMOS JUNTAR DINHEIRO PRA ENTRADA DO APARTAMENTO.

LINO - NÃO.QUANDO PUDER...A PRIMEIRA COISA É MÁQUINA DE LAVAR ROUPA. NÃO QUERO VOCÊ DE TANQUE...ESFREGANDO CAMISA.

MARIA - ESFREGANDO NADA.É BRANCURA RINSO.

LINO - DEIXA SÓ AS COISAS MELHORAR QUE EU PAGO A MOBÍLIA DO QUARTO.

MARIA - PRIMEIRO A TELEVISÃO.MEIO A MEIO.OLHA,EU BEMQUE PODIA DAR UMAS AULAS EM CASA.

LINO - TÁ DOIDA!JÁ NÃ BASTA?...AULA EM CASA!EU NÃO TINHA DIREITO. TAVA NA CARA.COMO É QUE UMA MOÇA DE PREPARO FOI CASAR COMIGO?

MARIA - VOCÊ AINDA PERGUNTA? EU QQUE PERGUNTO:COMO FOI QUE VOCÊ TEVE CORAGEM DE CASAR COM UMA MOÇA QUE NEM MOÇA ERA...NEM NA IDADE NEM NO RESTO.

LINO - NÃO FALE ISSSO .

MARIA - MOÇA QUE SE SE ENTREGOU A UM HOMEM CASADO.

LINO - VOCÊ NÃO TEVE CULPA.FOI NA CONVERSA.FOI ENGANADA.ESQUECE!

MARIA - MULHER QUE SE ENTREGA SEM SER CASADA NÃO PRESTA.

LINO - VOCÊ QUER PARAR COM ISSO,MARIA?

MARIA - MEU NOME PRA VOCÊ É ROSA.

LINO - VOCÊ NÃO TEVE CULPA.NINGUEM ENTENDE VIDA DOS OUTROS.MULHER É UM BICHO LIMPO,DECENTE,MESMO QUANDO NÃO PRESTA.A GENTE É QUE ESTRAGA BOTANDO A MÃO.QUER SABER UMA COISA?NÃO QUERO MAIS FALAR NISSO. NÃO QUERO PENSAR EM MAIS NADA.UM GÔL DAQUELES!

MARIA - O QUE ME DÁ MAIS VERGONHA É QUE ELE NÃO ME ENGANOU.DISSE TUDO... ANTES.AVISOU.

LINO - MUDA DE ASSUNTO!...FLAMENGO DUMA FIGA!EU DEVIA ERA SER JOGADOR DE FUTEBOL.VIU O DIDI?REAL DE MADRID.SÓ ASSIM APRENDI A CAPITAL DA ESPANHA.TÁ VENDO?PRA ME ENSINAR TEM QUE APELAR PRA IGNORANCIA.

MARIA - NÃO DESCONVERSA.SÓ UMA COISA ME PODE SEPARAR DE VOCÊ.É VOCÊ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 52

LINO - VOCÊ NA GRAXA.

MARIA - NÃO É ESSA SUJEIRA. MISÉRIA NÃO ME ASSUSTA. VOCÊ ANDA PREOCUPADO. METENDO IDÉIA NA CABEÇA. NÃO POSSO É VER VOCÊ DE NOITE... SEM PODER DORMIR.

LINO - EU?... MAS SE VOCÊ ME VÊ DE OLHO ABERTO É PORQUE VOCÊ TAMBÉM NÃO DORME.

MARIA - FICO PENSANDO NA VIDA. CANSAÇO.

LINO - VOCÊ VIU O MÉDICO DO INSTITUTO?

MARIA - TEM FILA. AINDA NÃO CHEGOU A MINHA VEZ. FICO PENSANDO NA SUA LUTA.

LINO - AH, É POR ISSO QUE VOCÊ NÃO DORME?

MARIA - SIM. E VOCÊ ?

LINO - DE BESTEIRA.

RUBÃO - (ENTRA SEM FALAR)

MARIA - VIU A GELADEIRA ?

LINO - GELADEIRA ? AH, ENTÃO ERA POR ISSO QUE VOCÊS ANDAVAM FAZENDO CAIXINHA ?

MARIA - ERA. VIU ?

RUBÃO - NÃO É NOVA... SABE ?

MARIA - QUANTO É QUE ÊEES QUEREM ?

RUBÃO - OS TUBO.

MARIA - QUANTO ?

RUBÃO - VINTE E DOIS E CHORADO. E É LEGAL. TEM UMA FECHADURA "MICROMATIQUE".

LINO - PRA QUE É QUE SERVE ?

RUBÃO - NÃO SEI, MAS DIZ QUE TEM.

MARIA - CONDIÇÕES.

RUBÃO - NA BUCHA.

LINO - ÊSSE PESSOAL TÁ É DOIDO! A GENTE PODE USAR A GELADEIRA DA VIZINHA. NÃO OFERECEU ?

MARIA - GELADEIRA DOS OUTROS É PIOR QUE ESCOVA DE DENTE. NÃO SE EMPRESTA.

LINO - PODIA! GELADEIRA DE POBRE FICA DE PRATELEIRA FOLGADA.

MARIA - CALMA, LINO. COMO É QUE ESTÁ ALISTA ?

LINO - AINDA PRECISAMO DE SETE DE SETE PRO FOGÃO NOVO. ESTOU TESO. MAS NÃO HÁ DE SER NADA, ROBA. UM DIA...

RUBÃO - EU TENHO UNS TROCADO NA CAIXA. PRECISANDO... FLAMENGO É PRA ESSAS COISA.

LINO - DEIXA DE BESTEIRA, RUBÃO.

MARIA - OBRIGADO. A GENTE SE AJEITA.

RUBÃO - DINHEIRO PARADO. NÃO RENDE.

LINO - RUBÃO ! NÃO CHATEIA!

RUBÃO - ESPERA AÍ, MEU FAIXA. SOMO OU NÃO SOMO IRMÃO ? TOU RICO. ACERTEI NO MILHAR ?

962 A
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.53

MARIA - Milhar de que?

RUBÃO - Milhar enganado.Fui na lógica mas na hora troquei os número. Deu certo.

MARIA - Não fazem por menos?

RUBÃO - O que?

MARIA - Geladeira.

RUBÃO - A Marina ofereceu vinte e um e eles riram na cara só de deboche.

LINO - E eu ainda estou devendo a você a,Rubão.Não lembra?

RUBÃO - Fica devendo mais.É bom a gente ter dinheiro espalhado.Na hora do aperto...Mas tem um troço que tá pegando.

LINO - O que é Rubão?

RUBÃO - Não entendi direito mas pelo jeito o Osório não quer mais você na oficina.

LINO - Como é o negócio?!

RUBÃO - Falou em crise,cosinhou.Não gostei.Tava escondendo o jôgo.

LINO - Mas pera aí.Isso é sério,Rubão?Por que ele não falou comigo?

RUBÃO - Não teve peito.Sei lá! Eu ainda chegueu a explicar: "Seu Osório.Homem por homem tira eu que sou solteiro...sem compromisso".Não houve jeito.

MARIA - Por que essa preocupação?...Emprego é que não falta.

RUBÃO - Pois é.

LINO - Não.Mas o Osório!

RUBÃO - Disse que o teu trabalho não rende.Que você já pega o serviço com sono...

MARIA - Então foi bom ter feito o que eu fiz . Nós compramos a geladeira e ainda sobram uns trocados.Quanto deu o anel?

LINO - O que?!...Você torrou a aliança?

MARIA - No prego só.

LINO - (Alarmado).A aliança não,Rosa.Pera aí.A aliança não.

MARIA - Mas isso não pode continuar assim,Lino.Uma cerveja....A carne. Sem geladeira tudo sai mais caro.Quanto deu o anel?

LINO - Nem fale,Rubão.O anel não Rosa.Bota o meu relógio.

MARIA - Você precisa.E depois o relógio não dá nada.

LINO - Mas você não podia fazer isso!Foi a única coisa que eu.... Nem lua de mel,nem nada!Rubão cai fora que depois nós falamos.

MARIA - Espera,Rubão.Quanto deu o anel?

LINO - Rubão,quer cair fora?!

MARIA - Quanto deu o anel?

LINO - Rubão,eu já não disse que não quero que você se meta na minha vida?

MARIA - Quanto deu o anel?

RUBÃO - Aí é que tá.O anel não deu nada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.54
1634

MARIA - NADA?

RUBÃO - EU ACHO QUE O LINO FOI TAPEADO, SABE?

MARIA - TAPIADO COMO?

LINO - RUBÃO, VOCÊ QUER DAR O FORA ANTES QUE EU FAÇA UM ESBREGUE E LHE ARREBENTE A...

RUBÃO - O ANEL NÃO VALE TOSTÃO.

MARIA - NÃO VALE O QUE?!

RUBÃO - EU TAMBÉM ACHEI EXQUISITO, MAS O HOMEM DISSE QUE AQUILO É SLOPER. FANTASIA FRANCESA. FOI O QUE ELE DISSE.

MARIA - NÃO!

LINO - RUBÃO, VOCÊ QUER FAZER O FAVOR DE BAIXAR NOUTRO TERREIRO? CAI FORA!

RUBÃO - TOU AQUI POR QUE ME CHAMARO, NÃO É?

LINO - POIS DESCHAMOU. CAI FORA.

RUBÃO - TÁ BEM. NÃO PRECISA VIR DE ESTUPIDEZ. TÁ AI O ANEL. PRONTO. (SAI)
(MARIA OLHA LINO. ELE FICA CALADO. ESPECTATIVA)

MARIA - UM HOMEM DESSE TAMANHO BE DEIXAR ENGANAR.

LINO - ROSA...

MARIA - QUE É, LINO?

LINO - VOCÊ JURA QUE NÃO QUEIMA?...

MARIA - QUEIMAR COM O QUE?

LINO - NÃO. EU NÃO POSSO EXPLICAR ASSIM... PERA AÍ... COM CALMA... VOCÊ PERCISA COMPREENDER, ROSA.

MARIA - COMPREENDER O QUE, LINO?

LINO - EU QUERIA DAR UMA ALEGRIA A VOCÊ... LUA DE MEL... NÃO PODIA. ENTÃO PENSEI... AS VÊZES PENSAMENTO DA GENTE TEM... DEPOIS... EU JURO... EU IA OFERECER UM ANEL DE VERDADE. VOCÊ NÃO ESTA COMPREENDENDO.

MARIA - NÃO, LINO. NÃO ESTOU.

LINO - TEM QUE VIR DO COMEÇO. ENGRAÇADO COMO COUSA DE CRIANÇA FICA. COMIGO AS COISAS NUNCA DAVA COMO EU QUERIA... QUANDO EU ERA MENINO ... E ARRANJAVA UNS TROCADO... CORRIA PRA PIPOCA E SORVETE. MAS O DINHEIRO NUNCA DAVA PRAS DUAS COISAS... E EU NÃO SENTIA GOSTO DA COISA QUE COMPRAVA POR QUE FICAVA PENSANDO NA OUTRA. AQUILO FICOU. EU QUERIA DAR A VOCÊ ANEL, LUA DE MEL, TUDO. COM UM ANEL DE MENTIRA EU PODIA... DEPOIS... EU QUERIA VER VOCÊ FELIZ, COMPREENDE? EU TAVA NA LONA. O ANEL NÃO VALE NADA. (PAUSA) VOCÊ ESTA SENTIDA?

MARIA - NÃO COM O ANEL. COM A MENTIRA.

LINO - EU ACHAVA VOCÊ TÃO... SEI LÁ... TINHA A IMPRESSÃO QUE DANDO UM ANEL LEGAL... AS COISAS EQUILIBRAVA, COMPREENDE?

MARIA - SEU GRANDE TOLO! BOBALHÃO.

LINO - EU JURO, ROSA. UM DIA EU COMPRO UM DE VERDADE. FOI ATÉ BOM O SEU OSORIO ME DAR O BILHETE AZUL. DEUS SABE O QUE FAZ. UM DIA EU MONTO OFICINA SÓ PRA MIM. MANDO CHAMAR O RUBÃO. A GENTE LEVANTA UM CAPITAL NÃO VOU MAIS TRABALHAR PROS OUTROS. JURO PELO MAIS SAGRADO.

MARIA - NÃO É O ANEL. É A FALSIDADE.

LINO - NÃO, ROSA. NÃO.

1648
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.55

MARIA - COMPREENDE, LINO? É A MENTIRA. SE O ANEL É DE MENTIRA COMO É DE ME QUE EU VOU SABER QUE O RESTO É DE VERDADE?

LINO - MAS É DE VERDADE! SE VOCÊ NÃO CISMASSE DE COMPRAR UMA GELADEIRA VOCÊ PASSAVA A VIDA TÔDA COM O ANEL DE VERDADE. SÓ É MENTIRA QUANDO A GENTE DESCOBRE.

MARIA - NÃO LINO. SÓ É MENTIRA QUANDO A GENTE TEM A CORAGEM DE...

LINO - É COMO UM SONHO QUANDO A GENTE ESTÁ DORMINDO. ACORDOU... ESPÊTO.

MARIA - JÁ FUI ENGANADA UMA VEZ, LINO... COMO FOI QUE VOCÊ TEVE A CORAGEM DE FAZER ISSO COMIGO? POR QUE ?

LINO - MAS NÃO FOI COM VOCÊ QUE EU FIZ, ROSA! FOI COMIGO. VOCÊ NÃO SABIA DE NADA. EU É QUE PENAVA DE NOITE SÓ PENSANDO COMO VOCÊ CHOROU QUANDO RECEBEU O ANEL. CHÔRO DE VERDADEPARA AGRADECER ANEL DE MENTIRA. E AQUELE CARINHO TODO QUE VOCÊ ME DEU! E VOCÊ PENSANDO GRATIDÃO QUE EU NÃO MERECIA! "COITADO DO LINO! QUANTO SERÃO ÊSTE ANEL NÃO DEVE TER CUSTADO"! POISNÃO ME TINHA CUSTADO NADA NAQUELA HORA. FANTASIA FRANCESA. MAS, AGORA, ÊLE ME CUSTA MAIS QUE ANEL DE RAINHA. PESADELO, ROSA. PESADELO -- ACORDADO. PASSEI NOITES SEM DORMIR, COM MÊDODE VOCÊ DESCOBRIR. SOFRI TANTO ÊSSE ANEL... PENEI TANTO... QUE, NO FIM DE UM TEMPO, CHEGUEI A ME CONVENCER... QUE ALGUMMILAGRE E O TINHA MUDADO EM ANEL DE VERDADE. ROSA, EU JURO QUE NÃO QUERIA . EU SÓ DIGO MENTIRA PRA VER VOCÊ CONTENTE, COMPREENDE ? VOCÊ TROUXEPRA MINHA VIDA TANTA ALEGRIA, MAS TANTA;;. QUE EU... ROSA, VOCÊ PRECISA ME PERDOAR , ROSA. VOCÊ PRECISA ME ACREDITAR. (CHORA ESCONDENDO A CABEÇA NO COLO DE MARIA)

MARIA - (DEPOIS DE UMA PAUSA, DIZ SOFRENDO). ENTÃO... A BOLA... PASSOU RASPANDO A TRAVE, NÃO FOI ?

LINO - FOI, ROSA. ME PERDOA...

MARIA - PORQUE FOI QUE O DIDA NÃO JOGOU ?...

LINO - VOCÊ PRECISA ME ACREDITAR, ROSA . VOCÊ...

MARIA - VAMOS TRABALHAR MUITO. JUNTAR DINHEIRO NA CAIXA PARA A ENTRADA... DEPOIS...

LINO - EU ABRO UMA OFICINA, ROSA. EU... VOCÊ VAI VER SÓ .

MARIA - NÃO QUER QUE EU TRAGA UMA CERVEJA GELADINHA ?

LINO - NÃO ROSA. QUERO VOCÊ PERTO DE MIM.

MARIA - BRAHMA EXTRA.

LINO - (BEBENDO A CERVEJA QUE TINHA DESPREZADO). TÁ BOA ESTA. BOA MESMO, PALAVRA!

(ESCURECE. TREM EM MOVIMENTO DESESPERADO)

FIM DO QUADRO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p 56
1657

QUARTO QUADRO

ESTÃO TODOS OS PERSONAGENS DO QUADRO INICIAL NA MESMA ATITUDE DO PRIMEIRO QUADRO.

MILTON - É...
TIZINHA - COISA, HEM?
LINO - (VAI LEVANTAR A MÃO PRA DIZER ALGO; OS OUTROS VÃO PRESTAR ATENÇÃO... ÊLE DESISTE).
RUBÃO - ESSA NÃO!
LINO - VAMOS PARAR COM ESSA AGONIA ?
TIZINHA - ELA NÃO PODE TER SUMIDO ASSIM DE REPENTE.
LINO - POIS SUMIU, PRONTO. QUE É QUE EU VOU FAZER ?
MILTON - NINGUÉM SOME DÊSSE JEITO.
LINO - MAS O QUE É QUE VOCÊ QUER ? DIZ LOGO. SE TEM UMA IDÉIA, MAS NÃO FICA DE SAFADEZA ME ENCHENDO DÊSSE JEITO, TÁ ?(A TIZINHA). DESCULPE.
RUBÃO - OLHA EU...
LINO - VOCÊ NÃO, RUBÃO. CHEGA! SÓ FALTAVA VOCÊS VIR COM AS IDÉIA DO DELEGADO. BOTOU EM CIMA DE MIM UMA LUZ. PARECIA ATÉ FITA DE BANDIDO. ME OLHOU COM JEITO QUE PENSA: "ÊSSE CARA ESTÁ MAS É DORMINDO DE TOUCA. A MULHER CAIU NA GANDAIA E ÊLE ESTÁ AÍ BANCANDO O PALHAÇO E FAZENDO A GENTE PERDER TEMPO!"
RUBÃO - COISA, HEM ?
LINO - ME DEU UMA VONTADE DE AGARRAR AQUÊLE SUJEITO E DIZER: "SEU FILHO DISSO, VOCÊ NÃO CONHECE A MARIA ROSA, COMO É QUE PODE PENSAR ESSA SUJEIRA?" FIQUEI COM AQUILO ATRAVESSADO AQUI Ó. AQUI.
RUBÃO - ÊLE PODIA NEM TÁ PENSANDO NISSO. DELEGADO PENSA MUITO MASÉ...
LINO - CHEGA! MILTON, METE AÍ ME UMA LISTA. TÁ AQUI O LAPIS. O QUE É QUE PODE TER ACONTECIDO ?
MILTON - E EU SEI ?
LINO - EU S I. ENJOOU DE MIM.
TIZINHA - QUE É ISSO, LINO ?
LINO - ISSO É CHOURIÇO! NÃO SERIA A PRIMEIRA . EU DOU ENJÔO EM MULHER , QUE É QUE EU VOU FAZER? ATÉ MINHA MÃE ENJOOU QUANDO TAVA GRÁVIDA. DEPOIS ENJOOU DE VER MINHA CARA E ME DEU PRA CRIAR . TEVE MULHER "ASSIM" QUE ENJOOU. PORQUE NÃO PODIA ELA? METE LÁ. ENJOOU. EU VVIVIA COM TANTO MÊDO DE NÃO TARNA ALTURA DELA... QUE SEI LÁ!
MILTON - VIRAM A CONTA NA CAIXA ?
RUBÃO - TÁ LÁ INTEIRINHA.
MILTON - E NA ESCOLA ?
TIZINHA - QUE ESCOLA ? A MOÇA TAVA DE FÉRIAS .

LINO - ATÉ ANÚNCIO DE RÁDIO BOTEI.A CONTINENTAL JÁ IRRADIOU PRO BRASIL INTEIRO.RESULTADO:ESTÃO TELEFONANDO E ME GOZANDO: "A ROSA?ESTÁ AQUI COMIGO.NA CAMA".TIZINHA,VOCÊ DEVE SABER ALGUMA COISA.O QUE FOI QUE EU FIZ?ELA SE QUEIMOU?FALOU COM VOCÊ?

TIZINHA - SEI NADA.JÁ NÃO DISSE?

LINO - PENSEI ATÉ NAQUELA COISA QUE DÁ QUE A GENTE ESQUECE QUE É ONDE ESTÁ.

MILTON - AMNÉSIA.JÁ LI.

LINO - ISSO.

RUBÃO - TEM GENTE QUE TÁ DIZENDO QUE ELA VOLTOU PRO HOMEM QUE...

TIZINHA E MILTON - (ALARMADOS).RUBÃO!

RUBÃO - SOU EU,NÃO.É O PESSOAL.

LINO - QUE PESSOAL?FALA,DESGRAÇADO.QUE PESSOAL?

RUBÃO - SEVERINO!VOCÊ VAI LIGAR PRA CONVERSA DE SEVERINO?

LINO - QUE HOMEM É ESSE?VOLTOU PRA QUE HOMEM?SE VOCÊ NÃO FALAR JÁ-JÁ EU LHE METO AM MÃO NA CARA,RUBÃO.VOLTOU PRA QUE HOMEM?

RUBÃO - VOLTOU PRO HOMEM QUE TIROU OS...PÔXA!SÓ DOU FORA!

LINO - (LARGA RUBÃO QUE ÊLE HAVIA AGARRADO COM VIOLÊNCIA.CONSIDERA A REALIDADE E DIA A MILTON).BOTA NA LISTA.

MILTON - ESSA NÃO!

LINO - BOTA. A GENTE PRECISA PENSAR EM TUDO.

TIZINHA - POIS EU ACHO QUE VOCÊS FAZEM MAL EM ESTAR PENSANDO COISAS PODRES DA ROSA.MULHER DAQUELAS NÃO TEM MUITA, NÃO.

LINO - (ACALMANDO-SE COM O ELOGIO DE TIZINHA).TEM MESMO NÃO. POR ISSO É QUE EU NÃO ENTENDO! TINHA UMAS COISAS!O MELHOR ERA SEMPRE PRA MIM. A CARNE MAIS MACIA,O CAFÉ MAIS FRESCO,O LUGAR MELHOR. UM DIA FÊZ UM BÔLO, CORTOU EM OITO FATIAS.QUANDO FUI VER EU TINHA COMIDO TUDO. ELA NEM PROVOU.ACORDAVA DE NOITE,CEDINHO,PRA ESFREGAR ROUPA NO TANQUE... PRA EU NÃO VER. AS VÊZES NEM COMIA DIREITO. EU BOTAVA DESPERTADOR MAS NEM CHEGAVA A TOCAR. ELA ME ACORDAVA JÁ COM O CAFÉ NA MESA. TINHA HORA PRA TUDO: HORA DE TRABALHAR,HORA DE FAZER COMIDA, HORA DE CHORAR.

TIZINHA - AQIULO ERA MULHER MESMO. POR ISSO É QUE EU ACHO QUE ELA FOI RAPTADA.

RUBÃO - É. A CURRA ANDA SOLTA POR AÍ.

LINO - DEIXA DE SER BÊSTA,RUBÃO. CURRA NA MARIANO PROCÓPIO?

RUBÃO - QUER SABER DE UMA COISA? PRA MIM O LINO SABE E NÃO QUER DIZER . CANTA O JÔGO , MEU IRMÃO. TÁ DE SEGREDO DE ALA PRA CIMA DE NÓS?(OS OUTROS OLHAM,RUBÃO ENCABULA.SEM COMENTÁRIOS).

TIZINHA - PODE TER SOFRIDO UM TROÇO NO CORAÇÃO.ELA NÃO SE QUEIXAVA MAS SAÚDE NÃO TINHA MUITA.COLITE,ENJÔO,NÃO SEI O QUE MAIS.

LINO - NUNCA QUEIXOU. ERA ISSO QUE ME DAVA MAIS RAIVA. NÃO TINHA JEITO. PODIA ESTAR SOFRENDO QUDE NEM DANADA... MAS NÃO ENTREG

1674
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 58

...GAVA OS PONTOS. UM DIA ENCONTREI ELA CHORANDO SÓZINHA ENCOSTADA Á JANELA AS DUAS DA MANHÃ. NÃO QUIS EXPLICAR.

RUBÃO - CISCO NO OLHOS.(O PESSOAL OLHA RUBÃO,REPROVA COM A CABEÇA E NÃO COMENTA).

LINO - DIZIA QUE TAVA VENDO LUA... ESTRÊLA...

RUBÃO - EU, HEM?

LINO - E TAVA MESMO! TU ENTENDE DESSAS COISA? NÓS NA MECÂNICA, DEBAIXO DOS CARRO. FICANDO VENDO MOTOR. PENSAMENTO DA GENTE RODA QUE NEM RODA: É LÊ"O DIA"DE MANHÃ,FUTEBOL DE TARDE, É CARBURADOR. TEM GENTE,RUBÃO, QUE GOSTA DE VER LUA.

RUBÃO - PRA QUÊ?

LINO - GOSTA! CISMA! QUE É QUE TU TEM COM ISSO?(PAUSA). QUEM SABE EU DISSE ALGUMA COISA E ELA MAGOOU? ELA SÓ GOSTAVA DE OUVIR COISA BONITA... EU NÃO DIZIA,ELA IA BUSCAR NOS LIVROS. POESIA.

RUBÃO - POR QUE TU NÃO FÊZ?

LINO - FÊZ O QUE, RUBÃO?

RUBÃO - POESIA.

LINO - E TU ACHA QUE PALAVRA DA GENTE DÁ POESIA? POESIA É PALAVRA ESPECIAL. A GENTE É TUDO NA BASE DA ESTUPIDEZ.SÓ DIZ PALAVRA QUE MACHUCA. PALAVRA QUE MACHUCA NÃO É POESIA.E NÃO É SÓ AS PALAVRAS. AQUELA PELE AGUENTANDO ESSAS MÃO... CHEIA DE CALO... TÁ DOIDO!

RUBÃO - BOM , O MELHOR É FAZER LOGO A LISTA,SENÃO O PESSOAL FICA INVENTANDO COISAS.

LINO - O QUE É QUE ÊLES ESTÃO INVENTANDO?

RUBÃO - NÃO SOU QUEM DIZ. É O SEVERINO. DEPOIS NÃO QUEIMA COMIGO. O PESSOAL DIZ QUE ELA PODE AÍE TER SIDO ASSASSINADA.

LINO - POR QUEM?

TIZINHA - QUEM HAVIA DE MATAR A COITADA?

RUBÃO - UÉ! QUALQUER UM. SE MATA ATÉ POR CIÚME... AMOR. (INTENCIONAL,OLHANDO LINO).ATÉ POR AMOR...

MILTON - QUE É ISSO, RUBÃO?

RUBÃO - TÔ SÓ AJUDANDO.É'PRA LISTA.NÃO QUER OUVIR NÃO FAZ LISTA. EU NÃO TOU DIZENDO QUE NINGUEM MATOU,MAS SE A GENTE TEM QUE VER TUDO ACONTECEU,ATÉ XMOR ALMA DO OUTRO MUNDO VALE.

TIZINHA - RUBÃO, DEIXA A GENTE PENSAR COM A CABEÇA?

MILTON - (A LINO). TELEFONOU PRA DELEGACIA?

LINO - CANSEI DE... NADA. A POLÍCIA, SE NÃO DESCOBRIR, VAI É ME MARRETAR ATÉ EU,CANSADO DE APANHAR DIZER ONDE ESTÁ ROSA.

RUBÃO - E POR QUE TU NÃO DIZ LOGO?

MILTON E TIZINHA - RUBÃO!

TIZINHA - VOCÊ,HEM?

RUBÃO - TENHO UMA IDÉIA!

MILTON - GUARDA.

TIZINHA - (AO MESMO TEMPO). NÃO DIZ!

RUBÃO - ELA PODIA TER TOMADO O ÔNIBUS SEM VOCÊ, PENSANDO QUE FÚ JÁ ESTAVA LÁ OU QUE VINHA LOGO...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 59

TIZINHA - ATÉ QUE ENFIM VOCÊ DEU UMA DENTRO.

LINO - SÓ QUE A POLÍCIA JÁ VIU TUDI ISSO. O LUGAR DELA NO ÔNIBUS FICOU VAZIO.

MILTON - ESPERA AÍ. VOCÊS PROCURARAM OS PARENTES DELA?

LINO - SÓ TEM UMA TIA. NADA. NÃO ENTENDO É ÊSSE PÊSO DESGRAÇADO. LOGO NA HORA QUE A VIDA MELHORA, NA HORA QUE EU MONTO OFICINA, NA HORA QUE EU POSSO OFERECER LUA DE MEL É QUE DÁ UM PÊSO DÊSSES! TEM LÓGICA?

RUBÃO - NÃO TEM.

MILTON - CALA A BÔCA, RUBÃO.

RUBÃO - ÊLE PERGUNTOU.

TIZINHA - PERGUNTOU MAS NÃO É PRA NINGUÉM RESPONDER.

MILTON - É INDIVIDUAL.

LINO - EU JÁ TINHA TUDO PREPARADO. ATÉ QUE DEI PRA ELA UM ANEL DE VERDADE, COM RECIBO E TUDO.

MILTON - RECIBO?

LINO - PODIA CISMAR QUE ERA FALSO, NÃO PODIA? CALCULE SÓ... SE ELA NUNCA MAIS APARECESSE... SE A POLÍCIA NÃO DESCOBRE... E EU FICASSE A VIDA TÔDA SEM SABER O QUE... NEM PORQUE... EU ERA CAPAZ DE... NÃO SEI, NÃO... O QUE EU NÃO POSSO ESQUECER É AQUELES OLHOS GRANDES ABERTOS DE NOITE... OLHANDO O ESCURO... OLHANDO. ME CONTAVA TUDO QUE ACONTECIA NA ESCOLA. COMO FOI, COMO NÃO FOI. SÓ NÃO CONTAVA TRISTEZA. GUARDAVA. TRAZIA PROVA PRA CORRIGIR EM CASA. TINHA CRIANÇA DÊSTE TAMANHO QUE SABIA CAPITAL DA CHINA. MAIS ENGRÇADO QUE SÓ EU TINHA VERGONHA DA MINHA IGNORÂNCIA. ELA NÃO. ACHAVA NATURAL. DISSE QUE EU NÃO TIVE CHANCE. DESCULPEM ESSA MOLEZA MAS, SE ELA NÃO APARECER, PODEM IR COMPRANDO "O DIA" E A "LUTA DEMOCRÁTICA" PORQUE VOU APARECER POR LÁ... MULHER É UM BICHO FORMIDÁVEL. NEM PARECE FEITA DE CARNE E OSSO. É TUDO MACIO QUE PARECE PENUGEM DE PINTO. ATÈ A FALA. COMO É QUE ESSAS MÃOS DURAS... TÁ DOIDO!

RUBÃO - SABE O QUE EU TOU PENSANDO?

MILTON - (EXPLODE.) NÃO SEI, NÃO QUERO SABER E TENHO RAIVA DE QUEM SABE.

RUBÃO - LINO, SE TU NÃO FÔSSE FLAMENGO, COM TÔDA ESSA CONVERSA DE PENUGE MACIA... E COM A NOSSA VELHA AMIZADE PORCIMA... EU ERA CAPAZ DE JURAR QUE TU TAVA MENTINDO.

LINO - MENTINDO ONDE, RUBÃO?

RUBÃO - QUEM É QUE AGARANTE QUE TUDO ISSO ACONTECEU, MESMO? A GENTE SÓ SABE QUE A MULHER FUGIU PORQUE TU DIZ, NÃO É? SE TU NÃO DIZ NINGUÉM SABIA.

MILTON - QUE BANHO-MARIA É ÊSSE, RUBÃO?

RUBÃO - TÔ COZINHANDO NADA NÃO. QUEM QUER A LISTA É TU! OLHA, NO CRIME DO ARMÁRIO...

TIZINHA - (NUM GRITO.) RUBÃO...

RUBÃO - TÔ CALADO, PRONTO. NÃO QUER OUVIR AS COISA, ENTÃO NÃO FAZ LISTA. A GENTE SÓ SABE DA LUA DE MEL EM ITATIAIA...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p 60

LINO - ITAIPAVA.

RUBÃO - OU ISSO... PORQUE TI DISSE. A GENTE SÓ SABE QUE FOI PORQUE TU DISSE. A GENTE SÓ SABE QUE FOI PORQUE TU DISSE. A GENTE SÓ SABE QUE ELA TAVA DE BRAÇO COM VOCÊ... PORQUE TU DISSE. ELA PODIA NEM TER IDO A "RODOVIÁRIA" SE ENCONTRAR. TER DADO O BÔLO. NÃO PODIA? QUEM VIU? NINGUEM. QUEM LEMBRA? NINGUEM. TU FALOU DE ANEL DE VERDADE. A GENTE ACREDITOU PORQUE TU DISSE.

LINO - (TIRA O ANEL E MOSTRA).TÁ AQUI OANEL. CHEIRA,TOMA,VÊ. PALHAÇO!

RUBÃO - TU TÁ ME ESTRANHANDO,NÊGO? SOU O RUBÃO. NÃO SOU DELEGADO,NÃO. PISOU EM TI,DOEU EM MIM.TOU SÓ PENSANDO. VOCÊ FICA FALANDO DELA QUE PARECE QUE TÁ FAZENDO QUARTO! É SÓ NA BASE DO TINHA,FOI,ERA. PARECE QUE A MULHER JÁ MORREU! O ANEL PODE SER DE VERDADE E O RESTO NÃO SER,NÃO PODE? ESPERA AÍ. ESPERA AÍ. COMO QUE É QUE ESSE ANEL TÁ NA SUA MÃO? VOCÊ NÃO DISSE QUE DEU ÊLE?

MILTON - MUDA O ASSUNTO,RUBÃO. CHUTA E CAI FORA. NÃO DESFAZENDO,RUBÃO,QUEM FOI QUE CHAMOU VOCÊ AQUI?

RUBÃO - ÁS VÊZ EU CUSTO VÊ AS COISAS. QUANDO O CARA É AMIGO EU NÃO VEJO DEFEITO, MAS AS VEZ É PRECISO A GENTE OLHAR DE VER.VOCÊ É UM SUJEITO QUE ESQUENTA A TÔA,LINO. É SÓ PISAR E... LEMBRA O AMARAL ONDE FOI PARAR? PRA MIM ACHO QUE NA HORA VOCÊ NÃO PENSOU. A CABEÇA FICOU FORA DO LUGAR E TU...

MILTON - QUE É ISSO,RUBÃO?

RUBÃO - (CADA VEZ MAIA ACESO A LINO).SÓ QUERIA SABER É ONDE VOCÊ ARRANJOU DINHEIRO PRA COMPRAR UM ANELÃO DESSES. QUERO SABER ONDE VOCÊ ARRANJOU DINHEIRO PRA MONTAR OFICINA E COMPRAR GELADEIRA, MÁQUINA DE LAVAR ROUPA, DE COSTURA... RIFA? LOTERIA? ACERTOU NO MILHAR? BETTING DUPLO? AÍ NÃO FALO MAIS FICO QUIETO E VOU EMBORA, O OUTRO ANEL ERA DE MENTIRA... MAS ERA MAIS DE VERDADE QUE ESTE . ERA DE MENTIRA MAS COMPRADO NA LÓGICA. ÊSSE É DE VERADE. CADÊ A LÓGICA?

LINO - O QUE É QUE TU TÁ QUERENDO DIZER?

RUBÃO - ESTOU QUERENDO DIZER, LINO... UMA COISA QUE SÓ IRMÃO DIZ. TOU QUERENDO DIZER QUE ISSO DÓI PRA BURRO... ESTOU QUERENDO DIZER QUE ISSO SÓ PODE SER DINHEIRO DA TURMA DO SEVERINO. DINHEIRO SUJO. TURMA DE LADRÃO. TOU QUERENDO DIZER QUE TU...

LINO - (SOLTA UMA BOFETADA EM RUBÃO).NÊGO SUJO!

RUBÃO - (É AGARRADO DE SURPRESA POR AQUELA REAÇÃO E PASSA A MÃO NO ROSTO. OS OUTROS QUEREM INTERVIR MAS PARALISAM.RUBÃO FALA DEVAGAR,CONTENDO,A CUSTO,LÁGRIMAS E SOFRIMENTOS).QUE É ISSO MEU FAIXA? BATENDO EM IRMÃO?FLAMENGO FAZ ISSO?

LINO - EU NÃO ADMITO QUE NENHUM NEGRO SAFADO VENHA ME JOGAR NA CARA MENTIRA E ME CHAMAR DE LADRÃO.

RUBÃO - NÃO DIZ ISSO, LINO. NÓS SOMO IRMÃO.

LINO - IRMÃO É A MÃE! EU JÁ NÃO DISSE PRA CALAR ESSA BÔCA E NÃO SE METER NA VIDA DE NINGUEM? POR QUE É QUE VOCÊ NÃO VAI PROCURAR SUAS NÊGAS? QUE É QUE TEM QUE ESTAR FAZENDO NA CASA DE BRANCO?

MILTON - QUE É ISSO, LINO?

TIZINHA - (AO MESMO TEMPO). LINO!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 61

LINO - ISSO MESMO! NÃO DEVIA DEIXAR NEGRO FINGIR DE BRANCO. SE EU NÃO DESSE CONFIANÇA A ESSE MOLEQUE NÃO ESTAVA OUVINDO O QUE EU NÃO QUERIA. QUEM MANDOU TU TE METER NA MINHA VIDA? POR QUE É QUE VOCÊ NÃO VAI EMBORA DE UM A VEZ?

RUBÃO - COM RAIVA, NÃO, LINO! NÓS SOMO IRMÃO!

LINO - QUE É QUE VOCÊS ESTÃO ME OLHANDO? QUE É QUE VOCÊS QUERIA QUE EU FIZESSE? QUE EU PASSASSE A VIDA TODA NESTE BURACO? ISTO É LUGAR PRA ROSA VIVER? JÁ NÃO BASTAVA TER CASADO COM UM(CALHORADA) CALHORDA COMO EU?? AINDA PRECISAVA PEGAR BEIRA DE TANQUE? NÃO ERA BRANCURA RINSO. ERA ESFREGA NO DURO. E DE NOITE, SEM PODER DORMIR, PREOCUPADA COM A PORCARIA DO DINHEIRO QUE NÃO APARECIA... SE TINHA PRO ALUGUEL NÃO TINHA PRA COMIDA. E PASSAR FOME NA FILA DO INSTITUTO PRO MÉDICO RECEITAR DIETA PRA COLITE E REMÉDIO QUE NÃO SE PODE PAGAR? EU JÁ NÃO PODIA MAIS VER TREM QUE CARREGA GENTE COMO BICHO. EU QUERIA VIVER UMA SEMANA SEM PASSAR PELA PORTA DA CENTRAL. ADIANTOU EU CAVAR DOIS EMPREGOS? ADIANTOU? EU QUERIA... UMA VEZ NA VIDA... UMA SÓ... VIVER UMA SEMANA COMO GENTE. DEPOIS... O DEPOIS NÃO TEM IMPORTÂNCIA. EU QUERIA VER DE NÔVOO A CARA DA ROSA DE QUANDO ELA PENSOU QUE O ANEL ERA DE VERDADE. O PRIMEIRO. EU QUERIA QUE UMA SEMANA ELA SENTISSE QUE NÃO TINHA SE ENGANADO. QUE EU ERA HOMEM PRA ELA. NÃO HOMEM PRA CAMA. HOMEM PRA VIDA. HOMEM QUE PODIA NÃO SABER O QUE ELA SABIA MAS QUE UM DIA IA TIRAR ELA DO TREM, DAS PISADAS, DO EMPURRA, DO INCHAMOÇADA. ERA ISSO QUE EU QUERIA. É CRIME?

RUBÃO - FOI SE METER COM A TURMA DO SEVERINO.

LINO - MAS LÓGICO!

RUBÃO - EU DISSE QUE O MEU DINHEIRO...

LINO - QUERO QUE O TEU DINHEIRO SE DANE. NÃO QUERO DINHEIRO PRA TAPAR BURACO QUERO DINHEIRO PRA SER GENTE, PRA VIVER VIDA DECENTE, SEM FICAR CONTANDO NÍQUEL. QUERO DINHEIRO PRO SORVETE E PRA PIPOCA, PRA RECEITA E PRO REMÉDIO. E QUANDO PORRA DO MÉDICO RECEITAR UMA DIETA EU QUERO QUE ROSA POSSA FAZER A DIETA E NÃO FICAR SE TORCENDO DE DORES PELOS CANTO ... PRA EU NÃO VER. (A RUBÃO) QUE É QUE TU TÁ FAZENDO AÍ QUE AINDA NÃO FOI EMBORA?

TIZINHA - PÁRA COM ISSO, LINO.

RUBÃO - COM RAIVA, NÃO.

LINO - NÃO SEI COMO FOI QUE ELA DESCOBRIU, MAS ELA DEVE TER DESCONFIADO. DEVE TER ACHADO QUDE ERA MUITA VANTAGEM. QUANDO EIU QUIZ DAR A ELA O ANEL, NA HORA DE EMBARCAR, ESTÁVAMOS CONVERSANDO NO BANCO DA ESTAÇÃO. ELA DEVE TER LIDO NA MINHA CARA QUE EU ESTAVA COM TURMA DO SEVERINO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 62

... DEVE TER COMPREENDIDO QUE AQUELE DINHEIRO NÃO ERA MEU. DEVE TER COMPREENDIDO QUE EU NÃO IA SOSSEGAR ENQUANTO NÃO DESSE A ELA VIDA DE GENTE. SUMIU POR ISSO. PRA NÃO ME ESTRAGAR. FOI ISSO, NÃO FOI? EU NÃO TENHO MÊDO DE IR CANA, NÃO TENHO MÊDO DA NADA, NEM DE LEVAR SURRA NA DELEGACIA. JÁ TOU ACOSTUMADO. SÓ TENHO MÊDO É DA HORA QUE ELA APRECER, DEPOIS DE PENSAR MUITO, E COM UMA BRUTA PENA DE MIM ME PERGUNTAR: "POR QUE LINO?" "POR QUE?". NÃO SEI. ESSA É ÚNICA RAIVA QUE EU GUARDO. (PAUSA). PÔDE RASGAR A LISTA. RUBÃO, TU ME PERDOA?

RUBÃO - NÃO FOI TU QUE ME BATEU. FOI A RAIVA.

LINO - NA HORA DA DOR DOER A GENTE DESCARREGA EM QUEM? NOS AMIGO. DOEU MUITO?

RUBÃO - NÃO DOEU NA LÓGICA.

LINO - OBRIGADO, MEU FAIXA.

RUBÃO - (ABRAÇA-O CHORANDO, COMOVIDO). FLAMENGO DUMA FIGA!

LINO - IRMÃO, RUBÃO. NÓS SOMO IRMÃO.

RUBÃO - NÓS SOMO IRMÃO.

LINO - A RAIVA MAIOR É QUE TUDO ISSO PODIA ACONTECER DEPOIS! POR QUE ELA NÃO ACREDITOU?? POR QUE ELA NÃO DEIXOU DAR A ELA UMA SEMANA COMO EU QUERIA? SEMANA DE LUA DE MEL. NÃO DESSAS LUA QUE A GENTE NEM CHEGA A PEGAR NO SONO E JÁ O DESPERTADOR EMPURRA A GENTE PRO BATENTE. LUA DE MEL DE DIZER BOBAGEM... LEITE DE VACA TIRADO NA HORA... MONTAR CAVALO... LUA DE MEL DE PASSEAR DE MÃO DADA... DE LER VERSO... TIRAR RETRATO... TOMAR CAFÉ NA CAMA... PORQUE ELA NÃO DESCOBRIU DEPOIS? E EU AINDA ACREDITO EM DEUS! PÊSO DESGRAÇADO! (RECLAMA OLHANDO PARA CIMA). UMA SEMANA, MEU FAIXA! PÔXA, UMA SEMANA!

(CHORA DIANTE DO OLHAR COMOVIDO DOS OUTROS).

FIM DA PEÇA

GRUPO ESTUDANTIL "O VARAL"

SÃO CARLOS - S.P.

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

1424

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 63

TÍTULO PROCURA-SE UMA ROSA - peça teatral de Pedro Bloch

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 anos (em concordância c/anteriores)

Examinamos a peça em pauta apenas para verificar se o texto apresentado era identico aos demais em arquivo .
Constatada a semelhança, nada temos a objetar quanto à impropriedade anteriormente concedida .

Brasília, 21 de fevereiro de 1972

- Constancio Montebello -

LIBERE-SE
com impropriedade para menores de 16 anos
Brasília 22 / 03 / 1972
Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.64

Lee [illegible]

21.02.72

[illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 65

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º 128
Data 22.2.72

Do Chefe da Seção de Censura do SCDP

Para Sr. Chefe da TCDP/DR/DPF/SP

Assunto: Providências - Solicita -

Senhor Chefe:

Solicito suas providências no sentido de que seja assistido ao ensaio geral da peça abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste - SCDP esteja de acôrdo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça: PROCURA-SE UMA ROSA
Autor: PEDRO BLOCH
Intrs: JOÃO PAULO SOABORA
Endrç: TEATRO MUNICIPAL DR.PERDIGÃO
SÃO CARLOS / SP.

Atenciosamente,

PAULO LEITE DE LACERDA
Ch.Subst. da S/Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p 66

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

1744

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 4.661/72

PEÇA " PROCURA-SE UMA ROSA "

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO
PARA MENORES DE
16 ANOS

VÁLIDO ATÉ 22 de FEVEREIRO de 19 77

Brasília, 22 de FEVEREIRO de 19 72

Chefe do S. C. D. P.

ROGERIO NUNES

M.J.– D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 47, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada PROCURA-SE UMA ROSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 00 93, p. 67

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de F. DE TEATRO AMADOR DO C. ESTADO - SP

Tendo sido censurada em 21 de FEVEREIRO de 19 72 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE DEZESSEIS (16) ANOS::: CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL /// O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERA VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 22 de FEVEREIRO de 19 72

PAULO LEITE DE LACERDA - SUBST.
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congeneres

MVG/

DPF-SAv.150

(112)

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

RADIOGRAMA RECEBIDO

RECEBI NO DIA ___/___/___
AS _____ HRS.

Assinatura Legível

CONTRÔLE
Nº 6504

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 68

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES
RADIOGRAMA RECEBIDO

CONTRÔLE
Nº

Departamento de Polícia Federal
SERVIÇO DE TELECOMUNICAÇÕES
S. O. - CMG
13/4/71 às 15,30
PFS.
/ / às
CARIMBO DA ESTAÇÃO

INDICAÇÕES DE SERVIÇO
PREÂMBULO: RCE 71 42 13 0910
RECEPÇÃO: PPC556 CST|EC 131440

ENDERÊÇO: DPF BSB

TEXTO E ASSINATURA

Nr 459|GAB 130471 Pt Rera 233|SDAL 070471 vg foi assist ensaio geral peça teatral abraspas procura se uma rosa fechaspas et entregue todo doc interessados vg virtude clasf estabelecida esse SCDP estah acordo ref ensaio pt

DR PE

SCDP 13/04/71

Juntar ao processo
13.04.71

DPF-SAv. 18.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 69

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.70

ILMO. SR.
DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DA POLÍCIA FEDERAL
BRASÍLIA DF

FICHADO
S.A. DCDP

Arquivo
verif. e prosid.
na 13.7.78

MÁRIO SIMON, brasileiro, casado, professor, residente e domiciliado em Santo Ângelo - RS, exercendo suas funções na Secretaria Municipal de Turismo e Esportes da Prefeitura Municipal desta mesma cidade, pela designação do cargo de Supervisor Geral do 3º FESTIVAL MISSIONEIRO DE TEATRO ESTUDANTIL , vem, mui respeitosamente solicitar a V. Sa. que se digne examinar e liberar a peça PROCURA-SE UMA ROSA .....
de autoria de ...Pedro Bloch.....,
em 4 quadros... atos, do gênero .social.....e
com as seguintes particularidades Será apresentada no...
Festival pelo G. T. do Ginásio Estadual de GIRUÁ - RS.

Nestes termos,
pede deferimento.

Santo Ângelo, 10 de junho de 1978.

Prof. MÁRIO SIMON
Supervisor Geral do 3º FEMITE

OBS. : O 3º FESTIVAL MISSIONEIRO DE TEATRO ESTUDANTIL está marcado para 28, 29, 30, 31/agosto e 1º/setembro de 1978. A peça acima deverá se apresentar no Festival.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.71

TEATRO

TÍTULO PROCURA-SE UMA ROSA

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 16 anos

Praça SANTO ÂNGELO - RS

Obs.:

DF. 25/07/781

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezesseis anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de anos, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 16 de agosto de 1978

Maria Artele L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: 16 anos

Brasília - DF, 17/8/78

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 72

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 2.936 / 78

TÍTULO: " PROCURA-SE UMA ROSA " - de Pedro Bloch

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: DEZESSEIS ANOS com CORTE

Tendo sido efetuado o confronto da peça teatral em epígrafe , constatamos, ser idêntica com a primeira examinada por esta D.C.D.P. .Destarte , sugerimos a permanência da mesma chancela, ou seja : DEZESSEIS ANOS com um(ol) CORTE às páginas trinta e três (33).-

Brasília,15 de agosto de 1.978.

Selia Natalha Stolte Rouver

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 73

Homem pra vida. Homem que podia deixar ela dormir sem ficar olhando a noite. Homem que podia não saber o que ela sabia mas que um dia ia tirar ela do trem, das pisadas, do empurra, do incha-moçada. Era isso que eu queria. É crime?

RUBÃO — Foi se meter com a turma do Severino.

LINO — Mas lógico!

RUBÃO — Eu disse que o meu dinheiro...

LINO — Quero que o teu dinheiro se dane. Não quero dinheiro pra tapar buraco. Quero dinheiro pra ser gente, pra viver vida decente, sem ficar contando níquel. Quero dinheiro pro sorvete e pra pipoca, pra receita e pro remédio. E quando o porra do médico receitar uma dieta eu quero que Rosa possa fazer dieta e não ficar se torcendo de dores pelos canto... escondida pra eu não ver. (A Rubão). Que é que tu tá fazendo aí que ainda não foi embora?

TIZINHA — Pára com isso, Lino.

RUBÃO — Com raiva, não.

LINO — Não sei como foi que ela descobriu, mas ela deve ter desconfiado. Deve ter achado que era muita vantagem. Quando eu quis dar a ela o anel, na hora de embarcar, estávamos conversando no banco da estação. Ela deve ter lido na minha cara que eu estava com a turma do Severino. Deve ter compreendido que aquêle dinheiro não era meu. Deve ter compreendido que eu não ia sossegar, enquanto não desse a ela vida de gente. Sumiu por isso. Pra não me estragar. Foi isso, não foi? Eu não tenho mêdo de ir em cana, não tenho mêdo de nada, nem de levar surra em delegacia. Já tou acostumado. Só tenho mêdo é da hora que ela aparecer, depois de pensar muito e com uma bruta pena de mim me perguntar: "Por que, Lino? Por que?" Não sei. Essa é a única raiva que eu guardo. (Pausa). Pode rasgar a lista. Rubão, tu me perdoa?

RUBÃO — Não foi tu que bateu. Foi a raiva.

LINO — Na hora da dor doer a gente descarrega em quem?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 74

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

15 de agosto de 1978.

1223/78-SCTC/SC/DCDP

Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Sr. Superintendente Regional do DPF no Rio Grande do Sul

Solicitação (Faz)

Senhor Superintendente:

Estamos encaminhando a V.Sa. o certificado e 2 (duas) cópias do texto da peça teatral "PROCURA-SE UMA ROSA", de Pedro Bloch, solicitando sejam entregues ao Prof. Mário Simon, Supervisor Geral do 3º FEMITE, da Prefeitura Municipal de Santo Ângelo-RS.

Na oportunidade, renovamos a V.Sa. protestos de estima e consideração.

ROGÉRIO NUNES
Diretor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.75

386/78

: PROCURA-SE UMA ROSA

: PEDRO BLOCH

27 AGOSTO 80

17 AGOSTO 78

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO [illegible]
MENORES DE
DEZESSEIS ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093,p 76

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

: PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

G.T.DO GINÁSIO ESTADUAL DE GIRUA - RS

MÁRIO SIMON

16 AGOSTO 78

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

17 AGOSTO 78 CARLOS A. MALTINARI DE CARVALHO

mf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 77

1ª Via

1977

SP

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PROC.: 112
LIV.: 02
PAG.: 54
REG.: ~~4.892~~

PEÇA:

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

DISTRIBUIÇÃO

ENTRADA 20/04/72
DISTR. 24/04/72
1a CEN.: / /
2a CEN.: / /
CERT.: / /
SAÍDA / /
TEMPO TRAM.
DIAS:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 78

200

Ilmo.Sr.
Chefe da Censura Federal
BRASILIA

20 ABR 1124 DFSB 18368

Saudações

Anexo a presente estão as três peças que a Federação Bauruense de Teatro Amador, começou a ensaiar, para que seja submetido a censura desse orgão Federal.

As peças:

Moto Perpétuo-- Hamilton Saraiva (autorização da SBAT)

Choque de Raças-- Hamilton Saraiva (autorização da SBAT- essa peça já possui certificado de Censura, na qual colocamos no texto)

Procura-se uma Rosa--Pedro Bloch

Esperando ser atendido por êsse Orgão nós da Federação Bauruense de Teatro Amador, agradecemos, respeitosamente

PAULO ROBERTO ALVES NEVES
Presidente da FEBATA

2018

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 79

Federação Bauruense de Teatro Amador - "FEBATA"

Exmo. Sr. Censor Federal de Brasília

Encaminho às mãos de V. Excia., cópia da peça PROCURA-SE UMA ROSA? de Pedro Bloch, para a devida Censura Federal, e que o Grupo Teatral Gil Vicente, pretende levar à cena, em trabalhos de representação nesta cidade.

Agradece a atenção, subscrevendo-se muito

Atenciosamente

Celina L. Alves Neves

Celina Lourdes Alves Neves

Diretora do Grupo Teatral Gil Vicente e

Secretária da Feder ção Bauruense de

Teatro Amador.

Rua Gerson França, 6-66 - Bauru

codigo 70.00

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 80

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA
REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 **Nº** 20142

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: Procura-se Uma Rosa.

Original de Pedro Bloch.

Música de ———

Tradução de ———

No Teatro Diversos Cidade Bauru - S. Paulo

Emprêsa F. de Bata Pela Cia. ———

nos dias Para Censura da Peça

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de ——% ——— da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ ——— por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma côta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou no próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

São Paulo, 29 de Março de 1973

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS – SUCURSAL - SÃO PAULO – 29 MAR 1973 ★

Autorização N.º ———

EMANUELE PULVIRENTI Coordenador

(pela SBAT)

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,P81

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compr[illegible] exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 82

20)

DA: FEDERAÇÃO BAURUENSE DE TEATRO AMADOR(FEBATA)

ANO: 1972

Mês: Março (10)

PARA: CENSURA FEDERAL DE BRASÍLIA

PEÇA: P R O C U R A-S E U M A R O S A

Autor: Pedro Bloch

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

200

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p. 83

TÍTULO PROCURA-SE UMA ROSA TEATRO

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16(dezesseis)anos

"Procura-se uma Rosa" trata-se de uma peça de Pedro Bloch já examinada diversas vêzes por este SCDP, estando atualmente liberada, conforme o certificado de censura Nº 3165/70 válido até 1975, com a impropriedade de ' dezesseis anos.

Comparando o script que me foi dado a examinar (da Federação Bauruense de Teatro Amador) com o constante de nossos arquivos, constatei a semelhança dos mesmos, Por conseguinte, nada há que impeça à sua liberação ' com a mesma impropriedade do anterior.

Brasília, 02 de maio de 1972

Mª das Graças Sampaio Pinhati
Tec. de censura

Serv. de Censura de Diversões Públicas D. P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.84

Emitir certificado, na forma dos Pareceres: 16 (dezesseis) ANOS.

Em 10-5-72

[illegible] - Tete

Sr. Ch- SCDP

De acordo.

11/5/72 (16 anos)

[illegible]

STE

LIBERE-SE com impropriedade para menores de 16 anos

Brasília, 11/5/1972

Rogério Nunes

F-SRA
fl. n.º
Rub.

205

São Paulo, 30 de Abril de 1 972

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.85

Senhora Chefe.

Assisti na Cidade de São Carlos o ensaio geral da peça "PROCURA-SE UMA ROSA", de Pedro Block.

Trata-se da estória de um rapaz que casa-se com uma professora, mas sente-se inferiorizado por ela ter um nivel intelectual superior a sua.

A encenação é feita por um grupo amador, ressentindo-se de maior maturidade nos atores. Contudo, há uma certa compreensão dos problemas levantados pelo autor, o que resulta em um espetáculo aceitável.

Opino pela aprovação do programa e liberação do certificado, com impropriedade de até 16 anos, conforme parecer do S.C.D.P.

Atenciosamente

Alvaro Adamo
T. Censura, 124-SP

F.110 P/OF.280/72 - DR/SP - 05.05.72

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 86

206 Y

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 4.892/72

PEÇA " PROCURA-SE UMA ROSA "

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P. — VÁLIDO ATÉ 11 de MAIO de 1977

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 ANOS

Brasília, 11 de MAIO de 1972

Chefe do S. C. D. P. ROGERIO NUNES

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 54, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada

" PROCURA-SE UMA ROSA "

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.87

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de FEDERAÇÃO BAURUENSE DE T.AMADOR - SP

Tendo sido censurada em 02 de MAIO de 19 72 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE DEZESSEIS (16) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL /// O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERA VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 11 de MAIO de 19 72

MVG/

HUGO PÓVOA DA SILVA
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA
Chefe da Turma de Censoras
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 88

207

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N. 388.
Data 15/05/72.

Do Chefe da TCTC.
Para Chefe da TCDP/DR/SP.
Assunto: PEÇA TEATRAL - (Encaminha).

Senhor Chefe,

Solicito vossas providências no sentido de que seja entregue ao interessado, a peça intitulada "PROCURA-SE UMA ROSA", com impropriedade para menores de 16 (dezesseis) anos, em duas vias e seus respectivos certificados.

Atenciosamente,

[redacted]ICENTE DE PAULO ALENCAR MONTEIRO.
Ch. da TCTC.

2084

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 89

PROC.- 112
LIV.- 01
PAG.- 12
REG.- 386

MJ – DPF – DCDP
ARQUIVO
N.° PROTOCOLO: 30441
PRAÇA: Cabo Frio - RJ
JÁ LIBERADA: Sim
IMPROPRIEDADE: 16 anos
N.° CERTIFICADO: 386
TÉRMINO VALIDADE __/__/19__

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.8093, p. 90

209

TEATRO AMADOR CABOFRIENSE

FUNDADO EM 26 DE JULHO DE 1962
Sede Provisória: SOCIEDADE MUSICAL SANTA HELENA
INSCRITO NO SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO — M. E. C.
Reconhecido de Utilidade Pública Municipal - Resolução N.º 220 de 29 - 9 - 1966
Reconhecido de Utilidade Pública Estadual - Dec. N.º 442/67
Caixa Postal N.º 196 - Cabo Frio, RJ

MJ-DFF-SRA/BSB
14 JUN 0946 030441

OFÍCIO N.º.....

Cabo Frio, 16 de maio de 1973.

Ilmo. Snr. Chefe da Censura de
Diversões Públicas do DFSP
BRASILIA - DF.

Prezado senhor:

O abaixo assinado, representante do TEATRO AMADOR CABOFRIENSE, tem a honra de encaminhar a V.Sa. para fins de CENSURA, 3 (tres) exemplares da peça "PROCURA-SE UMA ROSA", de autoria / de Pedro Bloch para apresentação do referido teatro no Festival de Teatro Jovem no período de 1º a 30 de setembro de 1973 na cidade de Petropolis no Teatro Quitandinha.

Sem outro assunto no momento, subscrevo-me,

atenciosamente,

Estelio Iriart El - Bairy
Presidente

T A C

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 91

2107/73

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 17 de Maio de 1973

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (TRES) cópias da peça:

PROCURA-SE UMA ROSA.-

DE: PEDRO BLOCH

próxima apresentação da TEATRO AMADOR CABOFRIENSE.

no Teatro DO HOTEL QUITANDINHA -

com estréia marcada para o dia 1º DE SETEMBRO DE 1973

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

por Djalma Bittencourt
Superintendente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 92

1ª via

RJ

PROCURA-SE

UMA

ROSA

"

AUTOR

PEDRO BLOCH

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.93

ESTAVA NA ESTAÇÃO. ERAM 3 HORAS DA TARDE. COM A COMPANHEIRA PELO BRAÇO, PREPARAVA-SE PARA O MOMENTO DE EMBARCAR. TINHAM CHEGADO JUNTOS, FICARAM JUNTOS TODO O TEMPO E JUNTOS IAM EMBARCAR.- PASSAVA GENTE POR TODOS OS LADOS E ENTÃO, DE UM SEGUNDO PARA OUTRO, ROSA PERDEU-SE DE SEU BRAÇO. NÃO SABE EXPLICAR COMO. SÓ SABE QUE ROSA SUMIU- COMO SE ESTIVESSE SUMIDO DENTRO DE SÍ MESMA. ESPEROU ACABAR O MOVIMENTO. A ESTAÇÃO FICOU DESERTA. MAS ROSA NÃO APARECEU. VOLTOU PARA CASA E, DE NOVO PÔS-SE A ESPERAR. MAS ROSA NÃO APARECEU. FOI ENTÃO AO DISTRITO POLICIAL E COMUNICOU A OCORRÊNCIA. E AGORA LINO DOS SANTOS ESTÁ PERCORRENDO OS JORNAIS PARA AVISAR QUE OFEREÇE UMA - GRATIFICAÇÃO A QUEM ENCONTRAR SUA ROSA. QUALQUER INFORMAÇÃO PODE SER ENVIADA À REDAÇÃO DÊSTE JORNAL.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 94

RUBÃO - Não diz isso, Lino. Nós somos irmão.

LINO - Irmão é a mãe! Eu já não disse pra calar essa bôca? e não se meter na vida de ninguém? Por que é que você não vai procurar suas nêgas? Que é que tem que estar fazendo em casa de branco?

MILTON - Que é isso, Lino?

TIZINHA - (ao mesmo tempo) Lino!

LINO - Isso mesmo! Não devia deixar negro fingir de branco. Se eu não desse confiança a êsse moleque não estava ouvindo o que não queria. Quem mandou tu te meter com a minha vida? Por que é que você não vai embora duma vez?

RUBÃO - Com raiva, não, Lino! Nós somo irmão!

LINO - Que é que vocês estão me olhando? Que é que vocês queria que eu fizesse? Que eu passasse a vida tôda nêsse buraco? Isto é lugar pra Rosa Viver? Já não bastava ter casado com um calhorda como eu? Ainda precisava pegar beira de tanque? Não era brancura Rinso. Era esfrega no duro. E de noite, sem poder dormir, preocupada com a porcaria do dinheiro que não aparecia... Se tinha pro aluguel não tinha pra comida. E passar fome na fila do Instituto pro médico receitar dieta pra colite e remédio que não se pode pagar? Eu já não podia mais ver trem que carrega gente como bicho. Eu queria viver uma semana sem passar pela porta da Central. Adiantou eu cavar dois emprêgos? - Adiantou? Eu queria... uma vez na vida... uma só... viver uma semana como gente. Depois... o depois não tem importância. Eu queria ver de novo a cara da Rosa de quando ela pensou que o anel era de verdade. O primeiro. Eu queria que uma semana ela sentisse que ela não tinha enganado. Que eu era homem pra ela. Não homem pra cama. Homem pra vida. Homem que podia não saber o que ela sabia mas que um dia ia tirar ela do trem, das pisadas, do empurra, do incha-moçada. Era isso que eu queria. É crime?

RUBÃO - Foi se meter com a turma do Severino.

LINO - Mas lógico?

RUBÃO - Eu disse que o meu dinheiro...

LINO - Quero que o seu dinheiro se dane. Não quero dinheiro pra tapar buraco. Quero dinheiro pra ser gente, pra viver vida decente, sem ficar contando níquel. Quero dinheiro pro sorvete e pra pipoca, pra receita e pro remédio. E quando a [redacted] do médico receitar uma dieta eu quero que Rosa possa fazer dieta e não ficar se torcendo de dores pelos cantos... escondida pra não ver. (A Rubão) Que é que tu tá fazendo aí que ainda não foi embora?

COM CORTES

TIZINHA - Para com isso, Lino

RUBÃO - Com raiva, não.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.95

213

COM CORTES

LINO - Não sei como foi que ela descobriu, mas ela deve ter desconfiado: Deve ter achado que era muita vantagem. Quando eu quis dar a ela o anel, na hora de embarcar, estávamos conversando no banco da estação. Ela deve ter lido na minha cara que eu estava com a turma do Severino. Deve ter compreendido que aquele dinheiro não era meu. Deve ter compreendido que eu não ia sossegar, enquanto não desse a ela a vida de gente. Sumiu por isso. Pra não me estragar. Foi isso, não foi? Eu não tenho medo de ir em cana, não tenho medo de nada, nem de levar surra em delegacia. Já tou acostumado. Só tenho medo é da hora que ela aparecer, depois de pensar muito e com uma bruta pena de mim me perguntar: "Por que, Lino? - Por que?" Não sei. Essa é a única raiva que eu guardo. (Pausa) Pode rasgar a lista. Rubão, tu me perdôa?

RUBÃO - Não foi tu que bateu. Foi a raiva.

LINO - Na hora da dôr doer a gente descarrega em quem? Nos amigo. Doeu muito?

RUBÃO - Não doeu na lógica.

LINO - Obrigado, meu faixa.

RUBÃO - (abraça-o chorando, comovido) Flamengo duma figa!

LINO - Irmão, Rubão. Nós somo irmão.

RUBÃO - Nós somo irmão.

LINO - A raiva maior é que tudo isso podia acontecer depois! Por que ela não acreditou? Por que ela não deixou dar a ela uma semana como eu queria? Semana de lua de mel. Não dessas luas que a gente nem chega a pegar no sono e já o despertador empurra a gente pro batente. Lua de Mel de dizer bobagem... Leite de vaca tirado na hora... Montar a cavalo... Lua de mel de passear de mão dada... de ler verso... Tirar retrato... Tomar café na cama... Por que ela não descobriu depois? E eu ainda acredito em Deus! Pêso desgraçado! (Reclama olhando pra cima) Uma semana, meu faixa! pôxa! Uma semana!

(Chora diante do olhar comovido dos outros).

FIM DA PEÇA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 96

214
#08

S. C. T. C.

TÍTULO: PROCURA-SE UMA ROSA

GÊNERO: PEDRO BLOCH

1) **S. ARQUIVO** Coelho

Documentação: EM ORDEM

Já liberada? : sim

Cls. Estária anterior: 16 anos

Praça: CABO FRIO - RJ

DF. 15/6/73

Chefe do Arquivo

2) **PROGRAMAÇÃO**

Técnico de Censura: Gilberto

Técnico de Censura: —

Técnico de Censura: —

Data para Exame: de 18/06/73 a 20/06/73

OBS:

DF. 15/06/73

Resp. pela Programação

3) **S. C. T. C.**

De acordo com o parecer 4078/73 - Dezesseis (16) Anos, com os cortes apontados, condicionado, entretanto, ao ensaio geral.

Emita-se os certificados, na forma dos anteriores, no que tange à verdade.

21/6/73

vd

F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

4) **CHEFE S. C.**

Sr. Diretor

Face ao parecer 4078/73, sugiro liberação p/ maiores de dezesseis anos

Em 27.6.73

J. Bulhamaqui

5) **DIRETOR DA D. C. D. P.**

LIBERE-SE
na forma do parecer

Em 27/6/1973

J. Bulhamaqui
p/ Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 97

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

215

Parecer Nº 4078/73

Título: "PROCURA-SE UMA ROSA" -AUTOR:PEDRO BLOCH

Classificação Etária: 16(DEZESSEIS)ANOS

Espécie: PEÇA TEATRAL. Com cortes: SIM.

Boa Qualidade: - - - Livre P/Exportação: - - -

Dublado: - - - Legendado: - - -

Vedada a Exploração Comercial: NÃO.

Cenas: Somente quando da apreciação do ensaio-geral.

Época: Contemporânea. Gênero: Drama-urbano.

Linguagem: Comum.

Tema: Sócio-urbano.

Personagem: Humildes,prepotentes,egoístas,ladrões,amigos.

Mensagem: Positiva.

Enredo: Enquanto Lino,mecânico,viveu honestamente em companhia de sua mulher Rosa,professora,teve o amor e a compreensão desta,mas quando Lino a fim de dar mais um pouco de conforto a Rosa entra na senda do crime tem a sua total desaprovação,inclusive abandonando o lar,deixando Lino tolamente frustrado.

1 – Cortes: ÀS LAUDAS"26"e "27".

2 – Conclusão: Trata-se de peça já examinada pela Censura. Comparando o presente texto com um dos que se encontram em nosso Arquivo observei que ambos são semelhantes.Considerando esses aspectos,e depois de ser feito os devidos cortes,um por ser palavra de baixo-calão e outro por atentar contra o prestígio da Polícia, opino que seja " mantido o critério adotado nos exames anteriores,ou se

(VIDE VERSO)

DPF–507

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 98

ja,16(DEZESSEIS)ANOS,CONDICIONADO AO ENSAIO-GERAL.

BRASÍLIA,20 DE JUNHO DE 1973.

GILBERTO PEREIRA CAMPOS
-Téc.Cens.-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.99
2864

478/73-SCTC/SG/DCDP 26 junho 3

DIRETOR DA DIVISÃO DE POLICIA FEDERAL - RJ

" PROCURA-SE UMA ROSA "

" PEDRO BLOCH "

DIRETOR:

TEATRO AMADOR CABOFRIENSE

FVAN/fnn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093,p 100
217

COM CORTE

386/73

: PROCURA-SE UMA ROSA

: PEDRO BLOCH

11 MAIO 77

27 JUNHO 73

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZESEIS ANOS
16

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p 101

01 12

: PROCURA-SE UMA ROSA

: PEDRO BLOCH

COM CORTES

: TEATRO AMADOR CABOFRIENSE - RJ -

20 JUNHO 73

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS, COM CORTES ASSINALADOS ÀS PÁGINAS: 26-27- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: ESTELIO IRIART EL - BAINY

PROIBIDO PARA MENORES

27 JUNHO 73

mh

DEUSDETH BURLAMAQUI

2694

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, P 102

PROC.- 0112
LIV.- 01.
PAG.- 12
REG.- 386

MJ - DPF - DCDP
ARQUIVO
Nº PROTOCOLO: 011394
PRAÇA: SÃO PAULO-SP
JÁ LIBERADA: Sim
IMPROPRIEDADE:
Nº CERTIFICADO: 386
TÉRMINO VALIDADE 1 /10

PROCURA-SE UMA ROSA.

PEDRO BLOCH

219

MJ-DPF-SRA/BSB
27 FEV 1606 Nº 011374
RECEBIDO POR .....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 103

Ao
SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
BRASILIA- D.F.

FEPATA- Federação Paulistana de Teatro Amador, sediado n/ capital de São Paulo, a Rua Major Rudge nº 270, Bairro da Penha, inscrição no cadastro Geral de Con-tribuintes nº 43.049.725/001, vem mui respeitosamente, so-licitar a Vv. Ss., a censura do texto: "Procura-se uma Rosa" de autoria de Pedro Bloch, para poder montar o referido texto e representa-lo em diversos locais e datas, pelo que anexamos 3 (três) cópias do texto, bem como a devida autorização da SBAT (Soc.Brasileira de Autores Teatrais).

Nêstes termos
p. deferimento

São Paulo, 14 de Fevereiro de 1.974

Antonio Pizzo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 104

2200

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3° andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

São Paulo
~~Rio de Janeiro~~, 15 de Fevereiro de 19 74

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (3) cópias da peça:
"Procura - se Uma Rosa"

DE: Pedro Bloch

próxima apresentação da Federação Paulistana de Teatro Amador

no Teatro Diversos

com estréia marcada para o dia

Sem outro assunto, subscrevemo-nos, com a maior consideração,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
15 FEV 1974
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto
Djalma Bittencourt
Superintendente

A PRESENTE AUTORIZAÇÃO SERVE APENAS E EXCLUSIVAMENTE PARA EFEITO DE CENSURA DE PEÇA.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 105

22/7

TEATRO

TÍTULO PROCURA-SE UMA ROSA.

1) S. ARQUIVO

Documentação Em Ordem

Clas. Anterior 16

Praça SÃO PAULO - SP

Obs.:

DF. 28/02/74

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

Concordo com o parecer 13472/74 - Dezesseis (16) anos - sem cortes, condicionado, todavia, ao Crivo do ensaio geral.

Emita-se os certificados, observada a validade dos anteriores.

07/3/74

F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

4) SERVIÇO DE CENSURA

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 08/03/1974

Rogério Nunes

DPF-538

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. e093,p.106

PARECER Nº 13472/74

Título : " PROCURA-SE UMA ROSA "
Espécie : Confronto de peça teatral
Autor : Pedro Bloch
Classificação : Dezesseis Anos

Peça várias vezes trazida a este Departamento sendo liberada com a impropriedade de DEZESSEIS ANOS . Confrontando a presente via com outra anteriormente examinada; protocolo nº 2385 ,constatei que os textos são idênticos , podendo permanecer a mesma classificação anterior .

Brasília , 5 de março de 1974

Maria Célia da Costa Reichert - Téc . Cens .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 107

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

FEPATA - FEDERAÇÃO PAULISTA DE TEATRO AMADOR - SP -

ANTONIO PIZZO

05 MARÇO 74

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

08 MARÇO 74

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO
SUBSTITUTO.

MHF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 108

386/74

: PROCURA-SE UMA ROSA

: PEDRO BLOCH

11 MAIO 77

08 MARÇO 74

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

HUGO PÓVOA DA SILVA - INSP. POL. FEDERAL - SUBSTITUTO.

224

223

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 109

139/74-SCTC/SC-DCDP 07.03 4

Superintendente Regional do DPF em São Paulo

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

Superintendente:

em São Paulo

FVAN/aga

ARQUIVO

2254

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p 110

PROC.- 0112
LIV.- 01
FAG.- 12
REG.- 386

MJ - DPF - DCDP
ARQUIVO
N.° PROTOCOLO: 23142
PRAÇA: Rio de Jan - 68
JÁ LIBERADA: Sim
IMPROPRIEDADE: 16
N.° CERTIFICADO: 386
TÉRMINO VALIDADE: 1 [illegible]

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 111

2264/1

MJ-DPF-SRA/BSB
22 ABR 1648 74 023142
RECEBIDO POR

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

243

Em , 19 de abril de 1974

Do Chefe do SCDP/SR/GB

Ao Sr. Diretor da DCDP

Assunto :-enc. peça teatral.

Ref. prot. 14.414/74-SR/GB

Senhor Diretor,

Em anexo, encaminho a V.Sª. petição de Luiz / Carlos, através da qual solicita exame censório para a peça -" PROCURA-SE UMA ROSA de Pedro Bloch, juntando para o fim proposto, 3 (tres) exemplares do script da aludida obra, bem assim,a guia da SBAT, em 19 do mes em curso.

Ao ensejo apresento a V.Sª os protestos de estima e consideração.

JOSELITA VIANA E SILVA
INSPETORA = CHEFE DO SCDP/SR/GB

1
227

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 112

ILMO.SR. DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE CENSURA FEDERAL DO DPF.

BRASILIA -DF

3

SRA/FICHADO
MJ-DPF SR/GB
19 ABR 1119 74 14414
RECEBIDO POR:

Saudaçoẽs

O abaixo assinado, tem a honra de encaminhar a V.S. para fins de CENSURA 3 copias da peça PROCURA-SE UMA ROSA, de Pedro Bloch, para prova publica dos alunos da Associação de Teatro Amador (ATA), no Dia 20 de Maio de 1974 no Clube dos Subtenentes e Sargentos do Exército.

Rio, 19 de Abril de 1974

Atenciosamente.

Luiz Carlos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 113

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 19 de Abril de 1974

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (TRES) cópias da peça:
PROCURA-SE UMA ROSA

DE: Pedro Bloch

próxima apresentação da Associação de Teatro Amador (ATA)

no Teatro do Clube dos Subtenentes e Sargentos do Exército.
com estréia marcada para o dia 20 de Maio de 1974

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

p/ Djalma Bittencourt
Superintendente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 114
224

TEATRO

TÍTULO PROCURA-SE UMA ROSA.

1) S. ARQUIVO

Documentação Em Ordem

Clas. Anterior 16

Praça RIO DE JANEIRO - GB

Obs.:

DF. 24/4/74

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

Emita-se os certificados na forma do parecer 14886/74, condicionados, todavia, ao exame do ensaio geral e observado o prazo de validade já estabelecido.

03/5/74

F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

4) SERVIÇO DE CENSURA

Nada a opor.

Em: 13/5/74.

Wilson Jonis
Chefe do S.C.

5) Diretor da D. C. D. P.

Liberado
Em 13.5.74

GERTO NUNES
Diretor da DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. cc93, p. 115

2294

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

RELATÓRIO DE CONFRONTO 14886/74

Título: PROCURA-SE UMA ROSA, de Pedro Bloch

Classificação etária: DEZESSEIS ANOS, com corte.

Espécie: Peça teatral

Verificando o confronto dos textos da peça acima citada, constatei que conservam o mesmo teor sem a menor modificação, sendo marcado um corte na página 46 do"script" que se apresenta numerado de 18 a 47. Verificado o corte citado, opino pela conservação da impropriedade existente em Certificados anteriores, ou seja, para menores de DEZESSEIS ANOS.

Brasília, 02 de maio de 1974.

L.Fernando

Técnico de Censura

LINO — Mas lógico!
RUBÃO — Eu disse que o meu dinheiro...
LINO — Quero que o teu dinheiro se dane. Não quero dinheiro pra tapar buraco. Quero dinheiro pra ser gente, pra viver vida decente, sem ficar contando níquel. Quero dinheiro pro sorvete e pra pipoca, pra receita e pro remédio. E quando o médico receitar uma dieta eu quero que Rosa possa fazer dieta e não ficar se torcendo de dores pelos canto... escondida pra eu não ver. **(A Rubão).** Que é que tu tá fazendo aí que ainda não foi embora?
TIZINHA — Pára com isso, Lino.
RUBÃO — Com raiva, não.
LINO — Não sei como foi que ela descobriu, mas ela deve ter desconfiado. Deve ter achado que era muita vantagem. Quando eu quis dar a ela o anel, na hora de embarcar, estávamos conversando no banco da estação. Ela deve ter lido na minha cara que eu estava com a turma do Severino. Deve ter compreendido que aquêle dinheiro não era meu. Deve ter compreendido que eu não ia sossegar, enquanto não desse a ela vida de gente. Sumiu por isso. Pra não me estragar. Foi isso, não foi? Eu não tenho mêdo de ir em cana, não tenho mêdo de nada, nem de levar surra em delegacia. Já tou acostumado. Só tenho mêdo é da hora que ela aparecer, depois de pensar muito e com uma bruta pena de mim me perguntar: "Por que, Lino? Por que?" Não sei. Essa é a única raiva que eu guardo. **(Pausa).** Pode rasgar a lista. Rubão, tu me perdoa?
RUBÃO — Não foi tu que bateu. Foi a raiva.
LINO — Na hora da dor doer a gente descarrega em quem? Nos amigo. Doeu muito?
RUBÃO — Não doeu na lógica.
LINO — Obrigado, meu faixa.
RUBÃO — **(abraça-o chorando, comovido).** Flamengo duma figa!
LINO — Irmão, Rubão. Nós somo irmão.
RUBÃO — Nós somo irmão.
LINO — A raiva maior é que tudo isso podia acontecer depois! Por que ela não acreditou? Por que ela não deixou dar a ela uma semana como eu queria? Semana de lua de mel. Não dessas luas que a gente nem chega a pegar no sono e já o despertador empurra a gente pro batente. Lua de mel de dizer bobagem... Leite de vaca tirado na hora... Montar cavalo...

CORTE
COM CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 116

Lua de mel de passear de mão dada... De ler verso... Tirar retrato... Tomar café na cama... Por que ela não descobriu depois? E eu ainda acredito em Deus! Pêso desgraçado! **(Reclama olhando para cima).** Uma semana, meu faixa! Pôxa! Uma semana!

(Chora diante do olhar comovido dos outros).

FIM DA PEÇA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

8
231 4
4

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 117

290/74 - SCTC/SC/DCDP 8. maio 4

Superintendente Regional do DPF - GUANABARA.

"PROCURA-SE UMA ROSA"

"PEDRO BLOCH"

Superintendente:

CSSE/GB.

FVAN/fnn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.118

386/74

: PROCURA-SE UMA ROSA

: PEDRO BLOCH

11 MAIO 77

10 MAIO 74

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 DEZESSEIS ANOS

: PROCURA-SE UMA ROSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.113

: PEDRO BLOCH

COM CORTES

ASSOCIAÇÃO DE TEATRO AMADOR (ATA) - GB -

LUIZ CARLOS

02 MAIO 74

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CORTE ASSINALADO À PÁGINA 46. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

10 MAIO 74 WILSON DE QUEIROZ GARCIA

MHBF

·273·M

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 120

PROC.- 112
LIV.- 01
PAG.- 12
REG.- 386

MJ - DPF - DCDP
ARQUIVO
N.º PROTOCOLO: 38169
PRAÇA: BAURU - SP
JÁ LIBERADA: Sim
IMPROPRIEDADE: 16 anos
N.º CERTIFICADO: 386
TÉRMINO VALIDADE __/__/19__

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

2348

MJ - DPF - SRA/BSB
18 JUL 1526 038169

Sr. Censor Federal em Brasília

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 121

Encaminho às mãos de V. Sa., como tenho feito outras vezes mais uma peça teatral, para o próximo Festival de agosto, cuja eliminatória é em nossa cidade e peço desculpas por estar mandando um pouco tarde, sendo para agosto, mas no amadorismo temos dificuldade até para encontrar quem copie peças de teatro, uma vez que dedicamos a êle horas que nos sobra do trabalho de 16 horas e meia por dia, que é o que dedicamos para nossas atividades de diretora de uma escola do setor do ensino profissional, além de professora do Senac, em nossa cidade, acumuladas as de mãe de família, que dirige seu barco com firmeza e muito trabalho.

Aguardando noticias, para que possamos solicitar a Censura em São Paulo que nos mande o Censor, subscreve-se com respeitosa estima e apreço

Celina Lourdes Alves Neves

Diretora da Escola Progresso - Diretora do Grupo Teatral Gil Vicente e do Conselho Consultivo da Federação Bauruense de Teatro Amador.

Rua Gerson França nº 6-68

Bauru, 13 de julho de 1 973

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 122

235

03

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

SÃO PAULO - 12 de JULHO de 19 73

~~Rio de Janeiro~~, ~~XXXXXXXXXXXX~~

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D.P.F.
Brasília, D.F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (3) cópias da peça:
"PROCURA-SE UMA ROSA."

DE: ~~PEDRO BLOCH~~

próxima apresentação da FEDERAÇÃO DE TEATRO AMADOR DE BAURU

no Teatro DE BAURU

com estréia marcada para o dia

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
12 JUL 1973
SUCURSAL SÃO PAULO

Visto:
Djalma Bittencourt
Superintendente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 123

236 04

S. C. T. C.

TÍTULO: PROCURA-SE UMA ROSA

GÊNERO: PEÇA TEATRAL

1) **S. ARQUIVO**

Documentação: EM ORDEM

Já liberada? : Sim

Cls. Estária anterior: 16 anos

Praça: BAURU - SP

DF. 20/7/73

Chefe do Arquivo

2) **PROGRAMAÇÃO**

Técnico de Censura: Camelias

Técnico de Censura: —

Técnico de Censura: —

Data para Exame: de 25/07/73 a 27/07/73

OBS:

DF. 24/07/73

Resp. pela Programação

3) **S. C. T. C.**

1. Emitam-se os certificados em mais vias, com impropriedade para menores de 16 anos, de conformidade com o parecer nº 5499/73.

2. Oficie-se à SR/SP.

Em 06/8/73

P/ F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

4) **CHEFE S. C.**

Sr. Diretor
Conforme parecer - dezesseis anos - Em 6873

5) **DIRETOR DA D. C. D. P.**

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em 06/08/1973

Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 124

2374

05

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 5499/73

Título: PROCURA-SE UMA ROSA

Classificação Etária: 16 anos

Espécie: Peça teatral Com cortes: Não

Boa Qualidade: ••••• Livre P/Exportação: •••

Dublado: ••••• Legendado: ••••

Vedada a Exploração Comercial: Não

Cenas: À vista do ensaio geral

Época: Presente Gênero: drama

Linguagem: Comum

Tema: Sócio-urbano

Personagem: Bons, humildes, amigos.

Mensagem: Positiva

Enredo: O casamento de Rosa, professora, com Lino, mecânico, ocasionou um desajuste social que ela procurou contornar. Iam vivendo com dificuldades e Rosa sempre procurando ajudar o marido. Mas quando ele resolve se meter com ladrões, para lhe dar o que não podia, ela o abandona.

1 — Cortes: Não os há.

2 — Conclusão: Trata-se de recensura. Fazendo o confronto dos textos, verifiquei que são semelhantes e que podem perfeitamente manter a mesma classificação anterior, isto é, 16 anos.

Brasília, 30 de julho de 1973

João Camelier
Téc.Censura.

DPF—507

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 23 fls 0093, p 125

650/73 - SCTC/SC/DCDP 03 agosto 3

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF - SÃO PAULO

" PROCURA=SE UMA ROSA "

" PEDRO BLOCH "

SUPERINTENDENTE:

EM BAURU/SP

SMBC/fnn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 126

2394

386/73

: PROCURA-SE UMA ROSA

: PEDRO BLOCH

11 MAIO 77

06 AGOSTO 73

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZESEIS ANOS

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.127

: PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

FEDERAÇÃO DE TEATRO AMADOR DE BAURU - SP -

CELINA LOURDES ALVES NEVES

30 JULHO 73

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

06 AGOSTO 73

~~DEUSDETH BURLAMAQUI~~

mh

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.128

2 vols Of. 052/73 DPF-RJ

Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Divisão de Policia Federal/RJ
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

112

R E L A T Ó R I O:

Cumprindo determinações dessa Chefia, em conformidade com o Of. nº 478/73-SCTC/SC/DCDP, compareci ao VII FESTIVAL DO TEATRO JOVEM FLUMINENSE em Petrópolis, onde procedi ao ensaio geral na própria realização do espetáculo em caso excepcional, da peça intitulada " PROCURA-SE UMA ROSA " de PEDRO BLOCH, na data de 02/09/73, do qual relato o seguinte:

Cenário: casa de pobre suburbano, feita só em esqueleto (armação) com divisões de sala, cozinha e área. Mobiliário com peças pobres, quadro de parede com S. Jorge, flámula do Flamengo, mesa com cadeiras, etc..

Vestuário: roupas atuais de pessoas de baixo poder aquisitivo, de todos. Nada há contra a moral e bons costumes.

Diálogo: o do "script", seguem a risca. Não hove falhas, boa marcação e as vezes ríspidos.

Desenvolvimento: de acordo com o que manda a peça. Os cortes foram obedecidos na íntegra. Cenas de emoções, fortes e desenvolvidas nos moldes de teatro tradicional. Mais nada há a ressaltar, devido seguirem estritamente o que consta no texto do "script". Ao decorrer do espetáculo há um fundo musical (música popular).

É o que me cabia relatar, S.M.J., sub-censura,

Niterói, 04 de setembro de 1.973.

tamar fragoso de oliveira
Téc. Cens. Credenciado

Em tempo: Cert. nº: 386/73-
Valid.: 11/05/77-
Class.: 16 Anos - c/ cortes.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 129

2417

112

MJ - DPF - SRA/BSB

13 SET 1535 051321

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

OF. Nº 354/73-SEC/DIV/DPF/RJ

Em, 12 de setembro de 1973

Do Diretor da DIV/DPF/RJ

Ao Sr. Coordenador Central Policial

Assunto Encaminhamento (Faz)

Ref. Rádio nº 232/73-SEC

Senhor Coordenador,

Em cumprimento a Diretriz de nº 001/72-CCP/DPF, encaminho a essa Coordenação o Relatório nº 122/73, relativo a viagem realizada nos dias 1 e 2 de setembro do corrente ano, do Datiloscopista Policial nível 17 - TAMAR FRAGOSO DE OLIVEIRA.

Sirvo-me da oportunidade, para renovar a V. Sa., os protestos de estima e elevada consideração.

HUMBERTO MOUTA TEIXEIRA-SEL
DIRETOR DIV/DPF/RJ

De ordem
Ao Arquivo.
S.J.C.C.
Sm 21.9.73

A
DC DP
18973

HMT/ias

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
COORDENAÇÃO CENTRAL POLICIAL

DIV/DPF/RJ

Em, 05 de setembro de 1973

RELATÓRIO Nº 122/73

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 130

AUTORIDADE DETERMINANTE: DIRETOR DA DIVISÃO

EQUIPE: Chefe - Tamar Fragoso de Oliveira
Auxiliares - Não houve

VEÍCULOS: Ônibus.
ARMAMENTO: Não houve.

SAÍDA: Às 13:00 h de 01 de setembro de 1.973.
CHEGADA: Às 02:00 h de 03 de setembro de 1973.

LOCAL: MUNICÍPIO DE PETRÓPOLIS.

CUSTO OPERACIONAL:

MEIA DIÁRIA-2 (duas)... Cr$ 156,00-
PASSAGENS (não houve)..
TOTAL..... Cr$ 156,00-

MISSÃO: Proceder ensaios geral das peças teatrais intituladas " A RATOEIRA " e " PROCURA-SE UMA ROSA ", bem como acompanhar o VII FESTIVAL DO TEATRO JOVEM FLUMINENSE.

DADOS CONHECIDOS: Determinação contida no Of. nº 478/73 - SCTC/SC/DCDP, ensaio geral da peça " Procura-se uma Rosa ", certificado nº 386/73 - Classificação " 16 ANOS ", c/ cortes e validade até 11/05/77.

RELATO: Procedido o ensaio na própria apresentação em 02/09/73 da peça " Procura-se uma Rosa ", como também ao da " Ratoeira " em caso excepcional, devido a mesma ter sido examinada por essa SCDP/DIV/DPF/RJ de igual forma e feito o acompanhamento do festival em sua primeira semana de apresentação, de 1 à 2 de setembro.

RESULTADO: Missão cumprida sem anormalidades.

Niterói, 05 de setembro de 1.973.

Tamar Fragoso de Oliveira

DESPACHO:
SEC para cumprir a Diretriz
de nº 001/72-CCP/DPF
EM, 12/9/73

HUMBERTO MOUTA TEIXEIRA-BEL
DIRETOR DIV/DPF/RJ

2437

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.131

MJ – DPF – DCDP
ARQUIVO
N.° PROTOCOLO: 11472
PRAÇA: VITÓRIA - ES
JÁ LIBERADA: Sim
IMPROPRIEDADE: 16 anos
N.° CERTIFICADO: 386
TÉRMINO VALIDADE __/__/19__

PROC.- 0112
LIV.- 01
PAG.- 12
REG.- 386

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO

FUNDAÇÃO MOBRAL

19 JUN 1974 037206

248

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 132

Of. nº 29[illegible] /74/GB/SEXEC/CECUT

Em, 17 de junho de 1974

Do: Secretária-Executiva da Fundação MOBRAL

Ao: Diretor da Divisão de Censura e Diversões Públicas

Assunto: Pede liberação para espetáculos do MOBRAL

Senhor Diretor,

Fazendo o subprograma de teatro parte integrante do Programa de Atividades Culturais do MOBRAL, que tem como objetivo básico ampliar o universo cultural de sua clientela específica, vimos pedir a colaboração da Censura Federal no sentido de liberar os textos e os espetáculos que irão, a nível nacional, levar o teatro ao mobralense e à comunidade em geral.

Para maior esclarecimento passamos a informá-lo que:

— os espetáculos serão realizados por grupos amadores contratados pelo MOBRAL/SNT;

— o repertório do grupo é constituído por peças previamente indicadas e/ou aprovadas por uma comissão mista MOBRAL/SNT que as julga visando uma adequação aos objetivos que norteiam a ação do MOBRAL;

— os grupos amadores contratados em todos os Estados da Federação deverão excursionar levando os espetáculos a todos os municípios dos seus Estados.

Considerando que as dificuldades de uma ação isolada dos grupos para obter a liberação da Censura, viria atrasar nossa programação, vimos solicitar que esse órgão facilite ao MOBRAL obter uma liberação a nível nacional.

Aproveitamos a oportunidade para reiterar a V.Sª nossos protestos de consideração.

Maria Terezinha Tourinho Saraiva
Secretária-Executiva

ANEXO: a) Lista de peças aprovadas pelo MOBRAL/SNT;
b) Textos das peças premiadas no Concurso Nacional de Peças Novas - Prêmio MOBRAL de Teatro

Ilmº Sr.
Dr. ROGÉRIO NUNES
Diretor da Divisão de Censura e
Diversões Públicas
BRASÍLIA - DF

MOBRAL/Década do Desenvolvimento CECUT/NQ/dbp.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 133

249 # 13

MJ - DPF - SRA/BSB
1 JUL 1974 037834
RECEBIDO POR

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Publica Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Rio de Janeiro, 31 de Maio de 1974

Ao S.C.
a) para as peças que já tenham sido liberadas pela DCDP, fornecer certificados especiais, com a observação de que só serão validade para as apresentações patrocinadas pelo MOBRAL.
b) com relação às que ainda não foram submetidas à censura, solicitar os textos. Preame 20.6.74

Senhor Representante da
SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS,

O Ministerio da Educação e Cultura, através do MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO (Fundação MOBRAL) está realizando meritória e digna tarefa de alfabetização, valendo-se, tambem, para orgulho de todos nós que militamos no teatro, da objetividade da representação teatral, utilizando-se, em consequencia, de Companhias, Grupos ou intérpretes singulares, que representarão peças teatrais previamente escolhidas tendo em vista aqueles objetivos tão elevados.

O motivo da presente é o de solicitar a sua valiosa colaboração no sentido de autorizar toda e qualquer representação de peça teatral, por Companhias ou Grupos credenciados pelo MOBRAL, visando todos os programas, facilitando todo o expediente necessário á realização dos espetáculos, emitindo as respectivas autorizações, SEM COBRAR QUALQUER IMPORTANCIA a titulo de direitos autorais ou taxas.

Os espetáculos realizados pelas Companhias e Grupos credenciados pelo MOBRAL serão inteiramente gratuitos para o público.

Agradecendo, antecipadamente, pela sua colaboração, subscrevemo-nos com a maior consideração.

Djalma Bittencourt,
Superintendente.

1º SCTE para cumprir o despacho supra, do Sr. Diretor da DCDP.
Em: 25-6-74
Wilson Jones

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

4.500 - 1-74

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 134

250

RELAÇÃO DE PEÇAS TEATRAIS APROVADAS

PELA COMISSÃO MISTA MOBRAL/S.N.T.

Nada Consta	"Juiz de Paz na Roça	Martins Pena	
Nada Consta	Um Sertanejo na Corte	Martins Pena	
Pert. 2632/73	A Família e a ~~Feste~~ Festa na Roça	Martins Pena	LIVRE - VAL. = 30.05.78
" 5.279/72	Os Dons ou o Inglês Maquinista	Martins Pena	10 anos - " = 08.08.77
" 1.103/73	O Judas em Sábado de Aleluia	Martins Pena	10 anos - " = 09.08.77
Nada Consta	O Namorador ou a Noite de São João	Martins Pena	
V/o Chefe do SC	O Noviço	Martins Pena	
Pert. 2336/70	O Cigano	Martins Pena	LIVRE - VAL. 31.03.75
" [illegible]390/73	O Caixeiro da Taverna	Martins Pena	14 anos - " 04.05.77
" [illegible]80/73	Os meirinhos	Martins Pena	18 anos - " 28.08.78
" 2.563/74	Quem casa, quer casa	Martins Pena	10 anos - " 10.06.79
" 2.566/74	Os ciúmes de um Pedestre (ou o terrível capitão mato)	Martins Pena	10 anos - " 31.05.77
" 1.824/74	As desgraças de uma criança.....	Martins Pena	14 anos - " 17.06.79
Nada Consta	O Usuário	Martins Pena	
Pert. 461/73	Acima do Bem Querer	J.C. Cavalcanti Borges	LIVRE - Val. 22.5.75
Nada Consta	Maurício de Nassau	Viriato Correa	
Nada Consta	Quase Ministro	Machado de Assis	
Pert. 272/68	Dama das Camélias	Dumas Filho	14 anos Val. 20.06.69
" 4.869/72	O Milagre de Anna Jullivan	W. Gilson	10 anos - " 04.05.77
" 1.594/74	Onde Canta o Sabiá	Gastão Tojeiro	14 anos - " 07.10.75
V/o [illegible] Alencar	Morte e Vida Severina	J. Cabral de Mello Neto	
Pert. 5.282/74	Uma Consulta	Artur Azevedo	10 anos - Val. 09.08.77
" 363/74	O Santo e a Porca	Ariano Suassuna	LIVRE - " 18.08.76
Nada Consta	O Macaco de Vizinha	J.M. Macedo	
Pert. 386/74	Procura-se Uma Rosa	Pedro Bloch	16 anos - Val. 11.05.77
" 4.733/72	Romance do Pavão Misterioso (LIVRE - Val 12.4.77)	(cordel) Folheto - João Martins de Athayde - Propriedade José Bernardo da Silva	
Nada Consta	O Sanfoneiro que foi tocar no Inferno..	(cordel) Folheto - Autor: José Costa Leite.	
Nada Consta	Valentão do Mundo	(cordel) Folheto: Severino Milanês - Propriedade: José Bernardo da Silva.	
Nada Consta	Roldão no Leão de Ouro	(cordel) Folheto: João Martins de Athayde. Editor Prop. José Bernardo da Silva.	

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 135

251 15

Cert. 4.819/72 - O Exemplo de Maria Nocaute ou os Valores do Homem Primitivo (14 anos - Val. 25.04.77). João Augusto - do folheto de Minelvino Silva. "A História do Mau Ladrão" ou " Os Sofrimentos de Maria".

Cert. 4.824/72 - "Antonio meu Santo" (14 anos - Val. 17.04.77) João Augusto - do folheto de Pedro Quaresma e José Martins dos Santos -respectivamente" -"A viúva que amarrou Santo Antonio n'um foguete para se casar a 2a vez" e A moça que pisou - Santo Antonio no pilão para se casar com um boiadeiro.

Cert. 4.820/72 - "A Mulher que se casou 18 vezes"..... (LIVRE - Val. 11.04.77) João Augusto do folheto de Valeriano Félix dos Santos.

Encaminhados para a SCT em 19.06.74

- "A Última Estação" ..... Roberto Gill Camargo
- Pesadelo" X..... Alberto Mantovani Abeche
- A Pobreza Envergonhada" ..... Walmir Ayala
- "Hoje a Banda Não Sai" ..... Severino Marcos de Miranda Tavares.
- De como Revisar Um Marido Oscar ..... Oraci Gemba

CECUT/NQ/jbf.

TEATRO

252 16

TÍTULO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 136

1) S. ARQUIVO

Documentação

Clas. Anterior

Praça

Obs.:

DF. / /

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. conforme despacho do Sr. Chefe do Serviço de Censura, datado de 250674. À Sec. Exp. para emitir os certificados com faixa etária de 16 anos sem cortes. DIGO, com CORTES

Em 030774

Manoel Jundo.

Chefe da S.C.T.C.

4) SERVIÇO DE CENSURA

Ao Sr. Diretor da DCDP, Tendo em vista a impropriedade e os cortes sugeridos.

Em: 23/7/74.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA

Chefe do Serviço de Censura - DCDP

5) Diretor da D. C. D. P.

Libere-se em 23.7.74

ROGÉRIO NUNES

DPF–538

0112

FICHADO S.A. DCDP

MJ - DPF - SRA/DSB
5 JUL 1955 42958

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 137

Of. nº 4.107/74-SCDP/SR/SP Em, /julho de 1974.

Do: Superintendente Regional do D.P.F. em São Paulo

Ao: Exmº. Sr. Diretor Geral do Departamento de Policia Federal

Assunto: Relatórios (encaminha)

Senhor Diretor Geral:

Com o presente, encaminho a V.Exa., para os devidos fins, os relatórios de ensaios gerais das peças teatrais "O MERCADOR" de autoria de Roberto Villani, "O MARIDO CONFUNDIDO" ou "JORGE DANDIN" de autoria de Moliére, "PROCURA-SE UMA ROSA" autoria de Pedro Bloch, "O BURACO" de autoria de Alberto Beutten Muller, "O QUE VOCÊ VAI SER QUANDO SER CRESCER" de autoria de Jandira Martini.

Solicitamos a confirmação dessa D.C.D.P. do nosso parecer, com maior brevidade possivel.

Na oportunidade, renovo a V.Exa., protestos de estima e consideração.

CEL. - ANTONIO LEPIANE;
Superintendente Regional

Quatem-se aos processos correspondentes, observando-se as alterações sugeridas. Em 16.7.74

AL/acb. -

ROGÉRIO NUNES

254 18

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

RELATÓRIO Nº ... Série ...

...São Paulo .... em 8. de julho. de 1974

Ao :- Chefe do SCDP-SR-SP
De :- Técnico de Censura
Assunto :- Exame Censório

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.138

Exame censório do ensaio geral de .."Procura-se uma rosa" .....
.....
Autor :- ...Pedro Bloch .....
Tradutor :- ...— .....
Encenado por :- .Federação Paulistana de Teatro Amador .....
Local :- ...Rua Major Rudge, 270 - Penha .....
Data do ensaio :- 4 / 7 / 74 Horário:- das 20,30 às 21,50 horas

1, TEXTO

1,1 Tema :- .Estória de um moço, que para vencer na vida, torna-se ladrão.
1.2 Sofreu alterações ? ( ) Sim (x) Não
1.3 Sofreu alterações significativas ? ( ) Sim (x) Não
1.4 Sofreu cortes ? ( ) Sim (x) Não
1.5 Cortes observados ? ( ) Sim ( ) Não
1.6 Classificação :- ....Impropriedade - 16 anos .....

2. ENCENAÇÃO

		De acordo com as normas censórias	Contrariando as normas censórias
2.1			
2.1	Cenário :-	(x)	( )
2,2	Iluminação :-	(x)	( )
2,3	Música :-	( )	( )
2,4	Guarda-roupa :-	(x)	( )
2,5	Projeção de "slides"	( )	( )
2,6	Expressão corporal :-	(x)	( )

2.7 Restrições ....sem restrições .....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

258 19/4

Nº ... Série ...

3. OBSERVAÇÕES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.139

.....O espetáculo transcorreu normalmente, inteiramente de ...
..acordo com normas censórias.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

Segue anexo Relatório minucioso ( ) Sim (x) Não

4. PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA

4.1 Opino pela liberação (x)
4.2 Opino pela proibição ( ) de acordo com .....
.....
4.3 Opino pela liberação com restrições parciais ( ) de acordo
.....
.....

Maria Inês Rolim Cauchioli ... Técnico de Cens.
Nº 312

S.Paulo, 8/7/74

1. De acordo com o parecer censório, remeta-se à Brasilia, através da Superintendência.

Pe. Marcilio Nogueira

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 140

112

067024

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS-SR/GB

Of. nº 769/74-SCDP-SR/GB Em 01.11.74

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : devolve cópias de certificados

Ref. Of. nº 1 077/74-SC/DCDP (prot. 37703/74-SR/GB)

S. A. DCDP

De ordem
ao arquivo
em 06/11/74

Chefe do SCDP

Senhor Diretor:

Pelo presente, devolvo a essa DCDP, para os devidos fins, devidamente recibadas, cópias dos certifica - dos especiais correspondentes as peças teatrais intituladas "OS MEIRINHOS" e "PROCURA-SE UMA ROSA", objeto do ofício aci ma referido que determinou a entrega ao interessado, dos do cumentos citados.

Renovo a V.Sa. os protestos de minha consi- deração e apreço.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP-SR/GB

mendes/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093.P. 141

37206/74

21

25

ESPECIAL

Recibe - 31-10-74
Raimundo Mendes de Almeida

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

03 JULHO 79

03 JULHO 74

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 DEZESSEIS ANOS

ROGÉRIO NUNES

: PROCURA-SE UMA ROSA : BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 142

PEDRO BLOCH

MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO (MOBRAL)- GB.

IDEM

03 JULHO 74

PROIBIDO PARA MENORES DE 16(DEZESSEIS) ANOS.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE PARA AS APRESENTAÇÕES PATROCINADAS PELO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO. (MOBRAL).

COM OS CORTES ASSINALADOS AS PAGINAS 06, e 07.

03 JULHO 74

WILSON DE QUEIROZ GARCIA

NW:

Ref. nº 7.503/SCDP/SR/SP

0112

22

258

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL DE SÃO PAULO

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 143

De- Técnico de Censura
Ao- Bel. Manoel Marcilio Nogueira- Chefe do SCDP SR/SP.
Assunto- Ensaio Geral da Peça " PROCURA-SE UMA ROSA"
(Realizado na cidade de Bauru, dia 16/08/73).

A peça acima citada, original de Pedro Block, encenada pelo Grupo de Teatro Amador de Bauru, * estado de São Paulo, possue condições de apresentação para o público. O texto foi liberado pela DCDP para maiores de * 16 anos, faixa etária que deverá ser confirmada após a verificação de Ensaio Geral.

O texto foi obedecido na íntegra e quanto a encenação, marcação e movimentação pouco há o que registrar. Embora com certa movimentação, gesticulação e * constante entrada dos atores, está a mesma nos moldes normais. A marcação é feita, durante quase todo tempo, em torno de uma mesa, com os atores sentados e em pé. Sonoplas- * tia: ruido de trens, marcha nupcial e sambas. Cenário: sala de casa bem modesta, mesa rústica com quatro cadeiras,* várias garrafas sobre a mesma (em primeiro plano). Vestuario: roupas atuais, bastante simples. Iluminação: Vários * spots coloridos.

São Paulo, 20 de Agôsto de 1973.

Drauzio Seimann Dornellas Coelho
Técnico de Censura nº 366

S.Paulo, 27/11/73

1. De acordo com o parecer censório, remeta-se à Brasilia através da Superintendencia.

Pb. Marcilio Nogueira

259

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.144

PROCURA-SE UMA ROSA

AUTOR: PEDRO BLOCH

260

MJ-DPF-SRA/BSB

28 FEV 09 59 75 011472

RECEBIDO POR: Antonio

DPF-SRA fl. n.º 01

25

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.145

FI... DO
S.A. DCDP

~~Brasília, DRX~~

Em , 25 de fevereiro de 1975

OF. Nº 124/SCDP/DPF/ES/75

Do : Diretor da Divisão de Polícia Federal no ES

Ao : Ilmo. Sr. Diretor da DCDP/BsB

Assunto : Encaminhamento (FAZ)

De ordem
ao arquivo
em 280275

Ruth Nogales
Chefe do SA/DCDP

Senhor Diretor:

Em anexo, encaminho a V. Sa. para exame nessa DCDP, a peça teatral "PROCURA-SE UMA ROSA" de autoria de Pedro Bloch.

Aproveito a oportunidade para reiterar a V. Sa. os protestos de estima e consideração.

Gen. DIONYSIO NASCIMENTO JÚNIOR
Diretor da DPF/ES

DPF-SAv. 165

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 146

261

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL Série 3/70 - GB Nº 7339

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: Procura-se uma rosa

Original de Pedro Bloch

Música de .....

Tradução de .....

No Teatro Censura ..... Cidade .....

Emprêsa Grupo Capixaba ..... Pela Cia. .....

nos dias .....

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de ..... % .....

..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ .....

por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Vitória 24 de Fevereiro de 19 70

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

.....

(pela SBAT)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.147

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quôtas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

262 27

Exmo. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas, DPF / Brasília - DF.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.148

Maria Laurinda Ribeiro Pereira, residente á Sexta Avenida, Cobilândia, Vila-Velha, E.E.Santo - nº 687, brasileira, casada, nascida em 4 de março de 1938, portadora do título eleitoral nº 24936, zona 32ª, seção 86ª, expedido pelo Tribunal Regional Eleitoral do E.E. Santo, em 28/10/70, desejando levar á representação a peça teatral "PROCURA-SE UMA ROSA", de autoria de Pedro Bloch, vem, mui respeitosamente requerer a censura da referida peça.

Nestes termos

P. deferimento

Vitória, 24 de fevereiro de 1975

Maria Laurinda R. Pereira

Maria Laurinda Ribeiro Pereira

TEATRO

263 28

TÍTULO PROCURA-SE UMA ROSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 149

1) S. ARQUIVO

Documentação Em ORDEM

Clas. Anterior 16 anos

Praça VITÓRIA - ES

Obs.:

DF. 05/03/75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF.__/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. Concordo com o parecer nº 1918/75.

1. À S.Ec. para emitir certificado com impropriedade para menores de 16 anos, com cortes, todavia, condicionada ao exame do ensaio geral.

2. À consideração do Sr. Chefe do SC. Em 13/03/75.

Horivaldo de Carvalho Queiróz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor impropriedade 16 anos, com cortes.

Em 17/03/75

Manoel Francisco Clark y Guillo
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

5) Diretor da D. C. D. P.

De acordo.
Em 17/3/75

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

DPF–538

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

26 x 29

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p 150

PARECER Nº 1918 / 75

TÍTULO: "PROCURA-SE UMA ROSA" - CONFRONTO

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 anos

Procedendo ao confronto da peça teatral "PROCURA-SE UMA ROSA", verifiquei que o mesmo confere com o original.

Lino, um mecânico pobre, casa-se com uma professora que se esforça para se adaptar à miséria do marido. Lino, desesperado por não poder dar conforto à mulher, envereda-se para o roubo. Quando, Rosa, sua mulher, descobre, abandona-o. Lino, então, procura os amigos para se consolar.

Comédia de costumes para público adulto. Sugiro que se libere com a impropriedade para menores de 16 anos, com um corte assinalada na penúltima folha do texto.

Cenas condicionadas ao ensaio geral.

Brasília, 13 de março de 1975

Creusa Vieira Cabral

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p 151

265

COM CORTES

386/75

: PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

15 MARÇO 60

15 MARÇO 75

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 152

: PROCURA-SE UMA ROSA

: PEDRO BLOCH

COM CORTES

: GRUPO CAPIXABA - ES -

MARIA L. R. PEREIRA

13 MARÇO 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CORTE ASSINALADO À PÁGINA 46. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::

15 MARÇO 75

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.

MHF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p 153

266

180375

206/75-SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF no Espírito Santo

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

Superintendente:

Vitória - ES

MFCG/ecp

267

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 154

MJ – DPF – DCDP
ARQUIVO
N.° PROTOCOLO: 31989
PRAÇA: São Paulo - SP
JÁ LIBERADA: Sim
IMPROPRIEDADE: 16 c/c
N.° CERTIFICADO: 386
TÉRMINO VALIDADE __/__/19__

PROC.- 112
LIV.- 01
FAG.- 12
REG.- 386

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

MJ-DPF-SRA/BSB
031989
RECEBIDO POR:

269

Natal

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 11.090 de 30/7/20
Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

São Paulo , 03 de junho de 1975

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 155

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasilia D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, tres copias da peça

" PROCURA - SE UMA ROSA

Original de Pedro Bloch

Tradução de

Próxima apresentação de Fed. T. Amador do C. Est. de SP - FETAC -

Teatro Municipal de São Carlos Cidade São Carlos

Estado SP

A estréia está prevista para julho/75

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,

Pela SBAT,

- S. B. A. T. -
ESTE PROCURA-SE UMA ROSA TAMBÉM AUTORIZAÇÃO SERVE
A PRESENTE APROVADO PELA CENSURA PARA
APENAS E EXCLUSIVAMENTE PARA
EFEITO DE CENSURA DE PEÇA.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
★ · 2 MAI 1975 ★
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:

TEATRO

269

TÍTULO PROCURA-SE UMA ROSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 156

1) S. ARQUIVO

Documentação Em ORDEM
Clas. Anterior 16 c/cortes
Praça São Paulo - SP
Obs.:

DF. 09/06/75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura
Técnico de Censura
Técnico de Censura
Data para Exame de __/__/__ a __/__/__
DF. __/__/__

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor Regional Impropriedade 16 anos. Sem cortes.

Em 19/06/75

Manoel Francisco Clavery Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

3) S. C. T. C. Concordo c/o parecer nº 5374-75.
1— À Seção de Expediente para emitir certificado com impropriedade de até 16 anos, sem cortes, todavia, condicionado ao exame do ensaio geral.
2— À consideração do Sr. Chefe do S.C.

Em 16/06/75.

Horivaldo de Carvalho Queiróz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

5) Diretor da D. C. D. P.

De acordo
Em 19.6.75

ROGÉRIO NUNES
Diretor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 157

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

270

PARECER Nº 5374/75

TÍTULO: PROCURA-SE UMA ROSA.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 ANOS.

C O N F R O N T O.

Trata-se de recensura da peça em epígrafe. Confrontando o presente texto com o anteriormente liberado, constatei que o mesmo não sofreu qualquer alteração, podendo conservar a mesma classificação anterior, isto é, 16 anos.

Brasília, 16 de junho de 1975.

J. Camelier

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, P.158

271

480/75-SCTC/SC/DCDP.

190675

Superintendente Regional do DPF em São Paulo

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

Superintendente :

em São Carlos- SP;

MFCG/JEV

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 159

386/75

: PROCURA-SE UMA ROSA

: PEDRO BLOCH

22 FEVEREIRO 77

19 JUNHO 75

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 160

: PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

FETAC - SP -

16 JUNHO 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO A COMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::::::::::::::::::::::::

REQUERENTE:

19 JUNHO. 75

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 161

243

Arquivo
1ª Via

PROC.- 112
LIV.- 01
PAG.- 12
REG.- 386

MJ - DPF - DCDP
ARQUIVO
N.º PROTOCOLO: 42217
PRAÇA: Goiânia-Go
JA LIBERADA: Sim
IMPROPRIEDADE: 16 ano c/c
N.º CERTIFICADO: 386
TERMINO VALIDADE: __/__/19__

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 162

274

DPF-SRA
fls. nº
Rubr.

MJ-DPF-SRA/BSB
28 JUL 11 41 75 042217

FICHADO
S.A. DCDP

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Goiânia,

OF. Nº 50/75 Em 23.07.75

Do Chefe do SCDP/SR/GO.

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas/DPF

Assunto: Peça Teatral (encaminha)

De ordem
Ao Arquivo.
Em 29.7.75

Senhor Diretor,

Com o presente, estamos encaminhando a V. Sa., para apreciação, tres vias do SCRIPT da Peça ' Teatral "PROCURA-SE UMA ROSA", autoria de PEDRO BLOCH , por solicitação de Ademar Duarte Fraga, seguindo anexada autorização da SBAT.

Na oportunidade, renovamos a V. Sa., nossos votos de estima e consideração.

IVANY RAMOS PEIXOTO
CH/SCDP/SR/GO.

V I S T O
Bel. FRANCISCO DE BARROS LIMA
SUPERINTENDENTE REGIONAL

275

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 163

Exmº Sr.

Dr. Rogério Nunes

DD. Dir. da Divisão de Censura e Diversões Públicas

do Dep. de Polícia Federal.

Brasília - D F

Prezado Senhor

O signatário do presente, vem com o devido respeito e acatamento, solicitar que ' seja fornecido o Certificado de Liberação de Censura referente ao texto teatral entitulado PROCURA-SE UMA ROSA, de autoria de Pedro Bloch, que no momento remetemos anexo em três vias.

N. Termos

P. Deferimento

Ademar Duarte Fraga

Ademar Duarte Fraga
p/ Grupo de Teatro Jogral

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, — de Paris. —

2764

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

PARA EFEITO DE CENSURA

~~Direitos de Representação~~ **Autorização Nº 193506**

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 164

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a ~~representação da peça teatral~~: PROCURA-SE UMA ROSA —

Original de VINICIUS DE MORAES - CARLOS LYRA - PEDRO BLOCH

Música de —

Tradução de —

No Teatro — Cidade —

Emprêsa — Pela Cia. —

nos dias — —

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de — % da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ — por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem coom pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Goiania, 07 de julho de 1975

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093 p. 165

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização ,para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

TEATRO

274

TÍTULO PROCURA-SE UMA ROSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 166

1) S. ARQUIVO Arquivado

Documentação Cen ordem

Clas. Anterior 16 anos - c/c

Praça Goiânia - Go

Obs.:

DF. 29/07/75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/_____/_____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

3) S. C. T. C. À Seção de Expedientes para, de acordo com o parecer nº 722-75, emitir certificado c/ impropriedade para menores de 16 anos, sem cortes. Todavia, condicionado ao exame do ensaio geral. 2 — À consideração do Sr. Chefe do S.C.

Em 27-08-75.

Glorivaldo de Carvalho Queiroz
Substituto Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 28/08/1975

Coriolano de Loyola Cabral Fagundes
Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 167

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

3184

PARECER Nº 7224 / 75

TÍTULO: PROCURA-SE UMA ROSA"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 Anos

Ao exame do script da peça "PROCURA-SE UMA ROSA", de autoria de Pedro Bloch, enviado a este serviço pelo Grupo Jogral, constatamos a homogeneidade do mesmo com os anteriores, ja liberados com impropriedade para menores de 16 anos. Assim sendo, opinamos pela liberação do presente texto com a mesma classificação etária.

Brasília, 25 de agosto de 1975

Therezinha de T. Neves

278

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093,p 168

"PROCURA-SE UMA ROSA"

de PEDRO BLOCH

GRUPO DE TEATRO J O G R A L

Texto extraído de uma edição mimeografado e distribuída pelo MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO - MOBRAL (1.975)

End.: Rua C-3, Q.51, L.09
Novo Horizonte - Goiânia - Go.

2 77
A

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p 169

"P R O C U R A - S E U M A R O S A"

Pedro Bloch

Ato único em quatro quadros

GRUPO DE TEATRO J O G R A L

Personagens:

LINO
MILTOM
TIZINHA
RUBÃO
ROSA (MARIA)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.170
280

SALA DE ESTAR DE CASA MODESTA DE SUBÚRBIO. ESTÃO EM CENA MILTON, SUA MULHER TIZINHA E LINO, COLEGA DE TRABALHO DE MILTON, PREOCUPADOS, COMO QUE ANALIZANDO UM FATO SEM LÓGICA, APARENTEMENTE ABSURDO. LINO ESTÁ SENTADO COM A CADEIRA AO CONTRÁRIO, E, DE VEZ EM QUANDO, COÇA A CABEÇA DESESPERADO, PERDIDO.

MILTON - É...

TIZINHA - Coisa, ehm?

LINO - (VAI LEVANTAR A MÃO PARA DIZER ALGO. OS OUTROS VÃO PRESTAR ATENÇÃO. ELE DESISTE. A CONCENTRAÇÃO VOLTA)

MILTON - Essa não!

TIZINHA - A vida!

LINO - (PARECE QUE CONCLUI ALGO). Espera... (VERIFICA QUE O QUE VAI DIZER TAMBÉM NÃO FUNCIONA. DESISTE).

RUBÃO - (NEGRO JOVEM, ENTRA DESALENTADO. VESTE UM BLUSÃO COM MANCHAS DE GRAXA. TODOS SE VOLTAM PARA ELE AFLITOS).

MILTON - Cumé?

RUBÃO - (FAZ QUE 'NÃO" COM A CABEÇA).

LINO - Peso filho das unhas!

TIZINHA - Lino!

LINO - E não é?

RUBÃO - Troço besta! Olhe... Eu...

MILTON - Não enche, Rubão. Tá?

LINO - Tinha que acabar assim.

TIZINHA - Tinha coisa nenhuma!

LINO - Tava na cara. E não culpo ela não.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 171
281

MILTONN - Culpar quem?

LINO - (SEM DAR ATENÇÃO). A vida. Era vida?

MILTON - Não sei porquê.

LINO - Voce acha que tem amor que resiste marido como eu? Amor que resite onibus urbano?

RUBÃO - Nem amor de mãe.

MILTON - Pois o nosso aguentou. Não foi, Tizinha?

TIZINHA - Outra resistencia (ELA TOMA, QUASE OCULTAMENTE, UM REMÉDIO).

MILTON - (AGARRA-A EM FLAGRANTE). Remédio outra vez?

TIZINHA - (ARRANCA-O DAS MÃOS DE MILTON). Amostra gratis!

LINO - Eu sabia!

MILTON - Sabia nada!

LINO - Sabia! Vila não é zona. É castigo. E o desgraçado é do Onibus! "Um passinha prá frente, faz favor"

RUBÃO - "Inoba moçada"!

LINO - "Vamos carregar ele prá chupar laranja!" "Beber agua do poço".

TIZINHA - E sem ar prá respirar. Sem lugar prá botar o pé.

RUBÃO - É. Levantou, tá fubecado.

MILTON - Rubão!

RUBÃO - Eu disse besteira?

LINO - Quando ela ficava de noite, de olho aberto, só via ela pisada por aquela multidão de gente. Eu ficava calculando o dia que ela ficasse de barriga, esperando... Era capaz de matar o garoto!

TIZINHA - Espera. Ela não estava ... es...

LINO - Não. Só pensando. Sem ar prá respirar, sem chão prá pisar. A gente fica alí expremido lendo o jornal in-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.172
282

(LINO)...teiro. Sonhando, senão a gente vira maluco!
A gente não pode ficar alí olhando a verdade todo dia... e sabendo que amanhã tem mais. Tudo de novo, tudo outra vez. Tá doido!

RUBÃO - ~~Táxxxxxx~~ Espeto!

LINO - E Inferno! Eu queria dar um sonho prá ela. É crime? Queria que ela parasse de pensar uma semana.

RUBÃO - Voces quer saber uma coisa?

OS OUTROS - (EM CORO). Não.

RUBÃO - Teve um caso aí... que...

MILTON - Rubão! Não chateia!

LINO - (PAUSA LONGA). Que é que o pessoal tá dizendo lá fora?

RUBÃO - Nada.

LINO - N ada é peixe.

RUBÃO - Palavra!

LINO - Já me botaram os chifre.

RUBÃO - Botaram nada! (PAUSA). Só o severino.

LINO - O Que foi que ele disse? Fala Rubão. Anda! FALA!

MILTON - Deixa disso, lino. Frescura. Voce vai ligar prá ladr~ao de automóvel?

LINO - É ladrão mais tá com os tubo. (A RUBÃO). Voce não disse, agora mesmo que ...

RUBÃO - Voce ~~x~~ não sabe como ele é? Se voce não ~~xxxx~~ tem defeito ele inventa. 'Cê é meu! Que é que há?

LINO - (DEPOIS DE UMA PAUSA) É. Só fazendo a lista.

TIZINHA - Outra vez, Lino?

LINO - Sem lista eu não sei pensar. Pensamento é um troço... Muita vez fiquei pensando como pe que trabalha pensamento de gente que save coisas...

RUBÃO - Deve ser cheio de nove-horas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 173
283

LINO - Pois é. Quando a gente pensa é na base da ignorância foi o que pensei... Futebol, vida, loteria esportiva, onibus. Eles não: é tudo mais complicado. gente com coisa na cabeça pensa diferente. "Hidramatique".

RUBÃO - Tudo tem seu conforme.

LINO - Pensa... Que é que voce tem dentro da cabeça? Não diz, não! Ela dizia coisa que eu muita vez, não entendia. Aí eu cismei e quis treinar o pensamento. Cabeça, Rubão, não foi feita só prá bater bola. Um dia... comecei a pensar na vida. Como é que Deus explica prá formiga por ela não tem luz nem voa como vagalume

RUBÃO - "Manera", Lino! Deus tem lá tempo prá pensar em formiga?

LINO - Deus pensa em tudo. Até em nós, Rubão. Ficava pensando coisa assim " - de onde vem a vida das formiga?"

RUBÃO - Prá que, hem?

LINO - De besteira. Bate bola. Gente inteligente pensa à toa. Vida de formiga. Voce já pensou nisso?

RUBÃO - Formiga, não. Pensei borboleta.

L INO - E daí

RUBÃO - Joguei no bicho. (PAUSA, ENQUANTO OS OUTROS OLHAM COM RAIVA). Deu gato. (NOVO OLHAR DOS OUTROS). Alguém sabe o resultado do bicho?

TIZINHA - Agora, lino?

RUBÃO - Bicho corre do mesmo jeito. Se as coisa fosse na lógica ninguém contava piada fazendo quarto a defunto.

LINO - Tinha hora que ela falava com os olhos.

RUBÃO - Com quem?

LINO - Nem tudo a gente diz com palavra. Palavra as vez atrapalha. Olhar, não. É sentimento que vai, sentimento que vem, pronto. Voce não entende disso!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p 174

RUBÃO - (DEPOIS DE UMA PAUSA) . 3 a 2.

MILTON - Quem?

RUBÃO - Atlético, ué!

MILTON - Oba! Gol de quem?

LINO - Pôxa! Futebol numa horas dessas!

MILTON - Que é isso, Lino?

LINO - É isso mesmo! Não se tem amigo prá nada! Só empurra a gente pro fogo!

TIZINHA - Lino!

LINO - Futebol, (quer saber? foi feito é prá gente não deixar a gente pensar na vida. A gente briga pelo Atlético. Enquanto briga, esquece. Briga... mas se voce não tiver a gaita na hora de entrar no Estádio... t'a barrado, não tá? E não adianta dizer que já foi e aconteceu. Eu quero é que o Atlético se dane!

RUBÃO - Pecado, rapaz!

LINO - Na hora de sofrer não é os cartola que sofre. Pergunta p ao Arinan dos Santos se ele já chorou uma derrota do Atlético. Eu já.

MILTON - Moça decente daquelas!

LINO - Voce também não acredita!

MILTON - Quer saber? Não.

LINO - Pois sumiu, compreende?. Sumiu. Estava aqui, ó! (BATE NO PRÓPRIO BRAÇO). Sumiu. Que é que eu vou fazer?

RUBÃO - Essa não!

LINO - Mas se eu tou dizendo! A "Rodoviária" com aquel movimento todo. O ônibus, alí, esperando a gente. Poltrona estofada e tudo. Era como se a gente estivesse se casando naquela hora. Eu ia tirar eia uma semana dessa vida. Lua de mel!

RUBÃO - Com dois anos de casado?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.175
285
6

MILTON - Facilita, rubão!

LINO - Ela estava feliz, juro! Ria que me m passarinho. (PAUSA)

RUBÃO - Passarinho rí?

LINO - Rubão, voce não entende de poesia. Pior é que eu queria largar essa vida de mecânico. Queria subir, aprender telivisão.

RUBÃO - Legal, hem? Onde?

LINO - Correspondencia. Caixa postal.

RUBÃO - Pode, é?

LINO - Dá diploma e tudo. Tudo prá facilitar. Prá ele. Também quem mandou eu casar? Eu devia ter me enxergado. Devia ter olhado minha cara no espelho: "Voce não tá vendo, Lino, que aquilo não é mulher de tanque"? E eu falando pro homem... Ele ~~xxxx~~ danou porque era delegado e eu xinguei ele de comissário. Fechou o tempo.

RUBÃO - Vai ver que é por isso que lee nã encontra a Rosa. Faz dois dias e...

TIZINHA - Faz três

LINO - ~~Xx~~ E eu querendo facilitar! E eu dizendo tudo. E esvaziando! "Seu delegado, faz a lista. O negócio tem que ser na téquina" (PAUSA). Só não entendo é porque. Uma tristeza!

RUBÃO - (CANTAROLA BAIXINHO) "Tristeza não tem fim... Felicidade ~~xxx~~ sim..." (O PESSOAL OLHA E ~~XX~~ ELE SE CALA. PAUSA). Mulher ambiciosa! Queria geladeira..

MILTON - Voce, hem?

LINO - Felicidade ia ser mato.

TIZINHA - Parecia, não é?...

LINO - Parecia, não. Ia.

TIZINHA - O Pior é que na hora de ser feliz hingém sabe que é.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p 176

MILTON - SÓ depois...

TIZINHA - Lembra, Lino quando ela apareceu aqui da primeira vez?

LINO - Pôxa. Si!... Tá doido!

TIZINHA - Quem podia adivinhar?...

LINO - É mesmo. E tava arrebentado de trabalho e daquela viagem de ônibus... Lembra?

- (ESCURECE. OUVE-SE NO ESCURO RUIDO DE TRÂNSITO AUTOMOBILÍSTICO; INTENSO)

FIM DO PRIMEIRO QUADRO

SEGUNDO QUADRO

ESTÃO EM CENA TIZINHA, LINO, MILTON E RUBÃO. LINO ESTÁ DE CAMISA SUJA E BARBA POR FAZER. DOIS ANOS ANTES. ESTÃO "ALEGRES" e O NÚMERO DE GARRAFAS DE CERVEJA VAZIA, AO CANTO DA MESA, MOSTRA PORQUE.

LINO - Mas pera aí, Tizinha,! Não tá direito! Eu avisei que a moça vinha.

TIZINHA - E daí?

LINO - Voce acha que isso é jeito da gente receber mulher que vai ser mulher da gente? Cerveja e pastel?

MILTON - Tá doido! Queria o que?

LINO - É doido quem casa? Por que voce casou?

MILTON - Descuido.

TIZINHA - (PROTESTA) Milton!

MILTON - Desculpe. E casar como? Com que roupa?

LINO - Com essa mesma. Chiiii! E, por falar em roupa, voce tem aí uma camisa limpa do Milton?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093,p.177

2674

TIZINHA - Não deu tempo passar (DE PASSAR...)

LINO - Tô com cheiro de gazolina.

TIZINHA - Cheiro de trabalho é perfume. Tem agua de colônia Regina. (ENTREGA) Se enfeita!

RUBÃO - Ele precisa se arrmar porque a mulher é professora...

MILTON - O que?!

LINO - Rubão, 'co ainda não desconfiou que âce tá sobrando?

TIZINHA - Faz isso, Lino!

LINO Pois xxixxxx desconfia e cai fora!

RUBÃO - Que é isso meu faixa? Nós somo irmão. Só fico até a moça aparecer.

LINO - Voce hem. Rubão?

TIZINHA - Ah, então a moça é professoraf mesmo!

LINO - "Jardim da Infância". Ensina criança deste tamanho. Tem alguma coisa de mais? Puxa, Rubão, Não dá dentro, hem?

RUBÃO - EU disse besteira?

LINO - Só chuta na trave, hem, rapaz? Falou, quicou. Pôxa!

RUBÃO - Falei na lógica. Se eles vão saber daque a pouco...

LINO - Vamo mudar de assunto?

TIZINHA - Mudar prá que? Só porque deu minhoca na cabeça? ... Como é que voce pode casr? De que jeito?

LINO - Eu me xxxxxx arrumo.

TIZINHA - Arruma onde?

LINO - Voces quer saver de uma coisa? Eu acho que bobeei fazendo a moça vir aqui. Pensei: Tizinha e Milton são os únicos amigos casado que eu tenho. Pediu prá conhecer a família. Eu tenho? Ia levar ela onde? Pensei em voces. Se tô errado diz. Olha se ela perguntar,

(LINO...) Voce diz que somos primo longe. Foi o que eu disse, tá?

TIZINHA - Primo, é?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 178

LINO - E depois a gente precisa acreditar, senão a gente ar rebenta. Deus é grande e é meu faixa. Quando as coisas piora de vez é que é bom. Dalí só pode é melhorar.

TIZINHA - Voce sabe ~~xxxxxxxxx~~ como a vida tá prá casar, rapaz?

LINO - Não eria caso Tizinha. Já fiz as contę. A lista tá
4 aqui.

MILTON - Deixa ver essa tal de lista " Casa.., 250..."

TIZINHA - Duzentos e o que?! Onde é que voce vai arranjar casa por esse preço?

LINO - Casa é maneir a de dizer. Voces quando casaram vieram morar aqui. Agora quando voces mudarem prá casa da Vila deixa essa comigo. Compro móvel e tudo. Não foi combinado?

RUBÃO - Bem, já vai fazer besteira, se precisar de uns cobre... eu tenho na Poupança.

LINO - Facilita, Rubão!

TIZINHA - "Condução: Cento e dez". Só se for a pé. ~~Uxxx~~ Cento e dez voce gasta só de cigarros... e mata-rato!

LINO - Deixo de fumar.

RUBÃO - Boa idéia! Me dá um cigarro aí.

LINO - (OFERECE) Vê se compra, hem?

RUBÃO - (RECEBENDO) Tá fumando "PALL MALL", seu?

LINO - Ganhei no posto. E é só hoje só. D'a licença?

MILTON - E, depois, empregado dos outros tem jeito? E se o Osório chuta voce? Fica na lona. (A TIZINHA) Vê aí a soma de tudo.

TIZINHA - Novecentos e trinta.

MILTONN - Não pode!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 179
289

LINO - Eu não disse? Tá tudo aí na ponta do lápis.

MILTON - Deixa ver essa ~~xxxxx~~ lista. (APANHA E LÊ) É... pela suas conta voce podia casar mesmo.

~~MXXXXX~~LINO- Tá vendo?... Não sabe, mão teima.

MILTON - Pera aí, pera aí, pera aí, pera aí, pera aí. Você esqueceu uma coisa.

LINO - Tá tudo aí.

MILTON - Voces vão comer, não vão?

LINO - E daí?

MILTON - Eswueceu a comida.

LINO - Deixa ver (PEGA A LISTA). Eu sabia que voces ia arranjar uma desculpa.

TIZINHA - Mas pera aí! Não é desculpa, Lino. É comida.

LINO - Voces não vão criar caso por causa de comida, vão?

~~MILTON~~ - ~~Eu sabia que voce ia fazer essa bestêira.~~ A gente ~~xxxxxx~~ vive empurrando ~~xxxxxxxx~~ mulher pera voce... voce vai logo prá que não pode.

LINO - Não posso por que?

TIZINHA - Mas tá na cara, Nem parece que tem a cabeça no logar.

MILTON - Casar ondo? Como?

LINO - Tôdo mundo não casa?

RUBÃO - Casa na lógica.

TIZINHA - Cadê o dinheiro prá igreja, pra festa, pro carro?

LINO - Me arrumo. E eu não vou querer aquele carro forrado de seda com flor e luz inha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 180

MILTON - E se ela quiser?

RUBÃO - Mulher tem dessas besteira.

LINO - Voces estão falando da moça sem conhecer.

MILTON - Da outra vez voce...

LINO - Mas não tem outra vez. Essa é um espetáculo. Educada, boa, vinte e poucos anos...

TIZINHA - Depois diz que a gente não é amigo. Vinte e poucos anos... encrou. Só pode ser bucho.

LINO - Não me faça vergonha! A moça só quer conhecer a família.

TIZINAH - Só pode ser bofe.

LINO - Não fica aí botando banca não. Voce também não pé uma beleza. Se não é o palhaço do Milton voce ainda tava na prateleira.

TIZINHA - Não precisava vir de quatro pedra. Tá vendo a ingratidão.

LINO - Eu sei que a intenção é boa, mas boa intenção já matou cem.

TIZINHA - É professora mesmo:

LINO - (DESESPERADO) - Jardim da Infância! Não ensina nem a ler. É só bobagem e brinquedo de roda. (PAUSA) Não pode ver ninguém feliz e fica inventando coisa!

MILTON -Mas com tanta mulher aí dando sopa... voce foi logo...

MILTON - Se ela perguntar a capital da França, voce sabe?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 181
291

LINO - Não vai perguntar.

TIZINHA - Maneira de dizer.

RUBÃO - Qual a capital da França?

LINO - Ela não é mascarada. Sofreu muito. Voces estão fazendo isso mas é de gôzo. Prá ver minha caveira. Tão pensando que eu não tenho assumbo prá professora.

RUBÃO - Fala mal do governo.

LINO - Rubão, voce ainda não caiu fora?

RUBÃO - Já tô (PAUSA). Qual é a capital da França?

LINO - Paris. Assim também não, não é? E não vái espalhar isso por aí.

RUBÃO - E Ué! Tá me estranhando?

LINO - É por isso que eu me dano. Será que voces não compreendem?... A gente não casa só prá dordormir junto na mesma cama. A gente cas porque dá uns troços que a gente sente.

RUBÃO - Que é que voce sentiu?

LINO - Foi no ônibus. A mulher, coitada! Parecia que ia ficar imprensada. Gente por todo o lado. Protegí. No dia seguinte tava alí. Mesma coisa. Ela sorriu. Disse que era professora .

TIZINHA - Dá novela. E depois.

LINO - No dia seguinte ela disse que o nome dela era Maria. Maria só, não. Maria Rosa. Aí eu falei: "Home bonito! Não tem flor mais bonita que esta". Ela enca-

(LINO) - -Bulou. e falou baixo " "Acha mesmo?" Aí eu garantí: "Tem não". Ela gostou.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.182

MILTON - E isso dá prá casr?

LINO - Voce não entende. Não é o que as pessoa são . É o que a gente enxerga por dentro. Quando a gente gosta, a gente vê a pessoa como se fosse de vidro. Vê coisa que nem ela mesma vê.

RUBÃO - De vidro? Ninguém devia de olhar as pessoa por dentro. Eu vi, outro dia lá no centro, "Gingante de Vidro"... Tripa e tudo.

LINO - Ó burrão!... Não tô falando de ver tripa. Tô falando de ver sentimento.

RUBÃO - Ah! (JUSTIFICANDO-SE). Voce n~ao expricou!

LINO - Só tem uma coisa... Voces aguenta a mão aí... (PAUSA) Voces acha que a barba tá boa? (CAUTELOSO) Eu não ' disse a ela que sou mecânico de automóvel.

MILTON - Tá vendo? Eu tô dizendo!

LINO - Quer dizer... disse... mas não disse bem certo. Disse que eu trabalho em eletrônica.

MILTON - Mas isso é bafo! Tá vendo? Já tá com vergonha de ser mecânico

LINO - Não é mentira completa. O que é telvisão? Eletrônica!

TIZINHA - Vai ver que j´a tá com vergonha da gente também.

LINO - Se eu tivesse mandava ela vir?... Tinha combinado? Tinha escolhidó voces prá padrinho?

293
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 183

MILTON - Escolheu o que?

LINO - Lógico!

MILTON - É ela?

TIZINHA - O que foi que ela disse?

LINO - Nada.

MILTON - Nada?

TIZINHA - Nada como?

LINO - É que ela ainda não sabe.

MILTON - Que vamos er padrinho?

LINO - Não. Ela ainda não sabe que vamos casar.

TIZINHA -- Como é isso?!

MILTON - Eu tô dizendo!

LINO - Também não é assim! A gente tem que ir na calma. Preciso cavar as coisa... ter dinheiro prá lua de mel... Comprar aliança... casando, se Deus quiser, eu vou matar uma vontade que eu sempre tive: uma semana de féria... sem fazer nada... Uma semana... Desde menino minha tia me prometia levar pra conhecer o mar... Copacabana, Ipanema... Conhecer o Rio de Janeiro.... Mas a tal semana não chegava nunca... Umdia era catapora... No outra era sarampo, no outro não era nada... mas é me dava febre só de vontade de conhecer o mar... Na febre eu nadava... brincava com as ondas... pintava o sete... (PAUSA). Ela tem colite.

MILTON - Quem?

LINO - Rosa... Comendo fora de cas. Precisava ver a cara com que ela disse: "Deve ser bonito... eletrônica". Aí eu falei: "Bonito é ensinar criança!" Ela gostou.

MILTON - Não vai gostar é quando descobrir.

LINO - (IRRITADO) - Voce acha que eu podie dizer prá ela que eu vivo o dia inteiro me sujando com automóvel? Só a dizer isso ... me dava impressão de ~~xxxxxxxxxxxxxxxxx~~ sujar ela de graxa. Fico sempre com a impressão de q que estou fedendo a gasolina.

TIZINHA - O Chsiro até que é bom

LINO - Bom prá ~~xxxx~~gente que tá acostumado. O pior 'é aque le ônibus! Ela tem que vir todo dia do Palmito

MILTON - Ela é de onde?

LINO - Do Palmito ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~. Se formou e noméaram ela prá Caixa Prego. Rubão, voce ainda não caiu fora?

RUBÃO - Tá com vergonha de mim, meu irmão?? Não quer que eu...

LINO - Não quero que voce dê suas pedradas, Vócê bão chuta nem "penôti".

RUBÃO - Tá me botando prá fora, eu vou.

TIZINHA - Que é isso, Rubão? Não foi isso que ele disse.

RUBÃO - Não disse mas pensou. Tá com conversa de Vilanovense.

LINO - Rubão, n~ao chateia!

RUBÃO - Tá me mandando embora, eu vou.

LINO - Quer parar com essa agonia, Rubão? Não tá vendo que eu tô nervoso? Vê se senta direito?.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 185

TIZINHA - Tá' vendo, Lino? Já nem sabemos sentar.

LINO - Não é isso.mãe Educação nunca fez mal prá ninguém.

TIZINHA - Vai ver que a gente nem serve mais prá padrinho. Olha, só como eu estou. Será que esse vestido tá bom?

LINO - Não fica no gôzo, tá bem? ~~Mãexxxxxx~~ Só to avisando porque a moça não está acostumada com estupidez. E m ninguém vai fazer pergunta besta prá ela, vai?

MILTON - Isto foi prá machucar!

LINO - Desculpa.

RUBÃO - Quer saber de uam coisa? Morando no assunto eu acho que não tou muito legal hoje de roupa.

TIZINHA - Besteira, Rubão.

RUBÃO - ~~Não, Agora me lembrei que tem aí uns troços prá resol~~ ver.

LINO - Voce não quer conhecer a mola Rubão?

RUBÃO - Fica prá outra vez... Não vai fugir, vai?

LINO - (DEPARANDO COM MARIA ROSA QUE ENTROU) - Rosa!

MARIA - Desculpem, mas a moça mandou ir entrando. (ESPECTATIVA. INIBIÇÃO GERAL. PAUSA).

LINO - Esta é a Rosa... (APRESENTA E ELA VAI RESPONDENDO COM "prazer" A CADA UM). Milton... Tizinha... Rubão... (RUBÃO ENXUGA A MÃO NA ROUPA ANTES DE APERTAR). TODOS SE SENTAM E NINGUÉM ABRA A BOCA. LINO VAI FALAR MAS DESISTE)

RUBÃO - ESse é que vão ser seus padrinhos de casamento. (INE

(RUBÃO)- DIGNAÇÃO GERAL, ENQUANTO RUBÃO FAZ DARA DE INOCENTE)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, P 186

((ESCURECE. SOM DA "MARCHA NUPCIAL")

FIM DO QUADRO

T E R C E I R O _ Q U A D R O _

MESMO CENÁRIO. ESTÃO EM CENA LINO E MARIA. ELA ESTÁ COM CARTILHAS E PAPÉIS NA MESA E RECORTANDO FIGURA PARA A AULA DO JARDIM DA INFÂNCIA. LINO BEBE CERVEJA.

LINO - Não minha filha. Nem pense que eu estou sentido. Eu sei que não tenho conversa prá voce.

MARIA - Carinho não é conversa.

LINO - Voce foi casar com um sjeito na última lona. Eu devia era me ter juntado à turma do Serverino.

MARIA - Prá acabar preso?

LINO - Que preso! Tá tudo aí dando as carta. Imagine o galho se Tizinha não deixa essa cas prá gente.

MARIA - Deixa disse, Lino, Voce tem futuro. Vai longe.

LINO - Vou até Guapó. E voce... Isto é que me cahteia. Não tenho nada prá lhe dar. Nem conversa.

MARIA - Deixa de ser bobo, Lino.

LINO - FAlar de que? Carburador? Vela? Bateria? Diferencial?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.187

MARIA - Por que não? Eu não falo de criança?

LINO - Criança dá assunto. Futebol... E, depois o Atlético anda com um peso de fufas.

MARIA - É mesmo.

LINO§ - O pior foi aquele tiro do Silvinho e o pelotaço do Mosca. Passou raspando a trave, pela lateral direita. Chute de azar desgraçado.

MARIA - E o Dida?

LINO - Que Dida, minha filha? Didad não jogou. Mosca suspendeu e Gerson, de caveça, aninhou a pelota no fundo das rede...

MARIA - E o Estádio Serra Dourada....

LINO - Quer Serra Dourada?... O jogo foi no Pedro Ludovico. Voce nem prestou atenção.

MARIA - Prestei, Lino. É que de repente, me lembrei da Leninha na escola.

LINO - Perder um gôl daquels! A Leninha?

MARIA - Veio de avental branco com um coelhinho bordado aqui assim. Aí eu perguntei o nome do coelho. "É Coelho de avental, Professora", E Ela disse.

LINO - Era só emprrar a bola assim ó.

MARIA - "Coelho de avental não precisa ter nome porque ninguém vai chamar ele". Viu? Agora é voce que não está prestando atenção.

LINO - É raiva. Raiva doida de não poder tirar voce daqui.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 188

MARIA - Estou bem.

LINO - Bem , hem? Bem como? Voce já tava acostumada no Palmito. Aqui na hora de dormir é quase hora de acordar. Não se tem tempo de de peneirar o cansaço.

MARIA - Eu amo voce.

LINO - Ama... Adiantou eu estudar de noite? Cabeça dura. Não entra! Adiantou eu tirar diploma de televisão com carimbo e tudo?

MARIA - É só não agobar, Lino.

LINO - Firma reconhecida no tabelião. Tá alí prá quem quizer ver. Não dá pros gastos. (AFASTA O COPO DE CERVEJA). Porcaria. de cerveja quente!

MARIA - E falta geladeira.

LINO - Já vem voce com novidade.

MARIA - Não é novidade. Tem mulher que sonha com joia. Eu sonho com geladeira. Divisçao prá tudo: ôvo, coca-cola, manteiga, carne...

LINO - Rosa... Eu juro! Deus não vai me fazer essa falseta! Qualquer dia desses nós vamos decidir um ônibus-leito na rodoviária e eu levo voce... eu. Lino e esposa... e vamos quimar uns trocados numa semana de lua de mel ... aquela que eu prometi. É fé em Deus e pé na taboa.

MARIA - Primeiro a lista. Quando tudo estiver pago, vamos juntar dinheiro. prá entrada do lote.

LINO - Não. Quando puder... a primeira coisa é máquina de lavar roupa. Não quero voce de tanque... esfregando camisa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 189

MARIA - Esfregando nada. É brancura Rinso.

LINO - Deixa só as coisas melhorar que eu pago a mobília do quarto.

MARIA - Primeiro a televisão. Meio a meio. Olha, eu bem que podia dar umas auslas em casa.

LINO - Tá doida! Já não basta?... Aula em casa! Eu n~ao tinha direito. Tava na cara. Como é que moça de preparo foi casar comigo?..

MARIA - Você ainda pergunta? Eu é que pergunto: como foi que voce teve coragem de casar com uma moça que nem moça era... nem na idade nem no resto.

LINO - Não fala isso.

MARIA - Moça que se entregou a homem casado.

LINO - Voce não teve culpa. Foi conversa. Foi enganda. Esquece!

MARIA - Mulher que se entrega sem ser casada não presta.

LINO - Voce quer parar com isso? Maria?

MARIA - Meu nome prá voce é Rosa.

LINO - Voce não teve culpa. Ninguém entende vida dos outros. Mulher é um bicho limpo, decente, mesmo quando não p presta. A gente é que estraga botando a mão. Quer ' ber uma coisa? Não quero falar mais nisso. Não quero pensar em mais nada. Um gol daqueles!

MARIA - O que me dá mais verggonha é que ele não me enganou. Disse tudo... antes. Avisou.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 190

300

LINO - Muda de assunto!... Atlético duma figa! Eu devia era ser jogador de futebol. Viu o Pelé? Cosmo de Nova Iorque. S'o assim eu aprendi a capital dos Estados Unidos. Tá vendo? Prá me ensinar tem que apelar prá ignorância.

MARIA - Não desconversa. Só uma coisa me pode separar de você. É você fazer coisa suja.

LINO - Vivo na graxa.

MARI - Não é essa sujeira. Miséria não me assusta. Você anda preocupado. Metendo idéia na cabeça. Não possi é ver você de noite sem poder dormir.

LINO - Eu?... Mas se você me vê de olho aberto é porque você também não dorme.

MARIA - Fico pensando na vida. Cansaço.

LINO - Você viu o médico do Instituto?

MARIA - Tem fila. Anda não chegou a minha vez. Fico pensado na sua luta.

LINO - Ah, é isso que você não dorme?

MARIA - Sim. E você?

LINO -De Besteira

RUBÃO - (ENTRA SEM FALAR).

MARIA - Viu a geladeira?

LINO - Geladeira? Ah, então era por isso que vocês andavam fazendo caixinha?

MARIA - Era. Viu?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p 191

RUBÃO - Não é nova... sabe?

MARIA - Quanto é que eles querem?

RUBÃO - ~~Saxinha~~. Os olhos da cara.

MARIA - Quanto?

RUB~AO - Seiscentos e cincoenta e chorando. E é legal. Tem uma
T Tem uma fechadura "Micromatique"

LINO - Prá que serve?

RUBÃO - Não sei, mas diz que tem.

MARIA - condições.

RUBÃO - Na bucha.

LINO - Esse pessoal tá é doido!; A gente pode usar a geladeira da vizinha. Não ofereceu?

MARIA - Geladeira dos outros é pior que escova de dente. Não se empresta.

LINO - Podia ! Gleadeira de pobre fica de prateleira ~~xxxxx~~ folgada.

MARIA - Calma, Lino. Como é ~~xxxxxxxxx~~ que está a lista?

LINO - Ainda precisamos de duzentos e secenta pro fogão novo. Estou teso. Mas não há de ser nada, Rosa. Um dia...

RUBÃO - Eu tenho uns trocados na poupança. Precisando... Atlético é pra essa coisa.

LINO - Deixa de besteira, Rubão.

MARIA - Obrigada. A gente se ajeita.

302
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093,p.192

RUBÃO - Dinheiro parado. Não rende.

LINO - Rubão! Não chateia!

RUBÃO - Espera aí, meu faixa. Somo ou não somo irmão? Rou rico. Acertei no milhar.

MARIA - Milhar de que?

RUBÃO - Milhar engando. Fui na lógica mas na hora troquei os número. Deu certo.

MARIA - N~ao fazem por menos?

RUBÃO - O que?

MARIA - A geladeira.

RUBÃO - A Mariana ofereceu seiscentos e eles riram na cara só de deboche.

LINO - E eu ainda estou devendo a voee, Rubão. Não lembra?

RUBÃO - Fica devendo mais. É bom a gente ter dinheiro espalhado. Na hora do aperto... Mas tem um troço que tá pegando.

LINO - O Que é, Rubão?

RUBÃO - Não entendí direito não mas pelo jeito o Osório não quer mais voce na oficina.

LINO - Como é o neg´ocio?

RUBÃO - Falou em crise, cozinhou. Não gostei. Tava escondendo o jogo.

LINO - Mas pera aí. Isso é sério, Rubão? Porque ele não falou comigo?

303
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 193

RUBÃO - Não teve peito. Sei lá! Eu ainda cheguei a expricar: "Seu Osório. Homem por homem tira eu que sou solteiro... Sem compromisso". Não houve jeito.

MARIA - Por que essa preocupaç˜ao?... Emprego é que não falta.

RUBÃO - Pois é.

LINO - Não. Mas o Osório!

RUBÃO - Disse o teu trabalho não rende. Que voce já pega no serviço com sono...

MARIA - Então foi bom ter feito o que eu fiz. Nós compramos a geladeira e ainda sobram uns trocados. Quanto deu o anel?

LINO - O quê?o. Voce torrou a aliança?

MARIA - Só no prego.

LINO - (ALARMADO) - A alianla não Rosa. Pera aí. A aliança não.

MARIA - Mas isso não pode continurar assim, Lino. Uma cerveja... a carne... Sem geladeira tudo sai mais caro. Quanto deu?

LINO - Nem fale,2Rubão. O anel não, Rosa. Bota meu Relógio.

MARIA - Voce precisa. E depois o relógio não dá nada.

LINO - Mas voce não podia fazer isso! Foi a única coisa que eu... Nem lua de mel, nem nada! Rubão , cai fora que depois nós falamos.

MARIA - Espera ,Rubão. Quanto deu o anel?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p-194

, MARIA - LINO - Rubão voce quer cair fora?&!

MARIA - Quanto deu o anel?

RUBÃO MARIA -Rubão, eu já n~ao lhe disse que não quero que voce
LINO---------- se meta na minha vida?

MARIA - Quanto deu o anel?

RUBÃO - Aí que tá. O anel não deu nada.

MARIA - Nada?

RUBÃO - Eu acho que o Lino foi tapiado, sabe?

MARIA - Tapiado como?

LINO - Rubão, voce quer dar o fora antes que eu faça um es-
brogue e lhe a rebente a...

RUBÃO - O anel não vale um tostão.

MARIA - Não vale o que?

RUBÃO - Eu também achei esquisito, mas o hoeme disse que aqui
lo é Sloper. Fantasia francesa. Foi o que ele disse.

MARIA - Não!

LINO - Rubão, voce quer fazer o favor de baixar noutro ter-
reiro? Cai fora!

RUBÃO - Tou aqui proque me chamaro, não é?

LINO - Pois deschamou. Cai fora.

RUBÃO - Tá bem. Não precisa vir de estupidez. Tá aí o anel. Pronto. (SAI)

(MARIA OLHA LINO. ELE FICA CALADO. ESPECTATIVA)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p 195

XXXXXX MARIA - Um homem desse tamanho se deixar engan

LINO - Rosa...

MARIA - Que é, Lino ?

LINO - Voce jura que não queima?...

MARIA - Queimar com que?

LINO - Não. Eu n~ao posso explicar assim... Pera aí... Com calma... Voce precisa compreender, Rosa.

ROSA - Compreender o que Lino?

LINO - Eu queria dar uma alegria a voce... Lua de mel... não podia. Ent~ao pensei... às vezes pensamento da gente tem.. Depois... Eu juro... eu ia oferecer um anel de verdade. Voce não está compreendendo.

MARIA - Não, Lino. Não estou.

LINO - Tem que vir do começo. Engraçado como coisa de criança fica. Comigo as coisa nunca dava como eu queir... Quando eu era menino... e arranjava uns trocados... corria para comprar pipoca e sorvete. Mas o dinheiro nunca dava práS duas coisas... E eu n~ao sentia gosto da coisa que comprava porque ficava pensandona outra. @ Aquilo ficou. Eu queira dar a voce um anel, lua de mel, tudo. Com um anel de mentira eu poda... depois.. Eur queria ver voce feliz. compreende? Eu tava na lona. O anel não vale nada. (PAUSA). Voce está sentida?

MARIA - Não com o xxx anel. Com a mentira.

LINO - Eu achava voce tão.. sei lá... Tinha e impressão que dando um anel legal... as coisa equilibrava, compreende?...

MARIA - Seu grande tolo! Bobalh~ao!

LINO - Eu juro, Rosa. Um dia eu compro um de verdade. Foi até bom o seu Osório me dar bilhete azul. Deus sabe o que faz. Um dia eu monto oficina só prá mim. Mando chamar o Rubão. A gente levanta capital. Não vou

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 196
B06

(LINO) - Não mais trabalhar pros outros. Juro pelo mais sagrado

MARIA - Não é o anel não. É a falsidade.

LINO - Não, Rosa, Não.

MARIA - Compreende, Lino? É a mentira. Se o anel é de mentira, como é que eu vou saber que o resto é de verdade?

LINO - Mas é de verdade! Se voce não cismasse de comprar geladeira voce passava a vida toda com o ' anel de verdade. Só é mentira quando a gente tem a coragem de ...

LINO - É como um sonho quando a gente está dormindo.
4 Acordou... espeto.

MARIA - Já fui enganda uma vez, Lino... Como foi que voce te ve a coragem de fazer isso comigo? Por que?

LINO - Mas não foi com voce que eu fiz, Rosa! Foi comigo. Voce não sabia de nada. Eu é que penava de noite só pensando como voce chorou quando recebeu o anel. Eu chorei de verdade para agradeceri anel de mentira. E aquele carinho todo que voce me deu! E voce pensando gratidão que eu não merecia: "Coitado do Lino! Quanto serão este anel não deve ter custado"!.Pois não me tinha custado nada aquela hora. Fantasia francesa. Mas, agora, ele me custa mais que anel de rainha. Pesadelo, Rosa, Pesadelo acordado. Passei noites sem dormir. com medo de voce descobrir. Sofri tanto esse anel... penei tanto... que, no fim de um tempo, cheguei a me convencer .. que algum milagre o tinha mudado em anel de verdade. Rosa, eu juro que não queria. Eu só digo mentira prá ver você contente, compreende? Voce trouxe prá minha vida tanta alegria, mas tanta... que eu Rosa, voce precisa me perdoar, Rosa, Voce precisa me acreditar.
(CHORA ESCONDENDO A CABEÇA NO COLO DE MARIA)

MARIA - (DEPOIS DE UMA PAUSA, DIZ SOFRENDO). Então... a bola... passou raspando a trave, não foi?

LINO - Foi, Rosa. Me perdoa...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 197

MARIA - Porque foi que o Dida não jogou?...

LINO Xxxxxpxe Voce precisa me acreditar, Rosa. Voce...

MARIA - Vamos trabalhar muito. Juntar dinheiro na Caixa prá entrada... x Depois...

LINO - Eu abro uma oficina, Rosa. Eu... Voce vai ver só.

MARIA - Não quer que eu traga uma cerveja geladinha?

LINO - Não, Rosa. Quero Voce perto de mim.

MARIA - Brahma Extra.

LINO - (BEBENDO A CERVEJA QUE TINAH DESPREZADO) T'a boa esta. Boa mesmo, palavra!

(ESCURECE. TREM EM MOVIMENTO DESEPERADO)

F I M D O Q U A D R O

Q U A R T O Q U A D R O

ESTÃO TODOS NS PERSONAGENS DO QUADRO INICIIA ME MESMA ATITUDE DO PRIMEIRO QUADRO.

MILTON - É...

TIZINHA - Coisa, bem?

LINO - (VAI LEVANTAR A MÃO PR'DIZER ALGO; OS OUTROS VÃO PRESTAR ATENÇÃO... ELE DEISTE).

RUBÃO - Essa n~ao!

LINO - Vamos parar com essa agonia?

TIZINHA - Ela não pode ter sumido assim de repente.

LINO - Pois sumiu, pronto. Que é que eu vou fazer?

MILTON - Ninguém somos desse jeito.

MXXXXX LINO Mas o que é que voce quer? Diz logo. Se tem uma idéia, diz mas não fica de safadeza me enchendo desse x

308 M
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 198

(LINO) - Jeito, tá? (A TIZINHA) Desculpe.

RUBÃO - Olha... eu...

LINO - Voce não, mãm Rub~ao. Chega! Só faltava voces vir com as idéia do delegado. Botou am cima de mim uma luz. Parecia até fita de bandido. M olhou com jeito que pensa: "Esse cara está mas é dormindo de touca. A mulher caiu na gandaia e ele está bancando o palhaço e fazendo a gente perder tempo".

RUBÃO - Coisa, hem?

LINO - Me deu uma vontade de agarrar aquele sujeito e dizer: "seu filho disso, voce não pmmmx conhece Maria Rosa, como é que pode pensar essa sujeira?" Fiquei com aquilo atravessado aqui, ó. Aqui.

RUBÃO - Ela podia nem tá pensando nisso. Delegado pensa muito mais é...

LINO - Chega! Milton, mete aí na lista. Tá aqui o lápis. O que é que pode ter acontecido?

MILTON - E eu sei?

LINO - Eu sei. Enjoou de mim.

TIZINHA - Que é isso Lino?

LINO - Isso é chouripo! Não seri a primeira. Eu dou enjôo em mulher, que é que eu vou fazer; Até minha mãe enjoou quando tava grávida. Depois enjoou de ver minha cara e me deu pra' criar. Teve mulher "assim" que enjoou Xm Porque não podia ela? Mete lá. Enjoou. Eu vivia com tanto medo de n~ao tar na altura dela... que... sei lá!

XXXXM MILTON - Viram a conta da Caixa?

RUBÃO - Tá lá ânteirinha.

MILTON - E na escola?

TIZINAH - Que esola? A moça tava de férias,

3094

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 199

LINO - Até anúncio de rádio botei. A Rádio Riviera já irradiou pro Brasil inteiro. Resultado: estão me telefonando e me gozando: " A rosa? Está aqui comigo. Na cama". Tizinha, voce deve saber alguma coisa. O que foi que eu fiz? Ela se queimou? Falou com Voce?

TIZINHA - Sei nada. Já não disse?

LINO - Pensei até naquela coisa que dá que a gente esquece quem é e onde está.

MILTON - Amnésia. J'a lí.

LINO - Isso.

RUBÃO - Tem gente que tá dizendo que ~~xxx~~ ela voltou pro homem que...

TIZINHA E MILTON - (ALARMADOS) - Rubão!

RUBÃO - Sou eu não. É o pessoal.

LINO - Que pessoal? Fala, desgraçado. Que pessoal?

RUBÃO - Severino! Voce vai ligar prá conversa do Severino?

LINO - QUE HOMEM é esse? ~~Xxxx~~ Voltou prá que homem. Se voce não falra já-já eu lhe meto a mão na cara, Rubão Voltou prá que homem?

RUBÃO - Voltou pro homem que tirou os ... Pôxa! só dou fora!

LINO - (LARGA RUBÃO QUE ELA HAVIA AGARADO COM VIOLENCIA. CONSIDERA REALIDADE E DIZ A MILTON). Bota na lista.

MILTON - ~~Xxxx~~ não!

LINO - Bota. A gente precisa pensar em tudo.

TIZINHA - Pois eu acho que voces fazem mal em estar pensando coisas podres de Rosa. Mulher daquelas não tem muita não.

LINO - (ACALMANDO-SE COM O ELOGIO DE TIZINHA) - Tem mesmo não Por isso é que eu não entendo! Tinha umaw coisas ! O melhor era sepre prá mim. A carne mais macia, o café masi fresco, o lugar melhor. Um dia fez um bolo,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 200

(LINO) - cortou em oito fatias. Quando fui ver eu tinha comido tudo. Ela nem provou. Acordar de noite, cedinho, prá esfregar roupa no tanque... prá eu não ver. As vezes nem comia direito. Eu botava despertador mas nem chegava a tocar. Ela me acordava já com o café na mesa. Tinha hora prá tudo: hora de trabalhar, hora prá fazer comida, hora de dhorar.

TIZINAH - Aquilo era mulher mesmo. Por isso é que eu acho que ela foi raptada.

RUBÃO - É. A curra anda solta pro aí.

LINO - Deixa de ser besta, Rubão. Curra no Capuava?

RUBÃO - Quer saver de uma coisa? Prá mim o Lino sabe e não quer dizer. Canta o jogo, meu irmão. Tá de segredo p de ala prá cima de nós? (OS OUTROS OLHAM, RUBÃO ENCABULA. SEM COMENTÁRISO)

TIZINHA - Pode ter sofrido um ~~mgotroço~~ no coração. Ela não se quáixava mas saúde não tinha muita. Colite, enjôo, não que mais.

LINO - Nunca se queixou. Era isso que me dava mais raiva. Não tinha jeito. Podia estar sofrendo que nem uma danada.... mas não entregava os pontos. Um dia encontrei ela chorando sozinha encosntada à janela às duas da manhã. Não Quis explicar.

RUBÃO - Cisco nos olhos. (O PESSOAL OLHA RUBÃO, REPROVA COM A CABEÇA E NÃO COMENTA)

LINO - Dizia que tava vendo lua... estrela...

RUBÃO - Eu, hem?

LINO - E tava mesmo! Voce entende dessas coisa? Nós ficamos na mecânica, debaixo dos carros Ficando vendo motor Pensamento da gente roda que nem roda: é lê "O DIA" de Futebol de tarde, é carburador. Tem gente Rubão, que gosta de ver lua

RUBÃO - Prá que?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, P 201

LINO - Gosta! Cisma. Que é que tu voce tem com isso? (PAUSA) Quem sabe eu disse alguma coisa e ela magoou? Ela Só gostava de ouvir coisa bonita... Eu dizia, ela ia buscar livros. Poesia.

RUBÃO - Por que voce não fez?

Fez o que Rubão?

RUBÃO - Poesia.

LINO - E voce acha que palavra da gente dá poesia? Poesia é palabra especial. A gente é tudo na base da estupidez. Só dizm palavra que machuca. Plalavra que machuca não é poesia. E não é só as palavras. Aquela pela misa aguentando essa mão... Cheia de calo... Tá doido!

RUBÃO - Bom, o melhor é fazer logo a lista, senão o pessoal fica inventado coisa.

LINO - O que é que eles estão inventando?

RUBÃO - Não sou que dizm É o Severino. Depois não quima comigo. O pessoal dizn que ela pode ter sido até assassinada.

LINO - Por quem?

TIZINHA - Quem havia de matar a coitada?

RUBÃO - Ué! Qualquer um se mata até por ciúme... amor. (OLHA PARA LINO INTENCIAL) Até pro amor...

MILTON - Que é isso, Rubão?

RUBÃO - Tô só ajudando. É prá lista. Não quer ouvir não faz lista. Eu não tou dizendo que ninguém matou, se a gente tem que ver tudo que a conteceu, até almo do outro mundo vale.

TIZINHA - RUBÃo, deixa a gente pensar com a cabeça?

MILTON - (A LINO). Telefoneu prá delegacia?

LINO - Cansei de... nada. A polícia, se não descobrir, vai

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 202

(LINO) - É é é me marretar até eu cansado de apanhar, dizer onde está Rosa.

RUBÃO/ - Porque não diz logo?

MILTON E TIZINHA - Rubão!

TIZINHA - Voce, hem?

RUBÃO - Tenho uma idéia!

MILTON - Guarda.

TIZINHA - (NO MESMO). N~ao diz!

RUBÃO - Ela podia ter tomado o ònibus sem voce, pensando que voce já estava lá ou que vinha logo...

TIAINHA - ATé que enfim voce deu uma dentro.

Bino - Só que a polícia já viu tudo isso. O lugar deal no ô nibus ficou vazio.

~~MILTON - Espera aí. Voces procuraram os parentes dela?~~

LINO - Só tem uma tia. Nada. Não entendo é esse peso dasgraçado. Logo na hora que a vida melhora, na hora que eu monto oficina, na hora que eu posso oferecer lua de mel é que dá um peso desse! Tem lógica?

RUBÃO - Tem não.

MILTON - Cala a boca, Rubão.

RUBÃO - P Ele perguntou.

TIZINHA - Perguntou mas não é prá ninguém responder.

MILTON - É individual.

LINO - Eu já tinha tudo preparado. Até de prá eça um anel de de verdade, com recíbo e tudo.

MILTON - Recibo?

LINO - Poid cismar que era falso, não poida? Calculex só... se ela nuca mais aparecesse... Se a pax pàlícia não

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,P.203

(LINO) - descobre .. e eu ficasse a vida toda sem saber o que... nem porque... eu era capaz de... não sei, não.. O que eu não posso esquecer é que aqules olhos ~~xxxxxxxxx~~ ~~xxxxx~~ grandes abertos de noite... olhando o escuro... olhando. Me contava tudo que acontecia na escola. Como foi, como não foi. Só não contava tristeza. Guardava. Trazia prova prá corrigir em casa. Tinha criança deste tamanho que sabia a capital de China. Mais engraçado que só eu tinha vergonha da minha ignorancia. Ela não. Achava natural. Disse que eu não tive chance, Desculpem essa moleza mas, se ela não aparecer, podem ir comprando "O REPORTER" e " CINCO DE MARÇO" porque eu aparecer por lá... Mulher é um bicho formidável. Nme parece feita de carne e osso. É tuo macio que parece penugem de pinto. Até fala. Como é que essas mão dura... . Tá doido!

RUBÃO - Sabe o que eu tou pensando?

MILTON - (EXPLODE) - Não sei, não quero saber e tenho raiva de quem sabe.

RUBÃO - Lino, se voce não fosse torcedor do Atlético, com toda essa conversa de penuge macia... e com a nossa velha amizade por cima.. u era capaz de jurar que voce tava era mentindo.

LINO - Mentidno onde, Rubão?

RUBÃO - Quem é que agarante que ~~xxx~~ tudo isso q aconteceu mesmo? A gente só sabe que a mulher fugiu por que voce diz, não é? Se voce não diz ninguém não sabia.

MILTON - Que banho-maria é esse, Rubão?

RUBÃO - Tô cozinhando nada, não. Quem quer a lista é voce! ~~Olha~~ Olha, no crime do armário...

TIZINHA - (NUM GRITO) - Rubão!..

RUBÃO - Tô calado, pronto. Não quer ouvir as coisa, então não faz lista. A gente só sabe da lua de mel em Santos.

LINO - Guarujá.

RUBÃO - Ou issó... porque voce deisse. a gente só sabe que foi ... por voce disse. A gente só sabe que lea tava de braço cmom voce.. prque ~~xx~~ voce disse. Ela podia nem ter ~~xx~~ ido a rodoviária se encontrar. Ter dado o bolo. Não podia? Quem viu. Ninguém. Quem lembra? Ninguém. Voce falou de anel de verdade. A gente acreditou porque voce disse.

LINO - (TIRA O ANEL E MOSTRA) - Tá aqui o anel, Cheira, toma vê. Palhaço!

RUBÃO - ~~X~~ 'Oce tá me estranhando, nego? Sou Rubão. Não sou delegado, não. ~~Exx~~ Pisou em tí, doeu em mim. Tou só pensando. Voce fica falando dela que parece que tá ~~f~~ num velório! É só na base do tinha, foi, era. Parece até que a mulher já morreu! O anel pode ser de verdade e o resto não ser, não pode? Espera aí. Espera aí. Como é que esse anel tá na tua mão? Voce não disse que deu ele?

MILTON - Muda de assunto, Rubão, Chuta e cai fora. Não desfazeno, Rub~ao, quem foi que chamou voce praqui?

RUBÃO - Às vez eu custo vê as coisas. Quando o cara é amigo não vejo defeito, mas às vez é preciso a gente olhar de ver. Voce é um sujeito que esquenta atoa, Lino. ~~Expxxxxxx~~ É só pisar e... Lembra a Amaral onde foi parar? Prá mim acho que voce na hora não pensou. A cabeça ficou fora do lugar. e voce...

MILTON - (~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~) - Que é isso, Rubão?

RUBÃO - (CADA VEZ MAIS ACESO - PARA LINO) - Só queir saber e ~~xxxx~~ é onde voce as arranjou dinheiro prá comprar um anelão desses. Quero saber onde voce arranjou dinheiro prá montar oficina. e comprar geladeira, máquin a de costura, máquin a de lavar ruupa... Rifa? Loteria? acertou no milhar, Betting duplo? Aí eu não falo mais, fico quieta e vou embora. O outro anel era de mentira. ... mas era mais de verdade que este. Era de mentira mas comprado na lógica. Esse é de verdade. Cadê a lógica.

LINO - O Que é que tu tá querendo dizer?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.205

RUBÃO - Estou querendo dizer, Lino... uma coisa que só irmão diz. Tou querendo dizer que isso doi prá burro... Estou querendo dizer que isso só pode ser dinheiro da turma do Severino. Dinheiro xxx sujo. Turma de ladrão. Tou querendo dizer que voce...

LINO -3 (SOLTA UMA BOFETADA EM RUBÃO). Nêgo sujo!

RUBÃO - (É agarrado de surpresa por aquela reação E PASSA A MÃO NO ROSTO. OS OUTROS QUEREM INTERVIR MAS PARALISAM. RUBÃO FALA DEVAGAR, CONTENTENDO, A CUSTO, LÁGRIMAS E SOFRIMENTO) - Que é isso, meu faixa? Batendo em irmão? Atleticano faz isso?

LINO Eu não admito que nenhum negro safado venha me jogar na cara mentira e me chamar de ladrão.

RUBÃO - Não diz isso, Lino. Nós somo irmão.

LINO - Irmão é a mãe! Eu já não disse pra calar essa boca e não se meter na vida de ninguém? Por que é que voce não vai procurar as suas nêgas? Que é que tem que estar fazendo em casa de branco?

MILTON - Que é isso, Lino?

TIZINHA - (AO MESMO TEMPO) - Lino!

LINO - Isso mesmo! Não devia deixar negro fingir de branco. Se eu não desse confiança à esse moleque não estava ouvindo o que não queria. Quem mandou voce se meter com minha vida? Por que é que voce não vai embora duma vez?

RUBÃO - Com raiva, não, Lino! Nós somo irmão!

LINO - Que é que voces estão me olhando? Que é que voces queria que fizesse? Que eu passasse a vida toda nesse buraco? Isto pe lugar prá Rosa viver? Já não bastava ter casado com um calhorda como eu? Ainda precisava pegar beira de tanque? Não era brancura Risno. Era esfregar no duro. E de noite, sem poder dormir preocupada com a xxx porcaria do dinheiro que não aparecia... S sinha pro aluguel não tinha prá comida. E

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 206
3164

(LINO) - E passar fome na fila do Instituto pro médico receitar dieta pra colite e remédio que nã se pode pagar? Eu já não podia mais ver ônibus que carrega gente como bicho. Eu queria viver uma semana sem pegar andar de ônibus. Adiantou cavar dois empregos? Adiantou? Eu queria ... uma vez na vida... uma só... viver uma semana como gente. Depois... O depois não tem importancia. Eu queria ver de novo a cara da Rosa de quando ela pensou que o anel era de verdade. O primeiro. Eu queira que uma semana, ela sssssss sentisse que lea não tinha se engando. Que eu era homem pra a ela. Não prá cama. Homem prá vida. Homem que podia deixar xxx ela dormir sem ficar olhando a noite. Homem que podia não saber o que ela sabia mas que um um dia ia tirar ela do ônibus, das pisadas, do empurra, "um passinho prá frente, faz favor"X . Era isso que eu queria. É crime?

RUBÃO - Foi se meter com a turma do Severino.

LINO - Mas lógico!

RUBÃO - Eu disse que o meu dinheiro...

LINO - Quero que xxx o seu dinheiro se dane. Não quero dinheiro pr'a tapar buraco. Quero dinheiro prá ser gente, prá viver vida decente, sem ficar contando níquel. Quero dinheiro prp sorvete prá picoca, prá receita e pro remédio. E quando o porra do médicoreceitar uma dieta eu quero que Rosa possa fzer dieta e não ficar se torcendo de dores pelos cantos... escondida prá eu não ver. (A RUBÃO) - Que é que toce tá fazendo aí que ainda não foi embora?

TIZINHA - Pára com isso, Lino.

RUBÃO - Com raiva, não, Lino.

LINO - Não sei como foi que lea descobriu, mas ela deve ter desconfiado. Deve ter achado que era muita vantagem . Quando eu quis dar ar ela o anel, na hora de embarcar, estávamos conversando no banco da estação. Ela deve ter lido na minha cara que estava com a turma do Severino. Deve ter compreddido que eu não ia sossegar,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 207

(LINO) - enquanto não desse a ~~xxxx~~ ela a vida de gente. Sumiu por isso. Prá não me estragar. Foi isso, não foi? Eu não tenho meda de nada, nem de levar surra ~~xx~~ em delegadia. Já tou acostumado. Só tenho medo na hora que lea aparecer, depois de pensar muito e com ~~x~~ uma bruta pena de mim me perguntar:" Por que, Lino? Por que?" Não sei. ~~Exxxx~~ Essa pé a única raiva que ~~gx~~ guardo. (PAUSA) ~~Xxxxxx~~ Pode rasgar a lista. Rubão, Voce me Perdoa?

RUBÃO - Não fui voce que bateu. Foi a raiva.

LINO - Na hora da dor doer a gente descarrega em quem? Nos amigo~~x~~. Doeu muito?

RUBÃO - Não doeu na lógica.

LINO = Obrigado, meu faixa.

RUBÃO - (ABRAÇA-O CHORANDO) -(COMOVIDO) - Atleticano duma figa

LINO - Irmão, Rub~ao. Nós somo irmão.

RUBÃO - Nós somo irmão.

LINO - A raiva maior é que tudo isso podéa acontecer depois! Por que ela não acreditou? Por que ela não deixou dar a ela uma semana ~~xxxxxxxxxxxx~~ como eu queria? Semana de lua de mel. Não dessas luas que a gente nem chdga a pegar no sono e já o despetador empurra a gente pro batente. Lua de mel de dizer bobagem... de nadar no mar... andar de barco... Lua de mel de passear de mão dada... de ler verso... Tirar retrato ... Tomar café na cama... Por que lea não descobriu depois? E eu ainda acrdito em Deus! Peso desgraçado! (RECLAMA OLHANDO PARA CIMA) UAma semana, meu faixa! Pôxa! Uma semana!

(CHORA DIANTE DO OLHAR COMOVIDO DOS OUTROS)

FIM DA PEÇA

gp.20.06.75 Ademar - doia

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.208

318

657/75-SCTC/DCDP

Superintendente Regional em Goiânia-GO

"PROCURA-SE UMA ROSA"

"PEDRO BLOCH"

Superintendente:

Goiânia-GO

CLCF/fmfn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 209

3.19

386/75

: PROCURA-SE LIMA ROSA

: PEDRO BLOCH

27 AGOSTO

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADO
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QDO.
ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::::::::::::::::::

27 AGOSTO

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZESSEIS ANOS

ROGÉRIO NUNES

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 21

: PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

GRUPO DE TEATRO JOGRAL - GO -
ADEMAR D. FRAGA

27 AGOSTO 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QDO. ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.::::::::::::::::::

27 AGOSTO 75

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 211

324

PROC.- 0112
LIV.- 01
PAG.- 12
REG.- 386

MJ - DPF - DCDP
ARQUIVO
N.° PROTOCOLO: 53603
PRAÇA: Sorocaba-SP
JA LIBERADA: sim
IMPROPRIEDADE: 16-ee
N.° CERTIFICADO: 386
TERMINO VALIDADE ___/___/19___

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCK e GLAÚCIO GILL

SERVIÇO PUBLICO FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 212

Of. nº 4109/75-DCDP/SR/SP

São Paulo, 30 de setembro de 1975.

FICHADO
no DCDP

Senhor Diretor

Em atenção ao oficio nº 471/75-DCDP, - de 29/04/75, encaminho a V.Sa., para os devidos fins, três - vias do texto e relatórios de ensaios gerais das peças teatrais "A PANE" original de Frederico Durremmatt, "CERIMONIA PARA UM - NEGRO ASSASSINADO" de autoria de Fernando Arrabal, "CHOQUE DE - RAÇAS" de autoria de M. Saraiva, "AS DEUSAS" original de A.S. - Dias da Rosa, "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" original de Pedro Bloch, "CENA LIVRE" original de Antonio Tadeu de Souza, "PROCURA-SE UMA ROSA" de autoria de Pedro Bloch, "OS FISICOS" original de Frederico Durremmatt, "AS DESGRAÇAS DE UMA CRIANÇA" original de Martins Penna.

Solicitamos a confirmação dessa D.C.D.P. do nosso parecer, com maior brevidade possível.

Na oportunidade, renovo a V.Sa., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmº. Sr.
DR. ROGERIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
B R A S I L I A/DF.

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

326

São Paulo, 24 de Junho de 19 75

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 213

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasilia D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, tres copias da peça

"PROCURA-SE UMA ROSA"

Original de GLAUCIO GIL

Tradução de XXXXXXXXXXXX

Próxima apresentação de C.E.M. (SOROCABA)

Teatro MUNICIPAL Cidade SOROCABA

Estado SÃO PAULO

A estréia está prevista para 1ª QUINZENA DEAGOSTO DE 1975

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,

Pela SBAT.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
★ 24/06/1975 ★
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:

2.000 x 2 em bls. 50/50
Janeiro 75

377

Parecer 166/75

Ensaio geral de peça: "PROCURA-SE UMA ROSA"

16 ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 00 93, p. 214

Sr. Chefe

Procedi no dia 25/07/75, no CEM, na cidade de Sorocaba, ao ensaio geral da peça: "PROCURA-SE UMA ROSA", de autoria de PEDRO BLOCK.

Trata-se de uma comédia em que um reporter tenta fazer promoção na união de um casal que estavam separados pelo fato da mulher fazer "caridade" para os amiguinhos do bairro.

Opino pela liberação da mesma como imprópria para menores de 16 anos.

São Paulo, 31 de julho de 1.975

ARLETE APARECIDA CORRÊA
Téc. Cens. nº 290

S.Paulo, 15/08/75

1. O presente exame censório- de texto e visual - foi realizado de acordo com a delegação de competencia estabelecida pelo of. nº 471/75/DCDP, para peças teatrais de grupos amadores.

2. De acordo com o parecer pela liberação; expeça-se certificado provisório por 30 dias, encaminhando-se o presente à Brasilia, solicitando o certificado definitivo.

Chefe SCDP/SR/SP

TEATRO

TÍTULO "PROCURA-SE UMA ROSA" 328

1) S. ARQUIVO

Documentação Em ordem

Clas. Anterior 16 anos

Praça São Paulo - SP

Obs.: Emitir certificados de acordo c/ o parecer nº 166/75-SP.

DF. 19/09/75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. A Seção de Expedientes para, de conformidade com o Relatório de Ensaio geral - Parecer 166-75-Op. 4189-75-SCDP-SR-SP, expedir certificado c/ impropriedade para menores de 16 anos, sem cortes, em definitivo.

2 — Encaminhe-se ao Sr. Chefe do SC.

Em 19-09-75

Florivaldo de Carvalho Queiróz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 215

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE na forma do parecer, processo anterior

Em 30/9/1975

Coriolano de Loyola Cabral Fagundes
Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 216

Ofício nº 1104/75-SCTC/DCDP , de setembro de 1.975

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-DCDP

Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-SR/SP

"PROCURA-SE UMA ROSA"

Ref. Of. nº 4189/75-SCDP/SR/SP

Anexo: 2ª e 3ª vias do "Scripts" e
1ª e 2ª vias do certificado

Senhor Chefe:

Encaminho a V.Sª. as anexas 1ª e 2ª vias do certificado, bem como as 2ª e 3ª vias do "Scripts" da peça teatral supracitada, da autoria de Pedro Bloch, solicitando mandar proceder a entrega ao interessado.

Na oportunidade, renovo a Vossa Senhoria os protestos de estima e consideração.

CAF

CORIOLANO DE LOIOLA CABRAL FAGUNDES
Chefe do Serviço de Censura-DCDP

/fmfn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 217

386/75

PROCURA-SE UMA ROSA

: PEDRO BLOCH

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

23 SETEMBRO 80

23 SETEMBRO 75

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 218

: PROCURA-SE UMA ROSA

: PEDRO BLOCH

CEM - SOROCABA -SP-

19 SETEMBRO 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVI - DAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::

30 SETEMBRO 75

Coriolano de Loiola Fagundes

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 219

320

FOLHA 0112
LIV.- 01
PAG.- 112
REG.- 386

MJ – DPF – CODP
ARQUIVO
N.° PROTOCOLO: 5278
PRAÇA: Natal RN
JÁ LIBERADA: sim
IMPROPRIEDADE: 16-e/c
N.° CERTIFICADO: 386
TERMO VALIDADE: __/__/19__

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, P. 220

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
Departamento de Polícia Federal
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO RIO G. DO NORTE

MJ - DPF - SRA/BSB
Fls. nº 052780
RECEBIDO POR

DPF-SRA
fl. n.º
Rubr.

OFÍCIO
Nº 1123/75-SCDP/SR/RN.

Natal, 09 de setembro de 1975.

De ordem
ao arquivo
em 12/09/75

FICHADO
S.A. DCDP

Senhor Diretor:

Ruth Nogales
Chefe do SA/DCDP

Com o présente, encaminho a V.Sa., para fins de censura, a peça " PROCURA-SE UMA ROSA" de autoria de Pedro Bloch, em tres vias, acompanhada do requerimento do Sr. Pedro Ferreira da Costa.

A referida peça será apresentada no Teatro Alberto Maranhão no dia 23 de setembro, por ocasião da comemoração aniversária da Escola Técnica Federal/RN, razão porque solicito os bons ofícios de V.Sa., no sentido de que a mesma seja liberada em caráter de urgência e enviada a esta SR. em tempo hábil.

Aproveito o ensejo para reiterar a V.Sa., protestos de elevada estima e distinta consideração.

HUGO PÓVOA DA SILVA
Superintendente Regional.

Ilmo. Sr.
Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas.
BRASÍLIA - DF.

Ilmo. Sr. Diretor da
Divisão de Censura de Diversão Pública - B.S.B.

322

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,P221

Pedro Ferreira da Costa, brasileiro, solteiro, residente à Rua Presidente Bandeira, 765, nesta Capital, Diretor da Peça Teatral: "Procura-se uma Rosa", da autoria de Pedro Bloch, vem mui respeitosamente solicitar de V. Sa. se digne liberar, dentro dos critérios da censura, a referida peça a ser levada no Teatro Alberto Maranhão, dia 23 de setembro, por ocasião da comemoração aniversária da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte. A encenação não terá caráter lucrativo, mas se trata exclusivamente de colaborar com a programação do aniversário da referida Escola.

Nestes termos,
P. Deferimento

Natal, 09 de setembro de 1975.

Pedro Ferreira da Costa
Pedro Ferreira da Costa

TEATRO

TÍTULO PROCURA-SE UMA ROSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 222

1) S. ARQUIVO

Documentação Em ordem

Clas. Anterior 16 anos CS

Praça Natal - RN

Obs.:

DF. 15 / 09 / 75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. A Seção de Espetáculos para, de acordo com o Parecer nº 166-75 - Relatório de Ensaio geral - SCDP-SP., expedir certificado para menores de 16 anos, sem cortes. Todavia, condicionado ao exame do ensaio geral.

2 — Encaminhe-se à consideração do Sr. Chefe.

Em 26-09-75.

Florivaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em 1 / 10 / 1975

Coriolano de Loyola Cabral Fagundes
Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.

DPF—538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 223

740/75-SCTC/SC/DCDP

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-SR/RN

"PROCURA-SE UMA ROSA"

Pedro Bloch

Chefe:

Natal-RN

MFCG/rs

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 224

: PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - RN -

PEDRO FERREIRA DA COSTA

26 SETEMBRO 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONAD
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QD
ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::::::::::::::::

23 SETEMBRO 75 CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

PROIBIDO PARA
DE
DEZESSEIS ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093 p.215

326/75

: PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

23 SETEMBRO 80

23 SETEMBRO 75

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

S.P.
4 e 24

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 226

PROCURA-SE UMA ROSA

de

Gláucio Gill

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

SOB/FICHADO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093,p.227

DPF - SRA/BSB
23 001 1975 061464

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

RECEBIDO POR

Of.
Nº. 4227/75-SCDP/SR/SP

Em 22 de outubro de 1975.

FICHADO
S. A. DCDP

Senhor Diretor

Em atenção ao oficio nº 471/75/DCDP, de 29/04/75, encaminho a V.Sa., para os devidos fins, os textos e relatórios de ensaios gerais das peças teatrais "PROCURA-SE UMA ROSA" original de P. Bloch, "PLANETA DOS PELIAÇOS" original de Pasqual L. Tudeck, "ARRUMEM UM MARIDO PARA Dª. VIOLETA" original de Carlos B. Aquino, "DOM - QUIXOTE" ou "DOM CHICOTE MULA MANCA" original de O. Pfuhl, "AUTO DA COMPADECIDA" original de A. Suassuna, "TERCEIRA - CHANCE" original de Carmem R. Feliciano, "O QUARTEL DOS PEQUENOS VAGABUNDOS" original de J. Pereira, "CANUDOS" original de Milton F. de Oliveira, "LUA DE MEL EM COPACABANA" original de Sergio T. da Costa.

Na oportunidade, renovo a V.Sa., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmº. Sr.
DR. ROGERIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
B R A S I L I A/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 228

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 19 de agôsto de 1975

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D.P.F.
Brasília, D.F.

Saudações

29684

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (03) cópias da peça:

" PROCURA - UMA ROSA "

DE: Glaucio Gill

próxima apresentação da Teatro do Clube jovem cidade de Taubaté no Teatro diversos

com estréia marcada para o dia 05/10/75

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

Djalma Bittencourt
Superintendente

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
19 AGO 1975
SUCURSAL SÃO PAULO

A PRESENTE AUTORIZAÇÃO SERVE APENAS E EXCLUSIVAMENTE PARA EFEITO DE CENSURA DE PEÇA.

TEATRO

4 29 E

TÍTULO PROCURA-SE UMA ROSA

de Glaúcia Gil

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 229

1) ~~S. [illegible]~~

Documentação SCTC

Clas. Anterior 16 anos –

Praça São Paulo – SP.

Obs.: ———

DF. 29/10/1975

Chefe Seção ~~[illegible]~~

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura ———

Técnico de Censura ———

Técnico de Censura ———

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

3) S. C. T. C. À Seção de expedientes para, conforme Relatório de Ensaio Geral – Parecer 281 – 75, SCDP, expedir certificado definitivo, com impropriedade para menores de 16 anos, sem cortes. ~~Em~~

2 – Encaminhe-se à consideração da Chefia.

Em 29-10-75.

Orlando de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do ~~parecer~~ processo anterior

Em, 03/Nov/1975

p/ Rogério Nunes

Parecer nº 281/75

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,P 230

Procura - uma rosa.

16 anos.

Assisti, na cidade de Taubaté, ao ensaio geral da peça em epigrafe.

Trata-se da estoria de um jornalista que faz questão de publicar, em seu jornal, o casamento de dois personagens, o que não consegueem virtude de não ter havido o referido casamento.

A mesma não fére as normas censórias, razão pela qual opino pela sua liberação para menores de 16 anos.

José Americo Cesar Cabral
Tec. cens. 306

São Paulo, 30 de setembro de 1975

S.Paulo, 10/10/75

1. O presente exame censório - de texto e visual-foi realizado de acordo com a delegação de competencia estabelecida pelo of. nº 471/75/DCDP, para grupos amadores.

2. De acordo com o parecer pela liberação; expeça-se certificado provisório por 30 dias, encaminhando-se o presente à Brasilia, solicitando o certificado definitivo.

Chefe SCDP/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, P.231

331

Ofício nº 1379/75-SCTC/SC/DCDP , de outubro de 1.975

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DCDP

: Senhor Superintendente Regional do DPF em São Paulo-SP

: "PROCURA SE UMA ROSA"

Anexo: 2ª e 3ª vias do "script" e
1ª e 2ª vias do certificado

Ref. Of. nº 4227/75-SCDP/SR/SP

Senhor Superintendente:

Encaminho a Vossa Senhoria as anexas 1ª e 2ª vias do certificado, bem como as 2ª e 3ª vias do "script" da peça teatral supracitada da autoria de P. Bloch, solicitando mandar proceder a entrega ao interessado.

Na oportunidade, renovo a Vossa Senhoria' meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

/fmfn.

332

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 232

: PROCURA-SE UMA ROSA

: PEDRO BLOCH

TEATRO DO CLUBE JOVEM DA CIDADE DE TAUBATÉ - SP -

29 OUTUBRO 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::

Coriolano de L. C. Fagundes

31 OUTUBRO 75 CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p 233

386/75

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

31 OUTUBRO

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

31 OUTUBRO

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 234

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

112

333

PARECER Nº 257/75

TÍTULO: "PROCURA-SE UMA ROSA" Pedro Bloch

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 anos

trata-se de uma peça que faz parte de uma trilogia, que enfoca a vida de gente humilde dos arrabaldes da cidade do Rio de Janeiro.

O autor quis mostrar o "modus vivendi" - desta gente que vive para o domingo; que trabalha a semana-inteira com o ùnico fito| o de vagabundear no domingo.

O texto de Pedro Bloch conta a vida de um - mecânico do tipo "machão", analfabeto e que se apaixona por - uma professora e com casa. Com o passar do tempo o desnível-social se aflora, o amor da professora murcha e ela foge, desaparece de casa para nunca mais voltar.

O mecânico se enrreda com maus elementos - só pra tentar melhorar na vida, mas, se arrepende.

Quanto a encenação tudo em ordem; A iluminação é a convencional com "spots"; sem problemas

A maquiagem; o guarda roupa; a marcação - a expressão corporal não desnaturam a mensagem do texto.

Assim sendo opinamos pela liberação da - obra em epígrafe, concordando com a impropriedade de 16 anos imposta pelo DCDP/Brasília.

São Paulo, 26 de agosto de 1975

bel. Wanderli Acillo Gaeti
tec. de nº 298

S.Paulo, 04/09/75

1. De acordo com o parecer censório, remeta-se à Brasilia.

Chefe SCDP/SR/SP.

O presente parecer veio encaminhado com o OF. Nº 4229/75 - SCDP-SR/SP de 02.10.75, não estando entretanto relacionado no mesmo. Em: 22.11.75

DPF-742

334

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 235

PROC.- 112
LIV.- 01
PAG. 12
REG.- 386
PRAÇA-

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

MJ-DPF-SRA/BSB
11 MAR 16 21 76 011260
RECEBIDO POR

335

Senhor Diretor:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p 236

O Grupo de Teatro de Brazlândia abaixo assinado vem mui respeitosamente solicitar a Vossa Senhoria o exame e fornecimento de certificado da peça teatral de Pedro Bloch "PROCURA-SE UMA ROSA", que será apresentada naquela Cidade Satélite, patrocinada pela Governo do Distrito Federal.

Esclarecemos que a referida peça possivelmente já tenha sido censurada, bastando a autenticação dos textos que encaminhamos em anexo.

RESPEITOSAMENTE,

GRUPO DE TEATRO DE BRAZLÂNDIA

Ilustríssimo Senhor
Doutor ROGERIO NUNES
MD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Ed. BNDE - 4º andar
N E S T A.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.237

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil

336

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 5/75 Nº 10021

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: PROCURA-SE UMA ROSA

Original de Pedro Bloch

Música de

Tradução de

No Teatro Cidade

Empresa Pela Cia.

nos dias PARA SER CENSURADA

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais na base de % da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de Cr$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereau de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Brasilia, DF., 11 de Março de 1976

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.—A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

(pela SBAT)

200 Blocos 50x50 - 5.001 a 15.000 - 4/75

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 238

TEATRO

TÍTULO PROCURA-SE UMA ROSA 337

PEDRO BLOCH

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 16 ANOS

Praça BRASILIA - DF

Obs.:

DF. / 16 / 03 / 76

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À SC, p/ emitir o certificado da peça com impróp. p/ menores de dezesseis anos. com corte indicado à fls. 33.

Brasília – DF 25 de março de 1976

P/ Ch-SCTC

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE - 16 anos e/corte na forma do parecer, processo anterior

Em, 26 / 03 / 1976

Rogério Nunes

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 239

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ_DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS.

338

PARECER Nº 1770 /76

TÍTULO: PROCURA_SE UMA ROSA.
Autor: Pedro Bloch
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: DEZESSEIS ANOS _ C/CORTE.

Procedi à comparação do texto encaminhado pelo "Grupo de Teatro de Braz_lândia" com um dos scripts constantes no arquivo desta Divisão e constatei tratar_se da mesma peça e observada sua fidelidade. Deve ser liberada com a mesma restrição etária e com corte indicado à página 33.

Brasília, 19 de março de 1 976.

DALMO PAIXÃO

Homem pra vida. Homem que podia deixar ela dormir sem ficar olhando a noite. Homem que podia não saber o que ela sabia mas que um dia ia tirar ela do trem, das pisadas, do empurra, do incha-moçada. Era isso que eu queria. É crime?

RUBÃO — Foi se meter com a turma do Severino.

LINO — Mas lógico!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.240

RUBÃO — Eu disse que o meu dinheiro...

LINO — Quero que o teu dinheiro se dane. Não quero dinheiro pra tapar buraco. Quero dinheiro pra ser gente, pra viver vida decente, sem ficar contando níquel. Quero dinheiro pro sorvete e pra pipoca, pra receita e pro remédio. E quando o porra do médico receitar uma dieta eu quero que Rosa possa fazer dieta e não ficar se torcendo de dores pelos canto... escondida pra eu não ver. (A Rubão). Que é que tu tá fazendo aí que ainda não foi embora?

COM CORTES

TIZINHA — Pára com isso, Lino.

RUBÃO — Com raiva, não.

LINO — Não sei como foi que ela descobriu, mas ela deve ter desconfiado. Deve ter achado que era muita vantagem. Quando eu quis dar a ela o anel, na hora de embarcar, estávamos conversando no banco da estação. Ela deve ter lido na minha cara que eu estava com a turma do Severino. Deve ter compreendido que aquêle dinheiro não era meu. Deve ter compreendido que eu não ia sossegar, enquanto não desse a ela vida de gente. Sumiu por isso. Pra não me estragar. Foi isso, não foi? Eu não tenho mêdo de ir em cana, não tenho mêdo de nada, nem de levar surra em delegacia. Já tou acostumado. Só tenho mêdo é da hora que ela aparecer, depois de pensar muito e com uma bruta pena de mim me perguntar: "Por que, Lino? Por que?" Não sei. Essa é a única raiva que eu guardo. (Pausa). Pode rasgar a lista. Rubão, tu me perdoa?

RUBÃO — Não foi tu que bateu. Foi a raiva.

LINO — Na hora da dor doer a gente descarrega em quem? Nos amigo. Doeu muito?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.241

386/76

: PROCURA-SE UMA ROSA

: PEDRO BLOCH

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 16 DEZESSEIS ANOS

25 MARÇO 81

25 MARÇO 76

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093 p. 242

PROCURA-SE UMA ROSA

: PEDRO BLOCH

COM CORTES

GRUPO DE TEATRO DE BRAZLÂNDIA -DF

19 MARÇO 76

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CORTE ASSINALADO À PÁGINA 33. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

25 MARÇO 76 Coriolano de L.C. Fagundes

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.243

112

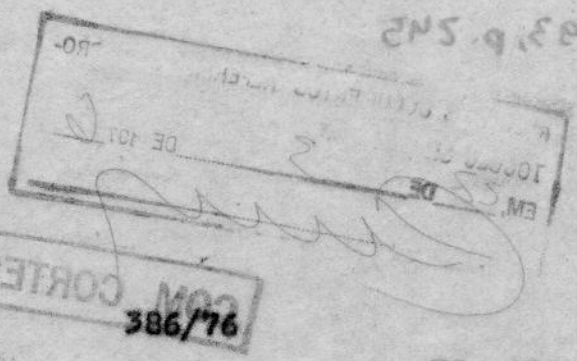
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"PROCURA-SE UM ROSA"

	DISTRIBUIÇÃO

(112)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 244



386/76

: PROCURA-SE UMA ROSA

: PEDRO BLOCH

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

25 MARÇO 81

25 MARÇO 76

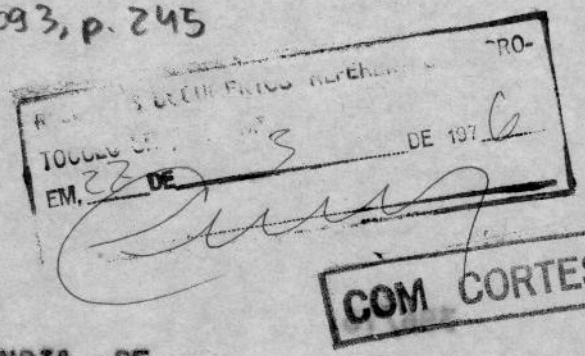
ROGÉRIO NUNES

11260/76

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 245

PROCURA-SE UMA ROSA

: PEDRO BLOCH



GRUPO DE TEATRO DE BRAZLÂNDIA -DF

19 MARÇO 76

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CORTE ASSINALADO À PÁGINA 33. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

25 MARÇO 76

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 246

PROC.-	112
LIV.-	01
PAG.	12
REG.-	386
PRAÇA-	SP

" Procura-se uma Rosa "

de: Pedro Bloch

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 247

SRA, FICHADO

23 JUL 1040 76 028947

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM S. PAULO

OF.
Nº 4650/76-SCDP/SR/SP

Em, 21 de julho de 1976.

FICHADO
S. A. DCDP

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75/DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto das peças teatrais "BERLIM" original de Laureano Mântaras; "O ESTRANHO" original de Edgard da Rocha Miranda; "DIÁRIO DE UM LOUCO" original de N. Gogol; "CHOQUE DAS RAÇAS" original de Hamilton Saraiva; "COMO REVISAR UM MARIDO OSCAR" original de Oraci Gemba; "TEMPO DE ESPERA" original de Aldo Leite; "AQUELE QUE DIZ SIM & AQUELE QUE DIZ NÃO" original de Bertold Brecht; "LAMPEÃO" original de alunos da E.E. do 2º Grau Prof. Fidelino de Figueiredo; "PIPOCA E PAÇOCA" original de Eucharis Mourão Moraes; "PROCURA-SE UMA ROSA" original de Claucio Gill; "LOTO" original de Emílio Ribeiro; "HOJE A BANDA NÃO SAI" original de Severino M. Tavares e "CORREL 76" original de Ewerton de Castro.

Outrossim, informo que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa à DCDP.

Na oportunidade, renovo a V.S., protestos de estima e consideração.

MARIA SYLVIA BARRETO NOGUEIRA
CHEFE SUBST. SCDP/SR/SP

A SCTC,
p/ as providências
Em 23/7/76

Ao Ilmo. Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
B R A S Í L I A/DF

Chefe do Serviço de Censura
Substituto

MSBN/amc

GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 248

"PROCURA-SE UMA ROSA"

GLAUCIO GILL

FEDERAÇÃO DE TEATRO AMADOR
FETAC
SÃO CARLOS

GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p 249

GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

-"porão 7" - 3/3/67

de glaucio gill - PROCURA-SE UMA ROSA
(ato único)

direção:
GRUPO DE TEATRO AMADOR
glauco de devitiis
homero freis
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

Casa relativamente modesta, mas extremamente alegre. Quadros e fotos de gatos e gatinhos por todos os lados. Pendurada no teto, uma corda com laço pronto. Em cena Lino e Luiz Carlos. Lino é uma figura magra, bolorenta, vestido de preto, de ar profundamente infeliz. Está em cima de um pequeno praticável, com a corda no pescoço. Luiz Carlos é um rapaz de extrema vivacidade.

LINO - Vou pular.
L.Carlos - Não pule.
LINO - Vou.
L.Carlos - Não.
LINO - São 34 anos.
L.Carlos - (Demagógico). A vida é bela.
LINO - Quando Deus não vai com a cara de sujeito durante 34 anos é porque não vai mesmo.
L.Carlos - Sempre existe um amanhã.
LINO - Comigo o amanhã sempre é pior.
L.Carlos - Mas eu estou aqui pra solucionar o seu problema.
LINO - Meu problema é que Deus está de marcação comigo. (Olhando pra cima). É ou não é? Pode dizer. Precisava ter feito minha mulher ir embora, precisava?
L.Carlos - (Em um gesto que abrange a platéia). Pense na quantidade de maridos que na sua situação estariam dando pulos de alegria.
LINO - (Tirando o pescoço da corda e descendo do praticável). E ainda por cima aquêle inferno o dia todo, Vai vem. Vai vem. Vai vem.
L. Carlos -Desespêro assim, o senhor vai me desculpar, mas também já é um pouquinho na linha do fricote. Não acredito que haja vida de casado assim tão boa.
LINO - O senhor já foi cabineiro?
L.Carlos - Aseensorista?
LINO - Não banque o grã-fino. Já?
L.Carlos - Não.
LINO - Pois eu sou.
L.Carlos - E daí?
LINO - De elevador de serviço.
L.Carlos - Há profissões menos movimentadas.
LINO - (Agitadíssimo). O senhor sabe o que é subir até o vigésimo quinto andar pra quando chegar lá em cima descer de novo até o térreo? E ficar nesse ioiô o dia inteiro? É isso que eu sou. Eu sou um ioiô. Um ioiô.
L.Carlos - (Em tom temeroso e conciliador). Também não é assim. O Senhor pára nos outors andares.
LINO - E sabe qual é o meu futuro daqui a dez anos?
L.Carlos - Mas eu vim aqui...
LINO - Se sempre resistir a tentação de quebrar a cara do porteiro, é passar do elevador de serviço para o elevador social. É êsse o meu futuro.
L.Carlos - Por isso quando lí o seu aviso...
LINO - Não, pra mim chega. (Sobe de novo no praticável para colocar o pescoço na corda).
L.Carlos - Não se precipite.

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.250
GRUPO DE TEATRO AMADOR
SÃO CARLOS

LINO - (Decidido, com a corda no pescoço). Precipito.
L.Carlos - Olhe que o suicídio é feito o casamento. Depois não pode mais voltar atrás.
LINO - (Olhando pra cima, levemente magoado). Honestamente, de amigo para amigo, se o senhor queria fazer alguma mulher ir embora, que diabo, tinha mulher de outros caras dando sopa por aí. Porque hei de ser sempre eu o preferido?
L.Carlos - Por isso quando li o seu aviso no jornal pensei: Taí um desgraçado que caiu do céu pra eu ajudar. Foi por isso que eu vim.
LINO - O senhor conhece Rosa?
L.Carlos - Não.
LINO - Sabe onde ela está?
L.Carlos - Não.
LINO - Tem alguma pista?
L.Carlos - Não.
LINO - Então como é que o senhor pode me ajudar?
L.Carlos - Seu Lino, eu sou repórter. E repórter do Correio Diário. Nós no Correio Diário descobrimos coisas até que não existem. Quanto mais sua mulher.
LINO - O senhor acha que essa corda agüenta?
L.Carlos - Agüenta. E além do mais sou um profissional competente. Competentíssimo. (Modesto). Seu Lino, eu não queria lhe dizer, mas eu sou o repórter que encontrou o cachorro da mulher do Embaixador Americano.
LINO - E daí,
L.Carlos - Daí que o que é que o senhor acha que é mais fácil de encontrar nesta cidade? Um cachorro ou sua mulher, que tem nome, cara, carteira de identidade, título de eleitor, retrato e o diabo a quatro? (Pausa). Responda.
LINO - (Tirando o pescoço da corda). Minha mulher.
L.Carlos - (Vitorioso). Então! Encontrar sua mulher não é problema. O que nós precisamos é entrar naquele acôrdo.
LINO - Eu não vejo sol o dia inteiro. Fico virando a mesma manivela setecentas vêzes. Não vejo sol nem céu. O senhor sabe o que eu queria ser?
L.Carlos - Cabineiro de elevador automático.
LINO - Pescador de baleia. Êsse é que é o meu sonho. Arpoar baleias.
L.Carlos - Então aceite minha proposta.
LINO - (Descendo do praticável). Não entendi bem sua proposta.
L.Carlos - Seu Lino, o senhor se interessaria de ler uma reportagem sôbre cincoenta crianças estudando felizes numa escola? Não? (Quase sardônico). Agora imagine que essa mesma escola pegou fogo e as cincoenta cirancinhas morreram devidamente esturricadas. (Eufórico). Não é assinto de primeira página?
LINO - Que é que tem êsse incêndio a ver com o peixe?
L.Carlos - O público adora a infelicidade alheia. Só que não é todo dia que a gente tem um bom desastre, uma revolução sangrenta ou um menino de onze anos furando os olhos da avòzinha. (Eufórico). Mas é preciso alimentar o público com desgraças. É aí que o senhor e sua mulher entram na jogada.
LINO - Já sei. O senhor que que eu primeiro mate Rosa e só depois me suicide.
L.Carlos - Nosotros no estamos em el Mexico, Señor Lino.
LINO - O senhor sabe porque Rosa foi embora?
L.Carlos - O fato é que ela foi embora, não é verdade? Ótimo. Pois nó transformaremos o desaparecimento de sua mulher numa campanha institucional, numa das mais belas promoções do Correi Diário. Primeiro veou encontrar sua mulher. Mas sem dizer ao público. Depois, de comum acôrdo, nós faremos tôda a sé rie de reportagens. Dizendo que Rosa sumiu, contamos a vi de vocês, entrando em detalhes íntimos, em tanto sórdidos se possível, expondo os sonhos, amarguras e legrias do casal, explorando ao máximo essa sua excelente cara de infeliz. Vocês são casados?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 251
GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

LINO - Casados, casados, propriamente, não.
L.Carlos - (Exultante). Amigados, então. Perfeito. Genial. Diremos que você reconhece que era um patife, um canalha por não querer casar com ela. Mas que agora não sonha com outra coisa. Que já comprou as alianças. Que deseja ter dez filhos. (Pausa)
LINO - (Tom soturno). Rosa me traía. Mas traía. Traía mesmo, compreende?
L.Carlos - Compreendo, compreendo. Mais vêzes do que seria desejavel.
LINO - Pois é.
L.Carlos - Mas isso não atrapalha o plano em nada.
LINO - (Solene). O que é que o senhor faria em meu lugar?
L.Carlos - (Levantando lentamente, em tom pausado e assustado). Você a matou.
LINO - Matei coisa nenhuma. Ponderei apenas que no meu modesto entender aquilo não estava certo.
LçCarlos - E ela concordou?
LINO - Não.
L.Carlos - E... continuou?
LINO - Mais vêzes do que seria desejável.
L.Carlos - Mas se ela continuou a... e você não rompeu o... digamos noivado, então ela não precisava ter ido embora.
LINO - Não rompi, mas também não deixei a coisa ficar assim não. Não passava um dia sem que eu reclamasse.
L.Carlos - Muito justo.
LINO - No fim ela já sabia. Dia de amante era dia de discussão aqui em casa.
L.Carlos - Em resumo, o senhor sabia se impor.
LINO - Mas não pense que era intransigência minha. Se fôsse uma traiçãozinha aqui, uma traiçãozinha ali, eu ainda me conformava, porque cabineiro não pode querer tudo na vida. O diabo é que ela exagerava.
L.Carlos - (Timidamente). Mais de dez?
LINO - Dez eu ainda aceitaria.
L.Carlos - (Mais à vontade). Vinte?
LINO - (Evocativo e feliz). Ainda me lembro da época dos vinte.
L.Carlos - (Inquieto). Trinta?
LINO - Essa contagem me é extremamente dolorosa.
L.Carlos - (Preocupado). Quarenta.
LINO - De dez em dez vai demorar demais.
L. Carlos- Quantos habitantes tem seu bairro?
LINO - (Levemente ofendido). Também nã é assim. Houve várias ruas sem nenhum participante.
L.Carlos - Com tudo isso você a quer de volta?
LINO - Você não compreende. Rosa... Rosa é o meu sol. O meu céu. Rosa é que me dá fôrças para um dia eu ainda conseguir pescar baleias.
L.Carlos - Então vamos trazer ela de volta.
LINO - Mas você acha que é o caso de expor tôda essa nossa vida no jornal?
L.Carlos - Não a vida verdadeira. Uma mentira vem bolada sempre vende mais jornal. Ao cabo de quinze ou vinte dias de onda, apêlos e noticiário, a gente publica que Rosa mandou um bilhetinho dizendo que está recolhida a um convento de religiosas. Exatamente pra truma não poder pensar a verdade. Eu entro então em contato com uma grande firma, de aparelhos eletrodomésticos por exemplo, e aí promoveremos o encontro televisionado de vocês dois.
Lino - Você acha que Rosa vai topar?
L.Carlos - Pra casar qualquer mulher topa qualquer coisa. Faremos um duplo desfile de carros alegóricos. Uma perna vindo da zona sul com Rosa no carros chefe. A outra vindo da zona norte (termo) com você no carro chefe. E sabe onde as dias filas de carros se encontram? Ma Praça Onze, meu velho, diante das câmaras e microfones das emissoras de rádio e de televisão. Sucesso absoluto. Vocês vão fechar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.252
GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

LINO - Rosa não vai querer se expor a um papel dêsses.
L.CARLOS - Papel nenhum. Papel nynhum, ora essa. O casamento vem logo no dia seguinte. Casamento promovido pelo Correio Diário e oficiado por um padre ou um cônego bem batura, dêsses com bastante projeção social.
LINO - Não vai dar pé. O senhor não acha melhor eu me matar?
L.CARLOS - Case primeiro. Como solução desesperada é pràticamente a mesma coisa.
LINO - Vai ser difícil. Rosa foi emmbora só pra não ter que discutir sôbre os amantes.
L.CARLOS - Nosso ângulo humano vai ser outro. Um casal que se ama, mas ela vai embora porque não quer viver fora da sagrada instituição do matrimônio. O público adora essas bobagens.
LINO - Se eu concordar você jura que vai encontrar Rosa?
L.CARLOS - (Rápido). Juro.
LINO - E jura que vai trazer ela de volta?
L. CARLOS - Jurar não tem problema. Lhe digo mais. Se na hora do casamento Rosa quiser agradecer na televisão a Deus, a mim e à firma patrocinadora do programa, eu ainda garanto - uma geladeira pra vocês. (Pausa). Puxa, que é que você - quer mais?
LINO - 'tamos combinados.
L.CARLOS - (Apertando a mão de Lino). Pode ficar descansado. Não dou uma semana pra encontrar a sua Rosa.
LINO - Tchau.
L.CARLOS - Tchau. (Encaminha-se para a porta).
LINO - Luis Carlos. É Luis Carlos o seu nome, não é?
L.CARLOS - É.
LINO - Uma coisa.
L.CARLOS - Diga.
LINO - Quando você encontrar Rosa, não vai darm em cima dela vai?
L.CARLOS - (Tom ofendido). Puxa, Lino, era preciso que eu fôsse um canalha para querer me aproveitar assim do infortúnio alheio.

= T R E V A S =

L.CARLOS - Mas Rosa, me dê um único motivo, um único, para você não dormir comigo.
ROSA - Será possível que você só pense nisso?
L.CARLOS - Você, me disculpe que diga, mas é o maior blefe da história.
ROSA - Quando você me convenceu a voltar pra casa, pro Lino, não botou as coisas nesse pé. Me disse que queria era fazer uma tal de promoção no seu jornal.
L.CARLOS - Mas a gente pode unir o útil ao agradável. Nem só de pão vive o homem.
ROSA -Vá trocar o fusível.
L.CARLOS - (Saindo). Tanta propaganda e afinal você não é de nada.
ROSA - Você pensava que eu éra uma garota fácil?
L.CARLOS - (De Dentro). Desinibida. E vai/ me dizer que nunca confraternizou com o pessoal aqui da rua.
ROSA - (Quase orgulhosa). Foi com o bairro em geral. De quase todos eu já fui... namoradinha.
L.CARLOS - Estou ligando o fusível. E já faz muito tempo que você se dedica a êsse DESBRAVAMENTO aqui da região?
ROSA - Comecei antes dos 17 anos... (Entra um foco de luz, vindo da coxia para onde Luis Carlos saiu. O foco entra ùnicamente por um óculo na bandeira da porta, indo focalizar Rosa em cena). Quando eu reparei que tudo que era homem me olhava de olho comprindo, igualzinho à criança em porta de confeitaria.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.253
GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

L.CARLOS - (Entrando em cena e indo acender a luz). Mas eu nunca vi confeitaria distribuir doce a três por dois.

ROSA - No dia de São Cosme e Damião até que distribui. E ninguem é contra o Dia de São Cosme e Damião.

L.CARLOS - Mas também não precisa ser fanática por São Cosme e Damião.

ROSA - Até os dezessete anos eu não admitia mais que mãozinha dada e cinema na sessão das quatro.

L.CARLOS - Depois veio a sessão das seis, das oito, das dez e pronto. É sempre assim.

ROSA - Ih, você põe maldade em tudo.

L.CARLOS - Não me compreenda mal. Não tenho nada contra uma moça assegurar seu equilíbrio psico-somático.

ROSA - Meus namorados são para mim como gatinhos de estimação.

L.CARLOS - (Incisivo). Então miau miau miau.

ROSA - Você não entende.

L.CARLOS - Então concorde que gato de estimação é pra ter um. E não pra ter um... um cardume de gatos.

ROSA - Cardume não de peixe?

L.CARLOS - O que eu não acho justo é que você tenha caso com todo mundo aqui no bairro e não queira nãda comigo.

ROSA - Caso, não. Prefiro chamar de namorado. Acho namorado uma palavra tão bonita. Ouve só. (Lento e terno). Nomorado. É tão suave. Vem de enamorado, você sabia?

L.CARLOS - (Irônico). Tinham me dito, mas eu não acreditei,

ROSA - (Terna). É como se quisesse dizer envolvida de amor. E meu amor foi sempre assim. Amor mesmo. Simples, puro e desinteressado.

L.CARLOS - Mas eu juro que meu amor por você também é simples, puro e desinteressado. Logo junto a fome com a vontade de comer.

ROSA - Eu não tenho o menor motivo pra trair Lino com você.

L.CARLOS - Mas motivo a gente encontra um. Vamos pensar.

ROSA - (Levemente solene). Não, eu só traio seguindo os ditames da minha consciência. Meu primeiro namorado, por exemplo.

L.CARLOS - Que é que tem êle?

ROSA - Já fazia uns seis meses que êle pedia, insistia, implorava pra me envolver no que êle chamava do estonteante calor dos seus braços.

L.CARLOS - E você sem estontear.

ROSA - Sempre tinham me dito pra negar. Não explicavam porque, mas diziam que eu tinha que negar. Aí o rapaz foi definhando de tristeza. Definhando, definhando, vivia amargurado pelos cantos, solitário e sempre cabisbaixo. Aí me disseram que êle tinha ficado com complexo de inferioridade por minha causa.

L.CARLOS - (Irônico). Pobrezinho!

ROSA - Ah, eu fiquei tão nervosa quando me falaram do tal negócio do complexo de inferioridade. Sabe como é. Complexo já não é grande coisa e o de inferioridade ainda é pior. Fiquei dois dias sem dormir. E Êle cada vez mais triste. Ih, mas era uma tristeza danada. Dava dó só de ver êle passar na rua. Então eu comecei a pensar. Ah, não, nessa altura êle foi reprovado na faculdade. Estava no terceiro ano de engenharia. Foram mais dois dias que eu passei sem dormir.

L.CARLOS - Mas porque você não tomava pílula pra dormir?

ROSA - Sei que sofri um bocado. Comecei a ter remorsos. Afinal de contas, porque eu tinha que negar? Eu era livre, sem compromisso com ninguém. Só diziam que eu tinha que negar, mão não explicavam porque. Você sabe porque?

L.CARLOS - Bem, porque... Porque...

ROSA - Pois é. Ninguém sabe porque. Então vi que podia aruinar uma carreira, estragar uma vida, só por causa de uma coisa que ninguém sabe porque. E ai, seu moço, eu me decidi. (Pausa)

L.CARLOS - Coraçãozinho mole. E o rapaz?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.254

GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

ROSA - Ah, ficou outro. Primeiro me sorriu com os olhos e eu nunca mais me esqueci daquele olhar. Parecia um gatinho. Tão terno, tão feliz, tão contente. Depois disso fêz segunda época, engordou, fêz ginástica e completou o curso todo em primeiro lugar. Eu me senti assim passeando numa nuvem de tão contente.

L.CARLOS - Você foi costureira de criança?

ROSA - Não, mas todos os meus nomoros sempre foram assimzinhos.

L.CARLOS - Assinzinhos.
ROSA - Semelhantes. Todos semelhantes. Pràticamente a mesma coisa.
L.CARLOS - Você não acha que está enterpretando de forma muito realista a idéia do amai-vos uns aos outros?
ROSA - (Decepcionada). Você não compreendeu.
L.CARLOS - Compreendi. Compreendi muito bem. Nunca vi ninguém cair na gandaia com tanto back-ground folosófico.
ROSA - Não admito que você pense isso de mim.
L.CARLOS - Só queria saber a frequência dêsses seus gestos de solidariedade humana.
ROSA - Bem, você sabe, tem tantos infelizes sofrendo por aí...
L.CARLOS - E você resolveu acaber com a infelicidade nesse mundo, não é verdade? Se eu não fôsse mesmo um repórter sem escrúpulos, jamais promoveria êsse casamento. Pobre Lino.
ROSA - Mas Lino eu também fiquei com êle porque êle é infeliz. Não imagina como êle sofre por não ser pescador de baleia. Que é que a gente pode fazer quando encontra um cabineiro que quer ser pescador de baleia?
L.CARLOS - É. Só tem um jeito mesmo.
ROSA - Lino é um horror. Logo no primeiro dia que me apareceu aqui, armou essa fôrça. E qualquer coisinha dizia logo que ia se matar. Aí eu vi que êle era um caso grave. E resolvi prestar um nova ajuda. Mas a fôrça continuou. E eu fui prestando nova ajuda, nova ajuda... E foi assim que êle ficou.
L.CARLOS - Mas você também continuou a ajudar desenfreadamente a turma aqui do bairro.
RODA - Primeiro da rua. Tinha um homem, por exemplo, que tinha perdido o emprêgo. Andava na miséria. Já estava até pensando em assassinar o ex-patrão. Era um caso de urgência.
L.CARLOS - E o Pronto Socorro de novo entrou em ação.
ROSA - Era o mínimo que eu podia fazer por aquela criatura. Não me custava nada. êle se alegrou tanto. Parecia um gatinho. Tão terno, tão feliz, tão contente. Sabe que no dia seguinte arranjou colocação? ~~Engraçado, eu fiquei tão contente~~ Depois me falou uma porção de coisas. Disse que tinha se realizado na vida. Uma porção de coisas. Eu fiquei tão contente. Disse que eu tinha dado confiança a êle. Uma beleza. Êle até que fala bem. Posso ficar descalça?
L.CARLOS - Pode, ué. A casa é sua.
ROSA - É que eu adoro andar descalça.
L.CARLOS - E depois dessa figura?
ROSA - (Sonhadora, com simplicidade). Depois eu compreendi que tinha um poder maravilhoso nas mãos. Que bastava eu namorar pra fazer gente feliz.
L.CARLOS - Baseada nisso, você partiu pra coisa ainda com mais disposição.
ROSA - Desculpe que eu diga, mas os homens são tão bobos. Ficam tão felizes com tão pouco.
L.CARLOS - Mas você gosta dêsse pouco, não gosta?
ROSA - Claro. Me dá uma alegria doida.
L.CARLOS - Não, eu quero saber se gosta, gostando.
ROSA - (Levemente envergonhada). Gosto, né. Mas isso não tira a volor da intenção. O que importa é a intenção. (Pausa).
L.CARLOS - Sabe que eu também tenho os meus momentos de depressão?
ROSA - Não venha com conversa outra vez.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.255

GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

L.CARLOS - não, No duro. Tem dias que só falta eu bater com a cabeça nas paredes.
ROSA - Pare com isso.
L.CARLOS - Que é que você tem contra a minha infelicidade?
ROSA - Você não infeliz coisa nenhuma.
L.CARLOS - Sou sim. Sabe que eu perdi meu pai aos sete anos?
ROSA - Sei reconhecer um infeliz a quilômetros de distância.
L.CARLOS - Tem que ser muito infeliz?
ROSA - (Digníssima). Não adiante, Luiz Carlos. Eu não sou uma leviana.
L.CARLOS - Quem vê cara não vê coração. Eu, debaixo dêsse ar contente, sou um dos maiores infelizes da paróquia. Você já pensou... (TOCA A CAMPAINHA).
ROSA - Quem será?
L.CARLOS- A turminha dos amargurados já sabe que você voltou?
ROSA - Não, ué, nós viemos escondido.
L.Carlos - É preciso que ninguém saiba. Senão não podemos fazer a promoção no meu jornal. (Toca a campaínha de novo).
ROSA - (Indo para a porta, com jeito de irmã de caridade). Pode ser algum coitadinho...
L.CARLOS - 'pera aí. Você vai lá pra dentro. Eu vou ver quem é. Ande. Rápido. Eu vou ver quem é. (Rosa sai de cena e Luiz Carlos vai abrir a porta).
RAYMUNDO - (Da porta). Você é que é o Luiz Carlos?
L.CARLOS - Eu mesmo.
RAYMUNDO - Quero bater um papinho com você, meu chapa.
L.CARLOS - Pode entrar.
RAYMUNDO - (Entrando). Êsse aí é o meu sobrinho. (Luiz Carlos e o rapaz se cumprimentam com a cabeça. O Rapaz tem um ar humilde, tímido e triste. Sentam todos, ficando o rapaz num canto da cena. Pausa. Raymundo rompe o silêncio em tom agressivo). Que piada é essa Luiz Carlos?
L.CARLOS - (Espantado). Qual é a piada?
RAYMUNDO - Êsse casamento de Rosa, sem que nem porque.
L.CARLOS - Como é que o sr. sabe?
RAYMUNDO - O papai aqui é Presidente da Sociedade Pro-melhoramentos dêste bairro, tá bom? Sei de tudo que se passa aqui.
L.CARLOS - Muito prazer.
RAYMUNDO - Prazer uma ova. O senhor 'tá é armando jeito de tirar o pão da nossa bôca.
L.CARLOS - Tenho a maior simpatia por seu bairro.
RAYMUNDO - Simpatia comigo não conta. O que interessa é que Rosa não pode se casar, 'tá entendendo? Êsse casamento é um golpe baixo
L.CARLOS - Ora essa, mas porque?
RAYMUNDO - Ela não lhe contou nada?
L.CARLOS - A respeito do... serviço de relações pública que leva a efeito aqui no bairro?
RAYMUNDO - Rosa, é como diz Dr. Onofre, (explicado) é um fator de equilíbrio social de tôda essa região. 'Tá? Não é mole não.
L.CARLOS - Mas agora já está tudo combinado.
RAYMUNDO - Escuta, meu chapa, antes de Rosa vir pra cá, isso aqui era um inferno. Você sabe como é. Você é um rapaz inteligente. É como diz o Dr. Onofre. A frustração é o flegelo da humanidade. E em bairro pobre ainda é pior. É frustrado por todos os cantos. Eu, por exemplo, sou frustrado. Sou. Sabe porque? Porque não tenho automóvel. E sabe o que eu fazia antes de Rosa vir pra cá?. Riscava a canivete a pintura de tudo que era carro aqui da rua. Depois, com Rosa... pra que automóvel pra que dinheiro, pra que tudo?
L.CARLOS - Mas o senhor acha isso direito?
RAYMUNDO - Não banca o elegante. Essa criatura é uma santa.
L.CARLOS - E o Lino? O senhor não tem pena do Lino?
RAYMUNDO - Lino? Lino é um vigarista. Por causa de uma infelicidade que não tem nada demais, mereceu de Rosa o previlégio, como diz o Dr. Onofre, o previlégio de uma assistência permanente. É só por isso que lea 'tá com êle.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p 256

L.Carlos - Mas qual é o mal dela ao casar?
RAYMUNDO - (Triste). Aí é que está. Rosa é uma moça direita. Sempre disse que no dia em casasse, não ajudava mais ninguém.
L.CARLOS - Casamento não impede amor ao próximo.
RAYMUNDO - Pois é. Eu também acho. Nesse ponto ela é meio burrinha. Mas também ninguém é perfeito nesse mundo.
L.CARLOS - O senhor me deixou meio abalado.
RAYMUNDO - (Comovido). Rosa é tudo pra nós. É a única coisa boa dêsse bairro. É assim feita uma fada de ternura e amor. Quando em minha casa falta água, eu não dou bronca, porque existe Rosa. Quando não encontro condução, não falo nada, porque sei que existe Rosa. É como diz Dr. Onofre, (parecendo criança, quase recitando). Rosa é a amiga mais leal, e encanto, a bondade, o ânimo, a vida, a razão, o princípio e o fim. Por favor, Seu Luiz Carlos, não nos tire Rosa.
ROSA - (Da porta, comovida). Obrigada, Raymundo.
RAYMUNDO - Rosa! Nosso amor querido.
ROSA - Você me deixou tão comovida. Fiquei com o coração dêsse tamanho
RAYMUNDO - Rosa, quero te apresentar aqui o meu sobrinho. (Sobrinho levanta, com ar tímido e infeliz, e vai cumprimentar Rosa)
ROSA - Que carinha triste, é um pecado essa carinha triste.
SOBRINHO - (Malandrinho). Eu queria...
RAYMUNDO - Fala anda.
SOBRINHO - (Malandrinho). Eu queria...
ROSA - Diga, meu filho.
SOBRINHO - (Sempre malandinho). Eu queria que a senhora... me incluísse na sua obra assistencial.
ROSA - (Encantada). Que deliqadeza.
L.CARLOS - (Mesmo tom de Rosa). Que patifaria.
RAYMUNDO - Por outro lado, Rosa, eu queria ter dizer que ando sentindo novamente aqueles (pigarreia) impulsos incontroláveis de riscar a canivete os carros aqui da rua.
ROSA - (Preocupada). Voltou o complexo. (~~Entra Lino, vindo da rua~~). (Barulho na fechadura).
RAYMUNDO - Eu 'tou que é só complexo. (Entra Lino, vindo da rua).
~~RAYMUNDO - Eu 'tou que é só complexo.~~
LINO - (Da porta). Que é que vocês estão fazendo aqui?
RAYMUNDO - Não banca o importante, Lino.
LINO - Fora todos dois.
RAYMUNDO - Lino, você sempre foi meu caixa.
ROSA - Êles vieram me fazer uma visitinha.
LINO - Fora todos dois...
L.CARLOS - (Explicativo). Não, Lino, eu 'tive presente o tempo todo.
LINO - Rua!
RAYMUNDO - 'spera lá. Não pense que isso vai ficar assim não.
LINO - Claro que não vai ficar assim. Arrumei a minha vida. Vou me embora dêsse bairro.
SOBRINHO - (Assustadíssimo). Quando? Quando?
LINO - O mais rápido que puder.
SOBRINHO - Ah, meu Deus do céu.
RAYMUNDO - Isso não vai ficar assim porque eu vou reunir o bairro todo.
LINO - Ninguém me entra nessa casa. Aprendi a viver. Vocês vão ver.
L.CARLOS - Acho melhor vocês irem embora.
SOBRINHO - (Desolado). Não é justo. Não é justo.
RAYMUNDO - Calma meu filho. Calma.
SOBRINHO - Logo agora êle vai embora.
LINO - De uma vez por tôdas, fora! (Os dois se encaminham para a porta)
RAYMUNDO - (Saindo). Lino, o bairro vai lutar. Topamos qualquer parada na defesa de um direito.
SOBRINHO - (Desolado). Logo agora.
RAYMUNDO - (Saindo, para Luiz Carlos). Conto com o Senhor. (Saem. No instante em que a porta se fecha, Lino invectiva).
LINO - Que negócio é esse de conto com o Senhor?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.257
GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

da média, senão a média sai fora do lugar. Logo não vejo o menor sentido em ajudar os outros a subir e competir comigo.

L.Carlos- Mas nós não estamos competindo. Eu sou repórter. Você quer ser pescador de baleia.

LINO - Pescador de baleia é a meta final da minha vida. Até lá tenho que ir subindo aos poucos. Pra teu govêrno, Rosa, já fui designado chefe da portaria do edifício.

L.CARLOS - Meus parabéns.

ROSA - Então! (Terna). E você conseguiu isso porque o Administrador quis te ajudar, não foi?

LINO - Uma brisa. Eu disse ao chefe da portaria que o cabineiro do elevador social era amante da mulhe dêle. (Empolgado). E não fiquei aí. Vice-versei a mesma história. Resultado. Os dois se partiram as caras mùtuamente e foram despedidos. E eu fui promovido. (Eufórico). Não te disse que tinha aprendido a viver? Ninguém mais pode me chamar de pobre diabo. (Delirante) Agora sou um homem normal. Um homem normal.

ROSA - Lino, como é que você pode fazer uma coisa dessas?

LINO - Eu não dou três meses pra eu passar a Administrador. Sabem por que? Estou empregando a fôrça do pensamento positivo. Tôda noite agora, antes de dormir, passo meia hora repetindo concentrado: "Deus há de me ajudar. O Administrador vai ser despedido." "Deus há de me ajudar. O Administrador vai ser despedido." (xxxxxxxxxxxxxx) (Toca a campainha)

LINO -

L.CARLOS - Deve ser o Raymundo.

LINO - Ninguém me entra aqui.

ROSA - Mas êles sabem que nós estamos em casa. (Vai indo para a porta)

L.CARLOS - Rosa, concorda logo com a nossa promoção.

ROSA - (Esquiva). Não sei. (Abre a porta).

RAYMUNDO - (Da porta). Rosa, diga logo que disistiu do casamento.

Rosa - Não sei.

RAYMUNDO - (Para os outros, do lado de fora). Então vamos entrar. (- Entram Raymundo, o Sobrinho (que ao cumprimentar Rosa faz a cara mais sofrida do mundo), uma mulher (atriz devidamente caracterizada para se transformar em um tipo de criatura realmente horrorosa, fora das cogitação sentimentais de qualquer homem), Dr. Onofre e Ivan).

IVAN - (Cumprimentando Rosa). Nossa camarada!

DR.ONOFRE - (Cumprimento Rosa)em tom pomposo) Nossa São Franciscá!

ROSA : (Desvanecida). Meus Gatinhos!

RAYMUNDO - Viemos aqui incorporados resolver essa parada.

IVAN - Trouxemos uma proposta

DR.ONOFRE - Uma proposta justa, leal e equidistante

IVAN - Além do mais, simples e rápida

RAYMUNDO - Fala, Dr.Onofre.

DR.ONOFRE - (Com simplicidade) . É colocar em votação. (Recitativo) Todos aqueles que estão de acôrdo com o casamento de Rosa, queiram permanecer sentados (levantam-se num salto,Raymundo, Dr.Onofre e Ivan).

RAYMUNDO - (Ansioso) Vamos contar.Vamos Contar. Vamos contar.

DR.ONOFRE - (Rápido)- Quatro a dois. Mulher não vota.

IVAN - (Rápido). Foi rejeitado.

RAYMUNDO - (Rápido e em tom definitivo) Rosa não deve se casar. Tá resolvido ‖ Pausa)

LINO - Quem foi que disse que eu sou democrata?

DR.ONOFRE - (Sentado desolado) O que falta ao nosso povo é evolução politica. (Sentam todos com cara amargurada)

IVAN - Não se respeita nem mesmo uma eleição.

RAYMUNDO - 'Tamos desgraçados.

ROSA - (interessada) Desgraçado? Alguém está desgraçado?

, BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 258

ternizar.
RAYMUNDO- Quanto mais melhor.
DR.ONOFRE- Sem inibições.
RAYMUNDO- A três por dois.
Dr.ONOFRE- Com personalidade.
RAYMUNDO- Você já cansou da implicância do Lino uma vez e deu no pé. Depois de casarr vai ser mais chato cair fora novamente.
L.CARLOS- (Para Rosa). Porque você abandou Lino na estação?
ROSA - Bem, é que eu estava lá, né. Estávamos esperando. Aí eu ví sentadinho num banco um rapaz com uma cara tão amargurada, tão amargurada que eu pensei: (Tom alegre, de quem descobre ouro). Olha ali um infeliz! Aí fui reconfortar, reconfortei, reconfortei...
DR.ONOFRE- Será possível, Lino, que você não perceba os anseios de sua ex-quase-futura-espôsa? Não vê que o que ela quer é ajudar o próximo?
ROSA - É que eu me sinto assim tão leve...
LINO - (Terno). Aí é que está o seu êrro, Rosinha. Você não acredita em Deus?
ROSA - Acredito, ué.
RAYMUNDO- (Desconfiado). Deus não tem nada a ver com o peixe.
LINO - (Terno). Não acha que Deus sabe o que faz?
ROSA - Acho.
LINO - (Eufórico). Então respeite a vontade de Deus, que diabo. Se Deus faz um sujeito infeliz, é porque êle quer que aquêle sujeito seja infeliz mesmo. Acho muita pretenção querer modificar a obra de Deus.
ROSA- Eu fico tão confusa...
RAYMUNDO- Confusão nenhuma. Confusão nenhuma.
DR.ONOFRE- A solução até que é simples.
MULHER- (Vóz estridente). Peço a palavra.
RAYMUNDO- Será possível que você quer falar sòzinha o tempo todo?
L.CARLOS- Descobri a solução.(Pausa). É lógico. Rosa se casa, com rádio, jornal e televisão, Lino passa a ter uma espôsa e depois ela continua a ajudar o bairro em seus momentos de tristeza e depressão.
LINO - E eu protesto.
RAYMUNDO- Isso ela não vai topar.
L.CARLOS- Não, seria um negócio com critério. A gente faria uma escala de depressões. Não ia ser ajuda assim por qualquer besteira. Só merecia assistência quem, por exemplo, perdesse a mãe, estivessa passando fome, fôsse abandonado pela espôsa... Negócio sério. Seleção rigorosa.
RAYMUNDO- Bom mas... e quando o meu time perder?
L.CARLOS- Futebol não.
RAYMUNDO- Não porque? Eu troco vinte e cinco espôsas por uma vitória do Flamengo.
DR.ONOFRE- O critério da infelicidade é muito relativo.
L.CARLOS- Bom, então a derrota do time do sujeito valía, por exemplo, cinco beijos.
RAYMUNDO- Não dá pra tirar a amargura, Num dá. Num dá.
ROSA- E isso eu não aceito.
L.CARLOS- Porque?
ROSA - Fica assim meio maroto.
L.CARLOS- Maroto porque? Porque?
ROSA - Maroto... Meu marido ser um sujeito que é enganado pela espôsa.
LINO - Viram?
L.CARLOS- Se você já sabia que Rosa pensava assim, então porque não casou com ela desde o início?
~~XXXX~~ - DR.ONOFRE- Teria evitado que ela caísse em condomínio.
LINO - É que eu não acreditava que Rosa fôsse mesmo ser batata depois do casamento.
L.CARLOS- E agora acredita?
LINO - Mais ou menos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.259

ROSA - (Ofendida). Mais ou menos?
LINO - Quer dizer, acredito. Principalmente quando né estivermos só nós dois numa baleeira em pleno mar.
MULHER- (Furiosa). Pe-ço a pa-la-vra! (Pausa)
DR.ONOFRE- Fale, ué.
MULHER- (Surpresa). Eu?
L.CARLOS- Não pediu a palavra?
MULHER- Posso falar mesmo?
DR.ONOFRE- Claro. Isso aqui é uma democracia.
MULHER -Bom, deixa eu falar. O negócio é que eu tenho a solução.
RAYMUNDO - De araque.
MULHER -O negócio é todo êle muito simples. Se Rosa não casar, cria problema pro Lino e Luiz Carlos. Se casar, cria problema pra turminha dos amarguradas. Muito bem. Então eu proponho que ela case e eu fico dando assistência à turminha dos amargurados.
LINO.- Perfeito. Idéia excelente. 'tá resolvido.
DR.ONOFRE- Absolutamente. Seu gesto é muito tocante e de enorme desprendimento, mas nós não vamos querer seu sacrifício.
MULHER- Sacrifício nenhum. Eu faço isso por amor ao bairro.
RAYMUNDO- O bairro desvanecido agradece, mas cai fora da jogada.
MULHER:- (Ultra decidida). Ah, isso que não. Eu quero ajudar. Eu quero ajudar.
DR.ONOFRE- O negócio está ficando perigoso.
MULHER- (Para Raymundo). Posso começar logo de cara pelo seu sobrinho
SOBRINHO- (Inquieto). Não se afobe. Não se afobe.
LINO- Ótimo. Muito bem. Pelo sobrinho.
MULHER - (Ameaçadoramente terna). Pobrezinho. Que carinha.triste.
SOBRINHO- (Assustadíssimo). Até que eu estou alegre. Eu estou alegre.
DR.ONOFRE- É preciso que alguém tome alguma providência.
L.CARLOS - Minha senhora.
MULHER- Ninguém vai escapar da minha ajuda.
L.Carlos- Sua proposta já foi consignada.
MULHER- Quero fazer uma lista de infelizes.
DR.ONOFRE- Abriremos incrições ao voluntariado.
L.CARLOS- (Procurando encaminhá-la para a porta). Eu faço a lista pra Senhora.
MULHER - Uma lista bem comprida.
RAYMUNDO- (Apontando discretamente para a mulher). Rosa, você não pode nos abandonar nas garras do destino.
MULHER- O sobrinho em primeiro lugar.
LINO - Acho a proposta dela muito boa.
SOBRINHO- Mas logo eu.
L.CARLOS- (Empurrando-a para a porta). Pode ficar tranquila.
MULHER- (Da porta). Acho que minha solução é um tiro no problema aqui do bairro, o senhor não acha?
L.CARLOS- Claro, claro. Até loguinho. (Empurra-a para fora)
MULHER - (De fora). Telefonem logo que resolvam. (L.Carlos fecha a porta. Alívio geral).
DR.ONOFRE- (Para o sobrinho). Meu filho você esteve por um triz.
RAYMUNDO- Que parada.
SOBRINHO- Ela parecia uma piranha.
MULHER- (abrindo a porta, voz estridente). Vocês tem meu telefone?
TODOS,MENOS LINO E ROSA- Temos, temos. Não se preocupe.
MULHER- (Voz estridente). E melhor tomar nota.
L.CARLOS- Pode dormir descansada.
MULHER- 35-37-35,
L.CARLOS- Tchau. Até logo. Até logo.
MULHER- Qualquer coisa é só telefonar. (Fecha a porta).
RAYMUNDO- Rosa, agora eu já coloco em termos de um apêlo.
DR.ONOFRE- Lino, não é possivel que essa ameaça que agora brutalmente nos atinge, não te tenha comovido.

. BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 260

IVAN- Não senhores. Fiquei calado o tempo todo, mas agora vou lutar. O caso não é de apêlo nem pedido. É uma reivindicação. Uma reivindicação de todo um bairro oprimido e espoliado pelo imperialismo reacionário de Lino. Rosa é um bem comum de todos nós. E como tal, não pode ser alienada, utilizada, apropriada por um único burguês. Ela é o petróleo dêsse bairro.
RAYMUNDO- Rosa é nossa. Rosa é nossa. Rosa é nossa.
IVAN- (Enfático). Porque, eu vos pergunto, porque Lino há de ter o previlégio de desfrutar Rosa sòzinho?
DR.ONOFRE- É um monopólio.
IVAN- E o povo, meus irmãos, o povo não pode ser sacrificado em benefício de um burguês, que inventou de se casar.
LINO- Rosa, lembre-se do que êles fizeram na Hungria.
IVAN- (Apontando Lino). Êsse homem quer ficar com Rosa todinha só pra êle.
DR.ONOFRE- Latifundiário.
LINO- O que eu quero é apenas me casar.
IVAN- E os seus deveres perante a sociedade?
L.CARLOS- (Que estava alheio à discussão, interrompendo). Mudei de opinião.
LINO- Você não vai fazer isso comigo.
L.CARLOS- Não aceito a socialização de Rosa, mas também não topo mais o casamento.
LINO- E a promoção no seu jornal?
L.CARLOS- Só agora compreendi Rosa melhor. A gente tem que ser fiel ao nome e à cara que tem. Um ladrão não tem cara de ladrão porque é ladrão. Ao contrário. Êle é ladrão porque nasceu com cara de ladrão. Uma mulher chamada Hermengarda, que é rima de espingarda, jamais poderá ser meiga e suave. E um homem chamado Leão tem que ser um vencedor.
LINO- Besteira. Já encontrei muito José que troço pra xuxu.
L.CARLOS- Mas repare que todo José, quando vence na vida, é porque é tratado pelo sobrenome. José Magalhães Pinto, José Amádio, José Silveira Sampaio. Um Hércules jamais poderia morrer - tuberculoso, porque antes dos pulmões pifarem, morreria de desgosto. E um sujeito chamado Millor ou Ziraldo tem que ser todo personalidade. Isso foi o que descobri e que agora vos relato. Uma mulher chamada Rosa tem que ser tôda encanto, beleza, simplicidade e ternura, distribuindo brancas pétalas sem querer nada de volta.
ROSA- E eu sou mesmo tudo isso?
L.CARLOS- (Empolgado convencido de que está fazendo poesia). Mais ainda, é mulher linda . E aquelas que lindas a graça tem de ser, a um só homem não devem pertencer.
ROSA- Vencí as minhas dúvidas.
L.CARLOS- Porque são obras de arte.
ROSA- Já me dicidi
L.CARLOS- E as obras de arte devem estar em tôda parte para encantar... para encnatar...(Lino vai protestar) e não permito aparte.
ROSA- Fico com o meu bairro.
TODOS, MENOS LINO- Viva. Bravo. Muito bem. Apoiado.
LINO- Muito bem. Aceito a derrota. Mas quero então que fique aqui perfeitamente claro que esta decisão me deixou profundamente infeliz
ROSA- Pobrezinho. (Vai acariciá-lo).
SOBRINHO- Eu também sou infeliz.
RAYMUNDO- Eu já 'tava infeliz antes. (Rosa vira-se para êle)
DR.ONOFRE- Eu também.
TODOS- Eu também. Eu também.
L.CARLOS- E eu, afinal de contas, fiquei sem a possibilidade de aumentar a tiragem do jornal. e Com isso fiquei infelicíssimo.
RAYMUNDO- (Eufórico). Somos todos infelizes!
DR.ONOFRE- Todos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 261

LINO- Viva a infelicidade!
TODOS- Viva. (Estão todos efusivamente se cumprimentando)
ROSA - Mas você parecem tão contentes.
(Todos imediatamente fazem as caras mais desgraçadas o mundo e vão cada um para o seu canto, ficando em atitudes perfetamente dramáticas e amarguradas. Rosa vai olhando rápidamente um por um, cada - qual acentuando seu ar trágico)

ROSA - Não. Vocês não precisam minha ajuda. Vou prosseguir minha obra em outros bairros.

(Para a platéia, cantando). Recebam o afeto que se encerra
Neste peito juvenil

TODOS - (Apontando Rosa e cantando)

Antes fosses mulher - Símbolo da terra
da amada terra
do Brasil!!!...

PANO. VAI CAINDO LENTA E DOCEMENTE.

GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p 262

TEATRO

TÍTULO Procura-se uma Rosa

Pedro Bloch

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 16 anos c/cortes

Praça São Paulo - SP

Obs.:

DF. 02/08/79

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 263

03/08/76

705/76-SCTC/SC/DCDP

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

: Sr. Superintendente Regional do DPF em São Paulo-SR/SP

Informação (faz)

Ref.Of. nº 4650/76-SCDP-SR/SP

Senhor Superintendente:

De acordo com a Portaria nº 042/75-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ao ofício em referência, informo a V. Sa. que a peça teatral intitulada "PROCURA-SE UMA ROSA" de Pedro Bloch, acha-se registrada nesta Divisão de Censura sob nº 386, com a classificação etária 16 (dezesseis) anos com cortes.

Na oportunidade, renovo a V.Sa. protestos de estima e consideração.

ROGÉRIO NUNES
Diretor/DCDP

0112

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 264

PROC.-	
LIV.-	01
PAG.	12
REG.-	386
PRAÇA-	SP

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p 265

MJ-DPF-SRA/BSB
10 AGO 0936 025134

FICHADO
S.A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S.PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

SDB/FICHADO

OF.
Nº 7.032/77-SCDP/SR/SP

Em, 08 de agosto de 1977.

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto, relatórios de texto e relatório de ensaio geral das peças teatrais "REGRESSO" original de Aparecido Izabel Massi; "PROCURA-SE UMA ROSA", original de Pedro Bloch; "ENSAIO NO CAMPO NÚMERO CINCO" original de Geraldo Ribeiro Chaves; "A BARBEARIA" original de Hugo Zorzetti; "A CANTORA CARECA" original de Eugene Yonesco; "O QUARTEL DOS PEQUENOS VAGABUNDOS" original de Jurandyr Pereira; "AMOR A OITO MÃOS" original de Pedro Bloch; "RECANTO DO INFERNO" original de José Barbosa dos Santos; "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN" original de Nelson de Andrade Silva e "O NAVIO NEGREIRO" original de Castro Alves.

Outrossim, aproveitamos o ensejo para solicitar a V.S., a remessa dos certificados das peças teatrais acima mencionadas.

Na oportunidade, renovo a V.S., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASILIA/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 266

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: PROCURA-SE UMA ROSA-AUTOR-PEDRO BLOCH

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIBERADO PARA MAIORES DE 16 ANOS

De acordo c/o Parecer
da SCDP/SP.

Em atendimento à determinação desta Chefia, aos 22/06/77, assistimos ao ensaio geral da peça "Procura-se Uma Rosa" de autoria de Pedro Bloch, realizado no Seminário Santo Afonso na cidade de Aparecidá.

Constatamos assim, tratar-se de uma representação dramática, constituída de quatro quadros, enfocando, / através do relacionamento entre os personagens, o drama / de um rapaz pobre, que se casa com uma professora. Após o casamento confessa a verdade à esposa, que procura persuadí-lo da importância de uma profissão honesta. No entanto o marido inconformado, acaba envolvendo-se com ladrões. No final é abandonado pela mulher que descobre a verdade.

O cenário, vestimentas, iluminação, marcação, estavam de acordo com as normas censórias.

Em conclusão, a análise da encenação en relação ao texto, nos permite, opinarmos pela aprovação do espetáculo com representação proíbida para menores de 16 anos.

São Paulo, 23 de junho de 1.977

M. Glória B. de Souza

Mª Glória Brasil de Souza
Téc. Censura

DPF-742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 267

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: PROCURA-SE UMA ROSA

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 ANOS

De acordo c/o Parecer
[illegible]

Texto teatral, em quatro quadros, original de Pedro Bloch, que recebeu em 19 de junho de 1975, o Certificado liberatório nº 386/75, válido até 22 de fevereiro de .. 1977 e com proibição para menores de 16 anos.

Drama que conta a história de Lino, um rapaz simples, mecânico, que se apaixona por Maria, uma jovem professora; só após o casamento, confessa a verdade à Maria / que, procura convencê-lo de que o importante é ter uma profissão honesta, um trabalho dígno; porém, sempre inconformado, Lino para dar à Maria tudo o que sonha, acaba por envolver-se com ladrões, conseguindo, assim, algum dinheiro, mas, Maria ao descobrir a verdade, desaparece e Lino fica só e desesperadó.

Realizado o confronto, a peça ora examinada apresenta algumas modificações que, entretanto, não alteram o contexto.

Tratando-se de tema não adequado ao público / infantil, sugiro seja mantida a liberação para maiores de 16 anos.

São Paulo, 2 de maio de 1977.

Maria Estrella Dalva B. de Cavaco

DPF-742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 268

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: PEÇA TEATRAL: " Procura-se uma rosa" de: Pedro Bloch

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 anos s/c

De acordo
[signature]
Cpt. SCDP/SP.

RELATÓRIO: -

I- Apreciação:

O conteúdo da obra é centralizado num drama vivido por Lino, mecanico de origem simples, que casa-se c/ Maria Rosa, professora de Jardim de Infancia. Todos os - problemas cotidianos oriundos da diferença de classe social, imaginados por Lino, dão origem às diferenças familiares da vida em comum do casal. Tizinha, Milton e Rubão, amigos de Lino, tentam contornar e explicar as virtudes- e compreensão de Rosa que tudo faz para manter e justificar a condição de esposa tolerante e compreensiva.

Contudo, não satisfeito, Lino talvez, condicionado pela própria sociedade aliada a sua incapacidade pessoal, nada entendia, pretendendo dar à mulher um conforto que excedia às suas posses, provocando a lenta desagregação de seu casamento, até o desaparecimento de Rosa, inconformada com o vínculo de Lino com Severino, individuo suspeito, que o levara a trilhar - meios escusos e ilegais para sua satisfação pessoal, que, em última análise, Lino verificando as devidas proporções, vê que a felicidade não reside na razão direta das aparencias, mas sim na simplicidade das pequenas coisas, que - formam o todo da compreensão humana.

O tema e a mensagem da obra supra, têm potencialidades divergentes, todavia os diálogos são escorreitos apesar de em alguns itens serem incisivos a até com uma - forte dose de dramaticidade, devido à origem humilde dos personagens, que justifica o Linguajar ostensivo empregado. Pelo exposto opino pela Liberação da Obra, sujeita à faixa etária de 16 anos, sem cortes, pois o público adolescente tem condições de distinguir e sentir a verdadeira força do teor da mensagem pretendida pelo autor.

S. Paulo, 22/abril de 1977

[signature]
Dirce Camargo de Abreu -TC

DPF-742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093,P 269

TEATRO

TÍTULO PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

1) ~~S.C.T.C.~~ ARQUIVO

Clas. Anterior 16 anos c/cortes

Praça São Paulo - SP

Obs.:

DF. 21/08/77/

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezesseis anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: rect. nº 386/77-letra A.

Brasília-DF, 22 de agosto de 1977

Maria Helena L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: 16 (dezesseis) anos
Brasília-DF, 23/8/977.

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

1214/77 DF, 22/08/77

em São Paulo

7032/77-SCDP/SR/SP

"PROCURA-SE UMA ROSA" de Pedro Bloch.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.210

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 271

386/77-A.

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

15 MARÇO 80

~~25~~ AGOSTO 77

ROGERIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 272

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

22 AGOSTO 77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

23 AGOSTO 77

OFB:

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

112

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.273

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH
e
GLÁUCIO GIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.274

SRA/FICHADO

MJ-DPF-SRA/BSB
BR 1128 PF 009287

DPF - SRA
Fl. nº 1
Rub.

De ordem ao Arquivo em 01/04/78

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

Of. nº 333 /78-SCDP/SR/DPF-RJ Em 5 /4 /1978

FICHADO S.A. DCDP

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-SR/DPF-RJ

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DPF

Assunto : Encaminhamento (faz)

Ref.: Prot. nº 5394 /1978 -SCDP/SR/DPF-RJ

Peça "PROCURA-SE UMA ROSA"

Autor Pedro Bloch

Tradução

Adaptação

Requerente Benê-Arts Produções Artísticas Publicidade Ltda.

Senhor Diretor:

Para cumprimento do que dispõe o sub-item 1.1 da Portaria nº 42/75-DCDP, de 26.11.75, encaminho a Vossa Senhoria um exemplar do texto da peça acima referenciada.

Renovo-lhe, neste ensejo, os protestos de minha consideração e distinguido apreço.

AUGUSTO DA COSTA
Chefe do SCDP/SR/DPF-RJ

LSL/.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 275

TEATRO

TÍTULO PROCURA-SE UMA ROSA

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 16 anos

Praça RIO DE JANEIRO - RJ

Obs.:

DF. 13/ 04 / 78 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF, ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para [illegible]s de 16 (dezesseis) anos, sem [illegible] e com os dados constantes do requerimento de censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 27 de abril de 1978

Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: dezesseis (16) anos, sem ressalvas.
Brasília-DF, 28 de abril de 1978.

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 276

PARECER Nº 1429 / 78

TÍTULO: "PROCURA-SE UMA ROSA"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 anos

Original de Pedro Bloch

Procedendo ao confronto desta peça enviada pela SR do Rio de Janeiro, com a liberada pelo parecer nº 7224/75 e que originou o certificado liberatório nº 386/75, ainda em vigor, concluí pela semelhança entre os textos, portanto opino pela sua liberação respeitando a classificação etária anterior, ou seja 16 anos.

Liberação condicionada ao exame do ensaio geral.

Brasília, 26 de abril de 1978

Gilberto Hortencio de Souza

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.277

617/78- BSB, 27/04/78

no Rio de Janeiro

333/78-SCDP/SR/RJ

"PROCURA-SE UMA ROSA" de Pedro Bloch.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 278

386/78

: PROCURA-SE UMA ROSA

: PEDRO BLOCH

IMPRÓPRIO PARA 16 MENORES DE DEZESSEIS ANOS

27 AGOSTO 80

28 ABRIL 78

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.TE. 0093, p. 279

:PROCURA-SE UMA ROSA

: PEDRO BLOCH

BENÉ - ARTES E PRODUÇÕES ARTÍSTICAS PUBLICIDADE LTDA. - RJ

27 ABRIL 78

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUAN DO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

28 ABRIL 78

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

112

MJ-DPF-SRA/BSB
-4 MAI 1135 011670

DPF-SRA
Fl. nº
Rub.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.280

OFÍCIO Nº 442/78-SCDP/SR/RJ

Em 28.04.78

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/RJ

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : Aditamento (faz)

FICHADO
S.A. DCDP

Ao Arquivo
em 05.05.78

Senhor Diretor:

Em aditamento ao Ofício 333/78-SCDP/SR/RJ, para fins do disposto do sub-item 1.4 da Portaria 42/75 - DCDP, de 26.11.75, encaminho a V.Sª. o parecer e o ensaio geral da peça " PROCURA-SE UMA ROSA ", de Pedro Block, liberada com impropriedade para menores de 14 anos.

Na oportunidade, renovo a V.Sª. protestos de consideração e apreço.

AUGUSTO DA COSTA
Chefe do SCDP/SR/RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 281

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Parecer nº 1055

Assunto : Exame de Texto
Título : PROCURA-SE UMA ROSA
Autor : Pedro Bloch
Classificação: 16 anos

A peça em exame condiz com a anteriormente aprovada pela D.C.D.P., tendo recebido o certificado de Censura nº 386/74, com validade até 11/5/77 e liberada com a impropriedade de 16 anos.

Rio de Janeiro, 14 de abril de 1978

Sonia Maria Galo Mendes
Tec. Cens. -Matr. 2.415.820

Gabriela Wagner Gomes
Tec. Cens. -Matr. 2.416.891

MOD. 32

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 282

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

1167

Ilmo Sr
Chefe do DCDP/SR/RJ
Assunto: ensaio geral- Procura-se uma Rosa
Autor: Pedro Block
Classificação: 14 anos

Comparecemos à sala Molière da Aliança Francesa para procedermos ao exame do ensaio geral da peça em epígrafe.

Constatamos:

1- não ter havido modificações significativas no texto.
2- cenário, iluminação e vestuário de acordo com o que se propõe o tema.
3- durante o intervalo foram projetados slides nos quais o destaque é um trem da Central observado externa e internamente em consonância com aspectos do texto.

A peça supra é uma estória de subúrbio e gira em torno da vida financeiramente difícil de pessoas de baixa condição social que aspiram a uma ascenção econômica.

Um rapaz ingênuo e simples ao se casar com uma professora, não podendo arcar condignamente com os encargos financeiros do lar e inconformado com a vida de muito sacrifício de sua mulher, resolve ganhar dinheiro ilicitamente, o que provoca o abandono da esposa que desaparece inesperadamente.

Sua temática parece estar concentrada numa moral sem maiores complexidades ao ressaltar a inatacável honestidade de alguém que prefere viver sacrificadamente a transigir com seus princípios.

Em função do exposto sugerimos seja o espetáculo liberado com impropriedade para menores de 14 anos.

Rio, 26 de abril de 1978

Mat 2.416.891

APROVO,
face ao parecer
Em 28/4/78
Chefe do SCDP-SR.RJ

MOD. 32

PROC.- 112
LIV.- 01
PAG.- 12
REG.- 386

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 283

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH

03

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 284

Procura-se uma Rosa

01

Associação Teatral das Alagoas

FUNDADA A 12 DE OUTUBRO DE 1955

Sede Provisória — Avenida Clodoaldo da Fonseca, 108 — FONE: 2651

Maceió

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 285

Maceió, 31 de agôsto d 197o.

Of.ATA /7o.

Ilmo.Sr. Chefe do Serviço de Censura Federal

A Associação Teatral das Alagoas, através de seu Presidente, vem, mui respeitosamente, solicitar de V.Sa. CENSURAR a peça "PROCURA-SE UMA ROSA" de PEDRO BLOCH para LIBERÁ-LA às apresentações dêste nosso Grupo Tetral em Maceió/Alagoas.

Como estamos com intenso programa de trabalho a cumprir com essa peça e outras escolhidas para o ano de 70, gostaríamos e agradeceríamos se V.Sa. pudesse fazer o serviço de censura com a menor brevidade possível aos seus bons ofícios.

Adiantamos que a referida peça será levada no Estado de Alagoas, será encenada pela ASSOCIAÇÃO TEATRAL DAS ALAGOAS terá a direção e coordenação do Presidente do Conjunto sediado à Avenida Clodoaldo da Fonsêca, 108 - Maceió/AL.

Atenciosamente,

Laurinda Vieira Nascimbenhas

PRESIDENTE DA ATA

Ilmo.Sr.
CHEFE DA CENSURA FEDERAL
BRASÍLIA - D.F.

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 9425
Em 29 / 09 / 1970
Protocolista

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em ___ de _____ de 19___

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores. — de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 28

Direitos de Representação

Autorização Nº 193627

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: PROCURA-SE UMA ROSA

Original de Pedro Bloch

Música de —

Tradução de —

No Teatro ..... Cidade .....

Emprêsa ..... Pela Cia. .....

nos dias Para Ser Censurada

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de X% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem coom pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Brasília, 29 de Setembro de 1976

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 287

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização ,para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo os que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 288

07

"PROCURA-SE UMA ROSA"

de PEDRO BLOCH

(1 Ato e 4 Quadros)

=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=

1º QUADRO

Sala de estar de casa modesta de subúrbio carioca. Estão em cena MILTON, sua mulher TIZINHA e LINO, colega/ de trabalho de MILTON, preocupados, como que analizando um fato sem lógica, aparentemente absurdo. LINO está sentado com a cadeira ao contrário, e, de vez em quando, coça a cabeça desesperado, perdido.

MILTON - É...

TIZINHA - Coisa, hem?

LINO - (Vai levantar a mão para dizer algo. Os outros vão prestar atenção. Êle desiste. A concentração volta).

MILTON - Essa não!

LINO - (Parece que conclúi algo). Espera... (Verifica que o que vai dizer também não funciona. Desiste).

RUBÃO - (Negro jovem, entra desalentado. Veste um blusão com manchas de graxa. Todos se voltam para êle aflitos).

MILTON - Cumé?

RUBÃO - (Faz que não com a cabeça).

LINO - Peso filho das unhas!

TIZINHA - Lino!

RUBÃO - Troço bêsta. Olhe... Eu...

MILTON - Não enche, Rubão. Tá?

LINO - Tinha que acabar assim.

TIZINHA - Tinha coisa nenhuma!

LINO - Tava na cara. E não culpo ela não.

MILTON - Culpa quem?

LINO - (Sem dar atenção). A vida. Era vida?

MILTON - Não sei porquê.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 289

LINO - Você acha que tem amor que resiste marido como eu? Amor que resiste trem da Central?

RUBÃO - Nem amor de mãe;

MILTON - Pois o nosso aguentou. Não foi Tizinha?

TIZINHA - Outra resistência (Ela toma, quase ocultamente, um remédio).

MILTON - (Agarra-a em flagrante). Remédio outra vêz?!

TIZINHA - (Arranca-o das mãos de Milton). Amostra grátis!

LINO - Eu sabia!

MILTON - Sabia nada!

LINO - Sabia! Subúrbio não é zona. É castigo. É o desgraçado do trem ! "Expreme Pessoal"!

RUBÃO - "Incha Moçada"!

LINO - "Vamos carregar êle p'ra chupar laranja"!"Beber água de poço".

TIZINHA - E sem ar p'ra respirar. Sem lugar p'ra botar o pé.

RUBÃO - É. Levantou, tá fubecando.

MILTON - Rubão!

RUBÃO - Eu disse besteira?

LINO - Quando ela falava de noite, de ôlho aberto, só via ela pisada por aquela multidão de gente. Eu ficava calculando o dia que ela ficasse de barriga, esperando... Eram capaz de matar o garoto!

TIZINHA - Espera. Ela não estava es...

LINO - Não. Só pensando. Sem ar p'ra respirar, sem chão p'ra pisar. A gente fica ali expremido lendo o jornal inteiro. Sonhando, senão a gente vira maluco! A gente não pode ficar ali olhando a verdade todo o dia... e sabendo que amanhã tem mais. Tudo de novo, tudo outra vêz. Tá doido!

RUBÃO - Espêto!

LINO - Inferno! Eu queria dar um sonho p'ra ela. É crime? Queria que ela parasse de pensar uma semana.

RUBÃO - Vocês quer saber uma coisa?

OS OUTROS - (Em côro). Não.

RUBÃO - Têve um caso aí... que...

MILTON - Rubão! Não chateia!

LINO - (Pausa longa). Que é que o pessoal tá dizendo lá fora?

RUBÃO - Nada.

LINO - Nada é peixe.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.290

RUBÃO = Palavra!

LINO - Já me botaram os chifre.

RUBÃO - Botaram nada! (Pausa). Só o Severino.

LINO - O que foi que êle disse? Fala, Rubão. Anda! FALA!

MILTON - Deixa disso, Lino. Frescura! Tu vai ligar p'ra ladrão de automóvel?

LINO - É ladrão mas tá com os tubo. (A Rubão). Tú não disse, agora mesmo, que...

RUBÃO - Tú não sabe como êle é? Se tú não tem defeito êle inventa. Tú é meu! Que é que há?

LINO - (Depois de uma pausa). É. Só fazendo a lista.

TIZINHA - Outra, Lino?

LINO - Sem lista eu não sei pensar. Pensamento é um troço... Muita vêz fiquei pensando como é que trabalha pensamento de gente que sabe coisas...

RUBÃO - Deve ser cheio de nove-horas.

LINO - Pois é, Quando a gente pensa é na base da ignorância, foi o que eu pensei... Futebol, vida, bicho, trem. Êles não: É tudo mais complicado. Gente com coisa na cabeça pensa diferente. "Hidramatique".

RUBÃO - Tudo tem o seu conforme.

LINO - Pensa... Que é que tú tem dentro da cabeça? Não diz, não! Ela dizia coisa que eu, muita vez, não entendia. Aí eu cismei e quis treinar o pensamento. Cabeça, Rubão, não foi feita só p'ra bater bola. Um dia... comecei a pensar na vida. Como é que Deus explica p'ra / formiga porque ela não tem luz nem vôa como vagalume.

RUBÃO - "Manera" Lino! Deus tem lá tempo p'ra pensar em formiga?

LINO - Deus pensa em tudo. Até em nós, Rubão. Ficava pensando coisa assim: - de onde vem a vida das formiga?"

RUBÃO - P'ra que, hem?

LINO - De besteira. Bate bola. Gente inteligente pensa à tôa. Vida de formiga. Tú já pensou nisso?

RUBÃO - Formiga, não. Pensei borboleta.

LINO - E daí?

RUBÃO - Joguei no bicho. (Pausa. Enquanto os outros olham com raiva). Deu gato. (Novo olhar dos outros). Alguém sabe o resultado do bicho?

TIZINHA - Agora, Lino?

RUBÃO - Bicho corre do mesmo jeito. Se as coisa fôsse na lógica ninguém contava piada fazendo quarto a defunto.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 291

LINO - Tinha hora que ela falava com os olhos.

RUBÃO - Com que?

LINO - Nem tudo a gente diz com palavra. Palavra às vêz atrapalha. Olhar, não. É sentimento que vai, sentimento que vem, pronto. Tú não entende disso!

RUBÃO - (Depois de uma pausa). 3 a 2.

MILTON - Quem?

RUBÃO - Flamengo, ué!

MILTON - Ôba! Gôl de quem?

LINO - Pôxa! Futebol numa hora dessas!

MILTON - Que é isso, Lino?

LINO - É isso mesmo! Não se tem amigo p'ra nada! Só p'ra empurrar a gente p'ro fôgo!

TIZINHA - Lino!

LINO - Futebol, (quer saber?), foi feito é p'ra não deixar a gente pensar na vida. A gente briga pelo Mengo. Enquanto briga esquece... Briga. ma se tú não tiver a gaita na hora de entrar no Maracanã... tá barrado, não tá? E não adianta dizer que já fêz e aconteceu. Eu quero que o Flamengo se dane!

RUBÃO - Pecado, rapaz!

LINO - Na hora de sofrer não é os cartola que sofre. Pergunte ao Hilton Santos se êle já chorou uma derrota do Mengo. Eu já.

MILTON - Môça decente daquelas!

LINO - Você também não acredita!

MILTON - Quer saber? Não.

LINO - Pois sumiu, compreende? Sumiu. Estava aqui, ó? (Bate no próprio braço). Sumiu. Que é que eu vou fazer?

RUBÃO - Essa não!

LINO - Mas eu tou dizendo! "A Rodoviária" com aquêle movimento todo. O ônibus, alí, esperando a gente. Poltrona estofada e tudo. Era como se a gente estivesse se casando naquela hora. Eu ia tirar ela uma semana dessa vida. Lua de mel!

RUBÃO - Com dois anos de casado?

MILTON - Facilita, Rubão!

LINO - Ela estava feliz, juro! Ria que nem pasarinho!

(PAUSA).

RUBÃO - Pasarinho rí?

LINO - Rubão, tú não entende poesia. O pior é que eu queria largar essa vida de mecânico. Queria subir, aprender televisão.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 292

RUBÃO - Legal, hem? Onde?

LINO - Correspondência. Caixa Postal.

RUBÃO - Pode, é?

LINO - Dá diploma e tudo. Tudo p'ra facilitar. P'ra ela. Também quem mandou eu casar? Eu devia ter me enxergado. Devia ter olhado minha / cara, no espêlho: "Tú não tá vendo, Lino, que aquilo não é mulher de tanque?" E eu falando p'ro homem... Êle danou porque era delegado e eu xinguei êle de comissário. Fechou o tempo.

RUBÃO - Vai ver que é por isso que êle não encontra a Rosa. Faz dois dias e...

TIZINHA - Faz três.

LINO - E eu querendo facilitar! E eu dizendo tudo! E eu esvasiando! "Seu delegado, faz a lista. O negócio tem que ser na téquina. Vê onde tá pegando. É só procurar". (Pausa). Só não entendo é porque. Uma tristeza!

RUBÃO - (Cantarola baixinho). "Tristeza, não tem fim, felicidade sim". (Pessoal o olha e êle se cala. Pausa). Mulher ambiciosa! Queria geladeira.

MILTON - Você hem?

LINO - Felicidade ia ser mato.

TIZINHA - Parecia, não é?

LINO - Parecia não. Ia.

TIZINHA - O pior é que na hora de ser feliz ninguém sabe que é.

MILTON - Só depois...

TIZINHA - Lembra, Lino, quando ela apareceu aqui da primeira vêz?

LINO - Pôxa. Si!... Tá doido!

TIZINHA - Quem podia adivinhar?...

LINO - É mesmo. Eu tava arrebentado de trabalho e daquela viagem de trem.. Lembra?

(Escurece. Ouve-se no escuro um trem em marcha violenta).

F I M D O Q U A D R O

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 293

SEGUNDO QUADRO

Estão em cena TIZINHA, LINO, MILTON e RUBÃO. LINO está de camisa suja e barba por fazer. Dois anos antes. Estão alegres e o número de garrafas de cerveja, ao canto e na mesa, mostram porque.

LINO - Mas pera aí Tizinha! Não tá direito! Eu avisei que a môça vinha.

TIZINHA - E daí?

LINO - Você acha que isso é jeito da gente receber mulher que vai ser mulher da gente? Cerveja e pastel?

MILTON - Tú tá doido! Queria o quê?

LINO - É doido quem casa? Por que tú casou?

MILTON - Descuido.

TIZINHA - (Protesta). Milton!

MILTON - Desculpe. E casar como? Com que roupa?

LINO - Com essa mesma. Chiii! E, por falar em roupa, você tem uma camisa limpa do Milton?

TIZINHA - Não de tempo de passar.

LINO - (Se cheira). Tô com cheiro de gasolina.

TIZINHA - Cheiro de trabalho é perfume. Tem é água de colônia Regina. (Entrega). Te enfeita!

RUBÃO - Êle precisa se arrumar porque a mulher é professôra...

MILTON - É o quê?

LINO - Rubão... Tú ainda não desconfiou que tú tá sobrando?

TIZINHA - Faz isso Lino!

LINO - Pois desconfia e cai fora?

RUBÃO - Que é isso, meu faixa? Nós somo irmão. Só fico até a môça aparecer.

LINO - Você, hem, Rubão?

TIZINHA - Ah, então a môça é Professôra mesmo.

LINO - "Jardim da Infância". Ensina criança dêste tamanho. Tem alguma coisa de mim? Puxa, Rubão. Não há uma dentro, hem?

RUBÃO - Eu disse besteira?

LINO - Só chuta na trave, hem, rapaz? Falou, quicou. Pôxa!

RUBÃO - Falei na lógica. Se êles vão saber daqui a pouco.

LINO - Vamo mudá de assunto?

TIZINHA - Mudá p'ra quê? Só porque deu minhoca na sua cabeça?... Como é que tú pode casar? De que jeito?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 294

LINO - Eu me arrumo.

TIZINHA - Arruma onde?

LINO - Vocês quer saber uma coisa? Eu acho que bobeei fazendo a môça vir aqui. Pensei: Tizinha e Milton são os únicos amigos que eu tenho. Pediu p'ra conhecer a família. Eu tenho? Ia levar ela aonde? Pensei em vocês. Se tou errado diz. Olha, se ela perguntar, você diz que somos primo longe. Foi o que eu disse. Tá?

TIZINHA - Primo, é?

LINO - E depois a gente precisa acreditar, se não a gente arrebenta. Deus é grande e é meu faixa. Quando as coisa piora de vêz é que bom. / Dalí só pode é melhorar.

TIZINHA - Você sabe como a vida tá p'ra casar, carpaz?

LINO - Não cria caso, Tizinha. Já fiz as conta. A lista tá aqui.

MILTON - Deixa vêr essa tal lista. "Casa... dois contos e quinhentos..."

TIZINHA - Dois contos e o que?! Onde é que você vai arranjar casa por êsse prêço?

LINO - Casa é maneira de dizer. Vocês quando casaram vieram morar aqui. Agora, quando vocês mudaram p'ra casa da vila deixa essa comigo. Compro móvel e tudo. Não foi combinado?

RUBÃO - Bem, já que vai fazer besteira, se precisar de uns cobre... eu te nho na caixa.

LINO - Facilita, Rubão!

TIZINHA - "Condução: um conto e cem". Só se fôr a pé. Um conto... e cem você gasta só de cigarros... e mata rato!

LINO - Deixo de fumar.

RUBÃO - Boa idéia! Me dá um cigarro aí.

LINO - (Oferece). Vê se compra hem?

RUBÃO - (Recebendo). Tá fumando "Filipe Moore" seu?

LINO - Ganhei no pôsto. E é hoje só. Dá licença?

MILTON - E, depois, empregado dos outros tem jeito? E se Osório chuta você? Fica na lona. (A Tizinha). Vê aí a soma de tudo.

TIZINHA - Oito contos e duzentos.

MILTON - Não pode.

LINO - Eu não disse? Tá tudo aí na ponta do lápis.

MILTON - Deixa vêr essa lista. (Apanha e lê). É... pelas suas contas você / podia casar mesmo.

LINO - Tá vendo?... Não sabe não teima.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p 295

MILTON - Pera aí, pera aí, pera aí. Você só esqueceu uma coisa.

LINO - Tá tudo aí.

MILTON - Você vão comer, não vão?

LINO - E daí?

MILTON - Esqueceu a comida.

LINO - Deixe vêr. (Pega a lista). Eu sabia que vocês iam arranjar desculpa.

TIZINHA - Mas pera aí! N*ao é desculpa, Lino. É comida!

LINO - Vocês vão criar caso por causa de comida, vão?

MILTON - Eu sabia que você ia fazer essa besteira. A gente vive empurrando mulher para você... você vai logo p'ra que não pode.

LINO - Não posso porque?

TIZINHA - Mas tá na cara. Nem parece que tem a cabeça no luggar.

MILTON - Casar onde? Como?

LINO - Todo mundo não casa?

RUBÃO - Casa na lógica.

TIZINHA - Cadê dinheiro p'ra igreja, p'ra festa, p'ro carro?

LINO - Me arrumo. E eu não vou querer aquêle carro forrado de sêde com flôr e luzinha.

MILTON - E se ela quiser?

RUBÃO - Mulher tem dessas besteira?

LINO - Vocês estão falando da môça sem conhecer.

MILTON - Da outra vêz você...

LINO - Mas não tem outra vêz essa é um espetáculo. Educada, bôa, vinte e poucos anos...

TIZINHA - Depois diz que a gente não é amigo. Vinte e poucos anos...Encruou. Só pode ser bucho.

LINO - Mas não me faça essa vergonha! A môça só quer é conhefer a família.

TIZINHA - Só pode ser bofe.

LINO - Não fique aí botando banca, não. Você também não é uma beleza. Se não é o palhaço do Milton tú ainda tava na prateleira.

TIZINHA - Não precisa vir de quatro pedra. Tá vendo a ingratidão?

LINO - Eu sei que a intenção é bôa, mas bôa intenção já matou cem.

TIZINHA - Tá certo. Você é que sabe.

MILTON - E logo professora!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 296

TIZINHA - É professôra mesmo?

LINO - (Desesperado). Jardim da Infância! Não ensina nem a ler. É só bo bagem e brinquedo de roda. (Pausa). Não pode vêr ninguém feliz e fica inventando coisa!

MILTON - Mas com tanta mulher dando sôpa, - você foi logo... se ela pergun tar a capital da França voce sabe?

LINO - Não vai perguntar.

TIZINHA - Maneira de dizer.

RUBÃO - Qual é a capital da França?

LINO - Ela não é mascarada. Sofreu muito. Vocês estão fazendo isso mas é de gôzo. P'ra vêr minha caveira. Tão pensando que eu não tenho as sunto p'ra professôra.

RUBÃO = Fala mal do govêrno.

LINO - Rubão, você ainda não caiu fora?

RUBÃO - Já tou. (Pausa). Qual é a capital da França?

LINO - Paris. Assim também não, não é? E não vá espalhar isso por aí.

RUBÃO - Uê! Tá me estranhando.

LINO - É por isso que eu me dano. Será que vocês não compreende? - a gen te não casa só p'ra dormir junto na mesma cama. A gente casa por- que dá uns troço que a gente sente.

RUBÃO - Que é que tú sentiu?

LINO - Foi no trem. AAmulher, coitada! Parecia que ia ficar emprensada .. Gente por todo lado. Protegí. No dia seguinte tava alí. Mesma coi. Ela sorriu... eu sorrí... disse que era professôra.

TIZINHA - Dá novela. E depois?

LINO - No dia seguinte ela disse que o nome dela era Maria. Maria só, não. Maria Rosa. Aí eu falei: " nome bonito! Não tem flôr mais bonita / que esta". Ela encabulou e falou baixo: " Acha mesmo? " Aí eu ga - rantí: " Tem não ". Ela gostou.

MILTON - E isto dá p'ra casar?

LINO - Tú não entende. Não é que as pessoa são. É o que a gente enxerga por dentro. Quando a gente gosta, a gente vê a pessoa como se fôs- se de vidro. Vê coisa que nem ela mesma vê.

RUBÃO - De vidro, é? Ninguém devia de olhar as pessoas por dentro. Eu ví / na Lapa, "Gigante de Vidro"... Tripa e tudo...

LINO - Ó, burrão!... Não tou falando de vêr tripas. Tô falando de vêr sen timento.

RUBÃO - (Justificando-se). Tú não exprica!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 297

LINO - Só tem uma coisa... Você aguenta a mão aí... (Pausa). Vocês acham que a barba tá bôa? (Cauteloso). Eu não disse a ela que sou mecânico de automóvel.

LINO - Quer dizer... disse... mas não disse bem certo. Disse que eu trabalho em eletrônica.

MILTON - Mas isso é bafo. Tá vendo? Já tá com vergonha de ser mecânico.

LINO - Não é mentira completa. O que é televisão? Eletrônica!

TIZINHA - Vai vêr que já tá com vergonha da gente, também.

LINO - Se eu tivesse mandava ela vir?! Tinha combinado? Tinha escolhido vocês p'ra padrinho?

MILTON - Escolheu o quê?

LINO - Lógico!

MILTON - E ela?

TIZINHA - O que foi que ela disse?

LINO - Nada.

MILTON - Nada?

TIZINHA - Nada como?

LINO - É que ela ainda não sabe.

MILTON - Que vamos ser padrinho?

LINO - Não. Ela ainda não sabe que vamos casar.

TIZINHA - Como é isso?

MILTON - Eu tô dizendo!

LINO - Também não é assim! A gente tem que ir na calma. Preciso cavar as coisas... Ter dinheiro p'ra lua de mel... comprar aliança... Casando, se Deus quiser, eu vou matar uma vontade que sempre tive : Uma semana de férias... sem fazer nada... uma semana... desde menino minha tia me prometia levar p'ra fazenda dela... ela chamava fazenda mas era um sítio pequeno: Nova Iguaçu!... Eu ia passar uma semana... tomando leite tirado na hora... montar a cavalo... mas a tal semana não chegava nunca... um dia era sarampo, no outro catapora... no outro não era nada... mas me dava febre só de vontade de ir... Na febre eu montava a cavalo... fazia tudo... (Pausa). / Ela tem colite.

MILTON - Quem?

LINO - Rosa. Comendo fora de casa. Precisava ver a cara com que ela disse: " Deve ser bonito... Eletrônica ". Aí eu falei: " Bonito é ensinar criança ". Ela gostou.

MILTON - Não vai gostar é quando descobrir.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.298

LINO - (Irritado). Você acha que eu podia dizer p'ra ela que eu vivo o dia inteiro me sujando com automóvel? Só dizer isso... me dava a impressão de sujar ela de graxa. Fico sempre com a impressão de que estou fedendo a gasolina.

TIZINHA - O cheiro até que é bom.

LINO - Bom p'ra gente que tá acostumado. O pior é aquêle trem. Ela tem/ que vir todo dia do Grajaú.

TIZINHA - Ela é de onde?

LINO - Do Grajaú. Se formou e nomearam ela p'ra Caixa Prego. Rubão, tú ainda não caiu fora?

RUBÃO - Tá com vergonha de mim? Meu irmão. Não quer que eu...

LINO - Não quero é que você dê suas pedrada. Você não chuta nem pênoti.

RUBÃO - Tá me botando p'ra fora, eu vou.

TIZINHA - Que é isso Rubão? Não foi isso que êle disse.

RUBÃO - Não disse mas pensou. Tá com conversa de Fluminense.

LINO - Rubão, não chateia!

RUBÃO - Tá me mandando embora, eu vou.

LINO - Quer parar com essa agonia, Rubão? Num tá vendo que eu tô nervoso? E vê se senta direito.

TIZINHA - Tá vendo, Lino? Já nem sabemo sentar.

LINO - Não é isso. Educação nunca fêz mal p'ra ninguém.

TIZINHA - Vai vêr que a gente nem serve mais p'ra padrinho. Olha só como eu estou. Será que êste vestido tá bom?

LINO - Não fica no gôzo, tá bem? Só tô avisando porque a môça não está acostumada com estupidez. E ninguém vai fazer pergunta bêsta p'ra / ela, vai?

MILTON - Isso agora foi p'ra machucar!

LINO - Desculpe.

RUBÃO - Quer saber uma coisa? Morando no assunto eu acho que não tô muito legal hoje de roupa.

TIZINHA - Besteira, Rubão.

RUBÃO - Não. Agora me lembrei que tem aí uns troço p'ra resolver.

LINO - Tú não quer conhecer a môça, Rubão?

RUBÃO - Fica p'ra outra vêz... não vai fugir, vai?

LINO - (Deparando com Maria Rosa que entrou). Rosa!

MARIA - Desculpem, mas a môça mandou eu ir entrando. (Expectativa. Inibição. Pausa).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.299

...

LINO - Esta é a Rosa... (Apresenta e ela vai respondendo com "prazer" a cada um). Milton,.. Tizinha... Rubão... (Rubão enxuga a mão na roupa antes de apertar. Todos se sentam e ninguém abre a bôca . Lino vai falar mas desiste).

RUBÃO - Êsses é que vão ser seus padrinho de casamento. (Indignação geral, enquanto Rubão faz cara inocente). (Escurece. Trem com "Marcha Nupcial).

F I M D O Q U A D R O

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p 300

TERCEIRO QUADRO

Mesmo cenário. Estão em cena LINO e MARIA. Ela está com cartilhas e papéis na mesa e recortando figura para a aula do / Jardim da Infância. LINO bebe cerveja.

LINO - Não, minha filha. Nem pense que eu estou sentido. Eu sei que não tenho conversa p'ra você.

MARIA - Carinho não se conversa.

LINO - Você foi casar com um sujeito na última lona. Eu devia era me ter juntado à turma do Severino.

MARIA - P'ra acabar prêso?

LINO - Que prêso! Tá tudo aí dando as cartas. Imagine o galho se Tizinha não deixa esta casa p'ra gente.

MARIA - Deixa disso, Lino. Você tem futuro. Vai longe.

LINO - Vou até o Irajá. E você.... isto é que me chateia! Não tenho nada p'ra lhe dar. Nem conversa.

MARIA - Deixa de ser bôbo, Lino.

LINO - Falar de que? Carburador? Vela? Bateria? Diferencial?

MARIA - Por que não? Eu não falo de criança?

LINO - Criança dá assunto. Futebol... e, depois, o Flamengo anda com um pêso de fufas.

MARIA - É mesmo.

LINO - O pior foi aquêle tiro do Henrique e o pelotaço do Babá. Passou raspando a trave pela lateral direita. Chute de azar desgraçado.

MARIA - E o Dida?

LINO - Que Dida? Minha filha? Dida não jogou. Babá suspendeu e Gerson, de cabeça, aninhou a pelota no fundo das rêdes...

MARIA - E o Maracanã...

LINO - Que Maracanã? O Jôgo foi no Pacaembú. Tú nem prestou atenção.

MARIA - Prestei, Lino. É que, de repente, me lembrei da Leninha na escola.

LINO - Perder um gôl daquêles! A Leninha?

MARIA - Veio de avental branco com um coelhinho bordado aqui assim. Aí eu perguntei o nome do coelho. "é coelho de avental, professôra", ela disse.

LINO - Era só empurrar a bola assim, ó?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.301

MARIA - "Coelho de avental não precisa ter nome porque ninguém vai chamar êle". Viu? Agora é você que não está prestando atenção.

LINO - É raiva. Raiva doidade não poder tirar você daqui.

MARIA - Estou bem.

LINO - Bem, hem? Bem como? Você já tava acostumada no Grajaú. Aqui na hora de dormir é quase hora de acordar. Não se tem tempo nem de peneirar o cansaço.

MARIA - Eu amo você.

LINO - Ama... adiantou eu estudar de noite? Cabeça dura. Não entra! Adiantou eu tirar diploma de televisão com carimbo e tudo?

MARIA - É só não afobar, Lino.

LINO - Firma reconhecida no tabelião. Tá alí p'ra quem quiser vêr. Não dá p'ros gastos. (afasta o copo de cerveja). Porcaria de cerveja quente!

MARIA - Falta geladeira.

LINO - Já vem você com novidade.

MARIA = Não é novidade. Tem mulher que sonha com jóia. Eu sonho com geladeira. Divisão p'ra tudo: ôvo, coca-cola, manteiga, carne...

LINO - Rosa... Eu juro! Deus não vai me fazer essa falseta! Qualquer dia dêsses nós vamos decidir um bom Cometa na Rodoviária e eu levo você... eu seu Lino e espôsa... e vamos queimar uns trocados numa semana de lua de mel...aquela que eu prometí. É fé em Deus e pé na táboa.

MARIA - Primeiro a lista. Quando tudo estiver pago, vamos juntar dinheiro para a entrada do apartamento.

LINO - Não. Quando puder... a primeira coisa é máquina de lavar roupa. / Não quero você de tanque... esfregando camisa.

MARIA - Esfregando nada. É brancura Rinso.

LINO - Deixa só as coisa melhorá que eu pago a mobília do quarto.

MARIA - Primeiro a televisão. Meio a meio. Olha, eu bem que podia, dar umas aulas em casa.

LINO - Tá doida! Já não basta?... Aula em casa! Eu não tinha direito.Tá na cara. Como é que môça de preparo foi casar comigo?

MARIA - Você ainda pergunta? Eu é que pergunto: Como foi que você têve a coragem de casar com uma môça que nem môça era... nem na idade nem no resto.

LINO - Não fale isso.

MARIA - Môça que se entregou a um homem casado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p 302

LINO - Você não teve culpa. Foi na conversa. Foi enganada. Esquece!

MARIA - Mulher que se entrega sem ser casada não presta.

LINO - Você quer parar com isso, Maria?

MARIA - Meu nome p'ra você é Rosa.

LINO - Você não teve culpa. Ninguém entende a vida dos outros. Mulher é um bicho limpo, decente, mesmo quando não presta. A gente é que estraga botando a mão. Quer saber uma coisa? Não quero falar mais nisso. Não quero pensar em mais nada. Um gôl daquêles!

MARIA - O que me dá mais vergonha é que êle não me enganou. Disse tudo... antes... avisou.

LINO - Muda de assunto!... Flamengo duma figa! Eu devia era ser jogador de futebol. Viu o Didi? Real de Madrid. Só assim eu aprendia a capital da Espanha. Tá vendo? P'ra me ensinar tem que apelar p'ra ignorância.

MARIA - Não desconversa. Só uma coisa me pode separar de você. É você fazer coisa suja.

LINO - Vivo na graxa.

MARIA - Não é essa sujeira. Miséria não me assusta. Você anda preocupado. Metendo idéia na cabeça. Não posso é vêr você de noite... sem poder dormir.

LINO - Eu?... Mas se você me vê de ôlho aberto é porque você também não dorme.

MARIA - Fico pensando na vida. Cansaço.

LINO - Você viu o médico do Instituto?

MARIA - Tem fila. Ainda não chegou a minha vêz. Fico pensando na sua luta.

LINO - Ah, é por isso que você não dorme?

MARIA - Sim. E você?

LINO - De besteira.

RUBÃO - (Entra sem falar).

MARIA - Viu a geladeira?

LINO - Geladeira? Ah, então era por isso que vocês andavam fazendo caixinha?

MARIA - Era. Viu?

RUBÃO - Não é nova... sabe?

MARIA - Quanto é que êles querem?

RUBÃO - Os tubo.

MARIA - Quanto?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 303

RUBÃO - Vinte e dois e choradi. E é legal! Tem uma fechadura "Micromatique".

LINO - P'ra que é que serve?

RUBÃO - Não sei, mas diz que tem.

MARIA - Condições.

RUBÃO - Na bucha.

LINO - Êsse pessoal tá é doído! A gente pode usar a geladeira da vizinha. Não ofereceu?

MARIA - Geladeira dos outros é pior que escôva de dente. Não se empresta.

LINO - Podia! Geladeira de pobre fica sempre de prateleira folgada.

MARIA - Calma, Lino. Como é que está a lista?

LINO - Ainda precisamo de sete p'ro fogão nôvo. Estou teso. Mas não há de ser nada, Rosa... um dia...

RUBÃO - Eu tenho uns trocados na Caixa. Precisando... Flamengo é p'ra essas coisa.

LINO - Deixa de besteira, Rubão.

MARIA - Obrigada. A gente se ajeita.

RUBÃO - Dinhbiro parado,não rende.

LINO - Rubão! Não chateia!

RUBÃO - Espera aí, meu faixa. Somo ou não somo irmão? Tô rico. Acertei no milhar.

MARIA - Milhar de quê?

RUBÃO - Milhar enganado. Fui na lógica mas na hora troquei os número. Deu certo.

MARIA - Não fazem por menos?

RUBÃO - O que?

MARIA - Geladeira.

RUBÃO - A Marina ofereceu vinte e um e êles riram na cara, só deboche.

LINO - E eu ainda estou devendo a você, Rubão. Não lembra?

RUBÃO - Fica devendo mais. É bom a gente ter dinheiro espalhado. Na hora do apêrto... Mas tem um troço que tá pegando.

LINO - O que é Rubão?

RUBÃO - Não entendí direito, mas pelo jeito o Osório não quer você mais na Oficina.

LINO - Como é o negócio?

RUBÃO - Falou em crise, cozinhou, não gostei. Tava escondendo o jôgo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 304

LINO - Mas péra aí. Isso é sério, Rubão? Por que êle não falou comigo?

RUBÃO - Não teve jeito. Sei lá! Eu ainda cheguei a explicar: "Seu Osório. Home por home tira eu que sou solteiro... sem compromisso". Não houve jeito.

MARIA - Por que essa preocupação?... emprêgo é que não falta.

RUBÃO - Pois é.

LINO - Não. Mas o Osório!

RUBÃO - Disse que o teu trabalho não rende. Que você já pega o serviço com sono...

MARIA - Então foi bom ter feito o que eu fiz. Nós compramos a geladeira e ainda sobram uns trocados. Quanto deu o anel?

LINO - O que?... Você torrou a aliança?...

MARIA - No prego só.

LINO - (Alarmado). Aliança, não, Rosa. Péra aí. A aliança não.

MARIA - Mas isso não pode continuar assim, Lino. Uma cerveja... a carne... sem geladeira tudo sai mais caro. Quanto deu?

LINO - Nem fale, Rubão. O anel não, Rosa. Bota o meu relógio.

MARIA - Você precisa. E depois o relógio não dá nada.

LINO - Mas você não podia fazer isso! Foi a única coisa que eu... nem a lua de mel nem nada! Rubão, cai fora que depois nós falamos.

MARIA - Espera, Rubão. Quanto deu o anel?

LINO - Rubão, você quer cair fora?

MARIA - Quanto deu o anel?

LINO - Rubão, eu já não disse que não quero que você se meta na minha vida?

MARIA - Quanto deu o anel?

RUBÃO - Aí que tá. O anel não deu nada.

MARIA - Nada?

RUBÃO - Eu acho que o Lino foi tapiado, sabe?

MARIA - Tapiado como?

LINO - Rubão, você quer dar o fora antes que eu faça um esbregue e lhe arrebente a...

RUBÃO - O anel não vale tostão.

MARIA - Não vale o que?

RUBÃO - Eu também achei esquisito, mas o home disse que aquilo É Sloper. Fantasia Francesa. Foi o que êle disse.

MARIA - Não!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 305

LINO - Rubão, você quer fazer o favor de baixar noutro terreiro? Cai fora!

RUBÃO - Tô aqui porque me chamaro, não é?

LINO - Pois deschamou. Cai fora.

RUBÃO - Tá bem. Não precisa vir de estupidez. Tá aí o anel. Pronto. (Sai). (Maria olha Lino, êle fica calado. Expectativa).

MARIA - Um homem dêste tamanho se deixar enganar.

LINO - Rosa...

MARIA - Que é Lino?

LINO - Você jura que não queima?!

MARIA - Queimar o que?

LINO - Não. Eu não posso explicar assim... pera aí... com calma... você precisa compreender Rosa.

MARIA - Compreender o que, Lino?

LINO - Eu queria dar uma alegria a você... lua de mel... não podia. Então pensei... às vêzes pensamento da gente tem... depois... eu juro... eu ia oferecer um anel de verdade, você não está compreendendo.

MARIA - Não Lino. Não estou.

LINO - Tem que vir do comêço. Engraçado como coisa de criança, fica. Comigo as coisa nunca dava como eu queria... quando eu era menino... e arranjava uns trocados... corria p'ra comprar pipocas, sorvete. Mas o dinheiro nunca dava p'ras duas coisas... e eu não sentia o gôsto da coisa que comprava porque ficava pensando na outra. Aquilo ficou. Eu queria dar a você anel, lua de mel, tudo. Com um anel de mentira eu podia... depois... eu queria vêr você feliz compreende? Eu tava na lona, o anel não vale nada. (Pausa). Você está sentida?

MARIA - Não com o anel. Com a mentira.

LINO - Eu achava você tão... sei lá... tinha a impressão que dando um anel legal... as coisa equilibrava, compreende?...

MARIA - Seu grande tôlo! Bobalhão!

LINO - Eu juro, Rosa. Um dia eu compro um de verdade. Foi até bom o seu Osório me dar o bilhete azul. Deus sabe o que faz. Um dia eu monto oficina só p'ra mim. Mando chamar o Rubão. A gente levanta um capital. Não vou mais trabalhar p'ros outros. Juro pelo mais sagrado.

MARIA - Não é o anel. É a falsidade.

LINO - Não, Rosa. Não.

MARIA - Compreende, Lino? É a mentira. Se o anel é de mentira, como é que eu vou saber que o resto é de verdade?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 306

LINO - Mas é de verdade! Se você não cismasse de comprar uma geladeira, você passava a vida tôda com um anel de verdade. Só é mentira / quando a gente descobre.

MARIA - Não, Lino. Só é mentira, quando a gente tem a coragem de...

LINO - É como um sonho quando a gente está dormindo. Acordou... espêto.

MARIA - Já fui enganada uma vêz, Lino... como foi que você teve a coragem de fazer isso comigo? Por que?

LINO - Mas não foi com você que eu fiz, Rosa! Foi comigo. Você não sabia de nada. Eu que penava de noite só pensando como você chorou quando recebeu o anel. Chôro de verdade p'ra agradecer anel de mentira. E aquêle carinho todo que você me deu. E você pensando gratidão que eu não merecia: "Coitado do Lino, quanto serão não deve/ ter custado", pois não me tinha custado nada naquela hora. Fantasia Francesa. Mas agora, êle custa mais que anel de rainha. Pesa dêlo, Rosa. Pesadêlo acordado. Passei noites sem dormir, com mêdo de você descobrir. Sofrí tanto êsse anel... penei tanto... que no fim de um tempo, cheguei a me convencer... que algum milagre/ o tinha mudado em anel de verdade. Rosa, eu juro que não queria. Eu só digo mentira p'ra vêr você contente, compreende?? Você trouxe p'ra minha vida tanta alegria, mas tanta... que eu... Rosa, você precisa me perdoar, Rosa. Você precisa me acreditar. (Chorando a cabeça no colo de Maria).

MARIA - (Depois de uma pausa, diz sofrendo). Então... a bola passou raspando a trave, não foi?

LINO - Foi, Rosa. Me perdôa...

MARIA - Por que foi que o Dida não jogou?...

LINO - Você precisa me acreditar, Rosa. Você e...

MARIA - Vamos trabalhar muito. Juntar dinheiro na Caixa para a entrada... depois...

LINO - Eu abro uma oficina, Rosa. Eu::: você vai vêr só.

MARIA - Não quer que eu traga uma cerveja geladinha?

LINO - Não, Rosa. Quero você perto de mim.

MARIA - Brahma Extra.

LINO - (Bebendo a que tinha desprezado). Tá bôa esta. Bôa mesmo, palavra! (Escurece. Trem em movimento desesperado).

F I M D O Q U A D R O

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 307

QUARTO QUADRO

Estão todos os personagens do quadro inicial na mesma atitude do primeiro quadro.

MILTON - É...

TIZINHA - Coisa, hem?...

LINO - (Vai levantar a mão para dizer algo; os outros vão prestar atenção... Êle desiste).

RUBÃO - Essa não!

LINO - Vamos parar com essa agonia?

TIZINHA - Ela não pode ter sumido assim de repente.

LINO - Pois sumiu, pronto. Qué que eu vou fazer?

MILTON - Ninguém some dêsse jeito.

LINO - Mas o que é que você quer? Diz logo. Se tem uma idéia diz. Mas não fica de safadeza me enchendo dêsse jeito, tá? (A Tizinha). Desculpe.

RUBÃO - Olha... Eu...

LINO - Você não, Rubão. Chega! Só faltava vocês vir com as idéia do delegado. Botou em cima de mim uma luz. Parecia até fita de bandido. Me olhou com jeito de quem pensa: "Êsse cara está, mas é dormindo de touca. A mulher caiu na gandaia e êle está aí bancando o palhaço e fazendo a gente perder tempo".

RUBÃO - Coisa, hem?

LINO - Me deu uma vontade de agarrar aquêle sujeito e dizer: "Seu filho disso, você não conhece a Maria Rosa, como é que pode pensar essa sujeira?". Fiquei com aquilo atravessado aqui, ó. Aqui.

RUBÃO - Êle podia bem tá pensando nisso. Delegado pensa muito mas é...

LINO - Chega! Milton, mete aí uma lista. Tá aqui o lápis. O que é que pode ter acontecido?

MILTON - E eu sei?

LINO - Eu sei. Enjoou de mim.

TIZINHA - Que é isso, Lino?

LINO - Isso é chouriço! Não seria a primeira. Eu dou enjôo em mulher, que é que eu vou fazer? Até minha mãe enjoou quando tava grávida. Depois enjoou de ver minha cara e me deu p'ra criar. Teve mulher "assim" que enjoou. Porque não podia ela? Mete lá. Enjoou. Eu vivia/ com tanto mêdo de não tá na altura dela [illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 308

MILTON - Viu a conta na Caixa?

RUBÃO - Tá lá inteirinha a conta.

MILTON - E na Escola?

TIZINHA - Que Escola? A môça tava de férias.

LINO - Até anúncio de rádio botei. A Continental já irradiou p'ro Brasil inteiro. Resultado: Estão telefonando e me gozando! " A Rosa? Está aqui comigo. Na cama". Tizinha, voce deve saber alguma coisa. O que foi que eu fiz? Ela se queimou? Falou com você?

TIZINHA - Sei nada. Já não disse?

LINO - Pensei até naquela coisa que dá que a gente esquece quem é, e on de está.

MILTON - Amnésia. Já lí.

LINO - Isso.

RUBÃO - Tem gente que tá dizendo que ela voltou p'ro homem que...

TIZINHA E MILTON - (Alarmados). Rubão!

RUBÃO - Sou eu não. É o pessoal.

LINO - Que pessoal? Fala, desgraçado. Que pessoal?

RUBÃO - Severino! Você vai ligar p'ra conversa de Severino?

LINO - Que homem é êsse? Voltou p'ra que homem? Se você não falar já já eu lhe meto a mão na cara, Rubão. Voltou p'ra que homem?

RUBÃO - Voltou p'ro homem que tirou os... Pôxa! Só dou fora.

LINO - (Larga Rubão que êle havia agarrado com violência. Considera a realidade e diz a Milton). Bota na lista.

MILTON - Essa não!

LINO - Bota. A gente precisa pensar em tudo.

TIZINHA - Pois eu acho que vocês fazem mal em estar a pensar coisas pôdres da Rosa. Mulher daquelas não tem muita, não.

LINO - (Acalmando-se com o elogio de Tizinha). Tem mesmo, não. Por isso é que eu não entendo! Tinha umas coisas! O melhor era sempra p'ra mim. A carne mais macia. O café mais fresco. O lugar melhor. Um dia fêz um bôlo. Cortou em oito fatias. Quando foi ver eu tinha comido tudo. Ela nem provou. Acordava de noite, cedinho, p'ra esfregar roupa no tanque... p'ra eu não ver. Às vêzes nem comia direito. Eu botava o despertador mas nem chegava a tocar. Ela me acordava / já com o café na mesa. Tinha hora p'ra tudo: Hora de trabalhar, hora de fazer comida, hora de chorar.

TIZINHA - Aquilo era mulher mesmo. Por isso é que eu acho que ela foi raptada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.309

RUBÃO - É. A curra anda sôlta por aí.

LINO - Deixa de ser bêsta, Rubão. Curra na Mariano Procópio?

RUBÃO - Quer saber uma coisa? P'ra mim o Lino sabe e não quer dizer. Canta o jôgo, meu irmão. Tá de segrêdo de ala p'ra cima de nós? (Os outros olham, Rubão encabula sem comentário).

TIZINHA - Pode ter sofrido um troço no coração. Ela não se queixava, mas/ de saúde não tinha muito. Colite, enjôo, não sei o que mais.

LINO - Nunca queixou. Era isso que me dava mais raiva. Não tinha jeito. Podia estar sofrendo que nem danada... mas não entregava os pontos. Um dia encontrei ela chorando sòzinha encostada à janela às duas da manhã. Não quiz explicar.

RUBÃO - Cisco nos olhos. (O pessoal olha Rubão, reprova com a cabeça, não comenta).

LINO - Dizia que tá vendo a lua... estrêla...

RUBÃO - Eu, hem?

LINO - E tava mesmo! Tú entende dessas coisas? Nós ficamo na mecânica, debaixo do carro. Ficando vendo o motor. Pensamento dagente roda que nem roda: É ler "O DIA" de manhã, Tutebol de tarde, é carburador... Tem gente, Rubão, que gosta de vêr lua.

RUBÃO - P'ra quê?

LINO - Gosta! Cisma! Que é que tú tem com isso? (Pausa). Quem sabe eu / disse alguma coisa e ela magoou? Ela só gostava de ouvir coisa / bonita... Eu não dizia,,, ela ia buscar nos livro. Poesia.

RUBÃO - Por que tú não fêz?

LINO - Fêz o quê, Rubão?

RUBÃO - Poesia.

LINO - E tú acha que palavra da gente dá poesia? Poesia é palavra especial. A gente é tudo na base da estupidez. Só diz palavra que machuca. Palavra que machuca não é poesia. E não é só as palavra . Aquela pele lisa, aguentando essas mão... cheia de calo... Tá doido!

RUBÃO - Bom, o melhor é fazer logo a lista, senão o pessoal fica inventando coisa.

LINO - O que é que êles estão inventando?

RUBÃO - Não sou eu quem diz. É o Severino. Depois não queima comigo. O pessoal diz que ela pode ter sido até assassinada.

LINO - Por quem?

TIZINHA - Quem havia de matar a coitada?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 310

RUBÃO - Uê! Qualquer um. Se mata até por ciúme... amor. (intencional, olhando Lino). Até por amor...

MILTON - Que é isso Rubão?

RUBÃO - Tô só ajudando. É p'ra lista. Não quer ouvir, não faz a lista. Eu não tô dizendo que ninguém matou, mas se a gente tem que ver tudo que aconteceu, até alma do outro mundo vale.

TIZINHA - Rubão, deixa a gente pensar com a cabeça?

MILTON - (A Lino). Telefonou p'ra Delegacia?

LINO - Cansei de... nada. A polícia, se não descobrir, vai é me marretar até eu, cansado de apanhar, dizer onde está a Rosa.

RUBÃO - E por que tú não diz logo?

MILTON E TIZINHA - Rubão!

TIZINHA - Você, hem?

RUBÃO - Tenho uma idéia.

MILTON - Guarda.

TIZINHA - (ao mesmo tempo). Não diz.

RUBÃO - Ela podia ter tomado o ônibus sem você, pensando que tú já estava lá ou que vinha logo...

TIZINHA - Até que enfim você deu uma dentro.

LINO - Só que a polícia já viu tudo isso. O Lugar dela no ônibus ficou vazio.

MILTON - Espera aí. Vocês procuraram os parentes dela?

LINO - Só tem uma tia. Nada. Não entendo é êsse pêso desgraçado. Logo na hora que a vida melhora, na hora que eu monto oficina, na hora que eu posso oferecer lua de mel é que dá um pêso dêsses! Tem lógica?

RUBÃO - Não tem.

MILTON - Cala a bôca, Rubão.

RUBÃO - Êle perguntou.

TIZINHA - Perguntou mas não é p'ra ninguém responder.

MILTON - É individual.

LINO - Eu já tinha tudo preparado. Até dei p'ra ela um anel de verdade, com recibo e tudo.

MILTON - Recibo?

LINO - Podia cismar que era falso, não podia? Calcule só... se ela nunca mais aparecesse... se a polícia... se eu ficasse a vida tôda

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 311

sem saber o que... nem porque... eu era capaz de... não sei,não... o que eu não posso esquecer é aquêles olhos grandes abertos de noite... olhando no escuro... olhando. Me contava tudo que acontecia na escola. Como foi, como não foi. Só contava tristeza . Guardava. Trazia prova p'ra corrigir em casa. Tinha criança dêste tamanho que sabia a capital da China. Mas engraçado, é que só eu tinha vergonha da minha ignorância. Ela não. Achava natural. Disse que eu não tive foi chance. Desculpem essa moleza, mas se ela não aparecer, podem ir comprando "O DIA" e a "LUTA DEMOCRÁTICA" porque eu vou aparecer lá... Mulher é um bicho formidável. Nem parece feito de carne e osso. É tudo macio que parece penugem de pinto. Até a fala. Como é que essas mão dura... Tá doido!

RUBÃO - Sabe o que eu tô pensando?

MILTON - (Explode). Não sei, não quero saber e tenho raiva de quem sabe.

RUBÃO - Lino, se tú não fôsse Flamengo, com tôda essa conversa de penugem macia... e com a nossa velha amizade por cima... eu era capaz de jurar que tú tava era mentindo.

LINO - Mentindo onde, Rubão?

RUBÃO - Quem é que garante que tudo isso aconteceu, mesmo? A gente só / sabe que a mulher fugiu porque tú diz, não é? Se tú não diz ninguém sabia.

MILTON - Que banho maria é êsse, Rubão?

RUBÃO - Tô cozinhando nada, não.Quem quer a lista é tú! Olha, no crime / do armário...

TIZINHA - (Num grito). Rubão!...

RUBÃO - Tô calado, pronto. Não quer ouvir as coisa, então não faz lista. A gente só sabe da lua de mel em Itatiaia...

LINO - Itaipava...

RUBÃO - Ou isso. por que tú disse. A gente só sabe que foi... porque tú disse. Ela podia nem ter ido a "Rodoviária" se encontrar. Ter dado bôlo. Não podia? Quem viu? Ninguém. Quem lembra? Ninguém. Tú falou de anel de verdade. A gente acreditou porque tú disse.

LINO - (Tira o anel e mostra). Tá aqui o anel. Cheira, toma, vê. Palhaço...

RUBÃO - Tú tá me estranhando, nêgo? Sou o Rubão. Não sou delegado não. Pisou em tí, doeu em mim. Tô só pensando. Você fica falando dela que parece que tá fazendo quarto a defunto! É só na base do tinha, foi, era. Parece até que a mulher já morreu! O anel pode ser de verdade e o resto não ser, não pode? Espera aí. Como é que êsse anel tá na tua mão? Você não disse que deu êle?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.312

quem foi que chamou você p'ra qui?

RUBÃO - A vêz eu custo ver as coisa. Quando o cara é amigo não vêjo de feito, mas as vêz é preciso a gente olhar de ver. Você é um sujeito que esquenta à tôa, Lino. É só pisar e... Lembra o Amaral onde foi parar? P'ra mim acho que você na hora não pensou. A cabeça ficou fora do lugar e tú...

MILTON - Que é isso, Rubão?

RUBÃO - (Cada vêz mais acêso a Lino). Só queria saber é onde você arranjou dinheiro p'ra comprar um anelão dêsses. Quero saber onde você arranjou dinheiro p'ra montar oficina e comprar geladeira, máquina de lavar roupa, de costura... Rifa? Loteria? Acertou no / Milhar? Betting duplo? Aí eu não falo mais, fico quieto e vou em bora. O outro anel era de mentira... mas era mais de verdade que êste. Era de mentira, mas comprado na lógica. Êsse é de verdade. Cadê a lógica?

LINO - O que é que tú tá querendo dizer?

RUBÃO - Estou querendo dizer, Lino... uma coisa que só irmão diz. Tô querendo dizer que isto dói p'ra burro... estou querendo dizer que isso só pode ser dinheiro da turma de Severino. Dinheiro sujo . Turma de ladrão. Tô querendo dizer que tú...

LINO - (Solta uma bofetada). Nêgo sujo!

RUBÃO - (É agarrado de surprêsa por aquela reação e passa a mão no rôsto. Os outros querem intervir mas paralisam. Rubão fala devagar, contendo, a custo, lágrimas de sofrimento). Que é isso, meu faixa? Batendo em irmão? Flamengo faz isso?

LINO - Eu não admito que nenhum nêgo safado venha me jogar na cara mentira e me chamar de ladrão.

RUBÃO - Não disse isso, Lino. Nós somo irmão.

LINO - Irmão é a mãe! Eu já não disse p'ra calar essa bôca e não se meter na vida de ninguém? Por que é que você não vai procurar as / suas nêgas? Que é que tem que está fazendo em casa de branco?

MILTON - Que é isso, Lino?

TIZINHA - (Ao mesmo tempo). Lino!

LINO - Isso mesmo! Não devia nêgo fingir de branco. Se eu não desse confiança a êsse moleque, não estava ouvindo o que não queria. Quem mandou tú te meter com a minha vida? Por que é que você não vai embora de uma vêz?

RUBÃO - Com raiva, não Lino! Nós somo irmão!

LINO - Que é que vocês estão me olhando? Que é que vocês queriam que eu fizesse? Que eu passasse a vida tôda pêsse buraco? Isso é lugar/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 313

p'ra Rosa viver? Já não bastava ter casado com um calhorda como eu? Ainda precisava pegar beira de tanque? Não era brancura Rinso. Era esfrega no duro. E de noite, sem poder dormir, preocupada com a porcaria do dinheiro que não aparecia... Se tinha p'ro aluguel não tinha p'ra comida. E passar fome na fila do Instituto, p'ro médico receitar dieta p'ra colite e remédio que não se pode pagar, Eu já não podia mais vêr trem que carrega gente como bicho. Eu queria viver uma semana sem passar pela porta da Central. Adiantou eu cavar dois emprêgos? Adiantou? Eu queria... uma vêz na vida... uma só... viver uma semana como gente. Depois... e depois não tem importância. Eu queria vêr de nôvo a ~~semana~~ cara de Rosa de quando ela pensou que o anel era de verdade. O primeiro. Eu queria que uma semana ela sentisse que ela não tinha/ se enganado. Que eu era homem p'ra ela. Não homem p'ra cama. Homem p'ra vida. Homem que podia deixar ela dormir sem ficar olhando a noite. Homem que podia não saber o que ela sabia, mas que um dia ia tirar ela do trem, das pisadas, do empurra, do / incha moçada. Era isso que eu queria. É crime?

RUBÃO - Foi se meter com a turma do Severino.

LINO - Mas lógico!

RUBÃO - Eu disse que o meu dinheiro...

LINO - Quero que o teu dinheiro se dane. Não quero dinheiro p'ra tapar buraco. Quero dinheiro p'ra ser gente, p'ra viver vida decente, sem ficar contando níquel. Quero dinheiro p'ro sorvete e p'ra / pipoca. P'ra receita e p'ro médico. E quando ~~o corra~~ CORTE do médico/ receitar uma dieta, eu quero que Rosa possa fazer dieta e não/ ficar se torcendo de dôres pelos cantos... Escondida p'ra eu não vêr. (A Rubão). Que é que tú tá fazendo aí que ainda não foi embora?

TIZINHA - Pára com isso, Lino!

RUBÃO - Com raiva, não.

LINO - Não sei como foi que ela descobriu, mas ela deve ter desconfiado, Deve ter achado que era muita vantagem. Quando eu quis dar a ela o anel, na hora de embarcar, estávamos conversando no banco da estação. Ela deve ter lido na minha cara que aquêle dinheiro não era meu. Deve ter compreendido que eu não ia sossegar, enquanto não desse a ela a vida de gente. Sumiu por isso. P'ra não me estragar. Foi isso, não foi? Eu não tenho mêdo de ir em cana, não tenho mêdo de nada, nem de levar surra em delegacia. Já tô acostumado. Só tenho mêdo é da hora que ela aparecer, depois de pensar muito e com uma bruta pena de mim e perguntar: "Porque Lino? Por que?" Não sei. Essa é a única raiva que eu guardo. (Pausa)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 314

RUBÃO - Não foi tú que bateu. Foi a raiva.

LINO - Na hora da dôr doer, a gente descarrega em quem? Nos amigo. Doeu muito?

RUBÃO - Não doeu na lógica.

LINO - Obrigado, meu faixa.

RUBÃO - (Abraça-o chorando, comovido). Flamengo duma figa.

LINO - Irmão Rubão. Nós somo irmão.

RUBÃO - Nós somo irmão.

LINO - A raiva maior é que tudo isso podia acontecer depois! Porque ela não acreditou? Por que ela não deixou dar a ela uma semana como eu queria? Semana de lua de mel. Não dessas luas que a gente nem chega a pegar no sono e já o despertador empurra a gente p'ro batente. Lua de mel de dizer bobagens... Leite de vaca tirado na hora... montar cavalo... Lua de mel de passear de mão dada... de ler verso... tirar retrato... tomar café na cama... por que ela não descobriu depois? E eu acredito em Deus! Pêso desgraçado! (Reclama olhando p'ra cima). Uma semana meu faixa! Pôxa uma semana... (chora diante do olhar comovido dos outros).

F I M D A P E Ç A

Cópia de:

GIOVANNI RAMOS COSTA
RUA MELO PÓVOAS, 106/110 - JARAGUÁ - MACEIÓ - ALAGOAS
TELEFONE 53-66

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

3776

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.315

P A R E C E R

~~BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.~~

I) Documentação

a) Título em Português: " PROCURA-SE UMA ROSA"

b) Título original:

c) Autor: PEDRO BLOCH

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia: ASSOCIAÇÃO TEATRAL DAS ALAGOAS.

h) Classificação da Censura: liberada com impropriedade para menores de 14 anos.

II) Análise

a) Gênero: Drama.

b) Argumento: Retrata o drama de um homem que é abandonado pela esposa chamada Rosa. Êle revive juntamente com um casal e um amigo, os momentos em que conhecera Rosa e os desejos que êle tinha de proporcionar a ela uma semana de lua de mel. Enquanto êle era pobre, ela estava a seu lado, mas depois que êle começou a andar em más companhias, descobre que êle roubava e vai embora.

c) 1 - Mensagem: Positiva, pois a constitui em uma alerta para que as pessoas vejam que o dinheiro roubado não traz nenhuma felicidade.

2 - Impressão final: Uma peça excelente, tanto pela forma como pelo conteúdo.

d) Diálogos: Objetivos, claros e inteligentes.

e) Cenas: Sem nenhum comprometimento.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 316

f) Personagens: Milton, Tizinha e hino.

g) Valor educativo: Educa para um critério justo de valoração.

III) Conclusão Uma peça excelente, tanto pela forma como pelo seu conteúdo. Por se constituir de uma temática adulta, sugiro sua liberação com impropriedade para para menores de 14 anos.

Elevar a impropriedade para 16 anos. 14.10.70

Brasília, 12 de outubro de 1970

Técnico de Censura - Cart. nº

Eda Coutinho Barbosa.

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA,
COM O PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA
EDA COUTINHO, QUE A EXAMINOU.

TÍTULO- PROCURA-SE UMA ROSA
AUTOR - PEDRO BLOCH
RESTR.- 14-QUATORZE- ANOS

OBS.- PEÇA JÁ LIBERADA COM A IMPROPRIEDADE DE 16 ANOS

Ao Sr. Chefe do SCDP
13-10-70

EM 13 DE OUTUBRO DE 1 970

MANOEL MIRANDA FERREIRA
CHEFE DA TCTC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, P.317

32

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 3165/70

PEÇA ==="PROCURA-SE UMA ROSA 2==

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 23 de OUTUBRO de 19 75

Brasília, 23 de OUTUBRO de 19 70

Chefe do S. C. D. P. GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

PROIBIDO
PARA MENORES DE
16 ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093,P 318

M.J.-D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 99, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " PROCURA-SE UMA ROSA "

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de

Adaptação de

Produção de ASSOCIAÇÃO TEATRAL DAS ALAGOAS - MACEIÓ /AL.

Tendo sido censurada em 12 de OUTUBRO de 19 70 e recebido a seguinte classificação: IMPROPRIO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS - CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

OBS. O PRESENTE CERTIFICADO SÒMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 23 de OUTUBRO de 19 70

MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

DPF-SAv.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.319

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

338

Memorando nº 797 /70-TCTC

23 10 / 1 970

DO: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

AO: Sr. Chefe da Turma de Censura de Div. Pub. DR/AL

ASSUNTO: Providências (solicita).

Senhor Chefe,

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo indicada, podendo ser entregue tôda a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por este Serviço esteja de acôrdo com o observado no ensaio geral, devendo, posteriormente, ser remetido o respectivo relatório.

PEÇA: PROCURA-SE UMA ROSA

AUTOR: PEDRO BLOCH

INTERES: ASS. TEATRAL DA ALAGOAS

ENDRÇ: MACEIÓ/AL

Atenciosamente,

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE
Chefe do SCDP.

AP/ap.

Reg ~~1919~~
Livro 1
Folha 61

60
2

P 112

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 320

PROCURA-SE UMA ROSA	DISTRIBUIÇÃO

AUTOR PEDRO BLOCH

M. J. - D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE
DIVERSÕES PÚBLICAS
RECEBIDO NA T.C.T.C.

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIENCIAS E LETRAS DE ARAPONGAS

— D A —

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE ARAPONGAS

61

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 321

Ao Serviço de Censura Federal.

O Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Arapongas, Ervino Nesello, abaixo assinado, não tendo - conhecimento da censura da peça de Guarnieri - Arena Conta Tiradentes, - em requerimento anterior solicitou a sua liberação para ser representada pelo grupo de Teatro Universitário de Arapongas. Êste grupo, no interêsse de promover o desenvolvimento cultural no norte do Paraná, por meu intermédio, vem requerer a liberação das peças:

Procura-se uma Rosa - Pedro Bloch

e

Procura-se uma Rosa - Glaúcio Gil, com a finalidade de participar no Festival Universitário de Londrina.

Têrmos em que

Pede Deferimento

Arapongas, 9 de Outubro de 1.969.

Prof. ERVINO NESELLO

Diretor.

ENTREGAR
BRASÍLIA

Recebi em
24-10-69

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.892, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, — de Paris. —

62 48

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 322

Direitos de Representação — Autorização Nº 139664

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: Procura-se uma Rosa

Original de Pedro Bloch

Música de

Tradução de

No Teatro ..... Cidade .....

Emprêsa ..... Pela Cia. .....

nos dias Para ser Censurada

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de X% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Brasília, 14 de Outubro de 1969

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 323

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama ,comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes do sautores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, runiões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, P 324
83

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.° N.° S/Nº
Data 22/ 10/69

Do: TÉCNICO DE CENSURA - MINAS BRASIL
Para: SR. CHEFE DA TCTC
Assunto: DEVOLUÇÃO DE SCRIPTS (FAZ)

SENHOR CHEFE,

ATENDENDO A SOLICITAÇÃO DE V.SA. EM ANEXO ESTOU REMETENDO OS "SCRIPTS" DA PEÇA TEATRAL PROCURA-SE UMA ROSA DE AUTORIA DE PEDRO BLOCH E GLÁUCIO GIL, INFORMANDO NA OPORTUNIDADE QUE APÓS UMA CONSTATAÇÃO MINUCIOSA, CONSTATEI TRATAR-SE DA MESMA OBRA, APRESENTANDO ALGUMAS ALTERAÇÕES MÍNIMAS GRAMATICALMENTE, QUE NÃO CHEGAM CONTUDO A ALTERAR O CONTEXTO GERAL DA OBRA.

SEBASTIÃO MINAS BRASIL COELHO

Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

64/11

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 325

Sr.Chefe da Seção de Censura

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ara pongas- PR, enviou para exame dêste SCDP as peças " PROCU RA-SE UMA ROSA" de Pedro Bloch e de Glaucio Gil.

Ambas já foram examinadas e liberadas por êste Or- gão, com Certificados válidos até 09 DE JULHO DE 1974, clas sificando-as IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 16 ANOS.

A comparação dos escritos coube ao Técnico de Censu ra credenciado SEBASTIÃO MINAS BRASIL COELHO, que em memo- rando anexo, informa-nos que são perfeitamente idênticos.

Assim sendo, à vista do exposto, sugerimos que se defira o presente pedido, emitindo-se os certificados re q eridos nas mesmas condições acima referidas. s.m.j.

À consideração superior.

Em, 23Out69

JOSÉ [illegible] BRAGA
TCTC-SC/SCDP

À consideração do
Senhor Chefe do SCDP.
Em 23/10/69

Em. 24 out 69
Expeça-se o ofício

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.326

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 1919/69

PEÇA /=/=/=/=/=/ PROCURA-SE UMA ROSA /=/=/=/=/

ORIGINAL DE PEDRO BLOCK

D. P. F.

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO
ECA TÉ
—16 ANOS—

VÁLIDO ATÉ 09 de JULHO de 19 74

Brasília, 24 de OUTUBRO de 19 69

Chefe do S. C. D. P. - ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 61, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada PROCURA-SE UMA ROSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.327

Original de PEDRO BLOCK

Tradução de

Adaptação de

Produção de FAC.FILOSOFIA,CIÊNCIAS E LETRAS ARAPONGAS - PARANÁ

Tendo sido censurada em 04 de JULHO de 19 69 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 16(DEZESSEIS) ANOS .-.-. CONDICIONADA AO EXAME DE ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ CONFORME O § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.

ÊSTE CERTIFICADO SÒMENTE TEM VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 24 de OUTUBRO de 19 69

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF.SAv.7034-PFS

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 1436/69

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 328

PEÇA /=/=/=/=/=/=/ PROCURA-SE UMA ROSA /=/=/=/=/=/=/

ORIGINAL DE GLÁUCIO GILL

Censura de Diversões Públicas-Serv. D. P. F.

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 09 de JULHO de 1974

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO
ATÉ
— 16 ANOS —

ECP

Brasília, 29 de SETEMBRO de 1969

Chefe do S. C. D. P. - ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

M. J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 1 folha nº 44, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " PROCURA-SE UMA ROSA "

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 329

Original de GLAUCIO GIL

Tradução de

Adaptação de

Produção de TEATRO EXPERIMENTAL DE BELO HORIZONTE - MG

Tendo sido censurada em 24 de SETEMBRO de 1969 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 16(DEZESSEIS) ANOS.-.-. CONDICIONADA AO EXAME DE ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ CONFORME § 2º do ART. 1º DA LEI 5536/68.

OBS: ÊSTE CERTIFICADO SÒMENTE É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 29 de SETEMBRO de 19

JOSÉ SAMPAIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.330

201/69-TCTC
30.09.69

Chefe do SCDP.
Subdelegado Regional do DPF/MG
Providências (solicita)

Senhor Subdelegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa SDR, as seguintes determinações de caráter técnico dêste Serviço:

1. assistir ensaio geral da peça: PROCURA-SE UMA ROSA, de Gláucio Gill.

2. enviar a êste SCDP relatório minucioso a respeito do espetáculo e,

3. entregar script e certificado anexo ao interessado - Carlos Ratton (Teatro Experimental de Belo Horizonte), sòmente após autorização desta Chefia, viarádio, à vista do constante do ítem dois.

Atenciosamente,

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP.

Reg. ~~1445~~
L. 1
F. 45

P-112 66

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,B 331

PROCURA-SE UMA ROSA	DISTRIBUIÇÃO
AUTORES: PEDRO BLOCH E GERÚCIO GIL	

AO
SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
BRASILIA - DF

674

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.332

Enviamos anexo, cópias das peças teatrais "PROCURA-SE UMA ROSA", dos autores Pedro Bloch e Gláucio Gill, respectivamente, devidamente autorizadas pela SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais) sob os ns. 164386 e 164387.

Solicitamos a censura das peças acima citadas, para apresentações na Capital e no Interior do Estado de São Paulo, apresentações estas, feitas em caráter amador pelo nosso grupo teatral (GEXTU).

N.Têrmos
P. Deferimento

São Paulo, 19 de junho de 1969

Jelasio C. Domingues

GEXTU - Grupo Experimental
de Teatro Universitário
Rua São Joaquim,163- S.P.-Capital
= DIRETOR-TÉCNICO =

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 2385
Em 26/06/1969
Protocolista

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em 24 de 10 de 1969

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, — de Paris. —

68

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 333

Direitos de Representação Autorização Nº 164387

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: Procura-se Uma Rosa

Original de Glauco Gill

Música de

Tradução de

No Teatro ..... Cidade São Paulo

Emprêsa ..... Pela Cia. .....

nos dias Para Censura da Peça

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de ..... % ..... da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

São Paulo 18 de Junho de 19 50

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SUCURSAL SÃO PAULO
DEP. DE AUTORES TEATRAIS
S. Paulo, 18 de Junho de 1950
(pela SBAT) VISTO

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, P. 334

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama ,comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer as[illegible]tos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros m[illegible]os, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes do sautores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, runiões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como qùaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 335

Sr.Chefe da Seção de Censura

GEXTU- Grupo Experimental de Teatro Universitário, rua São Joaquim, 163- São Paulo, Capital, enviou para exame dêste SCDP a peça teatral PROCURA-SE UMA ROSA, de Pedro Bloch e Gláucio Gill, em duas vias, para excursão de dois grupos do GEXTU.

Os seis escritos enviados para exame, não atendem o disposto no artigo 44 do Decreto 20 493/46, pois estão em várias fôlhas borrados, tornando-se, destarte, ilegíveis.

Assim sendo, sugerimos, s.m.j., que sejam devolvidos ao interessado, informando-lhe as correções que deverão ser feitas e posterior envio para exame.

À consideração superior.

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
TCTC-SC/SCDP

De acôrdo.
Ao Senhor chefe
do SCDP.
Em 30/6/69

FAÇA-SE OFÍCIO,
CONFORME O SUGERIDO.
Em 1º/7/69
SUBST.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.336

Of. nº 64 /69-SCDP 02 de julho de 1969

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Sr. Delegado Regional do DPF/São Paulo

Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que a TCDP dessa DR efetue a devolução dos scripts das peças teatrais abaixo relacionadas aos respectivos interessados, informando-lhes que tal medida se deve ao fato de os referidos textos estarem borrados, rasurados e ilegíveis, contrariando assim, o dispôsto no artigo 44 do Decreto nº 20.493/46.

1. "BOTA A COISA NA COISA" e
2. "TEM PAQUERA NA PRAÇA", autoria de Olindo Dias Corleto
   Interessado: A.Rodrigues Leal-Av.Rio Branco, 82;
3. "SENHORA DOS AFOGADOS", autoria de Nelson Rodrigues
   Interessado: Teatro Época, pela sua Secretária Mariluce Lopes;
4. "PROCURA-SE UMA ROSA" (quatro vias), autoria de Pedro Bloch e Gláucio Gill
   Interessado: Grupo Experimental de Teatro Universitário, Rua São Joaquim, 163.

Sem mais para o momento, subscrevo-me atenciosamente,

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP - Substituto

ap/

Procura-se uma Rosa

Pedro Bloch

91 H

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 337

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p 338

Estava na Estação. Eram 3 horas da tarde. Com a companheira pelo braço, preparava-se para o momento de embarque. Tinham chegado juntos, ficaram juntos todo o tempo e juntos iam embarcar. Passava gente por todos os lados e então, de um segundo para outro, Rosa perdeu-se de seu braço. Não sabe explicar como. Só sabe que Rosa sumiu como se estivesse sumido dentro de si mesma. Esperou acabar o movimento. A estação ficou deserta. Mas Rosa não apareceu. Voltou para casa e de novo pôs-se a esperar. Mas Rosa não apareceu. Foi então ao distrito Policial e comunicou a ocorrência. E Lino dos Santos está percorrendo os jornais para avisar que oferece uma gratificação a quem encontrar sua Rosa. Qualquer informação pode ser enviada à Redação dêste jornal.

PRIMEIRO QUADRO

Sala de estar de casa modesta de subúrbio carioca. Estão em cena Milton, sua mulher Tizinha e Limo, colega de trabalho de Milton, preocupados, como que analisando um fato sem lógica, aparentemente absurdo. Lino está sentado com a cadeira ao contrário, e, de vez em quando, coça a cabeça desesperado, perdido.

MILTON - E...

TIZINHA - Coisa, hem?

LINO - (Vai levantar a mão para dizer algo. Os outros vão prestar atenção. Êle desiste. A concentração volta).

MILTON - Essa não!

TIZINHA - A vida!

LINO - (Parece que concluí algo). Espera... (Verifica que o que vai dizer também não funciona. Desiste.).

RUBÃO - (Negro jovem, entra desalentado. Veste um blusão com manchas de graxa. Todos se voltam para êle aflitos).

MILTON - Cumé?

RUBÃO - (Faz "que não" com a cabeça).

LINO - Pêso filho das unhas.

TIZINHA - Lino!

LINO - E não é?

RUBÃO - Troço besta! Olhe... Eu...

MILTON - Não enche, Rubão, Tá?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.339

LINO - Tinha que acabar assim.

TIZINHA - Tinha coisa nenhuma.

LINO - Tava na cara. E não culpo ela não.

MILTON - Culpa quem?

LINO - (Sem dar atenção). A vida. Era vida?

MILTON - Não sei porquê.

LINO - Você acha que tem amor que resiste marido como eu? Amor que resiste trem da Central?

RUBÃO - Pois o nosso aguentou. Não foi, Tizinha?

TIZINHA - Outra resistência. (Ela toma, quase ocultamente, um remédio).

MILTON - (Agarra-a em flagrante). Remédio outra vez?!

TIZINHA - (Arranca-o das mãos de Milton). Amostra gratis.

LINO - Eu sabia.

MILTON - Sabia nada.

LINO - Sabia. Subúrbio não é zona. É castigo. E o desgraçado do trem. "Expreme pessoal."

RUBÃO - "Incha moçada".

LINO - "Vamos carregar êle pra chutar laranja". Beber água de poço.

TIZINHA - E sem ar pra respirar. Sem lugar pra botar o pé.

RUBÃO É. Levantou, tá fubecado.

MILTON - Rubão!

RUBÃO - Eu disse besteira?

LINO - Quando ela ficava, de noite, de olho aberto, só via ela pisada por aquela multidão de gente. Eu ficava calculando o dia que ela ficasse de barriga, esperando... Eram capaz de matar o garoto.

TIZINHA - Espera. Ela não estava... es...

LINO - Não. Só pensando. Sem ar pra respirar, sem chão pra pisar. A gente fica ali exprimido lendo o jornal inteiro. Sonhando, senão a gente vira maluco. A gente não pode ficar ali olhando a verdade todo dia... e sabendo que amanhã tem mais. Tudo de novo, tudo outra vez. Tá doido!

RUBÃO - Espêto!

LINO - Inferno! Eu queria dar um sonho pra ela. É crime? Queria que ela parasse de pensar uma semana.

RUBÃO - Vocês quer saber de uma coisa?

OS OUTROS - (Em côro). Não.

RUBÃO - Teve um caso aí... que...

MILTON - Rubão! Não Chateia!

LINO - (Pausa longa). Que é que o pessoal tá dizendo lá fora?

RUBÃO - Nada.

LINO - Nada é peixe.

RUBÃO - Palavra!

LINO - Já me botaram os chifres.

Rubão - Botaram nada. (Pausa). Só o Severino.

LINO - O que foi que êle disse? Fala, Rubão. Anda! FALA!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 340

MILTON - Deixa disso, Lino. Frescura. Tu vai ligar para ladrão de automóvel?

LINO - É ladrão mas tá com os tubo. (a Rubão). Tu não disse, agora mesmo que...

RUBÃO - Tu não sabe como êle é? Se tu tem defeito êle inventa. Tu é meu. Que é que há?

LINO - (Depois de uma pausa). É. Só fazendo a lista.

TIZINHA - Outra, Lino?

LINO - Sem lista eu não sei pensar. Pensamento é um troço... Muita vez fiquei pensando como é que trabalha pensamento de gente que sabe coisas...

RUBÃO - Deve ser cheio de nove-horas.

LINO - Pois é . Quando a gente pensa é na base da ignorância, foi o que eu pensei... Futebol, vida, bicho, trem. Êles não: É tudo mais complicado. Gente com coisa na cabeça pensa diferente. "Hidramatique".

RUBÃO - Tudo tem o seu conforme.

LINO - Pensa... Que é que tu tem dentro da cabeça? Não diz, não! Ela dizia coisa que eu, muita vez, não entendia. Aí eu cismei e quis treinar o pensamento. Cabeça, Rubão, não foi feita só pra bater bola. Um dia... comecei a pensar na vida. Como é que Deus explica pra formiga porque ela não tem luz nem voa como vagalume.

RUBÃO - Manera Lino. Deus tem lá tempo pra pensar em formiga?

LINO - Deus pensa em tudo. Até em nós, Rubão. Ficava pensando coisa assim: "de onde vem a vida das formigas?"

RUBÃO - Pra que, hem?

LINO - De besteira. Bate-bola. Gente inteligente pensa àtoa. Vida de formiga. Tu já pensou nisso?

RUBÃO - Formiga, não. Pensei borboleta.

LINO - E daí?

RUBÃO - Joguei no bicho. (Pausa, enquanto os outros olham com raiva). Deu gato. (Novo olhar dos outros). Alguém sabe o resultado do bicho?

TIZINHA - Agora, Lino?

RUBÃO - Bicho corre do mesmo jeito. Se as coisas fosse na lógica ninguém contava piada fazendo quarto a defunto.

LINO - Tinha hora que ela falava com os olhos.

RUBÃO - Com que?

LINO - Nem tudo a gente diz com palavra. Palavra às vez atrapalha. Olhar, não. Êsentimento que vai, sentimento que vem, pronto. Tu não entende disso.

RUBÃO - (Depois de uma pausa). 3 a 2.

MILTON - Quem?

RUBÃO - Flamento, né.

MILTON - Ôba! Gôl de quem?

LINO - Pôxa! Futebol numa hora dessas.

MILTON - Que é isso, Lino?

LINO - É isso mesmo. Não se tem amigo pra nada. Só pra empurrar a gente pro fogo.

TIZINHA - Lino.

LINO - Futebol, (quer saber?) foi feito é pra não deixar a gente pensar na vida. A gente briga pelo Mengo. Enquanto briga, esquece. Briga... mas se tu não tiver gaita na hora de entrar no Maracanã... tá barrado, não tá? E não adianta dizer que já fez e aconteceu. Eu quero que o Flamengo se dane.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 341

RUBÃO - Pecado, rapaz.

LINO - Na hora de sofrer não é os cartola que sofre. Pergunta ao Hilton Santos se êle já chourou uma derrota do Mengo. Eu já.

MILTON - Moça decente daquelas.

LINO - Quer saber? Não.

MILTON - Você também não acredita.

LINO - Pois sumiu, compreende? Sumiu. Estava aqui. ó! (Bate no próprio braço). Sumiu. Que é que eu vou fazer?

RUBÃO - Essa não.

LINO - Mas se eu tou dizendo. A "Rodoviária" com aquêle movimento todo. O ônibus, ali, esperando a gente. Poltrona estofada e tudo. Era como se a gente estivesse se casando naquela hora. Eu ia tirar ela uma semana dessa vida. Lua de mel!

RUBÃO - Com dois anos de casado?

MILTON - Facilita, Rubão.

LINO - Ela estava feliz, juro. Ria que nem passarinho.

PAUSA

RUBÃO - Passarinho ri?

LINO - Rubão, tu não entende poesia. O pior é que eu queria largar essa vida de mecânico. Queria subir, aprender televisão.

RUBÃO - Legal, hem? Onde?

LINO - Correspondência. Caixa Postal.

RUBÃO - Pode, é?

LINO - Dá diploma e tudo. Tudo pra facilitar. Pra ela. Também quem mandou eu casar? Eu devia ter me enxergado. Devia ter olhado minha cara no espelho "Tu não tá vendo, Lino, que aquilo não é mulher de tanque"? E eu flando pro homem...Êle danou porque era delegado e eu xinguei êle de comissário. Fechou o tempo.

RUBÃO - Vai ver que é por isso que êle não encontra a Rosa. Faz dois dias e...

TIZINHA - Faz três.

LINO - E eu querendo facilitar. E eu dizendo tudo. E tu esvasiando. Seu delegado, faz a lista. O negócio tem que ser na têquina. Ver onde está pegando. É só procurar. (Pausa). Só não entende é porque. Uma tristeza.

RUBÃO - (Cantarola baixinho). "Tristeza não tem fim... Felicidade sim..." (O pessoal o olha e êle se cala. Pausa). Mulher ambiciosa. Queria geladeira.

MILTON - Você, hem?

LINO - Felicidade ia ser mato.

TIZINHA - Parecia, não é?...

LINO - Parecia não. Ia.

TIZINHA - O pior é que na hora de ser feliz ninguém sabe que é.

MILTON - Só depois...

TIZINHA - Lembra, Lino, quando ela apareceu aqui da primeira vez?

LINO - Pôxa. Si!... Tá doido!

TIZINHA - Quem podia adivinhar?

LINO - É mesmo. Eu tava arrebentado de trabalho e daquela viagem de trem...Lembra?

(Escurece. Ouve-se no escuro um trem em marcha violenta.)

SEGUNDO QUADRO

Estão em cena Tizinha, Lino, Milton e Rubão. Lino está de camisa suja por fazer a barba. Dois anos antes. Estão alegres e o número de garrafas de cerveja, ao canto e na mesa, mostram porque.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 342

LINO - Mas pera í, Tizinha. Não tá direito. Eu avisei que a moça vinha.

TIZINHA - E daí?

LINO - Você acha que isso é jeito da gente receber mulher que vai ser mulher da gente? Cerveja e pastel?

MILTON - Tu tá doido. Queria o que?

LINO - É doido quem casa? Porque tu casou?

MILTON - Descuido.

TIZINHA - (Protesta) Milton!

MILTON - Desculpe. E casar como? Com que roupa?.

LINO - Com essa mesma. Chiiii! E, por falar em roupa, você tem uma camisa limpa do Milton?

TIZINHA - Não deu tempo de passar.

LINO - (Se cheira). Tô com cheiro de gazolina.

TIZINHA - Cheiro de trabalho é perfume. Tem é água de colônia.Regina. (Entrega) Te enfeita.

MILTON - É o que?

LINO - Rubão, tu ainda não desconfiou que tu tá sobrando?

TIZINHA - Faz isso, Lino.

LINO - Pos desconfia e cai fora.

RUBÃO - Que é isso, meu faixa? Nós somos irmão. Só fico até a moça aparecer.

LINO - Você, hem, Rubão?

TIZINHA - Ah, então a moça é professora mesmo?

LINO - "Jardim de Infância". Ensina criança dêste tamanho. Tem alguma coisa demais? Puxa, Rubão. Não dá uma dentro, hem?

RUBÃO - Eu disse besteira?

LINO - Só chuta na trave, hem, rapaz? Falou, quicou. Pôxa.

RUBÃO - Falei na lógica. Se êles vão saber daqui a pouco...

LINO - Vamo mudar de assunto?

TIZINHA - Mudar pra que? Só porque deu minhoca na sua cabeça?... Como é que tu pode casar? De jeito?

LINO - Eu me arrumo.

TIZINHA - Arruma onde?

LINO - Vocês quer saber uma coisa? Eu acho que bobeei fazendo a moça vir aqui. Pensei: Tizinha e Milton são os únicos amigos que eu tenho. Pediu pra conhecer a família, Eu tenho? Eia levar onde? Pensei em vocês. Se Tô errado diz. Olha se ela perguntar, você diz que somos primo longe. Foi o que eu disse. Tá?

TIZINHA - Primo, é?

LINO - E depois a gente precisa acreditar, senão a gente arrebenta. Deus é grande e é meu faixa. Quando as coisas piora de vez é que é bom. Dali só pode é melhorar.

TIZINHA - Você sabe como a vida tá pra casar, rapaz?

LINO - Não cria caso, Tizinha. Já fiz as conta. A lista tá qui.

MILTON - Deixa ver essa tal de lista. "Casa... sessenta contos...".

TIZINHA - Sessenta contos?! Onde é que vai arranjar casa por êste preço?

LINO - Casa é maneira de dizer. Vocês quando casaram vieram morar aqui. Agora quando vocês mudarem pra casa da vila deixa essa comigo. Compro móvel e tudo. Não foi combinado?

RUBÃO - Bem, já que vai fazer besteira, se precisar de uns cobre... Eu tenho na Caixa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.343

LINO - Facilita Rubão.

TIZINHA - "Condução" : vinte e cinco contos. Só se fôr a pé. Vinte e cinco - você gasta só de cigarros... e mata-rato.

LINO - Deixo de fumar.

RUBÃO - Boa idéia! Me dá um cigarro aí.

LINO - (oferece). Vê se compra, Hem?

RUBÃO - (Recebendo). Tá fumando "Filipe Morre", seu?

Lino - Ganhei no posto. E é hoje só. Dálicença?

MILTON - E, depois, empregado dos outros tem jeito? E se o Osório chuta você? Fica na lona. (A tizinha). Vê aí a soma de tudo.

TIZINHA - Oitenta conto.

MILTON - Não pode!

LINO - Eu não disse? Tá tudo aí na ponta do lápis.

MILTON - Deixa ver essa lista. (apanha e lê). É... pela suas conta podia casar mesmo.

LINO - Tá vendo?... Não sabe. Não teima.

MILTON - Pera aí, pera aí, pera aí, pera aí, pera aí, você só esqueceu uma coisa.

Lino - Tá tudo aí.

MILTON- Vocês vão comer não vão?

LINO - E daí?

MILTON - Esqueceu a comida.

LINO - Deixe ver(pega a lista). Eu sabia que vocês ia arranjar desculpa.

TIZINHA - Mas pera aí! Não é desculpa, Lino.É comida!

LINO - Vocês não vão criar caso por causa de comida, vão?

MILTON - Eu sabia que você ia fazer essa besteira. A gente vive empurrando mulher para você... você vai logo pra que não pode.

LINO - Não posso por que?

TIZINHA - Mas tá na cara. Nem parece que tem a cabeça no lugar.

MILTON - Casar onde? Como?

LINO - Todo mundo não casa ?

RUBÃO - Casa na lógica.

TIZINHA - Cadê dinheiro pra igreja, pra festa, pro carro?

LINO - Me arrumo. E eu não vou querer aquele carro forrado de sêda com flor e luzinha.

MILTON - E se ela quizer?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 344

RUBÃO - Mulher tem dessas besteiras

LINO - Vocês estão falando da moça sem conhecer.

MILTON- Da outra vez você ...

LINO - Mas não tem outra vez. Essa é um espetáculo. Educada, bôa, vinte e e poucos anos ....

TIZINHA- Depois diz que a gente não é amigo. Vinte e poucos anos ... Encrucou. Só pode ser bucho.

LINO - Mas não me faça essa vergonha ! A moça só quer é conhecer a Família.

TIZINHA- Só pode ser bofe.

LINO - Não fica aí botando banca, não. Você também não é uma beleza. Se não é o palhaço do Milton tu ainda tava na prateleira.

TIZINHA- Não precisa vier de quatro pedra. Tá vendo a ingratidão ?

LINO - Eu sei que a intenção é bôa, mas bôa intenção já matou cem.

TIZINHA- Tá certo. Você é que sabe.

MILTON - E logo professora !

TIZINHA- É mesmo professora ?

LINO - (Desesperado). Jardim da Infância ! Não ensina nem a a ler. É só bobagem e brinquedo de roda. (Pausa). não pode ver ninguém feliz e fica inventando coisa !

MILTON - Mas com tanta mulher aí dando sopa...., você foi logo.... se ela perguntar a Capital da França você sabe ?

LINO - Não vai perguntar.

TIZINHA- Maneira de dizer.

RUBÃO - Qual é a Capital da França ?

LINO - Ela não é mascarada. Sofreu muito. Vocês estão fazendo isso mas é de gôzo. Pra ver minha caveira. Tão pensando que eu não tenho assunto pra professora.

RUBÃO - Fala mal do Govêrno.

LINO - Rubão, você ainda não caiu fora ?

RUBÃO - Já tô (Pausa). Qual é a Capital da França ?

LINO - Paris. Assim também não, não é ? E não vá espalhar isso por aí.

RUBÃO - Ué ! Tá me estranhando ?

LINO - É perisso que eu me dano. Será que vocês não compreende ?... A gente não casa só pra dormir junto na mesma cama. A gente casa porque dá uns troço que a gente sente.

RUBÃO - Que é que tu centiu ?

LINO - Foi no trem. A mulher, coitada ! Parecia que ía ficar imprenssada. Gente por todo lado. Protegi. No dia seguinte tava alí. Mesma coisa. Ela sorriu..... Eu sorri. Disse que era professora

TIZINHA- Dá novela. E depois ?

LINO - No dia seguinte ela disse que o nome dela era Maria. Maria só, não. Maria Rosa. Aí eu falei: "Nome bonito ! Não tem flor mais bonita que essa". Ela encabulou e falou baixo: "Acha mesmo ?" Aí eu garanti: "Tem não". Ela gostou.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. cc93, p. 345

MILTON - E isto dá pra casar ?

LINO - Tu não entende. Não é o que as pessoas são. É o que a gente enxerga por dentro. Quando a gente gosta, a gente vê a pessoa como se fôsse de vidro. Vê coisa que nem ela mesmo vê.

RUBÃO - De vidro. É ? Ninguém devia de olhar as pessoas por dentro. Eu vi, na Lapa, "Gigante de Vidro"..... Tripa e tudo.....

LINO - O, Burrão !... Não tô falando de ver tripa. Tô falando de ver sentimento.

RUBÃO - Ah! (justificando-se). Tu não exprica !

LINO - Só tem uma coisa.... Vocês aguenta a mão aí.... (Pausa). Vocês acham que a barba tá bôa ? (cauteloso) Eu não disse a ela que sou mecânico de automóvel.

MILTON - Tá vendo ? Eu tô dizendo !

LINO - Quer dizer .... disse... mas não disse bem certo. Disse que eu trabalho em eletrônica.

MILTON - Mas isso é bafo. Tá vendo ? Já tá com vergonha de ser mecânico

LINO - Não é mentira completa. O que é Televisão ? Eletrônica !

TIZINHA - Vai ver que já tá com vergonha da gente, também.

LINO - Se eu tivesse mandado ela vir ? ... Tinha combinado ? Tinha escolhido vocês pra padrinho ?

MILTON - Escolheu o que ?

LINO - Lógico !

MILTON - E ela ?

TIZINHA - O que foi que ela disse ?

LINO - Nada.

MILTON - Nada ?

TIZINHA - Nada como ?

LINO - É que ela ainda não sabe.

MILTON - Que vamos ser padrinho ?

LINO - Não. Ela ainda não sabe que vamos casar.

TIZINHA - Como é isso ?

MILTON - Eu tô dizendo !

LINO - Também não é assim ! A gente tem que ir na calma. Preciso cavar as coisas... Ter dinheiro pra lua de mel... comprar aliança... casando, si Deus quizer eu vou matar uma voãtade que sempre tive: - uma semana de férias... sem fazer nada.... uma semana... desde menino minha tia me prometia levar pra fazenda dela... Ela chamava fazenda mas era sítio pequeno. - Nova Iguaçú'.. Eu fa passar uma semana...., tomando leite tirado na hora... montar a cavalo.. mas a tal semana não chegava nunca, um dia era sarampo, na outra catapora.... No outro não era nada..... Mas me dava febre só de vontade de ir.... Na febre eu montava a cavalo... Fazia tudo... (Pausa) Ela tem colite.

LINO - Rosa.... Comendo fora de casa. Precisava ver a cara com que ela disse. "Deve ser bonito... Eletrônica". Aí eu falei: "Bonito é ensinar criança !" Ela gostou.

MILTON - Não vai gostar é quando descobrir.

LINO - (irritado). Você acha que eu podia dizer pra ela que eu vivo o dia inteiro me sujando com automóvel ? Só dizer isso. .. me dava impressão de sujar ela de graxa. Fico sempre com a impressão de que estou fedendo a gasolina.

TIZINHA- O cheiro até que

LINO - Bom pra gente que tá costumado. O pior é aquele trem. Ela tem que vir todo dia do Grajaú.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,P.346

TIZINHA - Ela é de onte ?

LINO - Do Grajaú. Se formou e nomearam ela pra Caixa Prego. Rubão, tu ainda não caiu fora ?

RUBÃO - Tá com vergonha de mim, meu irmão ? não quer que eu .....

LINO - Não quero é que você dê suas pedrada. Você não chuta nem "Pênoti".

RUBÃO - Não me disse mas pensou. Tá com venversa de fluminense.

LINO - Rubão, não chateia !

RUBÃO - Tá me mandando embora, eu vou.

LINO - Quer parar com essa agonia, Rubão ? não tá vendo, eu tou nervoso ? e vê se senta direito.

TIZINHA - Tá vendo, Lino ? Já nem sabemos sentar.

LINO - Não é isso. Educação nunca fas mal pra ninguem.

TIZINHA - Vai ver que a gente nem serve mais pra padrinh. Olha só como estou. Será que êsse vestido tá bom ?

LINO - Não fica no Gôzo, tá bem ? Sómtou avisando porque a moça não está acostumada com estupidez. E ninguem vai fazer pergunta besta pra ela, vai ?

MILTON - Isto agora foi pra machucar.

LINO - Desculpe.

RUBÃO - Quer saber de uma coisa ? Morando no assunto eu acho que não tou muito legal de roupa.

TIZINHA - Besteira, Rubão.

RUBÃO - Não. Agora me lembrei que tem aí uns troço pra resolver.

LINO - Tu não quer conhecer a moça, Rubão ?

RUBÃO - Fica pra outra vez... Não vai fugir, vai ?

LINO - (Deparando com Maria Rosa que entrou). Rosa !

MARIA - Desculpem, mas a moça mandou ir entrando.

LINO - Esta é Rosa.... (Apresenta e ela vai respondendo com prazer a cada um). Milton.... Tizinha... Rubão... (Rubão enxuga a mão na roupa antes de apertar. Todos se sentam e ninguem abre a boca. Lino vai falar mais desiste).

RUBÃO - Êsses é que vão ser os seus padrinhos de casamento. (indignação geral, enquanto Rubão faz cara do inocente).

(Escurece. Trem com "Marcha Nupcial".)

FIM DO QUADRO

TERCEIRO QUADRO

Mesmo cenário. Estão em cena Lino e Maria. Ela está com cartilhas e papéis na mesa e recortando figura para a aula do Jardim da Infância. Lino bebe cerveja.

LINO – Não, minha filha. Nem pense o que estou sentindo. Eu sei. que não tenho conversa pra você.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 347

MARIA– Carinho não se conversa.

LINO – Você foi casar com um sujeito na última lona. Eu devia era me ter juntado à turma do Severino.

MaRIA– Pra acabar preso ?

LINO – Que preso ! Tá tudo aí dando as cartas. Imagine o galho se Tizinha não deixa esta casa pra gente.

MARIA– Deixa disso, Lino. Você tem futuro. Vai longe.

LINO – Vou até o Irajá. E você... isto é que me chateia ! Não tenho nada pra lhe dar. Nem conversa.

MARIA– Deixa de ser bobo, Lino.

LINO – Falar de que ? Carburador ? Vela ? Bateria ? Diferencial ?

MARIA– Porque não ? Eu não falo de criança ?

LINO – Criança dá assunto. Futebol... E, depois, o Flamengo anda com um pêso de fufas.

MARIA– É mesmo.

LINO – O pior foi aquele tiro do Henrique e o pelotaço de Babá. Passou raspando a trave, pela lateral direita. Chute de azar desgraçado.

MARIA– E o Dida ?

LINO – Que Dida, minha filha ? Dida não jogou. Babá suspendeu e Gerson, de cabeça, aninhou a pelota no fundo das redes....

MARIA– E o Maracanã ....

LINO – Que Maracanã ; .... o jôgo foi no Pacaembú. Tu nem prestou atenção.

MARIA– Prestei, Lino. É de que repente, me lembrei da Leninha na escola.

LINO – Perder um gôl daqueles ! A Leninha ?

MARIA– Veio de avental branco com um coelhinho bordado aqui assim. Aí eu perguntei o nome do coelho. "É coelho de avental, professora". Ela disse.

LINO – Era só empurrar a bola. Assim, ó.

MARIA– "Coelho de Avental não precisa ter nome porque ninguem vai chamar êle. Viu ? Agora é você que não está prestando atenção.

LINO – É raiva. Raiva doida de não poder tirar você daqui.

MARIA– Estou bem.

LINO – Bem, hem ? Bem como ? Voce já tava acostumada no Grajaú. Aqui na hora de dormir é quasi hora de acordar. Não se tem tempo nem de penerar o cansaço.

MARIA– Eu amo você.

LINO – Ama.... Adiantou eu estudar de noite ? Cabeça dura. Não entra ! Adiantou eu tirar diploma de televisão com carimbo e tudo ?

MARIA– É só não se afobar, Lino

LINO – Firma reconhecida no Tabelião. Tá ali pra quem quizer ver. Não dá pros gastos (Afasta o copo de cerveja). Porcaria de cerveja quente !

MARIA– Falta a Geladeira

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0094,P.348

LINO – Já vem você com novidade.

MARIA – Não é novidade. Tem mulher que sunha com jóia. Eu sonho com geladeira. Divisão pra tudo ! ôvo, coca-cola, manteiga, carne....

LINO – Rosa... Eu juro ! Deus não vai me fazer essa falseta ! Qualquer dia dêsses nós vamos decidir um bom Cometa na Rodoviária e eu levo você... eu, seu Lino e esposa.... e vamos queimar uns trocados numa semana de lua de mel... Aquela que eu prometi. E fé em Deus e pé na tâboa.

MARIA – Primeiro a lista. Quando tudo estiver pago, vamos juntar dinheiro pra entrada do Apartamento.

LINO — Não. Quando puder... primeira coisa é máquina de lavar roupa. Não quero você di tanque... esfregando camisa.

MARIA – Esfregando nada. É brancura Rinso.

LINO – Deixa só as coisa melhorar que eu pago a mobília do quarto.

MARIA– Primeiro a televisão. Meio a meio. Olha, eu bem que podia dar umas aulas em casa.

LINO – Tá doida ! Já não basta ?.... Aula em casa ! Eu não tinha direito. Tava na cara. Como é que moça de preparo foi casar comigo ?

MARIA – Você ainda pergunta ? Eu é que pergunto: como foi que você teve coragem de casar com uma moça que nem moça era... nem na idade nem no resto.

LINO – Não fale isso.

MARIA – Moça que se entregou a um homem casado.

LINO – Você não teve culpa. Foi na conversa. Foi enganada. Esquece !

MARIA – Mulher que se entrega sem ser casada não presta.

LINO – Você quer parar com isso, Maria ?

MARIA – Meu nome pra você é Rosa.

LINO – Você não teve culpa. Ninguem entende vida dos outros. Mulher é um bicho limpo decente, mesmo quando não presta. A gente é que estraga botando a mão. Quer saber uma coisa ? Não quero falar mais nisso. Não quero pensar em mais nada. Um gol daqueles !

MARIA – O que me dá mais vergonha é que êle não me enganou. Disse tudo... antes.... avisou.

LINO – Muda de assunto !... Flamengo duma figa ! Eu devia era ser jogador de futebol. Viu o Didi ; Real Madrid. Só assim eu aprendi a Capital da Espanha. Tá vendo ? Pra me ensinar tem que apelar para ignorância.

MARIA – Não desconversa. Só uma coisa me pode separar de você. É você fazer coisa suja.

LINO – Vivo na graxa.

MARIA – Não é essa sujeira. Miséria não me assusta. Você anda preocupado, metendo idéia na cabeça. Não posso -é ver você de noite... sem poder dormir.

LINO – Eu ?... Mas se você me vê de olho aberto é porque você também não dorme.

MARIA – Fico pensando na vida. Cansaço.

LINO – Você viu o médico do Instituto ?

MARIA – Tem fila. Ainda não chegou a minha vez. Fico pensando na sua luta.

LINO – Ah! É por isso que você não dorme ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 349

MARIA – Sim. E você ?

LINO – De besteira.

RUBÃO – (Entra na sala sem falar).

MARIA – Viu a geladeira.

LINO – Geladeira ? Ah, então era por isso que vocês andavam fazendo caixinha ?

MARIA – Era, viu ?

RUBÃO – Não é nova... sabe ?

MARIA – Quanto é que eles querem ?

RUBÃO – Os tubos.

MARIA – Quanto ?

RUBÃO – Vinte e dois e chorado. E pé legal. Tem uma fechadura "Micromatique".

LINO – Pra que é que serve ?

RUBÃO – Não sei, mas diz que tem.

MARIA – Condições.

RUBÃO – Na sucha.

LINO – Êsse pessoal tá é doido ! A gente pode usar a geladeira do vizinho. Não ofereceu ?

MARIA – Geladeira dos outros é pior que escova de dente. Não se empresta.

LINO – Podia ! Geladeira de pobre fica de prateleira folgada.

MARIA – Calma Lino, Como é que está a lista ?

LINO – Ainda precisando de sete pro fogão novo. Estou teso. Mas não há de ser nada, Rosa, um dia ....

RUBÃO – Eu tenho uns trocado na caixa. Precisando.... Flamengo é pra essas coisa.

LINO – Deixa de besteira, Rubão.

MARIA – Obrigada. A gente se ajeita.

RUBÃO – Dinheiro parado. Não rende.

LINO – Rubão ! Não chateia!

Rubão – Espera aí, meu faixa. Somo ou não somo irmão ? Tou rico. Acertei na milhar.

MARIA – Milhar de que ?

RUBÃO – Milhar enganado. Fui na lógica mas na hora troquei os numeros. Deu certo.

MARIA – Não fazem por menos ?

RUBÃO – A Marina ofereceu vinte e um e êles riram na cara só de deboche.

LINO – E eu ainda estou devendo a você, Rubão. Não lembra ?

RUBÃO – Fica devendo mais. É bom a gente ter dinheiro espalhado. Na hora do apêrto... mas tem um troco que tá pegando.

LINO – O que é Rubão ?

RUBÃO – Não entendi direito mas pelo jeito o Osório não quer mais você na Oficina.

LINA – Como é o negócio ?

RUBÃO – Falou em crise, cozinhou. Não gostei. Tava encondendo jôgo.

LINO – Mas pera aí. Isso é sério, Rubão ? Por que êle não falou comigo ?

RUBÃO – Não teve peito. Sei lá ! Eu ainda cheguei a explicar: "Seu Osório. Homem por homem tira eu que sou solteiro... sem compromisso". Não teve jeito.

MARIA – Por essa preocupação ? Emprêgo é que não falta.

RUBÃO – Pois é.

LINO - Não. Mas o Osório!

RUBÃO - Disse que o teu trabalho não rende. Que você já pega o serviço com sono.

MARIA - Então foi bom ter feito o que fiz. Nós compramos a geladeira e ainda sobram uns trocados. Quanto deu o anel?

LINO - O que?! ... Você torrou a aliança?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.350

MARIA - No prego só.

LINO - (alarmado). A aliança não, Rosa. Pera aí. A aliança não.

MARIA - Mas isso não pode continuar assim Lino. Uma cerveja... a carne... Sem geladeira tudo sai mais caro. Quanto deu?

LINO - Nem fale, Rubão. O anel não, Rosa. Bota o meu relógio.

MARIA - Você precisa. E depois o relógio não dá nada.

LINO - Mas você não podia fazer isso! Foi a única coisa que eu... Nem lua de mel nem nada! Rubão cai fora que depois nós falamos.

MARIA - Esperam, Rubão, quanto deu o anel?

LINO - Rubão, você quer cair fora?!

MARIA - Quanto deu o anel?

LINO - Rubão, eu já disse que não quero que você se meta na minha vida?

MARIA - Quanto deu o anel?

RUBÃO - Aí que tá. O anel não deu nada.

MARIA - Nada?

RUBÃO - Eu acho que o,Lino foi tapiado, sabe?

MARIA - Tapiado como?

LINO - Rubão, você quer dar o fora antes que eu faça um esbregue e lhe rebente a.

RUBÃO - O anel não vale um tostão.

MARIA - Não vale o que?!

RUBÃO - Eu também achei esquisito, mas o homem disse que aquilo é Sloper. Fantasia francesa. Foi o que êle disse.

MARIA - Não!

LINO - Rubão, você quer fazer o favor de baixar noutro terreiro? Cai fora!

RUBÃO - Tou aqui porque me chamaro, não é?

LINO - Pois deschamou. Cai fora.

RUBÃO - Tá bem. Não precisa vir de estupidez. Tá aí o anel. Pronto. (Sai).

(Maria olha Lino. Êle fica calado. Espectativa).

MARIA - Um homem dêsse tamanho se deixar enganar.

LINO - Rosa...

MARIA - Que é , Lino?

LINO - Você jura que não queima?...

MARIA - Queimar com o que?

LINO - Não. Eu não posso explicar assim... pera aí... Com calma... você precisa compreender, Rosa.

MARIA - Compreender o que, Lino?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.351

LINO - Eu queria dar uma alegria a você... Lua de mel... não podia. Então pensei às vêzes pensamento da gente tem... Depois... Eu juro... Eu ia oferecer um anel de verdade. Você não está compreendendo.

MARIA - Não, Lino. Não estou.

LINO - Tem que vir do começo. Engraçado como coisa de criança fica. Comigo as coisas nunca dava como eu queria... Quando eu era menino... e arranjava uns trocados... corria para comprar pipoca e sorvete. Mas o dinheiro - nunca dava pras duas coisas... E eu não sentia gôsto da coisa que comprava porque ficava pensando na outra. Aquilo ficou. Eu queria dar a você anel, lua de mel, tudo. Com um anel de mentira eu podia... depois... Eu queria ver você feliz, compreende? Eu tava na lona. O anel não vale nada. (Pausa). Você está sentida?

MARIA - Não com o anel. Com a mentira.

LINO - Eu achava você tão... sei lá... Tinha a impressão que dando um anel legal as coisas equilibrava, compreende?...

MARIA - Seu grande tolo! Bobão.

LINO - Eu juro, Rosa. Um dia eu compro um de verdade. Foi até bom o seu Osório me dar o bilhete azul. Deus sabe o que faz. Um dia eu monto oficina só pra mim. Mando chamar o Rubão. A gente levanta um capital. Não vou mais trabalhar pros outros. Juro pelo mais sagrado.

MARIA - Não é o anel. É a falsidade.

LINO - Não, Rosa, não.

MARIA - Compreende, Lino? É a mentira. Se o anel é de mentira como é que eu vou saber que o resto é de verdade.

LINO - Mas é de verdade! Se você não cismasse de comprar uma geladeira você passava a vida tôda com anel de verdade. Só é mentira quando a gente descobre.

MARIA - Não, Lino. Só é mentira quando a gente tem a coragem de...

LINO - É como um sonho quando a gente está dormindo. Acordou...espêto.

MARIA - Já fui enganada uma vez, Lino... Como foi que você teve a coragem de fazer isso comigo? Porque?

LINO - Mas não foi com você que eu fiz, Rosa, foi comigo. Você não sabia nada. Eu é que pensava de noite como você chorou quando recebeu o anel. Choro de verdade para agradecer anel de mentira. E aquêle carinho todo que você me deu. E você pensando gratidão que eu não merecia: "Coitado do Lino, quanto serão êste anel não deve ter custado"? Pois não me tinha custado nada naquela hora. Fantasia francesa. Mas, agora êle me custa mais caro que anel de rainha. Pesadelo, Rosa, pesadelo acordado. Passei noites sem dormir, com medo de você descobrir. Sofri tanto êsse anel... penei tanto... que, no fim de um tempo, cheguei a me convencer... que algum milagre o tinha mudado em anel de verdade. Rosa, eu juro que não queria. Eu só digo mentira pra ver você contente compreende?. Você trouxe pra minha vida tanta alegria, mas tanta... que eu...Rosa, você precida me perdoar, Rosa. Você precisa me acreditar. (Chora, escondendo a cabeça no colo de Maria.

MARIA - (depois de uma pausa, diz sofrendo). Então... a bola... passou raspando a trave, não foi?

LINO - Foi, Rosa. Me perdoa...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.352

MARIA - Porque foi que o Dida não jogou?...

LINO - Você precida me acreditar, Rosa. Você...

MARIAZ- Vamos trabalhar muito. Juntar dinheiro na caixa para a entrada... deppis.

LINO - Eu abro uma oficina, Rosa. Eu... Você vai ver só.

MARIA - Brahma Extra.

LINO - (bebendo a cerveja que tinha despresado). Tá boa esta. Boa mesmo, palavra!

(Escurece. Trem em movimento desesperado).

FIM DO QUADRO

Estão todos os personagens do quadro inicial na mesma atitude do primeiro quadro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.353

MILTON - É ...

TIZINHA - Coisa, hem?

LINO - (Vai levantar a mão pra dizer algo: os outros vão prestar atenção ... Êle desiste).

RUBÃO : Essa não!

LINO - Vamos parar com essa agonia?

TIZINHA - Ela não pode ter sumido assim de repente.

LINO - Pois sumiu, pronto. Que é que eu vou fazer?

MILTON - Ninguém some dêsse jeito.

LINO - Mas o que é que você quer? Diz logo. Se tem alguma idéia diz, mas não fica de safadeza me enchendo dêsse jeito, tá? (a Tizinha). Desculpe.

RUBÃO : Olha ... eu ...

LINO - Você não, Rubão. Chega! Só faltava vocês vir com as idéia do Delegado. Botou emcima de mim uma luz. Parecia até fita de bandido. Me olhou com jeito que pensa: "Êsse cara está mas é dormindo de touca. A mulher caiu na gandaia e êle está aí bancando o palhaço e fazendo a gente perder tempo".

RUBÃO - Coisa, hem?

LINO - Me deu uma vontade de agarrar aquêle sujeito e dizer: "Seu filho disso, você não conhece a Maria Rosa, como é que pode pensar essa sujeira? " Fiquei com aquilo atravessado aqui, ó. Aqui.

RUBÃO - Êle podia nem tá pensando nisso. Delegado pensa muito mas é ...

LINO : Chega! Milton, mete aí ima lista. Tá aqui o lápis. O que é que pode ter acontecido?

MILTON - E eu sei?

LINO - Eu sei. Enjoou de mim.

TIZINHA - Que é isso, Lino?

LINO - Isso é chouriço! Não seria a primeira. Eu dou enjôo em mulher, que é que eu vou fazer? até minha mãe enjoou quando estava grávida. Depois enjoou de ver minha cara e me deu pra criar. Teve mulher "Assim" que enjoou, Porque não podia ela? Mete lá. Enjoou. Eu vivia com tanto mêdo de não tar na altura dela ... que ... sei lá!

MILTON - Viram a conta na Caixa?

RUBÃO - Tá lá, inteirinha.

MILTON - E na Escola?

TIZINHA - Que escola? a moça tava de férias.

LINO - Até anúncio de rádio botei. A Continental já irradiou pro Brasil inteiro. Resultado: Estão telefonando e me gozando: "A Rosa? Está aqui comigo na cama". Tizinha, você deve saber alguma coisa. O que foi que eu fiz? Ela se queimou? Falou com você?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.354

TIZINHA - Sei nada. Já não disse?

LINO - Passei até naquela coisa que dá que a gente esquece quem é e onde está.

MILTON - Amnésia. Já lí.

LINO - Isso.

RUBÃO - Tem gente que tá dizendo que ela voltou pro homem que ...

TIZINHA E MILTON - (Alarmados). Rubão!

RUBÃO - Sou eu, não. É o pessoal.

LINO - Que pessoal? Fala, desgraçado. Que pessoal?

RUBÃO - Severino! Você vai ligar pra conversa de Severino?

LINO - Que homem é êsse? Voltou pra que homem? Se você não falar já-já eu lhe meto a mão na cara, Rubão. Voltou pra que homem?

RUBÃO - Voltou pro homem que tirou os... Pôxa! Só dou fora!

LINO - (larga Rubão que êle havia agarrado com violência. Considera a realidade e diz a Milton). Bota na lista.

MILTON - Essa não!

LINO - Bota. A gente precisa pensar em tudo.

TIZINHA - Pois eu acho que vocês fazem mal em estar pensando coisas podres da Rosa. Mulher daqueles não tem muita, não.

LINO - (acalmando-se com o elogio de Tizinha). Tem mesmo, não. Por isso é que eu não entendo! Tinha umas coisas! O melhor era sempre pra mim. A carne mais macia, o café mais fresco, o lugar melhor. Um dia fez um bolo, cortou em oito fatias. Quando fui ver eu tinha comido tudo. Ela nem provou. Acordade noite, cedinho, pra esfregar roupa no tamque... pra eu não ver. As vêzes nem comia direito. Eu botava despertador mas nem chegava a tocar. Ela me acordava já com o café na mesa. Tinha hora pra tudo! hora de trabalhar hora de fazer comida, hora de chorar.

TIZINHA - Aquilo era mulher mesmo. Por isso é que eu acho que ela foi raptada.

RUBÃO - É, a curra anda solta por aí.

LINO - Deixa de ser bêsta, Rubão. Curra na Mariano Procópio?

RUBÃO - Quer saber uma coisa? Pra mim o Lino sabe e não quer dizer, conta o jogo meu irmão. Tá de segrêdo de ala pra cima de nós? (osoutros olham, Rubão encabula. Sem comentários).

TIZINHA - Pode ter sofrido um troço no coração. Ela não se queixava mas saúde não tinha muita. Colite, enjôo, não sei que mais.

LINO - Nunca queixou. Era isso que me dava mais raiva. Não tinha jeito. Podia estar sofrendo que nem danada... mas não entregava os pontos. Um dia encontrei ela chorando sózinha encostada à janela às duas horas da manhã. Não quis explicar.

RUBÃO - Cisco nos olhos.(O pessoal olha Rubão, reprova com a cabeça e não comenta)

LINO - Dizia que tava vendo lua ... Estrela ...

RUBÃO - Eu, hem?

LINO - E tava mesmo. Tu entende dessas coisa? Nós ficamos na mecânica debaixo dos carro. Ficando vendo motor. Pensamento da gente roda que nem roda: é lê

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.355

LINO - "O Dia" de manhã, futebol de tarde é carburador. Tem gente, Rubão que gosta de ver a lua.

RUBÃO - Pra que?

LINO - Gosta! Cisma. Que é que tu tem com isso? (Pausa) quem sabe eu disse alguma coisa e ela magoou? Ela só gostava de ouvir coisa bonita... Eu não dizia, ela ia buscar nos livros. Poesia.

RUBÃO - Por que tu não fez?

LINO - Fêz o que, Rubão?

RUBÃO - Poesia.

LINO - E tu acha que palavra da gente dá poesia? Poesia é palavra especial. A gente é tudo na base da estupidez. Só diz palavra que machuca. Palavra que machuca. Palavra que machuca não é poesia. E não só as palavras. Aquela pele lisa aguentando essas mão... Cheia de calo ... Tá doido?

RUBÃO - Bom, o melhor é fazer logo a lista, senão o pessoal fica inventando coisa.

LINO - O que é que eles estão inventando?

RUBÃO - Não sou eu que diz. É o Severino. Depois não queima comigo. O pessoal diz que ela pode ter sido até assassinada.

LINO - Por quem?

TIZINHA - Quem havia de matar a coitada?

RUBÃO - Ué! Qualquer um. Se mata até por ciúme ... Amor. (Intencional, olhando Lino) Até por amor ...

MILTON - Que é isso, Rubão?

RUBÃO - Tô só ajudando. É pra lista. Não quer ouvir não faz lista. Eu não tou dizendo que ninguém matou, mas se a gente tem que ver tudo que aconteceu, até alma do outro mundo vale.

TIZINHA - Rubão, deixa a gente pensar com a cabeça?

MILTON - (A Lino). Telefonou pra Delegacia?

LINO - Cansei de ... Nada. A polícia, se não descobrir, vai é me marretar até eu, cansado de apanhar, dizer onde está Rosa.

RUBÃO - E por que tu não diz logo?

TIZINHA - MILTON - Rubão!

TIZINHA - Você, Hem?

RUBÃO - Tenho uma idéia.

MILTON - Guarda

TIZINHA - (ao mesmo tempo). Não diz!

RUBÃO - Ela não podia ter tomado o ônibus sem você, pensando que tu já estava lá ou que vinha logo...

TIZINHA - Até que enfim você deu uma dentro...

LINO - Só que a polícia já viu tudo isso. O lugar dela no ônibus ficou vazio.

MILTON - Espera aí. Vocês procuraram os parentes dela?

LINO - Só tem uma tia. Nada,... Não entendo é êsse pêso desgraçado. Logo na hora que a vida melhora, na hora que eu monto oficina, na hora que eu posso oferecer lua de mel, é que dá um pêso dêsses! Tem lógica?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 356

RUBÃO - Não têm.

MILTON - Cala a bôca, Rubão.

RUBÃO - Êle perguntou.

TIZINHA - Perguntou mas não é pra ninguem responder.

MILTON - É individual.

LINO - Eu já tinha tudo preparado. Até dei pra ela um anel de verdade, com recibo e tudo.

MILTON - Recibo?

LINO - Podia cismar que era falso, não podia? Calcule só... Seela nunca mais aparecesse... Se a polícia não descobre... e eu ficasse a vida tôda sem saber o que... nem porque,.. eu era capazde ...não sei não... O que eu não posso esquecer é aqueles olhos grandes abertos de noite...olhando o escuro... olhando. Me contava tudo que acontecia na escola. Como foi, como não foi. Só não contava tristeza, guardava. Trazia prova pra corrigir em casa. Tinha criança dêste tamanho que sabia capital da China. Mais engraçado que só eu tinha vergonha de minha ignorância. Ela não. Achava natural. Disse que eu não tive foi chance. Desculpem essa moleza mas, se ela não aparecer podem ir comprando "O dia" e a "Luta Democrática" porque vou aparecer por lá... Mulher é um bicho formidável. Nem parece feita de carne e osso. É tudo macio que parece penugem de pinto. Até a fala. Como é que essas mão dura... Tá doido!

RUBÃO - Sabe o que eu tou pensando?

MILTON - (explode). Não sei, naõ quero saber e tenho raiva de quem sabe,

RUBÃO - Lino, se tu não fôsse Flamengo, com tôda essa conversa de penuge macia... e com a nossa velha amizade por cima... Eu era capaz de jurar que tu tava mentindo.

LINO - Mentindo onde, Rubão?

RUBÃO - Quem é que agarante que tudo isso aconteceu, mesmo? A gente só sabe que a mulher fugiu por que tu disse, não é? Se tu não diz ninguém não sabia.

MILTON - Que banho-maria é êsse, Rubão?

RUBÃO - Tô cozinhando nada, não. Quem quer a lista é tu! Olha no crime do armário

TIZINHA - (num grito) Rubão...

RUBÃO - Tô calado, pronto. Não quer ouvir as coisa, então não faz lista. A gente só sabe da lua de mel em Itatiaia...

LINO - Itaipava...

RUBÃO - Ou isso... porque tu disse. A gente só sabe que foi... porque tu disse. A gente só sabe que ela tava de braço com você... porque tu disse. Ela podia nem ter ido a Rodoviária se encontrar. Ter dado o bolo. Não podia? Quem viu? Ninguém. Quem lembra? Ninguém. Tu falou de anel de verdade. A gente acreditou por que tu disse.

LINO - (tira o anel e mostra) Tá aqui o anel. Cheira, toma, vê, palhaço!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,P.357

RUBÃO - Tá me estranhando nego? Sou o Rubão. Não sou delegado, não. Pisou em ti, doeu em mim. Tou só pensando. Você fica falando dela que parece que tá fazendo quarto. É só na base do tinha, foi, era. Parece até que a mulher já morreu. O anel pode ser de verdade e o resto não ser, não pode? Espera aí. Espera aí. Como é que êsse anel tá na tua mão? Você não disse que deu êle?

MILTON - Muda o assunto, Rubão. Chuta e cai fora. Não desfazendo, Rubão, quem foi que chamou você praqui?

RUBÃO - Às vezes eu custo vê as coisas. Quando o cara é amigo não vejo defeito, mas às veze é preciso a gente olhar de ver. Você é um sujeito que esquenta àtôa, Lino. É só pisar e ... lembra o Amaral onde foi parar? Pra mim acho que você na hora não pensou. A cabeça ficou fora do lugar e tu ...

MILTON - Que é isso Rubão?

RUBÃO - (Cada vez mais aceso a Lino). Só queria saber é onde você arranjou dinheiro pra comprar um anelão dêsses. Quero saber onde você arranjou dinheiro pra montar oficina e comprar geladeira, máquina de lavar roupa, de costura ... Rifa? Loteria? Acertou na milhar Betting Duplo? Aí eu não falo mais, fico quieto e vou embora. O outro anel era de mentira ... Mas era mais de verdade que êste. Era de mentira mas comprado na lógica. Êsse é verdade. Cadê a lógica?

LINO - O que é que tu tá querendo dizer?

RUBÃO : Estou querendo dizer, Lino ... uma coisa que só irmão diz. Tou querendo dizer que isso doi pra burro ... Estou querendo dizer que isso só pode ser dinheiro da turma do Severino. Dinheiro sujo, Turma de ladrão. Tou querendo dizer que tu ...

LINO - (Solta uma bofetada em Rubão). Nêgo sujo.

RUBÃO - (É agarrado de surpresa por aquela reação e passa a mão no rosto. Os outros querem intervir mas paralisam. Rubão fala devagar, contendo a custo, lágrimas e sofrimento) Que é isso, meu faixa? Batendo em irmão? Flamengo faz isso?

LINO - Eu não admito que nenhum negro safado venha me jogar na cara mentira e me chamar de ladrão.

RUBÃO - Não diz isso, Lino. Nós somo irmão.

LINO - Irmão é a mãe. Eu já não disse pra calar essa boca e não se meter na vida de ninguém? Por que é que você não vai procurar as suas nêgas? Que é que tem que estar fazendo em casa de branco?

MILTON - Que é isso, Lino?

TIZINHA - (Ao mesmo tempo). Lino!

LINO - Isso mesmo. Não devia deixar negro fingir de branco. Se eu não desse confiança a êsse moleque não estava ouvindo o que não queria. Quem mandou tu te meter com a minha vida? Porque é que você não vai embora duma vêz.

RUBÃO - Com raiva, não, Lino. Nós somo irmão.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 358

LINO - Que é que vocês estão me olhando? Que é que vocês queria que eu fizesse? Que eu passasse a vida tôda nesse buraco? Isto é lugar pra Rosa viver? Já não - bastava ter casado com um calhorda como eu? Ainda precisava pegar beira de - tanque? Não era brancura Rinso. Era esfrega no duro. E de noite, sem poder - dormir preocupada com a porcaria do dinheiro que não aparecia ... Se tinha - pro aluguel não tinha pra comida. E passar fome na fila do Instituto pro médico receitar dieta pra colite e remédio que não se pode pagar? Eu já não podia mais ver trem que carrega gente como bicho. Eu queria viver uma semana sem passar pela porta da Central. Adiantou eu cavar dois empregos? Adiantou? Eu queria ... Uma vez na vida ... Uma só ... Viver uma semana como gente. Depois ... O depois não tem importância. Eu queria ver de nove a cara da Rosa de quando ela pensou que o anel era de verdade. O primeiro. Eu queria que uma semana ela sentisse que ela não tinha se enganado. Que eu era homem pra ela. Não homem pra cama. Homem pra vida. Homem que podia deixar ela dormir sem ficar olhando a noite. Homem que podia não saber o que ela sabia mas que um dia ia tirar ela do trem, Das pisadas, do empurro, do inaha-moçada. Era isso que eu queria. É crime?

RUBÃO - Foi se meter com a turma do Severino.

LINO - Mas lógico!

RUBÃO - Eu disse que o meu dinheiro ...

LINO - Quero que o teu dinheiro se dane. Não quero dinheiro pra tapar buraco. Quero dinheiro pra ser gente, pra viver vida decente, sem ficar contando niquel. Quero dinheiro pro sorvete e pra pipoca, pra receita e pro remédio. E quando o porra do médico receitar uma dieta eu quero que Rosa possa fazer dieta e não ficar se torcendo de dores pelos canto ... Escondida pra eu não ver. (A Rubão. Que é que tu tá fazendo aí que ainda não foi embora?

TIZINHA - Para com isso, Lino.

RUBÃO - Com raiva, não.

LINO - Não sei como foi que ela descobriu, mas ela deve ter desconfiado. Deve ter achado que era muita vantagem. Quando eu quis dar a ela o anel, na hora de embarcar, estávamos conversando no banco da estação. Ela deve ter lido na minha cara que eu tava com a turma do Severino. Deve ter compreendido que aquele dinheiro não era meu. Deve ter compreendido que eu não ia sossegar, enquanto não desse a ela a vida de gente. Sumiu por isso, não foi? Pra não me estragar. Foi isso não foi? Eu não tenho mêdo de ir em cana, não tenho mêdo de nada, nem de ninguém, nem de levar surra na delegacia. Já tou acostumado. Só tenho mêdo é da hora que ela aparecer, depois de pensar muito e com uma bruta pena de mim, de perguntar: "Por que, Lino? Por que?" Não sei. Essa é a única raiva que eu guardo. (Pausa). Pode rasgar a lista. Rubão, tu me perdoa?

RUBÃO - Não foi tu que bateu. Foi a raiva.

LINO - Na hora da dor doer a gente descarrega em quem? Nos amigo. Doeu muito?

RUBÃO - Não doeu na lógica.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093,p.359

LINO - Obrigado, meu faixa.

RUBÃO - (Abraça-o chorando, comovido). Flamengo duma figa.

LINO - Irmão, Rubão. Nós somo irmão.

RUBÃO - Nós somo irmão.

LINO - A raiva maior é que tudo isso podia acontecer depois! Por que ela não acreditou? Por que ela não deixou dar a ela uma semana como eu queria? Semana de lua de mel. Não dessas luas que a gente nem chega a pegar no sono e já o despertador empurra a gente pro batente. Lua de mel de - dizer bobagem ... Leite de vaca tirado na hora ... Monta a cavalo ... Lua de mel de passear de mão dada ... de ler versos ... tirar retrato ... tomar café na cama ... Por que ela não descobriu depois? E eu ainda acredito em Deus! Peso desgraçado! (Reclama olhando pra cima). Uma semana, meu faixa! Pôxa! Uma semana! (Chora diante do olhar comovido dos outros).

FIM DA PEÇA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 360

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SUCURSAL DE S. PAULO
DEP. DE AUTORES TEATRAIS
S. Paulo 18 de Julho de 1962
VISTO

954

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 365

MEM.° N.° S/N
Data 24.09.1969.

Do: Técnico de Censura Cred. Eduardo C. Pedrosa
Para: Chefe da TCTC do SCDP.
Assunto: Peça teatral (encaminha)

Senhor Chefe,

Informo a Vossa Senhoria que examinei a peça teatral " PROCURA=SE UMA ROSA " de Pedro / Block e Gláucio Gil, comparando-a com outro script existente no processo.

O tema abordado é o mesmo, ou seja, o desaparecimento de Rosa, espôsa de um operário, todavia a versão é diferente. A referida peça poderá ser liberada com a mesma classificação etária/ que vem sendo dada, isto é, proibida para menores de 16 anos.

Atenciosamente,

EDUARDO CARLOS PEDROSA

96

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 362

Sr. Chefe da Seção de Censura,

O Grupo Experimental de Teatro Universitário enviou para exame dêste órgão, a peça teatral "PROCURASSE UMA ROSA", autoria de Pedro Bloch e Glaucio Gill.

A referida obra já foi liberada por êste SCDP, tendo sido classificada ccomo IMPRÓPRIA ÃTÉ 16 ANOS e tendo sido expedido certificado com validade até 09 de JULHO DE 1974.

A costumeira comparação de scripts foi feita pelo Téc. Censura Credenciado Eduardo, que, em memorando anexo, informa a identidade existente entre os mesmos.

Assim, à vista do expôsto, sugerimos seja expedido, também para êste pedido, certificado liberatório com as mesmas classificação e impropriedade, ou seja, 16 ANOS e ATÉ 09 DE JULHO DE 1974.

À consideração superior.

Brasília, 24 de setembro de 1969

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
Chefe da TCTC

À consideração do Senhor chefe do SCDP.
Em 25/9/69

Em 26 Set 69
Expeda-se o pedido

112

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 363

	DISTRIBUIÇÃO

AO
SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
BRASILIA - DF

99

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0098, p. 364

Enviamos anexo, cópias das peças teatrais "PROCURA-SE UMA ROSA", dos autores Pedro Bloch e Cláudio Gill, respectivamente, devidamente autorizadas pela SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais) sob os ns. 164386 e 164387.

Solicitamos a censura das peças acima citadas, para apresentações na Capital e no Interior do Estado de São Paulo, apresentações estas, feitas em caráter amador pelo nosso grupo teatral (GEXTU).

N. Têrmos
P. Deferimento

São Paulo, 19 de junho de 1969

GEXTU - Grupo Experimental
de Teatro Universitário
Rua São Joaquim, 163 - S.P.-Capital
- DIRETOR-TECNICO -

...de Pública
... n. 4.092, de 4 de agôsto
— de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, — de Paris. —

1094

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.365

Direitos de Representação Autorização Nº 164386

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: Procura-se uma Rosa

Original de Pedro Bloch

Música de —

Tradução de —

No Teatro — Cidade São Paulo

Emprêsa — Pela Cia. —

dos dias Para Censura da Peça —

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de —% — da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ — por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

São Paulo 18 de Junho de 1969

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SUCURSAL DE S. PAULO
DEP. DE AUTORES TEATRAIS
S. Paulo, do de 19
(pela SBAT)
VISTO

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 366

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama ,comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes do sautores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, runiões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

101

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 367

Sr.Chefe da Seção de Censura

GEXTU- Grupo Experimental de Teatro Universitário, rua São Joaquim, 163- São Paulo, Capital, enviou para exame dêste SCDP a peça teatral PROCURA-SE UMA ROSA, de Pedro Bloch e Gláucio Gill, em duas vias, para excursão de dois grupos do GEXTU.

Os seis escritos enviados para exame, não atendem o disposto no artigo 44 do Decreto 20 493/46, pois estão em várias fôlhas borrados, tornando-se, destarte, ilegíveis.

Assim sendo, sugerimos, s.m.j., que sejam devolvidos ao interessado, informando-lhe as correções que deverão ser feitas e posterior envio para exame.

À consideração superior.

JOS É SAMPAIO BRAGA
TCTC-SC/SCDP

De acôrdo.
Devolva-se ao interessado.
Em 30/6/69

DEVOLVA-SE, DE ACÔRDO COM O PARECER SUPRA.
Em 1º/7/69.
SUBSTº

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, P.368

Of. nº 614 /69-SCDP 02 de julho de 1969

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Sr. Delegado Regional do DPF/São Paulo

Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que a TCDP dessa DR efetue a devolução dos scripts das peças teatrais abaixo relacionadas aos respectivos interessados, informando-lhes que tal medida se deve ao fato de os referidos textos estarem borrados, rasurados e ilegíveis, contrariando assim, o dispôsto no artigo 44 do Decreto nº 20.493/46.

1. "BOTA A COISA NA COISA" e
2. "TEM PAQUERA NA PRAÇA", autoria de Olindo Dias Corleto
   Interessado: A.Rodrigues Leal-Av.Rio Branco, 82;
3. "SENHORA DOS AFOGADOS", autoria de Nelson Rodrigues
   Interessado: Teatro Época, pela sua Secretária Mariluce Lopes;
4. "PROCURA-SE UMA ROSA" (quatro vias), autoria de Pedro Bloch e Gláucio Gill
   Interessado: Grupo Experimental de Teatro Universitário, Rua São Joaquim, 163.

Sem mais para o momento, subscrevo-me atenciosamente,

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP - Substituto

ap/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093 P. 369

1ª Via

1764

SP

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PROC. 112
LIV.- 02
PAG.- 58
REG.- ~~14.490~~

PROCURA-SE UMA ROSA

PEDRO BLOCH
e
GLAUCIO GIL

DISTRIBUIÇÃO

ENTRADA 24/05/72
DISTR. 24/05/72
1.a CEN.- / /
2.a CEN.- / /
PERT.- / /
SAIDA / /
TEMPO TRAM.
DIAS.

1774

"porão 7"

23 MAI 1509 N 23497

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.370

ILMº SR.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
BRASILIA-DF-

O GRUPO DE TEATRO AMADOR "PORÃO 7", COM SEDE NA CIDADE DE SÃO CARLOS, FILIADO À FETAC, PRETENDENDO A MONTAGEM DO TEXTO "PROCURA-SE UMA ROSA", DE GLAUCIO GILL, VEM RESPEITOSAMENTE SOLICITAR A RESPEITÁVEL CENSURA DO MESMO, PARA O QUE JUNTA A COMPETENTE AUTORIZAÇÃO DA SBAT (SP), SOB O Nº 34978 SERIA 3/70, DE 19 DE MAIO DE 1972, ASSIM COMO TRÊS (3) CÓPIAS MIMIOGRAFADAS.

TERMOS EM QUE
P. E E. DEFERIMENTO.
SÃO CARLOS, 20 DE MAIO DE 1972.
O PRESIDENTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, P. 371

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

1784

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA

REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL Série 3/70 **Nº** 34978

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: Procura-se Uma Rosa.

Original de CLANCIO Gil

Música de

Tradução de

No Teatro Diversões Cidade São Carlos - S.P.

Emprêsa Porão 4 Pela Cia.

nos dias Para Censura da Peça

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de —% da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

São Paulo, 19 de Maio de 1972

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
19 MAI 1972
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:
(pela SBAT)

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.372

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

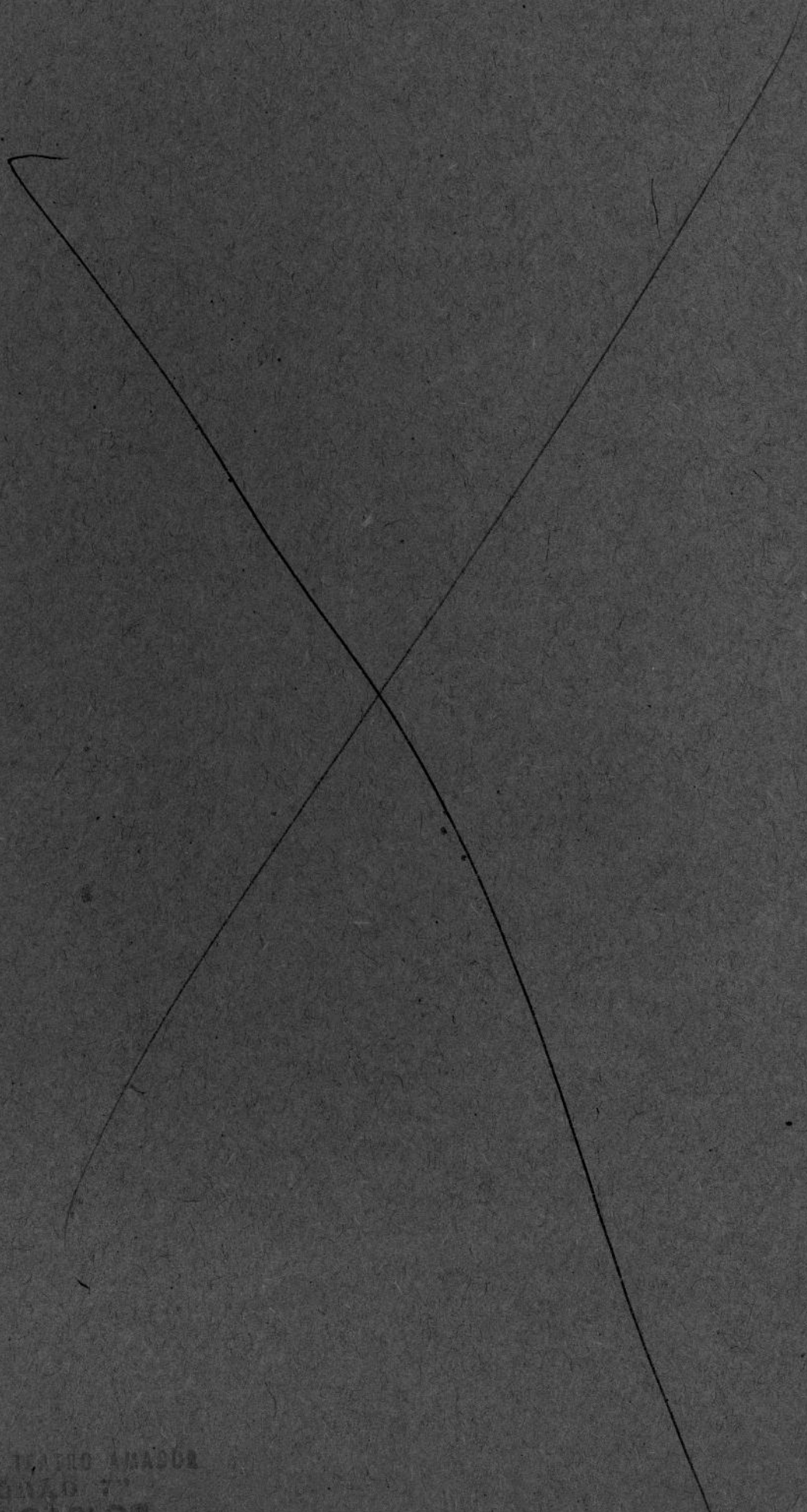
Art. 1º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093.P 373

GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS



GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

1794

GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 374

"PROCURA-SE UMA ROSA"

Glaucio Gill

GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 375

1804

GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

-"porão 7" - 3/3/67

de glaucio gill - PROCURA-SE UMA ROSA
(ato único)

direção:
glauco de devitiis
homero frei

GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

Casa relativamente modesta, mas extremamente alegre. Quadros e fotos de gatos e gatinhos por todos os lados. Pendurada no teto, uma corda com laço pronto. Em cena Lino e Luiz Carlos. Lino é uma figura magra, bolorenta, vestido de preto, de ar profundamente infeliz. Está em cima de um pequeno praticável, com a corda no pescoço. Luiz Carlos é um rapaz de extrema vivacidade.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS - SUCURSAL - SÃO PAULO -
19 MAI 1972
Autorização N.º 34978
EMANUEL E. [illegible] Caminhador

LINO - Vou pular.
L.Carlos - Não pule.
LINO - Vou.
L.Carlos - Não.
LINO - São 34 anos.
L.Carlos - (Demagógico). A vida é bela.
LINO - Quando Deus não vai com a cara de sujeito durante 34 anos é porque não vai mesmo.
L.Carlos - Sempre existe um amanhã.
LINO - Comigo o amanhã sempre é pior.
L.Carlos - Mas eu estou aqui pra solucionar o seu problema.
LINO - Meu problema é que Deus está de marcação comigo. (Olhando pra cima). É ou não é? Pode dizer. Precisava ter feito minha mulher ir embora, precisava?
L.Carlos - (Em um gesto que abrange a platéia). Pense na quantidade de maridos que na sua situação estariam dando pulos de alegria.
LINO - (Tirando o pescoço da corda e descendo do praticável). E ainda por cima aquêle inferno o dia todo, Vai vem. Vai vem. Vai vem.
L. Carlos -Desespêro assim, o senhor vai me desculpar, mas também já é um pouquinho na linha do fricote. Não acredito que haja vida de casado assim tão boa.
LINO - O senhor já foi cabineiro?
L.Carlos - Ascensorista?
LINO - Não banque o grã-fino. Já?
L.Carlos - Não.
LINO - Pois eu sou.
L.Carlos - E daí?
LINO - De elevador de serviço.
L.Carlos - Há profissões menos movimentadas.
LINO - (Agitadíssimo). O senhor sabe o que é subir até o vigésimo quinto andar pra quando chegar lá em cima descer de novo até o térreo? E ficar nesse ioiô o dia inteiro? É isso que eu sou Eu sou um ioiô. Um ioiô.
L.Carlos - (Em tom temeroso e conciliador). Também não é assim. O Senhor pára nos outors andares.
LINO - E sabe qual é o meu futuro daqui a dez anos?
L.Carlos - Mas eu vim aqui...
LINO - Se sempre resistir a tentação de quebrar a cara do porteiro, é passar do elevador de serviço para o elevador social. É êss o meu futuro.
L.Carlos - Por isso quando lí o seu aviso...
LINO - Não, pra mim chega. (Sobe de novo no praticável para colocar o pescoço na corda).
L.Carlos - Não se precipite.

Secretaria de Diversões Públicas
D. P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 376 GRUPO DE TEATRO AMADOR "PORÃO 7" SÃO CARLOS

LINO - (Decidido, com a corda no pescoço). Precipito.
L.Carlos - Olhe que o suicídio é feito o casamento. Depois não pode mais voltar atrás.
LINO - (Olhando pra cima, levemente magoado). Honestamente, de amigo para amigo, se o senhor queria fazer alguma mulher ir embora, que diabo, tinha mulher de outros caras dando sopa por aí. Porque hei de ser sempre eu o preferido?
L.Carlos - Por isso quando li o seu aviso no jornal pensei: Taí um desgraçado que caiu do céu pra eu ajudar. Foi por isso que eu vim.
LINO - O senhor conhece Rosa?
L.Carlos - Não.
LINO - Sabe onde ela está?
L.Carlos - Não.
LINO - Tem alguma pista?
L.Carlos - Não.
LINO - Então como é que o senhor pode me ajudar?
L.Carlos - Seu Lino, eu sou repórter. E repórter do Correio Diário. Nós no Correio Diário descobrimos coisas até que não existem. Quanto mais sua mulher.
LINO - O senhor acha que essa corda agüenta?
L.Carlos - Agüenta. E além do mais sou um profissional competente. Competentíssimo. (Modesto). Seu Lino, eu não queria lhe dizer, mas eu sou o repórter que encontrou o cachorro da mulher do Embaixador Americano.
LINO - E daí,
L.Carlos - Daí que o que é que o senhor acha que é mais fácil de encontrar nesta cidade? Um cachorro ou sua mulher, que tem nome, cara, carteira de identidade, título de eleitor, retrato e o diabo a quatro? (Pausa). Responda.
LINO - (Tirando o pescoço da corda). Minha mulher.
L.Carlos - (Vitorioso). Então! Encontrar sua mulher não é problema. O que nós precisamos é entrar naquele acôrdo.
LINO - Eu não vejo sol o dia inteiro. Fico virando a mesma manivela setecentas vêzes. Não vejo sol nem céu. O senhor sabe o que eu queria ser?
L.Carlos - Cabineiro de elevador automático.
LINO - Pescador de baleia. Êsse é que é o meu sonho. Arpoar baleias.
L.Carlos - Então aceite minha proposta.
LINO - (Descendo do praticável). Não entendi bem sua proposta.
L.Carlos - Seu Lino, o senhor se interessaria de ler uma reportagem sôbre cincoenta crianças estudando felizes numa escola? Não? (Quase sardônico). Agora imagine que essa mesma escola pegou fogo e as cincoenta cirancinhas morreram devidamente esturricadas. (Eufórico). Não é assinto de primeira página?
LINO - Que é que tem êsse incêndio a ver com o peixe?
L.Carlos - O público adora a infelicidade alheia. Só que não é todo dia que a gente tem um bom desastre, uma revolução sangrenta ou um menino de onze anos furando os olhos da avòzinha. (Eufórico). Mas é preciso alimentar o público com desgraças. E aí que o senhor e sua mulher entram na jogada.
LINO - Já sei. O senhor que que eu primeiro mate Rosa e só depois me suicide.
L.Carlos - Nosotros no estamos em el Mexico, Señor Lino.
LINO - O senhor sabe porque Rosa foi embora?
L.Carlos - O fato é que ela foi embora, não é verdade? Otimo. Pois nó transformaremos o desaparecimento de sua mulher numa campanha institucional, numa das mais belas promoções do Correio Diário. Primeiro veou encontrar sua mulher. Mas sem dizer ao público. Depois, de comum acôrdo, nós faremos tôda a série de reportagens. Dizendo que Rosa sumiu, contamos a vida de vocês, entrando em detalhes íntimos, em tanto sórdidos se possível, expondo os sonhos, amarguras e legrias do casal, explorando ao máximo essa sua excelente cara de infeliz. Vocês são casados?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 377

GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

LINO - Casados, casados, pròpriamente, não.
L.Carlos - (Exultante). Amigados, então. Perfeito. Genial. Diremos que você reconhece que era um patife, um canalha por não querer casar com ela. Mas que agora não sonha com outra coisa. Que já comprou as alianças. Que deseja ter dez filhos. (Pausa)
LINO - (Tom soturno). Rosa me traía. Mas traía. Traía mesmo, compreede?
L.Carlos - Compreendo, compreendo. Mais vêzes do que seria desejavel.
LINO - Pois é.
L.Carlos - Mas isso não atrapalha o plano em nada.
LINO - (Solene). O que é que o senhor faria em meu lugar?
L.Carlos - (Levantando lentamente, em tom pausado e assustado). Você a matou.
LINO - Matei coisa nenhuma. Ponderei apenas que no meu modesto entender aquilo não estava certo.
L.Carlos - E ela concordou?
LINO - Não.
L.Carlos - E... continuou?
LINO - Mais vêzes do que seria desejável.
L.Carlos - Mas se ela continuou a... e você não rompeu o... digamos noivado, então ela não precisava ter ido embora.
LINO - Não rompi, mas também não deixei a coisa ficar assim não. Não passava um dia sem que eu reclamasse.
L.Carlos - Muito justo.
LINO - No fim ela já sabia. Dia de amante era dia de discussão aqui em casa.
L.Carlos - Em resumo, o senhor sabia se impor.
LINO - Mas não pense que era intransigência minha. Se fôsse uma traiçãozinha aqui, uma traiçãozinha ali, eu ainda me conformava, porque cabineiro não pode querer tudo na vida. O diabo é que ela exagerava.
L.Carlos - (Tìmidamente). Mais de dez?
LINO - Dez eu ainda aceitaria.
L.Carlos - (Mais à vontade). Vinte?
LINO - (Evocativo e feliz). Ainda me lembro da época dos vinte.
L.Carlos - (Inquieto). Trinta?
LINO - Essa contagem me é extremamente dolorosa.
L.Carlos - (Preocupado). Quarenta.
LINO - De dez em dez vai demorar demais.
L. Carlos- Quantos habitantes tem seu bairro?
LINO - (Levemente ofendido). Também nã é assim. Houve várias ruas sem nenhum participante.
L.Carlos - Com tudo isso você a quer de volta?
LINO - Você não compreende. Rosa... Rosa é o meu sol. O meu céu. Rosa é que me dá fôrças para um dia eu ainda conseguir pescar baleias.
L.Carlos - Então vamos trazer ela de volta.
LINO - Mas você acha que é o caso de expor tôda essa nossa vida no jornal?
L.Carlos - Não a vida verdadeira. Uma mentira vem bolada sempre vende mais jornal. Ao cabo de quinze ou vinte dias de onda, apêlos e noticiário, a gente publica que Rosa mandou um bilhetinho dizendo que está recolhida a um convento de religiosas. Exatamente pra truma não poder pensar a verdade. Eu entro então em contato com uma grande firma, de aparelhos eletrodomésticos por exemplo, e aí promoveremos o encontro televisionado de vocês dois.
Lino - Você acha que Rosa vai topar?
L.Carlos - Pra casar qualquer mulher topa qualquer coisa. Faremos um duplo desfile de carros alegóricos. Uma perna vindo da zona sul com Rosa no carros chefe. A outra vindo da zona norte (termo) com você no carro chefe. E sabe onde as dias filas de carros se encontram? Ma Praça Onze, meu velho, diante da câmaras e microfones das emissoras de rádio e de televisão. Sucesso absoluto. Vocês vão fechar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 378
GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

LINO - Rosa não vai querer se expor a um papel dêsses.
L.CARLOS - Papel nenhum. Papel nynhum, ora essa. O casamento vem logo no dia seguinte. Casamento promovido pelo Correio Diário e oficiado por um padre ou um cônego bem batura, dêsses com bastante projeção social.
LINO - Não vai dar pé. O senhor não acha melhor eu me matar?
L.CARLOS - Case primeiro. Como solução desesperada é pràticamente a mesma coisa.
LINO - Vai ser difícil. Rosa foi emmbora só pra não ter que discutir sôbre os amantes.
L.CARLOS - Nosso ângulo humano vai ser outro. Um casal que se ama, mas ela vai embora porque não quer viver fora da sagrada instituição do matrimônio. O público adora essas bobagens.
LINO - Se eu concordar você jura que vai encontrar Rosa?
L.CARLOS - (Rápido). Juro.
LINO - E jura que vai trazer ela de volta?
L. CARLOS - Jurar não tem problema. Lhe digo mais. Se na hora do casamento Rosa quiser agradecer na televisão a Deus, a mim e à firma patrocinadora do programa, eu ainda garanto - uma geladeira pra vocês. (Pausa). Puxa, que é que você - quer mais?
LINO - 'tamos combinados.
L.CARLOS - (Apertando a mão de Lino). Pode ficar descansado. Não dou uma semana pra encontrar a sua Rosa.
LINO - Tchau.
L.CARLOS - Tchau. (Encaminha-se para a porta).
LINO - Luis Carlos. É Luis Carlos o seu nome, não é?
L.CARLOS - É.
LINO - Uma coisa.
L.CARLOS - Diga.
LINO - Quando você encontrar Rosa, não vai darm em cima dela vai?
L.CARLOS - (Tom ofendido). Puxa, Lino, era preciso que eu fôsse um canalha para querer me aproveitar assim do infortúnio alheio.

= T R E V A S =

L.CARLOS - Mas Rosa, me dê um único motivo, um único, para você não dormir comigo.
ROSA - Será possível que você só pense nisso?
L.CARLOS - Você, me desculpe que diga, mas é o maior blefe da história.
ROSA - Quando você me convenceu a voltar pra casa, pro Lino, não botou as coisas nesse pé. Me disse que queria era fazer uma tal de promoção no seu jornal.
L.CARLOS - Mas a gente pode unir o útil ao agradável. Nem só de pão vive o homem.
ROSA -Vá trocar o fusível.
L.CARLOS - (Saindo). Tanta propaganda e afinal você não é de nada.
ROSA - Você pensava que eu éra uma garota fácil?
L.CARLOS - (De Dentro). Desinibida. E vai/ me dizer que nunca confraternizou com o pessoal aqui da rua.
ROSA - (Quase orgulhosa). Foi com o bairro em geral. De quase todos eu já fui... namoradinha.
L.CARLOS - Estou ligando o fusível. E já faz muito tempo que você se dedica a êsse DESBRAVAMENTO aqui da região?
ROSA - Comecei antes dos 17 anos... (Entra um foco de luz, vindo da coxia para onde Luis Carlos saiu. O foco entra ùnicamente por um óculo na bandeira da porta, indo focalizar Rosa em cena). Quando eu reparei que tudo que era homem me olhava de olho comprindo, igualzinho à criança em porta de confeitaria.

Serviço de Censura e Diversões Públicas D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.379

GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

1974

L.CARLOS - (Entrando em cena e indo acender a luz). Mas eu nunca vi confeitaria distribuir doce a três por - dois.

ROSA - No dia de São Cosme e Damião até que distribui. E ninguem é contra o Dia de São Cosme e Damião.

L.CARLOS - Mas também não precisa ser fanática por São Cosme e Damião.

ROSA - Até os dezessete anos eu não admitia mais que mãozinha dada e cinema na sessão das quatro.

L.CARLOS - Depois veio a sessão das seis, das oito, das dez e pronto. É sempre assim.

ROSA - Ih, você põe maldade em tudo.

L.CARLOS - Não me compreenda mal. Não tenho nada contra uma moça assegurar seu equilíbrio psico-somático.

ROSA - Meus namorados são para mim como gatinhos de estimação.

L.CARLOS - (Incisivo). Então miau miau miau.

ROSA - Você não entende.

L.CARLOS - Então concorde que gato de estimação é pra ter um. E não pra ter um... um cardume de gatos.

ROSA - Cardume não de peixe?

L.CARLOS - O que eu não acho justo é que você tenha caso com todo mundo aqui no bairro e não queira nada comigo.

ROSA - Caso, não. Prefiro chamar de namorado. Acho namorado uma palavra tão bonita. Ouve só. (Lento e terna). Nomorado. É tão suave. Vem de enamorado, você sabia?

L.CARLOS - (Irônico). Tinham me dito, mas eu não acreditei,

ROSA - (Terna). É como se quisesse dizer envolvida de amor. E meu amor foi sempre assim. Amor mesmo. Simples, puro e desinteressado.

L.CARLOS - Mas eu juro que meu amor por você também é simples, puro e desinteressado. Logo junto a fome com a vontade de comer

ROSA - Eu não tenho o menor motivo pra trair Lino com você.

L.CARLOS - Mas motivo a gente encontra um. Vamos pensar.

ROSA - (Levemente solene). Não, eu só traio seguindo os ditames da minha consciência. Meu primeiro namorado, por exemplo.

L.CARLOS - Que é que tem êle?

ROSA - Já fazia uns seis meses que êle pedia, insistia, implorava pra me envolver no que êle chamava do estonteante calor dos seus braços.

L.CARLOS - E você sem estontear.

ROSA - Sempre tinham me dito pra negar. Não explicavam porque, mas diziam que eu tinha que negar. Aí o rapaz foi definhando de tristeza. Definhando, definhando, vivia amargurado pelos cantos, solitário e sempre cabisbaixo. Aí me disseram que êle tinha ficado com complexo de inferioridade por minha causa.

L.CARLOS - (Irônico). Pobrezinho!

ROSA - Ah, eu fiquei tão nervosa quando me falaram do tal negócio do complexo de inferioridade. Sabe como é. Complexo de não é grande coisa e o de inferioridade ainda é pior. Fiquei dois dias sem dormir. E Êle cada vez mais triste. Ih, mas era uma tristeza danada. Dava dó só de ver êle passar na rua. Então eu comecei a pensar. Ah, não, nessa altura êle foi reprovado na faculdade. Estava no terceiro ano de engenharia. Foram mais dois dias que eu passei sem dormir.

L.CARLOS - Mas porque você não tomava pílula pra dormir?

ROSA - Sei que sofri um bocado. Comecei a ter remorsos. Afinal de contas, porque eu tinha que negar? Eu era livre, sem compromisso com ninguém. Só diziam que eu tinha que negar, mão não explicavam porque. Você sabe porque?

L.CARLOS - Bem, porque... Porque...

ROSA - Pois é. Ninguém sabe porque. Então vi que podia aruinar uma carreira, estragar uma vida, só por causa de uma coisa que ninguém sabe porque. E ai, seu moço, eu me decidi. (Pausa)

L.CARLOS - Coraçãozinho mole. E o rapaz?

GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 380

1958

ROSA - Ah, ficou outro. Primeiro me sorriu com os olhos e eu nunca mais me esqueci daquele olhar. Parecia um gatinho. Tão terno, tão feliz, tão contente. Depois disso fêz segunda época, engordou, fêz ginástica e completou o curso todo em primeiro lugar. Eu me senti assim passeando numa núvem de tão contente.

L.CARLOS - Você foi costureira de criança?

ROSA - Não, mas todos os meus nomeros sempre foram assimzinhos.

L.CARLOS - Assinzinhos.

ROSA - Semelhantes. Todos semelhantes. Pràticamente a mesma coisa.

L.CARLOS - Você não acha que está enterpretando de forma muito realista a idéia do amai-vos uns aos outros?

ROSA - (Decepcionada). Você não compreendeu.

L.CARLOS - Compreendi. Compreendi muito bem. Nunca vi ninguém cair na gandaia com tanto back-ground folosófico.

ROSA - Não admito que você pense isso de mim.

L.CARLOS - Só queria saber a frequência dêsses seus gestos de solidariedade humana.

ROSA - Bem, você sabe, tem tantos infelizes sofrendo por aí...

L.CARLOS - E você resolveu acaber com a infelicidade nesse mundo, não é verdade? Se eu não fôsse mesmo um repórter sem escrúpulos, jamais promoveria êsse casamento. Pobre Lino.

ROSA - Mas Lino eu também fiquei com êle porque êle é infeliz. Não imagina como êle sofre por não ser pescador de baleia. Que é que a gente pode fazer quando encontra um cabineiro que quer ser pescador de baleia?

L.CARLOS - É. Só tem um jeito mesmo.

ROSA - Lino é um horror. Logo no primeiro dia que me apareceu aqui, arranjou essa fôrca. E qualquer coisinha dizia logo que ia se matar. Aí eu vi que êle era um caso grave. E resolvi prestar um nova ajuda. Mas a fôrca continuou. E eu fui prestando nova ajuda, nova ajuda... E foi assim que êle ficou.

L.CARLOS - Mas você também continuou a ajudar desenfreadamente a turma aqui do bairro.

RODA - Primeiro da rua. Tinha um homem, por exemplo, que tinha perdido o emprêgo. Andava na miséria. Já estava até pensando em assassinar o ex-patrão. Era um caso de urgência.

L.CARLOS - E o Pronto Socorro de novo entrou em ação.

ROSA - Era o mínimo que eu podia fazer por aquela criatura. Não me custava nada. êle se alegrou tanto. Parecia um gatinho. Tão terno, tão feliz, tão contente. Sabe que no dia seguinte arranjou colocação? [illegible] Depois me falou uma porção de coisas. Disse que tinha se realizado na vida. Uma porção de coisas. Eu fiquei tão contente. Disse que eu tinha dado confiança a êle. Uma beleza. Êle até que falava bem. Posso ficar descalça?

D. P. F.

L.CARLOS - Pode, ué. A casa é sua.

ROSA - É que eu adoro andar descalça.

L.CARLOS - E depois dessa figura?

ROSA - (Sonhadora, com simplicidade). Depois eu compreendi que tinha um poder maravilhoso nas mãos. Que bastava eu namorar pra fazer gente feliz.

L.CARLOS - Baseada nisso, você partiu pra coisa ainda com mais disposição.

ROSA - Desculpe que eu diga, mas os homens são tão bobos. Ficam tão felizes com tão pouco.

L.CARLOS - Mas você gosta dêsse pouco, não gosta?

ROSA - Claro. Me dá uma alegria doida.

L.CARLOS - Não, eu quero saber se gosta, gostando.

ROSA - (Levemente envergonhada). Gosto, né. Mas isso não tira a volor da intenção. O que importa é a intenção. (Pausa).

L.CARLOS - Sabe que eu também tenho os meus momentos de depressão?

ROSA - Não venha com conversa outra vez.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 381
GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS
1967

L.CARLOS - não, No duro. Tem dias que só falta eu bater com a cabeça nas paredes.
ROSA - Pare com isso.
L.CARLOS - Que é que você tem contra a minha infelicidade?
ROSA - Você não infeliz coisa nenhuma.
L.CARLOS - Sou sim. Sabe que eu perdi meu pai aos sete anos?
ROSA - Sei reconhecer um infeliz a quilômetros de distância.
L.CARLOS - Tem que ser muito infeliz?
ROSA - (Digníssima). Não adiante, Luiz Carlos. Eu não sou uma leviana.
L.CARLOS - Quem vê cara não vê coração. Eu, debaixo dêsse ar contente, sou um dos maiores infelizes da paróquia. Você já pensou... (TOCA A CAMPANHA).
ROSA - Quem será?
L.CARLOS- A turminha dos amargurados já sabe que você voltou?
ROSA - Não, ué, nós viemos escondido.
L.Carlos - É preciso que ninguém saiba. Senão não podemos fazer a promoção no meu jornal. (Toca a campainha de novo).
ROSA - (Indo para a porta, com jeito de irmã de caridade). Pode ser algum coitadinho...
L.CARLOS - 'pera aí. Você vai lá pra dentro. Eu vou ver quem é. Ande. Rápido. Eu vou ver quem é. (Rosa sai de cena e Luiz Carlos vai abrir a porta).
RAYMUNDO - (Da porta). Você é que é o Luiz Carlos?
L.CARLOS - Eu mesmo.
RAYMUNDO - Quero bater um papinho com você, meu chapa.
L.CARLOS - Pode entrar.
RAMMUNDO - (Entrando). Êsse aí épo meu sobrinho. (Luiz Carlos e o rapaz se cumprimentam com a cabeça. O Rapaz tem um ar humilde, tímido e triste. Sentam todos, ficando o rapaz num canto da cena. Pausa. Raymundo rompe o silêncio em tom agressivo). Que piada é essa Luiz Carlos?
L.CARLOS - (Espantado). Qual é a piada?
RAYMUNDO - Êsse casamento de Rosa, sem que nem porque.
L.CARLOS - Como é que o sr. sabe?
RAYMUNDO - O papai aqui é Presidente da Sociedade Pro-melhoramentos dêste bairro, tá bom? Sei de tudo que se passa aqui.
L.CARLOS - Muito prazer.
RAYMUNDO - Prazer uma ova. O senhor 'tá é armando jeito de tirar o pão da nossa bôca.
L.CARLOS - Tenho a maior simpatia por seu bairro.
RAYMUNDO - Simpatia comigo não conta. O que interessa é que Rosa não pode se casar, 'tá entendendo? Êsse casamento é um golpe baixo
L.CARLOS - Ora essa, mas porque?
RAYMUNDO - Ela não lhe contou nada?
L.CARLOS - A respeito do... serviço de relações pública que leva a efeito aqui no bairro?
RAYMUNDO - Rosa, é como diz Dr. Onofre, (explicado) é um fator de equilíbrio social de tôda essa região. 'Tá? Não é mole não.
L.CARLOS - Mas agora já está tudo combinado.
RAYMUNDO - Escuta, meu chapa, antes de Rosa vir pra cá, isso aqui era um inferno. Você sabe como é. Você é um rapaz inteligente. É como diz o Dr. Onofre. A frustração é o flegelo da humanidade. E em bairro pobre ainda é pior. É frustrado por todos os cantos. Eu, por exemplo, sou frustrado. Sou. Sabe porque? Porque não tenho automóvel. E sabe o que eu fazia antes de Rosa vir pra cá?. Riscava a canivete a pintura de tudo que era carro aqui da rua. Depois, com Rosa... pra que automóvel pra que dinheiro, pra que tudo?
L.CARLOS - Mas o senhor acha isso direito?
RAYMUNDO - Não banca o elegante. Essa criatura é uma santa.
L.CARLOS - E o Lino? O senhor não tem pena do Lino?
RAYMUNDO - Lino? Lino é um vigarista. Por causa de uma infelicidade que não tem nada demais, mereceu de Rosa o previlégio, como diz o Dr. Onofre, o previlégio de uma assistência permanente. É só por isso que lea 'tá com êle.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 382

L.Carlos - Mas qual é o mal dela se casar?
RAYMUNDO - (Triste). Aí é que está. Rosa é uma moça direita. Sempre disse que no dia em casasse, não ajudava mais ninguém.
L.CARLOS - Casamento não impede amor ao próximo.
RAYMUNDO - Pois é. Eu também acho. Nesse ponto ela é meio burrinha. Mas também ninguém é perfeito nesse mundo.
L.CARLOS - O senhor me deixou meio abalado.
RAYMUNDO - (Comovido). Rosa é tudo pra nós. É a única coisa boa dêsse bairro. É assim feito uma fada de ternura e amor. Quando em minha casa falta água, eu não dou bronca, porque existe Rosa. Quando não encontro condução, não falo nada, porque sei que existe Rosa. É como diz Dr. Onofre, (parecendo criança, quase recitando). Rosa é a amiga mais leal, e encanto, a bondade, o ânimo, a vida, a razão, o princípio e o fim. Por favor, Seu Luiz Carlos, não nos tire Rosa.
ROSA - (Da porta, comovida). Obrigada, Raymundo.
RAYMUNDO - Rosa! Nosso amor querido.
ROSA - Você me deixou tão comovida. Fiquei com o coração dêsse tamanho
RAYMUNDO - Rosa, quero te apresentar aqui o meu sobrinho. (Sobrinho levanta, com ar tímido e infeliz, e vai cumprimentar Rosa)
ROSA - Que carinha trista, é um pecado essa carinha triste.
SOBRINHO - (Malandrinho). Eu queria...
RAYMUNDO - Fala anda.
SOBRINHO - (Malandrinho). Eu queria...
ROSA - Diga, meu filho.
SOBRINHO - (Sempre malandinho). Eu queria que a senhora... me incluísse na sua obra assistencial.
ROSA - (Encantada). Que delicadeza.
L.CARLOS -(Mesmo tom de Rosa). Que patifaria.
RAYMUNDO - Por outro lado, Rosa, eu queria ter dizer que ando sentindo novamente aqueles (pigarreia) impulsos incontroláveis de riscar a canivete os carros aqui da rua.
ROSA - (Preocupada). Voltou o complexo. (Barulho na fechadura).
RAYMUNDO - Eu 'tou que é só complexo. (Entra Lino, vindo da rua).
LINO - (Da porta). Que é que vocês estão fazendo aqui?
RAYMUNDO - Não banca o importante, Lino.
LINO - Fora todos dois.
RAYMUNDO - Lino, você sempre foi meu faixa.
ROSA - Êles vieram me fazer uma visitinha.
LINO - Fora todos dois.
L.CARLOS - (Explicativo). Não, Lino, eu 'tive presente o tempo todo.
LINO - Rua!
RAYMUNDO - 'pera lá. Não pense que isso vai ficar assim não.
LINO - Claro que não vai ficar assim. Arrumei a minha vida. Vou me embora dêsse bairro.
SOBRINHO - (Assustadíssimo). Quando? Quando?
LINO - O mais rápido que puder.
SOBRINHO - Ah, meu Deus do céu.
RAYMUNDO - Isso não vai ficar assim porque eu vou reunir o bairro todo.
LINO - Ninguém me entra nessa casa. Aprendi a viver. Vocês vão ver.
L.CARLOS - Acho melhor vocês irem embora.
SOBRINHO - (Desolado). Não é justo. Não é justo.
RAYMUNDO - Calma meu filho. Calma.
SOBRINHO - Logo agora êle vai embora.
LINO - De uma vez por tôdas, fora! (Os dois se encaminham para a porta)
RAYMUNDO - (Saindo). Lino, o bairro vai lutar. Topamos qualquer parada na defesa de um direito.
SOBRINHO - (Desolado). Logo agora.
RAYMUNDO - (Saindo, para Luiz Carlos). Conto com o Senhor. (Saem. No instante em que a porta se fecha, Lino invectiva).
LINO - Que negócio é êsse de conto com o Senhor?

Serv. de Censura de Diversões Públicas D.P.F.

GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 383

da média, senão a média sai fora do lugar. Logo não vejo o menor sentido em ajudar os outros a subir e competir comigo.

L.Carlos- Mas nós não estamos competindo. Eu sou repórter. Você quer ser pescador de baleia.

LINO - Pescador de baleia é a meta final da minha vida. Até lá tenho que ir subindo aos poucos. Pra teu govêrno, Rosa, já fui designado chefe da portaria do edifício.

L.CARLOS- Meus parabéns.

ROSA - Então!(Terna). E você conseguiu isso porque o Administrador quis te ajudar, não foi?

LINO - Uma brisa. Eu disse ao chefe da portaria que o cabineiro do elevador social era amante da mulhe dêle. (Empolgado). E não fiquei aí. Vice-versei a mesma história. Resultado. Os dois se partiram as caras mùtuamente e foram despedidos. E eu fui promovido. (Eufórico). Não te disse que tinha aprendido a viver? Ninguém mais pode me chamar de pobre diabo. (Delirante) Agora sou um homem normal. Um homem normal.

ROSA - Lino, como é que você pode fazer uma coisa dessas?

LINO - E não dou três meses pra eu passar a Administrador. Sabem porque? Estou empregando a fôrça do pensamento positivo. Tôda noite agora, antes de dormir, passo meia hora repetindo concentrado: "Deus há de me ajudar. O Administrador vai ser despedido." "Deus há de me ajudar. O Administrador vai ser despedido." (~~[illegible]~~) (Toca a campaínha)

~~LINO~~ -

L.CARLOS- Deve ser o Raymundo.

LINO - Ninguém me entra aqui.

ROSA - Mas êles sabem que nós estamos em casa. (Vai indo para a porta)

L.CARLOS- Rosa, concorda logo com a nossa promoção.

ROSA - (Esquiva). Não sei. (Abre a porta).

RAYMUNDO - (Da porta). Rosa, diga logo que disistiu do casamento.

Rosa - Não sei.

RAYMUNDO - (Para os outros, do lado de fora). Então vamos entrar. (- Entram Raymundo, o Sobrinho (que ao cumprimentar Rosa faz a cara mais sofrida do mundo), uma mulher (atriz devidamente caracterizada para se transformar em um tipo de criatura realmente horrorosa, fora das cogitação sentimentais de qualquer homem), Dr. Onofre e Ivan).

IVAN - (Cumprimentando Rosa). Nossa camarada!

DR.ONOFRE - (Cumprimento Rosa)em tom pomposo) Nossa São Francisca!

ROSA : (Desvanecida). Meus Gatinhos!

RAYMUNDO - Viemos aqui incorporados resolver essa parada.

IVAN - Trouxemos uma proposta

DR.ONOFRE - Uma proposta justa, leal e equidistante

IVAN - Além do mais, simples e rápida

RAYMUNDO - Fala, Dr.Onofre.

DR.ONOFRE - (Com simplicidade) . E colocar em votação.

(Recitativo) Todos aqueles que estão de acôrdo com o casamento de Rosa, queiram permanecer sentados (levantam-se num salto,Raymundo, Dr.Onofre e Ivan).

RAYMUNDO - (Ansioso) Vamos contar.Vamos Contar. Vamos contar.

DR.ONOFRE - (Rápido)- Quatro a dois. Mulher não vota.

IVAN - (Rápido). Foi rejeitado.

RAYMUNDO - (Rápido e em tom definitivo) Rosa não deve se casar. Tá resolvido (Pausa)

LINO - Quem foi que disse que eu sou democrata?

DR.ONOFRE - (Sentado desolado) O que falta ao nosso povo é evolução política. (Sentam todos com cara amargurada)

IVAN - Não se respeita nem mesmo uma eleição.

RAYMUNDO - 'Tamos desgraçados.

ROSA - (interessada) Desgraçado? Alguém está desgraçado?

Serv. de Censura de Diversões Públicas D. P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 384

GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

ternizar.

RAYMUNDO- Quanto mais melhor.
DR.ONOFRE- Sem inibições.
RAYMUNDO- A três por dois.
Dr.ONOFRE- Com personalidade.
RAYMUNDO- Você já cansou da implicância do Lino uma vez e deu no pé. Depois de casarr vai ser mais chato cair fora novamente.
L.CARLOS- (Para Rosa). Porque você abandou Lino na estação?
ROSA - Bem, é que eu estava lá, né. Estávamos esperando. Aí eu ví sentadinho num banco um rapaz com uma cara tão amargurada, tão - amargurada que eu pensei: (Tom alegre, de quem descobre ouro). Olha ali um infeliz! Aí fui reconfortar, reconfortei, reconfortei...
DR.ONOFRE- Será possível, Lino, que você não perceba os anseios de - sua ex-quase-futura-espôsa? Não vê que o que ela quer é ajudar o próximo?
ROSA - É que eu me sinto assim tão leve...
LINO - (Terno). Aí é que está o seu êrro, Rosinha. Você não acredita em Deus?
ROSA - Acredito, ué.
RAYMUNDO- (Desconfiado). Deus não tem nada a ver com o peixe.
LINO - (Terno). Não acha que Deus sabe o que faz?
ROSA - Acho.
LINO - (Eufórico). Então respeite a vontade de Deus, que diabo. Se Deus faz um sujeito infeliz, é porque êle quer que aquêle sujeito seja infeliz mesmo. Acho muita pretenção querer modificar a obra de Deus.
ROSA- Eu fico tão confusa...
RAYMUNDO- Confusão nenhuma. Confusão nenhuma.
DR.ONOFRE- A solução até que é simples.
MULHER- (Vóz estridente). Peço a palavra.
RAYMUNDO- Será possivel que você quer falar sòzinha o tempo todo?
L.CARLOS- Descobri a solução.(Pausa). É lógico. Rosa se casa, com rádio, jornal e televisão, Lino passa a ter uma espôsa e depois ela continua a ajudar o bairro em seus momentos de - tristeza e depressão.
LINO - E eu protesto.
RAYMUNDO- Isso ela não vai topar.
L.CARLOS- Não, seria um negócio com critério. A gente faria uma escala de depressões. Não ia ser ajuda assim por qualquer besteira. Só merecia assistência quem, por exemplo, perdesse a mãe, estivessa passando fome, fôsse abandonado pela espôsa... Negócio sério. Seleção rigorosa.
RAYMUNDO- Bom mas... e quando o meu time perder?
L.CARLOS- Futebol não.
RAYMUNDO- Não porque? Eu troco vinte e cinco espôsas por uma vitória do Flamengo.
DR.ONOFRE- O critério da infelicidade é muito relativo.
L.CARLOS- Bom, então a derrota do time do sujeito valia, por exemplo, cinco beijos.
RAYMUNDO- Não dá pra tirar a amargura, Num dá. Num dá.
ROSA- E isso eu não aceito.
L.CARLOS- Porque?
ROSA - Fica assim meio maroto.
L.CARLOS- Maroto porque? Porque?
ROSA - Maroto... Meu marido ser um sujeito que é enganado pela espôsa.
LINO - Viram?
L.CARLOS- Se você já sabia que Rosa pensava assim, então porque não casou com ela desde o início?
~~LINO~~ - DR.ONOFRE- Teria evitado que ela caísse em condomínio.
LINO - É que eu não acreditava que Rosa fôsse mesmo ser batata depois do casamento.
L.CARLOS- E agora acredita?
LINO - Mais ou menos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 385

GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

ROSA - (Ofendida). Mais ou menos?
LINO - Quer dizer, acredito. Principalmente quando nó estivermos só nós dois numa baleeira em pleno mar.
MULHER- (Furiosa). Pe-ço a pa-la-vra! (Pausa)
DR.ONOFRE- Fale, ué.
MULHER- (Surpresa). Eu?
L.CARLOS- Não pediu a palavra?
MULHER- Posso falar mesmo?
DR.ONOFRE- Claro. Isso aqui é uma democracia.
MULHER -Bom, deixa eu falar. O negócio é que eu tenho a solução.
RAYMUNDO - De araque.
MULHER -O negócio é todo êle muito simples. Se Rosa não casar, cria problema pro Lino e Luiz Carlos. Se casar, cria problema pra turminha dos amarguradas. Muito bem. Então eu proponho que ela case e eu fico dando assistência à turminha dos amargurados.
LINO.- Perfeito. Idéia excelente. 'tá resolvido.
DR.ONOFRE- Absolutamente. Seu gesto é muito tocante e de enorme desprendimento, mas nós não vamos querer seu sacrifício.
MULHER- Sacrifício nenhum. Eu faço isso por amor ao bairro.
RAYMUNDO- O bairro desvanecido agradece, mas cai fora da jogada.
MULHER:- (Ultra decidida). Ah, isso que não. Eu quero ajudar. Eu quero ajudar.
DR.ONOFRE- O negócio está ficando perigoso.
MULHER- (Para Raymundo). Posso começar logo de cara pelo seu sobrinho
SOBRINHO- (Inquieto). Não se afobe. Não se afobe.
LINO- Ótimo. Muito bem. Pelo sobrinho.
MULHER - (Ameaçadoramente terna). Pobrezinho. Que carinha.triste.
SOBRINHO- (Assustadíssimo). Até que eu estou alegre. Eu estou alegre.
DR.ONOFRE- É preciso que alguém tome alguma providência.
L.CARLOS - Minha senhora.
MULHER- Ninguém vai escapar da minha ajuda.
L.Carlos- Sua proposta já foi consignada.
MULHER- Quero fazer uma lista de infelizes.
DR.ONOFRE- Abriremos incrições ao voluntariado.
L.CARLOS- (Procurando encaminhá-la para a porta). Eu faço a lista pra Senhora.
MULHER - Uma lista bem comprida.
RAYMUNDO- (Apontando discretamente para a mulher). Rosa, você não pode nos abandonar nas garras do destino.
MULHER- O sobrinho em primeiro lugar.
LINO - Acho a proposta dela muito boa.
SOBRINHO- Mas logo eu.
L.CARLOS- (Empurrando-a para a porta). Pode ficar tranquila.
MULHER- (Da porta). Acho que minha solução é um tiro no problema aqui do bairro, o senhor não acha?
L.CARLOS- Claro, claro. Até loguinho. (Empurra-a para fora)
MULHER - (De fora). Telefonem logo que resolvam. (L.Carlos fecha a porta. Alívio geral).
DR.ONOFRE- (Para o sobrinho). Meu filho você esteve por um triz.
RAYMUNDO- Que parada.
SOBRINHO- Ela parecia uma piranha.
MULHER- (abrindo a porta, voz estridente). Vocês tem meu telefone?
TODOS,MENOS LINO E ROSA- Temos, temos. Não se preocupe.
MULHER- (Voz estridente). É melhor tomar nota.
L.CARLOS- Pode dormir descansada.
MULHER- 35-37-35,
L.CARLOS- Tchau. Até logo. Até logo.
MULHER- Qualquer coisa é só telefonar. (Fecha a porta).
RAYMUNDO- Rosa, agora eu já coloco em termos de um apêlo.
DR.ONOFRE- Lino, não é possivel que essa ameaça que agora brutalmente nos atinge, não te tenha comovido.

Públicas — Serv. de D. P. E.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p 386

IVAN- Não senhores. Fiquei calado o tempo todo, mas agora vou lutar. O caso não é de apêlo nem pedido. É uma reivindicação. Uma reivindicação de todo um bairro oprimido e espoliado pelo imperialismo reacionário de Lino. Rosa é um bem comum de todos nós. E como tal, não pode ser alienada, utilizada, apropriada por um único burguês. Ela é o petróleo dêsse bairro.
RAYMUNDO- Rosa é nossa. Rosa é nossa. Rosa é nossa.
IVAN- (Enfático). Porque, eu vos pergunto, porque Lino há de ter o previlégio de desfrutar Rosa sòzinho?
DR.ONOFRE- É um monopólio.
IVAN- E o povo, meus irmãos, o povo não pode ser sacrificado em benefício de um burguês, que inventou de se casar.
LINO- Rosa, lembre-se do que êles fizeram na Hungria.
IVAN- (Apontando Lino). Êsse homem quer ficar com Rosa todinha só pra êle.
DR.ONOFRE- Latifundiário.
LINO- O que eu quero é apenas me casar.
IVAN- E os seus deveres perante a sociedade?
L.CARLOS- (Que estava alheio à discussão, interrompendo). Mudei de opinião.
LINO- Você não vai fazer isso comigo.
L.CARLOS- Não aceito a socialização de Rosa, mas também não topo mais o casamento.
LINO- E a promoção no seu jornal?
L.CARLOS- Só agora compreendi Rosa melhor. A gente tem que ser fiel ao nome e à cara que tem. Um ladrão não tem cara de ladrão porque é ladrão. Ao contrário. Êle é ladrão porque nasceu com cara de ladrão. Uma mulher chamada Hermengarda, que é rima de espingarda, jamais poderá ser meiga e suave. E um homem chamado Leão tem que ser um vencedor.
LINO- Besteira. Já encontrei muito José que troço pra xuxu.
L.CARLOS- Mas repare que todo José, quando vence na vida, é porque é tratado pelo sobrenome. José Magalhães Pinto, José Amádio, José Silveira Sampaio. Um Hércules jamais poderia morrer - tuberculoso, porque antes dos pulmões pifarem, morreria de desgosto. E um sujeito chamado Millor ou Ziraldo tem que ser todo personalidade. Isso foi o que descobri e que agora vos relato. Uma mulher chamada Rosa tem que ser tôda encanto, beleza, simplicidade e ternura, distribuindo brancas pétalas sem querer nada de volta.
ROSA- E eu sou mesmo tudo isso?
L.CARLOS- (Empolgado convencido de que está fazendo poesia). Mais ainda, é mulher linda . E aquelas que lindas a graça tem de ser, a um só homem não devem pertencer.
ROSA- Venci as minhas dúvidas.
L.CARLOS- Porque são obras de arte.
ROSA- Já me dicidi.
L.CARLOS- E as obras de arte devem estar em tôda parte para encantar... para encnatar...(Lino vai protestar) e não permito aparte.
ROSA- Fico com o meu bairro.
TODOS, MENOS LINO- Viva. Bravo. Muito bem. Apoiado.
LINO- Muito bem. Aceito a derrota. Mas quero então que fique aqui perfeitamente claro que esta decisão me deixou profundamente infeliz
ROSA- Pobrezinho. (Vai acaricia-lo).
SOBRINHO- Eu também sou infeliz.
RAYMUNDO- Eu já 'tava infeliz antes. (Rosa vira-se para êle)
DR.ONOFRE- Eu também.
TODOS- Eu também. Eu também.
L.CARLOS- E eu, afinal de contas, fiquei sem a possibilidade de aumentar a tiragem do jornal. e Com isso fiquei infelicíssimo.
RAYMUNDO- (Eufórico). Somos todos infelizes!
DR.ONOFRE- Todos.

D.P.F. Serv. Polícia

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p387

LINO- Viva a infelicidade!
TODOS- Viva. (Estão todos efusivamente se cumprimentando)
ROSA - Mas você parecem tão contentes.
(Todos imediatamente fazem as caras mais desgraçadas o mundo e vão cada um para o seu canto, ficando em atitudes perfetamente dramáticas e amarguradas. Rosa vai olhando rápidamente um por um, cada - qual acentuando seu ar trágico)

ROSA - Não. Vocês não precisam minha ajuda. Vou prosseguir minha obra em outros bairros.

(Para a platéia, cantando). Recebam o afeto que se encerra
Neste peito juvenil

TODOS - (Apontando Rosa e cantando)

Antes fosses mulher - Símbolo da terra
da amada terra
do Brasil!!!...

PANO. VAI CAINDO LENTA E DOCEMENTE.

GRUPO DE TEATRO AMADOR
"PORÃO 7"
SÃO CARLOS

Diversões Públicas — D. P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, P. 388

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

1978

TÍTULO PROCURA-SE UMA ROSA- De Pedro Bloch

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18(dezoito) Anos com corte e condicionado ao ensaio geral.

Estória de uma prostituta de bom coração, que não sabia negar seus favores para quem fosse infeliz. Um de seus amantes resolve casar-se com ela, porém os moradores do bairro onde vive, se reunem e impedem que ela se decida em favor de um só.

O tema atual difere totalmente do original, não sendo cabível a permanência do critério etário anterior - 16 Anos-. Diante do exposto e, devido o final da obra conter uma passagem assinalada na folha 15, acintosamente desreis-peitosa à nossa Pátria, peço a supressão da mesma e a elevação da impropriedade para 18 Anos.

Brasília, 30 de Maio de 1972

Myrtes Nabuco de Oliveira Pontes

Myrtes Nabuco de Oliveira Pontes- Téc. de Cens.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,P 389

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

1974

TÍTULO PROCURA=SE UMA ROSA Teatro

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16(dezesseis)anos

A peça "Procura-se Uma Rosa" existe com dois enredos distintos(uma de Pedro Bloch e a outra de Pedro Bloch e Gláucio Gil), embora enfocando o mesmo tema. O da presente é a de Pedro Bloch e Gláucio Gil e fala sobre Rosa, uma mulher assediada pelos homens e que possuia uma filosofia própria a respeito da prostituição. A referida obra encontra-se aprovada até 1974, conforme o certificado de censura nº1436/69, com a impropriedade de dezesseis anos. Portanto, opino pela liberação desta com a mesma classificação anterior, sugerindo apenas, o corte assinalado na última página por julgar que constitui desrespeito para com o "Hino da Bandeira".

Brasília, 31 de maio de 1972

Mª das Graças Sampaio Pinhati
Tec. de censura

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

1954

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 390

TÍTULO "Procura-se Uma Rosa" - Pedro Bloch

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 (dezesseis) anos.

Considerações: A peça acima identificada vem sendo liberada por este Serviço, não havendo surgido elemento novo a justificar modificação do critério censório.

Brasília, 9 de maio de 1 972.

CORIOLANO DE LOIOLA CABRAL FAGUNDES
Técnico de Censura-Mat.: 2 095 823

Serv. de Censura de Diversões P. D. P. F.

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

1964

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 391

TÍTULO PROCURA-SE UMA ROSA.

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: DEZESSEIS ANOS.

COMPARANDO O TEXTO COM OS APRESENTADOS ANTERIORMENTE, VERIFIQUEI A FIDELIDADE DE CONSONÂNCIA DÊSTE, RAZÃO PELA QUAL OPINO PELA PERMANÊNCIA DA CLASSIFICAÇÃO CONFERIDA POR ESTE SERVIÇO.

BRASÍLIA, 6 DE JUNHO DE 1972.

DALMO PAIXÃO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.392

Emitir certificado, na
forma do pareceres dos
Técnicos de Censura Mª
das Graças, Coriolano e
Dalmo Paixão: 16 anos.
Em 08.06.72
[illegible]
TcTc

S. Dir. DCDP

De acordo
16 anos

8/6/72

Sc

LIBERE-SE
com impropriedade para menores de 16 anos
Brasília, 8/6/72
Rogério Nunes

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

1974

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 393

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 4990/72

PEÇA " PROCURA-SE UMA ROSA "

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH E GLAUCIO GIL

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 08 de JUNHO de 1977

Brasília, 08 de JUNHO de 1972

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 ANOS

Chefe do S. C. D. P.

- ROGÉRIO NUNES -

M.J.- D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 58, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 394

" PROCURA-SE UMA ROSA "

Original de PEDRO BLOCH E GLAUCIO GIL

Tradução de

Adaptação de

Produção de GRUPO DE TEATRO AMADOR "PORÃO 7" - SP -

Tendo sido censurada em 06 de JUNHO de 19 72 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 08 de JUNHO de 19 72

- HUGO PÓVOA DA SILVA -

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

MH

DPF. SAv. 7034-FFS

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

(99 F

MEM.º N.º 461
Data 12/6/72

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.395

Do : Chefe da TCTC

Para : Chefe da TCDP/DR/SP

Assunto: PEÇA TEATRAL - (Encaminha)

Senhor Chefe,

Solicito vossas providencias no sentido de que seja entregue ao interessado, a / peça intitulada "PROCURA-SE UMA ROSA", com impropriedade para menores de 16 anos, em duas vias e seus respectivos certificados.

Atenciosamente,

VICENTE DE PAULO ALENCAR MONTEIRO
Ch. da TCTC

Reg ~~14 36~~
Livro 1
Fôlha 44

P. 112 107

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 396

PROCURA-SE UMA ROSA	DISTRIBUIÇÃO
AUTOR GLÁUCIO GIL	

M. J. - B. P. F.
SERVIÇO CENSURA DE DIVERSÕES E BRINCAS
RECEBIDO NA T.C.T.C.
EM 2 [illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 39

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Belo Horizonte, 23 de junho de 1969

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões
Públicas do Departamento de Polícia Federal
BRASÍLIA -DF

Senhor Chefe:

Com a presente, passamos às mãos de V. Sa. 3 (três) cópias datilografadas da peça "PROCURA-SE UMA ROSA", de autoria do nosso associado Gláucio Gil, a fim de ser censurada conforme manda o regulamento dêsse conceituado Serviço.

Essa peça deverá ser apresentada, no dia 23 de julho no Teatro Municipal da cidade de Ouro Prêto.

Sem outro particular, no momento, subscrevemo-nos.

M. J. C. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N. 2359
Em 25/06/1969
Protocolista

Atenciosamente,
SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Sucursal de Minas Gerais
GLOVER FERREIRA
p. Diretor

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em 21 de 10 de 1969

105

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 398

Exmo. Senhor.

Delegado do Serviço de Censura.

O Teatro Experimental de Belo Horizonte vem, mui respeitosamente solicitar a liberação da peça de Gláucio Gil, " PROCURA-SE UMA ROSA ", com estréia marcada para o dia 23 de julho, no Teatro Municipal de Ouro Prêto, durante o Festival de Inverno que se realizará naquela cidade.

Saudaçoes.

Carlos Alberto Ratton

Carlos Alberto Ratton.

106/48

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.399

Teatro Experimental de Belo Horizonte.

Sediado à Rua Piunhi 385, Belo Horizonte.

Diretor : Jota Dângelo.

Peça : " Procura-se Uma Rosa "

Autor : Gláucio Gil.

Estréia: 23 de julho, Teatro Municipal de Ouro Prêto.

Elenco :

Neusa Rocha.

João Marcos.

Eduardo Rodrigues.

José Ribeiro ,

Arildode Barros.

Márcia Andrade.

José Maria Amorim.

Tinin.

Direção Geral : Carlos Alberto Ratton.

107

PROCURA-SE UMA ROSA.

(Gláucio Gil.) 1961.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 400

(Em cena Lino e Luiz Carlos. Lino está em cima de um praticável, com um corda no pescoço.)

Lino - Eu vou pular!

Luiz - Não pule não!

Lino - Pulo sim !

Luiz - Não pula não!

Lino - Mas são 25 anos !

Luiz - De qualquer forma, a vida é bela !

Lino - Quando deus não vai com a cara de um sujeito, durante 25 anos, é porque não tem jeito mesmo!

Luiz - Mas sempre existe um amanhã ...

Lino - Comigo o amanhã é sempre piór ...

Luiz - Mas eu estou aqui para solucionar o seu problema.

Lino - Mas o meu problema é que deus está de marcação comigo. É ou não é ? Pode dizer, precisava ter feito a minha mulher ir embora, precisava ?

Luiz - Pense na quantidade de maridos que na sua situação estariam dando pulos de alegria ...

Lino - E ainda por cima aquêle inferno o dia todo, vai vem, vai vem, vai vem ...

Luiz - Desespêro assim o senhor vai me desculpar, mas já é um pouquinho na base da frescura... Não acredito que haja uma vida de casado assim tão boa ...

Lino - O senhor já foi cabineiro ?

Luiz - Ascensorista ?

Lino - Não banque o granfino, cabineiro mesmo. O senhor já foi ?

Luiz - Não!

Lino - Pois é, eu sou um cabineiro. (tira a corda)

Luiz - E dai'?

Lino - Cabineiro de elvador de serviço ... (desce do praticável)

108

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. cc93, p. 401

Luiz - O senhor deve concordar que existem profissões menos movimentadas...

Lino - O senhor sabe o que é ir até o vigésimo quinto andar de um edifício, para quando chegar lá em cima descer até o térreo ? E quando chegar no térreo subir de novo até o vigésimo quinto ? E ficar nêsse iô-iô o dia inteiro ? É isso que eu sou, um iô-iô!

Luiz - Mas isso não é assim, o senhor pára nos outros andares.

Lino - O senhor sabe qual é o meu futuro daqui a dez anos ?

Luiz - Eu vim aqui ...

Lino - O meu futuro é resistir sempre à tentação de quebrar a cara do porteiro e passar do elevador de carga para o elevador de serviço ...

Luiz - Por isso, quando li o seu anúncio no jornal ...

Lino - Não, para mim chega! (sobe para o praticável)

Luiz - Meu amigo, não se precipite.

Lino - Precipito.

Luiz - Olha que o suicídio é igualzinho ao casamento, depois de realizado não se pode mais voltar atrás ...

Lino - Honestamente, de amigo para amigo ... Se o senhor queria fazer a mulher de algum cara ir embora, porque êsse cara tinha de ser exatamente eu ?

Luiz - Por isso, quando li o seu anúncio no jornal pensei: tá aí um desgraçado que caiu do céu para eu ajudar ... Foi por isso que eu vim ...

Lino - O senhor conhece a Rosa ?

Luiz - Não.

Lino - Tem alguma pista ?

Luiz - Não.

Lino - Então como é que você pode me ajudar ?

Luiz - Lino, eu sou repórter, repórter do Correio Diário. Nós do Correio Diário, descobrimos coisas que nem existem, quanto mais sua mulher ...

109

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 402

Lino - O senhor acha que essa corda aguenta ?

Luiz - E daí ? O que é que o senhor acha mais fácil encontrar nesta cidade ? Um cachorro, ou a sua mulher que tem cara, nome, carteira de identidade, título de eleitor, retrato e o dia - boma quatro ? ... Responda !'

Lino - (tirando a corda) Minha mulher !

Luiz - Então, encontrar a sua mulher não é problema, o que nós precisamos é entrar naquêle acôrdo ...

Lino - Eu não vejo o sol o diantodo, fico virando a mesma manivela setecentas vêzes, não vejo o sol nem o céu ... O senhor sabe o que eu queria ser ?

Luiz - Cabineiro de elvador automático ?

Lino - Pescador de baleias ... É êsse o meu sonho, arpoar baleias ...

Luiz - Então aceita a minha proposta ...

Lino - (Descendo do praticável) Não entendi bem a sua proposta ...

Luiz - Seu Lino, o senhor se interessaria de ler uma reportagem sôbre cincoenta crianças estudando felizes numa escola ? Não, é claro que não. Agora, imagine que essa mesma escola pegou fogo e que, cincoenta, cincoenta pobres criancinhas morreram devidamente esturricadas ... Isso é ou não é um assunto de primeira página ?

Lino - O que é que tem êsse incêndio a vêr com o peixe ?

Luiz - Acontece que o público adora a infelicidade alheia. Só que não é todo dia que a gente tem um bom desastre, uma revolução sangrenta, ou um menino de doze anos furando os olhos da vóvózinha ... Mas é preciso alimentar o público com desgraças ... E é aí que o senhor e a sua senhora entram na jogada...

Lino - Já sei, o senhor quer que eu mate a Rosa e depois me suicide não é ?

Luiz - Nosotros no estamos en el México senõr Lino !

Lino - O senhor sabe por que a Rosa foi embora ?

Luiz - O fato é que ela foi embora não é mesmo ? ôtimo . Pois nós transformaremos o desaparecimento de sua mulher numa campanha institucional, numa das mais belas promoções do Correio Diário. Primeiro, vou encontrar a sua mulher, mas sem dizer ao público.

110

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 403

Luiz - Depois, de comum acôrdo, nós faremos uma série de reportagens, dizendo que Rosa sumiu, contando a vida de vocês, entrando em detalhes íntimos, um tanto sórdidos e escabrosos se possível, expondo os sonhos e amarguras do casal, explorando ao máximo essa sua excelente cara de infeliz ! Vocês são casados ?

Lino - Casados pròpriamente não ...

Luiz - Amigaços então . Perfeito, genial . Diremos que você reconhece que era um patife, um canalha por não querer casar com ela ... Mas agora, já não sonha com outra coisa, que já comprou as alianças, que deseja ter 3, 5, 10 filhos !

Lino - Rosa me traía, traía, traía mesmo, compreende !?

Luiz - Compreendo, compreendo, mais vêzes do que seria desejável ...

Lino - Pois é ...

Luiz - Mas isso não atrapalha o plano em nada.

Lino - O que é que o senhor faria em meu lugar ?

Luiz - Você a matou ?

Lino - Matei coisa nenhuma ... Ponderei apenas no meu modesto entender que aquilo não estava certo.

Luiz - E ela concordou ?

Luiz - E continuou ?

Lino - Mais vêzes do que seria desejável ...

Luiz - Mas se ela continuou a corneá-lo, e você não rompeu o digamos ... noivado, então ela não precisave nem ter ido embora !

Lino - Não rompi, mas também não deixava a coisa ficar assim não ... Não passava um dia sem que eu reclamasse !

Luiz - Muito justo !

Lino - No fim, ela já sabia : dia de amante, era dia de muita discussão aqui em casa .

Luiz - Em resumo, o senhor sabia se ... digamos ... impor .

Lino - Mas não pense que era uma intransigência minha. Se fôsse uma traiçãozinha aqui, uma traiçãozinha ali, eu ainda me conformava, pois afinal de contas, um cabineiro não pode querer tudo na vida ... O diabo é que ela exagerava !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 404

Luiz - Mais de dez ?

Lino - Dez eu ainda aceitaria ...

Luiz - Vinte ?

Lino - Ainda me lembro da época dos vinte.

Luiz - Trinta ?

Lino - Essa contagem me é extremamente dolorosa meu amigo ...

Luiz - Quarenta ?

Lino - De dez em dez ainda vai demorar mais ...

Luiz - Quantos habitantes tem o seu bairro ?

Lino - Êpa, mas também não é assim ... Houve várias ruas sem qualquer participante.

Luiz - Com tudo isso você a quer de volta ?

Lino - Você não compreende ... Rosa ... Rosa é o meu sol, o meu céu ... Rosa é que me dá forças para um dia eu ser pescador de baleias ...

Luiz - Então vamos trazer ela de volta .

Lino - Mas você acha que devemos expor tôda a nossa vida no jornal ?

Luiz - A vida verdadeira não, mas uma mentira bem bolada sempre vende mais jornal ... Ao cabo de vinte dias de onda, apêlos e noticiário, a gente publica que a Rosa mandou um bilhetinho dizendo que está recolhida num convento de religiosas, Carmelitas por exemplo, exatamente pra turma não poder pensar a verdade. Eu entro então em contato com uma grande firma de aparelhos eletrodomésticos, e aí, promoveremos o encontro televisionado de vocês dois ...

Lino - Você acha que Rosa vai topar ?

Luiz - Pra casar, qualquer mulher topa qualquer soisa. Faremos um duplo desfile de carros alegóricos. Uma perna vindo da zona sul com Rosa no carro chefe jogando beijos para a multidão, a outra vindo da zona norte com você no carro. E sabe aonde as duas filas de carro se encontra ? Na Praça Sete meu caro, defronte das câmaras e microfones das emissoras associadas de rádio e televisão ... Sucesso absoluto, vocês vão fechar...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 405

Lino - Rosa não vai querer se expor a um papel dêsses ...

Luiz - Papel nenhum, papel nenhum ora essa! O casamento vem logo no dia seguinte, casamento promovido pelo Correio Diário, noticiado e oficiado por um cônego, bem batuta, dêsses com bastante projeção social.

Lino - Não vai dar pé, o senhor não acha melhor eu me matar ? (sobe

Luiz - Case primeiro, como solução desesperada é pràticamente a mesma coisa ...

Lino - Vai ser difícil. Rosa foi embora só pra não ter que falar sôbre os amantes . (coloca o laço)

Luiz - Nosso ângulo humano vai ser outro ... Um casal que se ama mas ela vai embora porque não quer viver fora da sagrada, sábia e perfeita Instituição do Matrimônio. O público adora essas bobagens ...

Lino - Se eu concordar você jura que vai encontrar Rosa ?

Luiz - Juro !

Lino - E jura que vai trazer ela de volta ?

Luiz - Jurar não tem problema nenhum, e digo mais ! se na hora do casamento a Rosa quiser agradecer a deus, a mim, e a firma patrocinadora na televisão, eu ainda garanto uma geladeira para vocês ... Puxa, o que é que você quer mais ?

Lino - Estamos combinados ... (desce da cama)

Luiz - Pode ficar descansado, não dou uma semana para encontrar a sua Rosa.

Lino - Tiau.

Luiz - Tiau.

Lino - Luiz Carlos. Luiz Carlos, é êsse o seu nome não é ?

Luiz - É .

Lino - Uma coisinha só ...

Luiz - Pode dizer ...

Lino - Quando você encontrar Rosa, não vai dar de cima dela não ?!

Luiz - Puxa Lino, era preciso que eu fôsse um canalha para aproveitar assim do infortúnio alheio !

(APAGA.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 406

(Ouve-se a voz de Luiz e Rosa.)

Luiz - Mas Rosa, me dê um único motivo, um único só para você não querer dormir comigo ...

Rosa - Mas será possível que você só pense nisso ?

Luiz - Você me desculpe, mas você é o maior blêfe da história ...

Rosa - Quando você me convenceu a voltar pra casa, pro Lino, não botou as coisas nêsse pé . Me disse que era pra fazer uma tal de promoção no seu jornal ...

Luiz - Mas a gente pode unir o útil ao agradável ... Nem só de pão vive o homem ...

Rosa - Vai trocar o fuzível vai ...

Luiz - (saindo) Tanta propaganda, e você afinal não é de nada ...

Rosa - Você pensava que eu era uma garôta fácil ?

Luiz - (de dentro) Desinibida ... E não vai me dizer que nunca se confraternizou com o pessoal aqui da rua ... ?

Rosa - Foi com o bairro todo em geral, de quase todos eu já fui a namoradinha ...

Luiz - E eu ligando fuzível ... E já faz muito tempo que você se dedica a êsse desbravamento aqui da região ?

Rosa - Comecei aos 17 anos ... (Foco de luz da coxia em Rosa) Quando reparei que todo homem me olhava de olho comprido, igualzinho a menino em porta de sorveteria ...

Luiz - (entrando) Mas nunca vi sorveteria distribuir tanto sorvete a três por dois ...

Rosa - No dia de São Cosme e Damião, até que distribui, e ninguém é contra São Cosme e Damião ...

Luiz - Mas também não precisava ser fanática por Cosme e Damião ...

Rosa - Até aos 17 anos eu não admitia mais que mãozinha dada e cinema na sessão das quatro ...

Luiz - E depois veio a sessão das seis, das oito, das dez ... e pronto. É sempre assim ...

Rosa - Ih, você põe maldade em tudo ...

Luiz - Não me compreenda mal, eu não tenho nada contra o fato de uma moça querer assegurar o seu equilíbrio psico-somático!

Rosa - Meus namorados, para mim são como bichinhos de estimação!

Luiz - Então, miau, miau ... miau ...

124

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 407

Rosa - Você não entende mesmo ...

Luiz - Então, concorde comigo, gato de estimação, só existe um, e não um ... um ... cardume de gatos !

Rosa - Cardume não é de peixes ?

Luiz - O que eu não acho justo é que você tenha caso com todo mundo aqui no bairro, e não queira nada comigo ...

Rosa - Caso não, prefiro chamar de namorado ... Acho namorado uma palavra tão bonita ... Ouve só, namorado ... É tão suave, tão romântico ... Vem de namorado quem sabe ? Você sabia ?

Luiz - Tinham me dito, mas não ~~xxxxxxx~~ acreditei ...

Rosa - É como se quisesse dizer, envolvida de amor ... E meu amor sempre foi assim, amor mesmo, simples, puro e desinteressado.

Luiz - Mas eu juro que meu amor por você é simples, puro e desinteressado . Portanto, juntou a fome com a vontade de comer!

Rosa - Mas eu não tenho motivo nenhum para trair Lino com você ...

Luiz - Motivo! Motivo a gente encontra minha filha, é só pensar um pouco ...

Rosa - Não ! Eu só traio seguindo os ditâmes da minha consciência , meu primeiro namorado é um exemplo ...

Luiz - Que e' que tem êle ?

Rosa - Já fazia uns seis mêses que êle implorava, insistia, para me envolver no que êle chamava de estonteante calor de seus braços ...

Luiz - E você sem se estontear ...

Rosa - Sempre tinham me dito para negar, não explicavam porque, mas diziam que eu negasse ... Aí o rapaz foi definhando de tristeza, definhando, definhando, vivia amargurado pelos cantos, solitário e cabisbaixo ... Então me disseram que êle tinha ficado com complexo de inferioridade por minha causa ...

Luiz - Pobrezinho ...

Rosa - Ah meu deus, eu fiquei tão nervosa quando me falaram do tal complexo de inferioridade, sabe como é, complexo já não é grande coisa, e de inferioridade é ainda pior ... Fiquei dois dias sem dormir ... E êle cada vêz mais triste, era uma tristeza danada ... Dava dó só de vêr êle passar na rua ... Foi então que eu comecei a pensar. Ah! Não, nessa época êle foi reprovado na faculdade. Estava no 3º ano de en-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.408

Rosa - Foram mais dois mêses que eu passei sem dormir ...

Luiz - Por que você não tomava pílula para dormir ?

Rosa - Tomei sim, mas acho que me enganei de pílula ... Sofri um bocado, comecei a ter remorsos ... Afinal de contas, por que eu tinha de negar ? Eu era livre, sem compromisso com ninguém ... Só diziam que eu tinha de negar, mas não explicavam porque. Você sabe por que ?

Luiz - Bem, porque ... porque !

Rosa - Pois é, ninugém sabe porque . Então eu vi que podia estragar uma vida, arruinar uma carreira, só por causa de uma coisa que ninguem sabe porque ... E aí seu moço, eu me decidi!

Luiz - Coraçãozinho mole, e o rapaz ?

Rosa - Ah, ficou outro ... Primeiro me sorriu assim com os olhos, e eu nunca mais me esqueci daquêle olhar ... Parecia um gatinho, tão terno, tão feliz, tão contente. Depois disso, fêz segunda época, engordou, fêz ginática e completou o curso em primeiro lugar . E aí, eu me senti assim, passeando nas nuvens de tão contente ...

Luiz - Você foi escoteira quando criança ? Escoteira assim, sempre alerta ?

Rosa - Não, mas todos os meus namoros foram sempre assimzinhos ...

Luiz - Assinzinhos ...

Rosa - Semelhantes, todos semelhantes, pràticamamente a mesma coisa.

Luiz - Você não acha que está interpretando de maneira muito realista a idéia do amai-vos uns aos outros ?

Rosa - Você não compreendeu ...

Luiz - Compreendi sim, compreendi muito bem ... Nunca vi ninguém cair na gandaia com tanto back-ground filosófico ...

Rosa - Não admito que você pense isso de mim ...

Luiz - Eu só queria saber a freguência dêsses seus momentos de solidariedade humana ...

Rosa - Bem, você sabe, há tanto infeliz nêsse mundo ...

Luiz - E você resolveu acabar com a infelizidade do mundo não é ? Se eu não fôsse um repórter sem escrúpulos, jamais promoveria êsse casamento, pobrezinho do Lino ...

Rosa - Mas eu fiquei com o Lino porque êle também é infeliz ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p 409

Rosa - ... Não imagina como êle sofre por não ser pescador de baleia. O que é que a gente pode fazer quando encontra um cabineiro que deseja ser pescador de baleias ?

Lino - É, só tem um jeito mesmo ...

Rosa - Lino é um horror ! Logo no primeiro dia em que apareceu aqui, se armou com essa fôrca ... E qualquer coisinha, dizia que ia se matar . Aí eu vi que era um caso grave, e resolvi prestar uma nova ajuda, mas a fôrca continuou, e fui prestando nova ajuda, nova ajuda, nova ajuda, e foi assim que êle ficou!

Luiz - Mas você continuou também a ajudar desenfreadamente a turma aqui do bairro ...

Rosa - Primeiro da rua . Tinha um homem por exemplo, que tinha perdido o emprêgo. Andava na miséria, estava pensando até em assassinar o patrão, era um caso de urgência .

Luiz - E o Pronto-Socorro, de novo entrou em ação !

Rosa - Era o mínimo que eu podia fazer por aquela criatura, não me custava nada, e êle se alegrou tanto, parecia um gatinho ... Tão terno, tão feliz, tão contente ... Sabe que no dia seguinte êle arranjou emprêgo ? Depois me falou uma porção de coisas, disse que tinha se realizado na vida, disse ainda uma porção de coisas ... E eu fiquei tão contente ... Êle disse que eu dei confiança a êle, e até que falava bem, parecia um deputado do MDB ...
Posso ficar descalça ?

Luiz - É claro, a casa é sua ...

Rosa - É que eu adoro ficar descalça ...

Luiz - Bem, e depois dêsse homem ?

Rosa - Depois eu compreendi que tinha um poder maravilhoso nas mãos, que bastava eu namorar para fazer o povo feliz.

Luiz - Baseada nisso você partiu para aquêle negócio, com mais disposição ainda ?

Rosa - Desculpe se eu digo isso, mas os homens são tão bobos, se contentam com tão pouco ...

Luiz - Mas você gosta dêsse pouco, não gosta ?

Rosa - É claro, me dá uma alegria doida !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.410

Luiz - Não, eu quero saber se você gosta, se gostabgostando ?

Rosa - Gosto né ... Mas isso não tira o valôr da intenção. O que vale é a intenção ...

Luiz - Sabe que eu tenho os meus momentos de depressão ?

Rosa - Não vem com essa conversa de novo não ...

Luiz - É sério, é verdade . Tem dias que eu só falto bater com a cabeça nas paredes ...

Rosa - Não, pode parar com isso ...

Luiz - O que é que você tem contra a minha felicidade ?

Rosa - Ah, você não é infeliz coisa nenhuma !

Luiz - Sou sim, você sabia que eu perdi o meu pobre papai aos sete anos de idade ?

Rosa - Não adianta não, eu sei reconhecer um infeliz a quilômetros de distância ...

Luiz - E tem de ser muito infeliz mesmo ?

Rosa - Não adianta Luiz Carlos, eu não sou uma leviana !

Luiz - Quem vê cara não vê coração ! Eu, debaixo dêsse ar infeliz, sou um dos caras mais infelizes da paróquia ... Você já pensou ? (A campanhia toca.)

Rosa - Quem será ?

Luiz - A turminha dos amargurados já sabe que você voltou ?

Rosa - Não, nós viemos escondidos ...

Luiz - É preciso que ninguém saiba, senão não poderemos fazer a promoção no meu jornal .
(A CAMPANHIA TOCA DE NOVO)

Rosa - (indo) Eu vou atender, quem sabe, pode ser algum coitadinho.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
XXXXXXXXXXXXXXXX

Luiz - Espera aí, vai lá pra dentro que eu vou ver quem é ... Anda, rápido ...

(Rosa sai de cena, Luiz Carlos vai até a porta)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 411

(Rosa sái de cena, Luiz Carlos vai até a porta)

Raimundo - (da porta) Você é que é o Luiz Carlos ?

Luiz - Eu mesmo .

Raimundo - Quero bater um papinho com você meu chapa !

Luiz - Pode entrar ...

Raimundo - (entrando) Êsse aí é meu sobrinho ...
(entra rapaz tímido)
Que piada é essa seu Luiz Carlos ?

Luiz - Qual piada ?

Raimundo - Êsse casamento de Rosa, sem quê nem praquê !

Luiz - Como é que o senhor já sabe ?

Raimundo - O papai aqui é presidente da Sociedade Pro Melhoramentos dêsse bairro tá bom ? Sei de tudo que se passa aqui !

Luiz - Ah, sabe né, muito prazer ...

Raimundo - Prazer uma MERDA ! O senhor tá é armando jeito de tirar o pão de nosso bôca !

Luiz - Mas eu tenho a maior simpatia por seu bairro !

Raimundo - Simpatia comigo não interessa, o que conta é que Rosa não pode se casar tá entendendo ? Êsse casamento é uma, é um ... golpe baixo !

Luiz - Ora essa, mas por que ?

Raimundo - Ela não lhe contou nada ?

Luiz - A respeito de que ? Do serviço de relações ... públicas digamos, que leva a efeito aqui no bairro ?

Raimundo - Rosa, como diz o Dr. Onofre, é um fator de equilíbrio social de tôda essa região tá ? Não é mole não !

Luiz - Mas agora já está tudo combinado ...

Raimundo - Escute meu chapa, antes de vir para cá, isso aqui era um inferno, você sabe como é, é um rapaz inteligente, e como diz o Dr. Onofre, a frustação é o flagelo da humanidade. E em bairro pobre, é ainda pior ... Só dá frustado, por todos os lados ... Sou sim, frustado . Sabe porque ? Porque não tenho automóvel ... E sabe o que é que eu fazia antes de Rosa vir para o bairro ? Riscava a canivete

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 412

Raimundo - ... Depois com a Rosa, praque automóvel, praque dinheiro, praque tudo ?

Luiz - Mas o senhor acha isso direito ?

Raimundo - Não, não banca o bacana não, essa criatura é uma santa !

Luiz - E o Lino, o senhor não tem pena do Lino ?

Raimundo - Lino ?! O Lino é um vigarista , por causa de uma infelicidadezinha àtôa mereceu de Rosa, como diz o Dr. Onofre o previlégio de uma assistência permanente. É só por isso que ela está com ela !

Luiz - Mas qual é o mal dela se casar ?

Raimundo - Aí é que está, Rosa é uma moça direita . Sempre disse que no dia em que se casasse, não ajudava mais ninguém ...

Luiz - É, mas casamento não impede ~~xxxxxx~~ aquêle amor ao próximo...

Raimundo - Pois é, também acho, e nêsse ponto, ela é meio burra, mas afinal de contas, nêsse vasto mundo, ninguém é perfeito .

Luiz - O senhor me deixou meio abalado .

Raimundo - Rosa é tudo para nós . É a única coisa boa nêsse bairro. É assim, feito uma fada de ternura e de amor . Quando em minha casa falta água, eu não dou bronca, porque sei que Rosa existe. Quando eu não encontro condução, não falo nada porque sei que a Rosa existe. E como diz o Dr. Onofre - Rosa é a amiga mais leal, o encanto, a bondade, a vida, a razão, o ânimo, o princípio e o fim ! ...
Por favôr seu Luiz Carlos, não nos tire a Rosa !

Rosa - (da porta) Obrigada Raimundo !

Raimundo - Rosa, nosso amor querido !

Rosa -- Você me deixou tão comovida, fiquei com o coração dêsse tamaninho !

Raimundo - Rosa, quero te apresentar aqui o meu sobrinho ...

(Sobrinho se levanta, tímido, infeliz)

Rosa - Que carinha trsite, é um pecado essa carinha triste !

Sobrinho - Eu queria ...

Raimundo - Fala logo, anda !

Rosa - Diga logo meu filho !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.4/13

Sobrinho - Eu queria que a senhora me incluísse na sua obra de assistência social !

Rosa - Que delicadêza !

Luiz - Que patifaria !

Raimundo - Por outro lado Rosa, eu queria te dizer que ando sentindo outra vêz aquêles impulsos incontroláveis de riscar ôs carros da rua .

Rosa - Voltou o complexo ! Viva !

(BARULHO NA FECHADURA)

Raimundo - Eu tô que é só complexo !

(Entra Lino)

Lino - O que é que vocês estão fazendo aqui ?

Raimundo - Não banca o impertinente Lino !

Lino - Fora todos os dois .

Raimundo - Lino, você sempre foi meu faixa !

Rosa - Êles vieram me fazer uma visitinha ...

Lino - Fora os dois !

Raimundo - Péra lá, não pense que isso vai ficar assim não!

Lino - Claro que não vai ficar assim. Arrumei a minha vida, vou me embora dêsse bairro !

Sobrinho - Quando, quando ?

Lino - O mais rápido que puder !

Sobrinho - Ah, meu deus do céu !

Raimundo - Isso não vai ficar assim não ! Vou reunir o bairro todo.

Lino - Ninguém mais entra nessa casa, aprendi a viver, vocês vão vêr !

Luiz - Acho melhor vocês irem embora .

Sobrinho - Isso não é justo, não é justo !

Raimundo - Calma meu filho, calma !

Sobrinho - Logo agora êle vai embora !

Lino - E de uma vêz por tôdas, fora !

(Raimundo e sobrinho se encaminham para a porta)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 414

Raimundo - (saindo) Lino, o bairro vai lutar, topamos qualquer parada na defesa de um direito !

Sobrinho - Logo agora !

Raimundo - (p/ Luiz Carlos) Eu conto com o senhor !
(p/ Lino) Fedapúta!

L

Lino - Que negócio é êsse de conto com o senhor ?

Luiz - Êles vieram aqui me pedir pra não promover mais o casamento de vocês dois, mas não se assuste. Continuo querendo aumentar a tiragem do jornal ...

Lino - Acontece que não vai haver mais promoção.

Luiz - Porque ! ?

Lino - Porque eu rói a corda. Simples não é ? Roí a corda!

Luiz - Mas você prometeu, e promessa é dívida !

Lino - E quem mí é que disse que a gente tem de pagar as dívidas, quem é que foi ?

Rosa - Que que há com você Lino ?

Luiz - Naquêle dia você tinha concordade .

Lino - Só que naquêle dia você ainda não tinha achado Rosa.

Rosa - Mas nós prometemos Lino !

Luiz - Isso não é ético !

Lino - A ética para vencer é a do salve-se quem puder !

Luiz - Com que cara eu vou ficar lá no jornal ?

Lino - Isso é problema seu meu amigo ! Fora !

Rosa - Espera aí Lino, essa tal de prmoção é importante para o Luiz Carlos, não é importante Luiz Carlos ?

Luiz - Importante ? Importantíssima !

Lino - Você não quer mais csar Rosa ?

Rosa - Você sabe né, mulher, sempre quer casar ,.e coisa e tal !

Lino - Então vamos casar , sem televisão, sem jornal e sem êsse cara aí !

Rosa - Realmente, é uma idéia .

Luiz - Mas não custa nada vocês se casarem na televisão !

Lino - Não quero que a minha infelicidade vá vender geladeira de ninguém !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p.415

Raimundo - Depois com a Rosa, praquê automóvel, praquê dinheiro, praquê tudo ?

Luiz - Mas o senhor acha isso direito ?

Raimundo - Não, não banca o bacana, essa criatura é uma santa !

Luiz - Mas Lino, o senhor não tem pena do Lino ?

Raimundo - Lino ? ! O Lino é um vigarista, por causa de uma infelicidadezinha àtôa, mereceu de Rosa o previlégio de uma assistência permanente. E é só por isso que ela está com êle.

Luiz - Mas qual é o mal dela se casar ?

Raimundo - Aí é que está, Rosa é uma moça direita. Sempre disse que no dia em que se casasse, não ajudava mais ninguém.

Luiz - Mas o casamento não impede amor ao próximo !

Raimundo - Pois é, também acho, e nêsse ponto, ela é meio burra, mas afinal de contas, nêsse vasto mundo, ninguém é perfeito ...

Luiz - O senhor me deixou meio abalado .

Raimundo - Rosa é tudo para nós. É a única coisa boa nêsse bairro. É assim feito uma fada de ternura e de amor. Quando em minha casa falta água, eu não dou bronca porque sei que Rosa existe, quando não encontro condução, não falo nada porque sei que Rosa existe. É como diz o Dr. Onofre - Rosa é a amiga mais leal, o encanto, a bondade, a vida, a razão, o ânimo, o princípio e o fim .
Por favôr seu Luiz Carlos, não nos tire Rosa !

Rosa - (da porta) Obrigada Raimundo !

Raimundo - Rosa, nosso amor querido ...

Rosa - Você me deixeu tão comovida, fiquei com o coração dêsse tamaninho ...

Raimundo - Quero te apresentar aqui o meu sobrinho ...

(Sobrinho se levanta, tímido e infeliz)

Rosa - Que catinha triste, é um pecado essa carinha triste !

Sobrinho - Eu queria ...

Raimundo - Fala logo, anda !

Rosa - Diga logo meu filho !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 416

Sobrinho - Eu queria que a senhora me incluísse na sua obra de assistência social !

Rosa - Que delicadeza !

Luiz - Que patifaria !

Raimundo - Por outro lado Rosa, eu queria te dizer que ando sentindo aquêles impulsos incontroláveis de riscar os carros da rua ...

Rosa - Voltou o complexo ...

(BARULHO NA FECHADURA O)

Raimundo - Eu tô que é só complexo ...

(ENTRA LINO)

Lino - O que é que vocês estão fazendo aqui ?

Raimundo - Não banca o impertinente Lino !

Lino - Fora todos os dois !

Raimundo - Lino, você sempre foi meu faixa !

Rosa - Êles vieram me fazer uma visitinha ...

Lino - Fora os dois !

Luiz - Não Lino, eu estive presente o tempo todo, não houve ...

Lino - Rua !

Raimundo - Péra lá, não pense que isso vai ficar assim não !

Lino - Claro que não vai ficar assim . Arrumei a minha vida, vou me embora dêsse bairro .

Sobrinho - Quando, quando ?

Lino - O mais rápido que puder !

Sobrinho - O mais rápido que puder !

Sobrinho - Ah, meu deus do céu !

Raimundo - Isso não vai ficar assim não, vou reunir o bairro todo !

Lino - Ninguém mais entra nessa casa, aprendi a viver, vocês vão vêr !

Luiz - Acho melhor vocês irem embora .

Sobrinho - Isso não é justo, não é justo !

Raimundo - Calma meu filho, calma .

Sobrinho - Logo agora êle vai embora.

[illegible] - E de uma vêz por tôdas, fora !

124

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 417

(Raimundo e seu sobrinho se encaminham até a porta)

Raimundo - (saindo) Eu conto com o senhor. (p/ Lino) Fedaputa !

(Luiz Carlos despista, vai até o rádio e liga. Lino desliga)

Lino - Que negócio é êsse de conto com o senhor ?

Luiz - Êles vieram aqui me pedir pra não promover mais o casamento de vocês dois, mas não se assuste. Continuo querendo aumentar a tiragem do jornal !

Lino - Acontece que não vai haver mais promoção !

Luiz - Porque ?

Lino - Porque eu roí a corda. Simples não foi, roí a corda ...

Luiz - Mas você prometeu, e promessa é dívida.

Lino - E quem que disse que a gente tem de pagas as dívidas ? Quem é que foi ?

Rosa - Que que há com você Lino ?

Luiz - Naquêle dia você tinha concordado .

Lino - Mas naquêle dia você ainda não tinha achado Rosa !

Rosa - Nós prometemos Lino !

Luiz - Isso não é ético !

Lino - A ética para vencer é a do salve-se quem puder !

Luiz - Com que cara eu vou ficar lá no jornal ?

Lino - Isso é problema seu meu chapa ! Fora !

Rosa - Espera aí Lino, essa tal de promoção é importante para o Luiz Carlos, não é importante Luiz Carlos ?

Luiz - Importante, importantíssima !

Lino - Você não quer casar mais ?

Rosa - A gente sempre quer casar ...

Lino - Então vamos casar, sem televisão, sem jornal, e sem êsse cara aí !

Rosa - Realmente, é uma idéia !

Luiz - Mas não custa nada vocês se casarem na televisão !

Lino - Não quero que a minha infelicidade vá vender geladeira de ninguém ...

Rosa - Êsse negócio é muito importante para você Luiz Carlos ?

125

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.418

Luiz - Com essa promoção a turma do jornal vai me respeitar, e aí eu vou escrever artigos assinados !

Lino - E daí ?

Luiz - Artigos assinados espinafranco o govêrno de alto a baixo !

Rosa - Que govêrno ?

Luiz - Hay Gobierno ? Qualquer govêrno ! O negócio é escrever contra o govêrno... Não há nada que dê mais cartaz a um jornalista que escrever contra qualquer coisa, mais especial contra o govêrno !

Rosa - A gente também não pode dáixar êle na mão Lino ...

Luiz - Uma v êz eu tentei um lance genial, mas o secretário não topou. Escrevi um artigo inteirinho acusando o cardeal de comunista. Já pensou ?

Rosa - Mas o cardeal não é comunista !

Luiz - Pois é, ia dar a maior onda ... Isso é uma técnica vocês compreendem ? Eu não sou ninguém, o cardeal é o cardeal. Mas a partir do momento em que eu espinafro o cardeal, eu fico no mesmo nível dêle, passa então a haver o cardeal e o homem que espinafra o cardeal, ou seja, eu. É um golpe infalível. Só que o quadrúpede do secretário não quis topar ...

Rosa - E você só vai conseguir isso tudo se a gente concordar com a tal de promoção ...

Luiz - Essa promoção é o ponto de partida. Depois irei subindo, subindo, até o dia em que, se deus quiser, serei ameaçado de morte. Para vocês que não entendem do riscado, ser ameaçado de morte é a consagração de um jornalista, tipo de negócio que tem a maior repercussão !
David Nasser !

Rosa - Tá vendo Lino ? Se a gente não ajudar êle, êle nunca mais vai ser ameaçado de morte .

Luiz - Não vou conseguir vencer na vida ...

Lino - Acontece, que eu também resolvi vencer na vida . Quero vencer, quero estar acima da média, e é preciso que haja bastante gente abaixo da média, senão a média sai fora do lugar, logo, não vejo o menor sentido em ajudar os

f 26 II

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.419

Luiz - Mas nós não estamos competindo, eu sou repórter, e você quer ser pescador de baleias.

Lino - Pescador de baleia é a meta final de minha vida, até lá, tenho de ir subindo aos poucos. Pra'teungovêrno Rosa, já fui desginado chefe da portaria do edifício !

Luiz - Meus parabéns !

Rosa - Então você conseghiu isso porque o Administrador quis te ajudar, não foi ?

Lino - Uma merda ! Eu disse ao chefe da portaria que o cabineiro do elevador social era amante da mulher dêle. E não fiquei aí. Vice-versei a mesma história, resultado : os dois se quebraram as caras mùtuamente e foram despedidos. E eu, fui promovido ... Não te disse que tinha aprendido a viver ? Ninguém mais pode me chamar de pobre diabo . Agora, sou um homem normal, um homem normal !

Rosa - Lino, como é que você fêz uma coisa dessas ?

Lino - E não dou três mêses para eu passar a administrador. Sabem porque ? Estou empregando a força do pensamento positivo. Tôda a noite agora, antes de dormir, passo meia hora repetindo concentrado : " Deus há de me ajudar o administrador há de ser despedido, deus há de me ajudar, o administrador há de ser despedido ! "

(A CAMPANHIA TOCA.)

Luiz - Deve ser o Raimundo .

Lino - Shazan ! Aqui ninguém entra !

Rosa - Mas êles sabem que nós estamos em casa .

(Vai até a porta)

Luiz - Rosa, concorda logo com a nossa promoção.

Rosa - (se esquiva) Não sei ...

Lino - Rosa, vão embora logo daqui, prá gente casar ...

Rosa - Não sei ...

Raimundo - (da porta) Rosa, querida Rosa, diga logo que você desistiu do casamento .

Rosa - (esquiva) Não sei ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p.420

Raimundo - (p/ os outros, de fora) Então, vamos entrar !

(Entram Raimundo, Sobrinho, Dr. Onofre, Mulher)

Onofre - Nossa São Francisca !

Rosa - Meus gatinhos !

Raimundo - Viemos aqui incorporados, resolver essa ~~xxxxxxxx~~ parada !

Onofre - Trouxemos uma porposta, uma proposta leal, justa e equidistante .

Raimundo - E além do mais, simples e direta . Fala Dr. Onofre !

Onofre - É colocar em votação ... Todos aquêles que estiverem de acôrdo com o casamento de Rosa, queiram permanecer sentados.

(Levantam-se Raimundo e Sobrinho)

Onofre - Três a dois, mulher não vota ! Portanto, foi rejeitado o casamento !

Todos - Viva, já ganhou, já ganhou !

Raimundo - Rosa não deve se casar,tá resolvido ...

(EUFORIA GERAL)

Lino - Ah é, votação né ? E quem é que disse que eu sou democrata ?

Onofre - Infelismente, o que falta ao nosso povo é evolução política ... (sentam)

Raimundo - Não se respeita nem mesmo uma eleição, estamos desgraçados ...

Rosa - Desgraçado, alguém está desgraçado ?

Luiz - Vamos fazer o seguinte, cada qual vende o seu peixe, e depois Rosa decide tá ?

Raimundo - Tá ...

Lino - Mas com uma condição :::

Raimundo - Noivo eu vou te contá, tá sempre criando caso !

Onofre - E ainda fala em estipular condições ... O bom humor de topar tudo, é próprio dos amantes ... Fala Lino !

Lino - Eu não quero vêr ninugém com cara de infeliz aqui dentro.

Sobrinho - Mas eu estou morrendo de infelicidade ...

12 PHH

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 421

Rosa - ... quando ouço esta palavra !

Lino - Estão vendo ? Qualquer infelicidade é excitante para ela, por isso não quero vêr ninguém com cara de infeliz ...

Sobrinho - Mas eu tenho milhões de problemas ...

Rosa - Pobrezinho ...

Lino - Protesto !

Luiz - Lino tem razão !

Lino - Quero vêr todo mundo de cara alegre. (p/ sobrinho) Cara alegre, anda ! Cara alegre ...

Sobrinho - Então é melhor eu ir lá pra dentro ...

Onofre - De acôrdo, pode ir ...
(sobrinho fica, todos se entreolham)

Sobrinho - Não, não é isso que eu dizia ... deixa eu ir lá dentro .. mas ...

Luiz - Tá OK, pode ir ...

(sobrinho pega Rosa pela mão, se encaminha para o quarto)

Lino - Protesto de novo !

(Rosa e sobrinho param)

Luiz - Rosa fica !

Onofre - Fica sim !

Sobrinhp - Então deixa, eu também fico !

Lino - Puxa, mas que luta !

Luiz - Declaro aberta a sessão !

Mulher - Peço a palavra !

Raimundo - Não interessa !

Onofre - Cala a bôca !

Raimundo - Com a palavra o Dr. Onofre !

Onofre - Primeiro você Raimundo ...

Raimundo - O negócio é o seguinte Lino, usa a cabeça, o que a Rosa quer é ajudar não é ?

Rosa - Ah, eu adoro ajudar !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.422

Rosa - Ah, eu adoro ajudar !

Raimundo- Muito bem, se ela casar e parar de dar a mãozinha à turma dos amargurados, o que é que vai acontecer ?

Lino - Vocês vão ficar amargurados !

Raimundo- Negativo ! Ela vai começar a se sentir ... como é mesmo Dr, Onofre ?

Onofre - Desajustada !

Raimundo- É, desajustada ... E você Lino, vai querer que a sua espôsa seja uma desajustada ?

Rosa - Ah não, eu quero estar sempre ajustadinha !

Raimundo- Mas quando a gente não faz o que quer, é batata ! Vem logo um desajuste pela cara . E aí Lino, puxa, não quero nem pensar, Rosa vai ficar triste, nervosa, irritada, num desespêro de lascar. Todo dia você vai chegar e encontrar ela nervosa, feito uma pilha ... Agora eu te pergunto como amigo | você vai querer que a sua espôsa seja uma pilha o tempo todo ?

Lino - Isso é problema meu !

Raimundo- Mas o pior você ainda não manjou ! É que enquanto ela estiver uma pilha, muito bem ...

Onofre - Porque a pilha no caso, é garantia de fidelidade ...

Raimundo- O diabo é que ~~mxRm~~ você vai viver pedindo a Deus para encontrar Rosa sempre como uma pilha, uma fera, reclamando de tudo, dando a maior bronca. Porque você já pensou no dia em que ela estiver como uma espôsa afetuosa ? Já pensou ? Vai ser um inferno !

Onofre - Sejamos autênticos Rosa, você pra ser você tem de confraternizar...

Raimundo - Quanto mais melhor ...

Onofre - Sem inibições ...

Raimundo - A três por dois ...

Onofre - Com personalidade !

Raimundo - Você já se cansou uma vêzda implicância do Lino, e deu no pé ... Depois de casar vai ser mais chato ainda cair fora novamente ...

Luiz - (A Rosa) Por que é que foi que você abandonou o Lino na

1307H

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 423

Rosa - Bem, é que eu estava lá né, estávamos esperando ... Aí eu vi sentadinho num banco um rapaz com a cara tão amargurada que eu pensei, olha ali um infeliz ... Aí, fui reconfortar, reconfortei, reconfortei, reconfortei e reconfortei ... Ufa !

Onofre - Será possivel que você não perceba os anseios de sua ex-quasefuturaespôsa ? Não vê que ela quer é ajudar o próximo ?

Rosa - É que eu me sinto assim tão leve !

Lino - Aí é que está seu êrro Rosinha, você não acredita em Deus !

Rosa - Acredito uai !

Raimundo - Deus não tem nada a vêr com o peixe !

Lino - Não acha que deus sabe o que faz ?

Rosa - Acho !

Lino - Então respeita a vontade de deus, que diabo ! Se deus faz um sujeito infeliz, é porque êle quer que o sujeito seja infeliz mesmo ! Acho muita pretensão querer modificar a obra de deus .

Rosa - Eu fico tão confusa!

Raimundo - Confusão nenhuma, confusão nenhuma !

Onofre - A solução até que é simples !

Mulher - Peço a palavra !

Raimundo - Mas será possível que ela vai falar o tempo todo ?

Luiz - Descobri a solução . É lógico, Rosa se casa com rádio, televisão e jornal, o Lino passa a ter uma espôsa e depois ela continua a ajudar o bairro em seus momentos de tristesa e depressão .

Lino - Protesto !

Raimundo - Isso ela não vai topar !

Luiz - Não,seria um negócio com critério, a gente faria uma escala de pressões, não ia ser ajuda assim por qualquer besteira. Só mereceria assistência quem por exemplo, perdesse a mãe, estivesse passando fome, ou fôsse abandonado pela espôsa::: Negócio sério, seleção rigorosa !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 424

Raimundo - Bom mas e ... quando meu time perder ?

Luiz - Futebol não vale !

Raimundo - Não vale porque ? Eu troco 25 espôsas por uma vitória do Atlético !

Onofre - O critério da felicidade é muito relativo ...

Luiz - Bom, então a derrota do time do sujeito vale por exemplo, 5 beijos.

Raimundo - Não dá para tirar a amargura, não dá, principalmente se o jôgo é com o Cruzeiro .

Rosa - E isso eu não aceito !

Luiz - Porque ?

Rosa - Fica assim meio marôto ...

Luiz - Maroto porque ?

Rosa - Maroto ... Meu marido ser ~~enganadoxpexxxm~~ umsujeito enganado pela espôsa ...

Lino -- Viram ?

Luiz - Se você já sabia que Rosa pensava assim dêsde o início, porque se casou com ela ?

Onofre - Exato! Assim teria evitado que ela caísse no domínio público, e vox populi é vox dei !

Lino - É que eu não acreditava que a Rosa fôsse mesmo batata depois do casamento ...

Luiz - E agora acredita ?

Lino - Mais ou menos ...

Rosa - Mais ou menos ?

Lino - Quer dizer, acredito . Principalmente quando estivermos nós dois sòzinhos, numa balêeira, em pleno mar .

Mulher - Peço a palavra !

Onofre - Fala !

Mulher - Mas eu posso falar mesmo ?

Onofre - Claro, isso é uma democracia !

Mulher - Bom, deixa eu falar. O negócio é que eu tenho a solução.

Raimundo - De araque !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p 425

Mulher - O negócio é o seguinte : se Rosa não casar cria problemas para o Lino e para o senhor Luiz Carlos. Se casar cria problemas para a turma dos amargurados. Muito bem. Então eu proponho que ela se case, e eu fico dando assistência à turminha dos amargurados !

Lino - Perfeito, idéia excelente, tá resolvido!

Onofre - Absolutamente, seu gesto é muito tocante, e é enorme o seu desprendimento, mas nós não vamos querer o seu sacrifício !

Mulher - Sacrifício nenhum, eu faço isso por amor ao bairro !

Raimundo - O bairro desvanecido agradece, mas cai forada da jogada!

Mulher -- Ah isso não, eu quero ajudar, eu quero ajudar !

Onofre - O negócio está ficando perigoso !

Mulher - Posso começar logo de cara pelo seu sobrinho !

Sobrinho - Não se afobe, não se afobe !

Lino - Ótimo, muito bem . Pode começar pelo sobrinho ...

Mulher - Pobrezinho, que carinha triste !

Sobrinho - Que nada, até que eu estou alegre.

Onofre - É preciso que alguém tome alguma providência ....

Luiz - Minha senhora ...

Mulher - Ninugém vai escapar da minha ajuda !

Luiz - Sua proposta já foi consignada.

Mulher - Quero fazer uma lista dos infelizes agora !

Luiz - (encaminhando a mulher para fora) Pode ficar tranquila que eu faço a lista para a senhora...

Mulher - (da porta) Eu acho que a minha solução é um tiro no problema do bairro, o snenhor não acha ?

Luiz - Claro, claro, até loguinho ...
(empurra a mulher para fora)

Mulher - (fora) Logo que você es resolverem, telefonem !

Onofre - Meu filho, você esteve por um triz !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093,p.426

Raimundo - Que parada heim ?

Sobrinho - Ela parecia uma piranha !

Mulher - (abrindo a porta) Vocês têm o meu telefone ?

Todos - Temos, temos, não se preocupe.

Mulher - É melhor tomar nota .

Luiz - Pode dormir sossegada !

Mulher - É 37-3537.

Luiz - Tiau .

Raimundo - Até logo !

Onofre - Vai com deus !

Mulher - Qualquer coisa, é só telefonar !

Raimundo - Rosa, agora eu já coloco a coisa em têrmos de apêlo !

Onofre - Lino, não é possível que essa ameaça que agora nos oprime, não te tenha atingido !

Ivan - (entrando) Não senhores ! Fiquei calado o tempo todo, ouvindo do lado de fora, mas agora vou lutar ! O caso não é de apêlo nem de pedido ! É uma reinvidicação, uma reinvidicação de todo um bairro oprimido e espoliado pelo imperialismo reacionário de Lino . Rosa é um bem comum de todos nós, e como tal, não pode ser alienada, utilizada, apropriada por um único burguês. Rosa, é o petróleo dêsse bairro ! Ai, a política estudantil,que bobagem !

Raimundo - Rosa é nossa, Rosa é nossa! Rosa é nossa!

Ivan - Porque, eu vos pergunto agora, porque Lino há de ter o previlégio de ter Rosa sòzinho ?

Onofre - Exato, muito bem, isso é um monopólio !

Ivan - E o povo meus irmãos, o povo não pode ser sacrificado em benifício de um burguês que inventou de se casar!

Lino - Rosa, lembre-se do que êles fizeram na Tchecoslováquia !

Ivan - Êsse homem quer ficar com Rosa todinha pra êle !

Onofre - E de repente, aparece o Salazaire !

Lino x- Mas o que eu quero, é só casar !

134 A

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 427

Ivan - E seus deveres perante a sociedade ?

Luiz - É gente, mudei de opinião !

Lino - Você não vai fazer isso comigo !

Luiz - Não aceito a socialização de Rosa, mas também nãomtopo mais o casamento.

Lino - Mas e a sua promoção, a promoção no jornal ?

Luiz - Só agora compreendi Rosa melhor. A gente tem de ser fiel ao nome, à cara que tem. Um ladrão não tem cara de ladrão porque é ladrão. Ao contrário, êle é ladrão porque nasceu com cara de ladrão . Uma mulher que se chama Hermengarda que é rima de espingarda, jamais poderá ser meiga e suave, e um homem chamado Leão, tem de ser um vencedor ...

Lino - Besteira, eu conheço muito José que é troço pra xuxu !

Luiz - É, mas repare que todo José, quando vence na vida, é porque é tratado pelo sobrenome. José de Magalhães Pinto, José do Patrocínio, José Lins do Rêgo e etc. Um Hércules jamais morre tuberculoso, porque antes de seus pulmões pifarem, êle morre de desgôsto. E um sujeito chamado Etienne ou Isaías, tem de ser todo uma personalidade... Isso eu descobri, e agora vos relato. Uma mulher chamada Rosa, tem de ser tôda encanto, beleza, simplicidade, ternura, distribuindo brancas pétalas, sem querer nada de volta !

Rosa - E eu sou mesmo tudo isso ?

Luiz - Isso e muito mais. Mas ainda é uma mulher linda, e aquelas que linda graça tem de ser, a um só homem não devem pertencer ...

Rosa - Venci a minha dúvida !

Luiz - Porque são obras de arte ...

Rosa - Já me decidi !

Luiz - E as obras de arte devem estar em tôda parte para encantar ... para encantar ... (Lino tenta apartear) e não permito aparte !

Rosa - Fico com meu bairro !

Todos menos Lino - Muito bem, bravo, viva !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p 428

Lino - Já que é assim, aceito a derrota . Mas fique bem claro que essa derrota me fêz profundamente infeliz !

Rosa - Pobrezinho !

Raimundo- Eu também sou infeliz !

Onofre - E eu Rosa !

Todos - Eu também, eu também ...

Luiz - E eu, que afinal de contas, fiquei sem a possibilidade de aumentar a tiragem do jornal, e com isso, fiquei infelicíssimo !

Raimundo - Somos todos infelizes !

Lino - Viva a infelicidade !

Todos - Viva !

Rosa - Atenção peço aos senhores ! Vocês parecem tão contentes ! Não, vocês não precisam de minha ajuda, eu vou embora, vou prosseguir a minha obra em outros bairros !
(canta) Recebam o afeto que se encerra
em nosso peito juvenil ...

fim.

(APAGA/ PANO)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 429

Brasilia 4 Julho 1969

136

De:- Censor Carlos Rodrigues
Para:- Divisão da TCTC.

Analisando a peça " Procura-se uma Rosa" de Pedro Bloch e Glaucio Gil, e, atendendo ao pedido do Teatro Experimental de Belo Horizonte, a mesma poderá ser liberada com a impropriedade 16 (dezeseis) anos.

Cordialmente

Carlos Rodrigues

Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

137/41

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p 430

Sr.Chefe da Seção de Censura

O Teatro Experimental de Belo Horizonte, enviou para exame dêste SCDP, a peça teatral " PROCURA-SE UMA ROSA" de Glaúcio Gill.

Referida obra, já foi examinada e liberada por êste Órgão, conforme parecer do Técnico de Censura JOSÉ VIEIRA MADEIRA e cópia do Certificado liberatório, constantes em nossos arquivos, classificando-a IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 16 ANOS.

Submetidos os escritos (liberado e o objeto do / presente) ao Técnico de Censura CARLOS RODRIGUES, para comparação, êste informa-nos por memorando que são idênticos e sugere que se mantenha a classificação de idade.

Assim sendo, à vista do exposto e de acôrdo com o artigo 10 da Lei 5 536/68, sugerimos que seja mantido o mesmo critério classificador, emitindo-se os certificados requeridos, agora com validade para 5 anos. s.m.j.

À consideração superior.

Em, 04/julho/69

JOSE SAMPAIO BRAGA
TCTC-SC/SCDP

De acôrdo.
Em 5/7/69

Em 5/7/69.
Expeça-se conforme
de acôrdo com o voto do
parecer.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093, p. 431

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

1394

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Serviço de Censura de Diversões Públicas
D.

Certificado Nº 1436/69

PEÇA -:::/ PROCURA-SE UMA ROSA /:::-

ORIGINAL DE GLÁCIO GILL

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO
ATÉ
—16 ANOS—

VÁLIDO ATÉ 09 de JULHO de 19 74

Brasília, 09 de JULHO de 19 69

Wilson ... - SUBST.

Chefe do S. C. D. P. WILSON DE QUEIROZ GARCIA SUBSTITUTO

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 44, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -:::/ PROCURA-SE UMA ROSA /:::-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0093/p. 432

Original de GLÁUCIO GILL

Tradução de

Adaptação de

Produção de TEATRO EXPERIMENTAL DE BELO HORIZONTE - MG.

Tendo sido censurada em 04 de JUDHO de 19 69 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENROES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E A AFIXAÇÃO DE CARTAZ CONFORME § 2º ART. 18 DA LEI 5536/68.-

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE E VALIDO QUANDO ACOMPANHADO CO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 09 de JULHO de 19 69

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF. SAv. 7034-FFS

139

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093 p 433

H64

8/7/69

: CHEFE DO SCDP

: SR. DELEGADO REGIONAL DO DPF/MG.

PROVIDÊNCIAS (SOLICITA)

SENHOR DELEGADO,

SOLICITO VOSSAS PROVIDÊNCIAS NO SENTIDO DE QUE SEJAM CUMPRIDAS PELA TCDP, AS SEGUINTES DETERMINAÇÕES DE CARÁTER TÉCNICO, DÊSTE SERVIÇO:

1. ASSISTIR ENSIO GERAL DA PEÇA " PROCURA-SE UMA ROSA ", DE GLAUCO GILL;

2. ENVIAR A ÊSTE SCDP, RELATÓRIO MINUCIOSO A RESPEITO DO ESPETÁCULO, URGENTE E,

3. ENTREGAR A DOCUMENTAÇÃO ANEXA, SCRIPTS/ E CERTIFICADOS, AO INTERESSADO - TEATRO EXPERIMENTAL DE BELO HORIZONTE.- SÒMENTE APÓS AUTORIZAÇÃO./ DESTA CHEFIA, VIA RÁRIO, À VISTA DO REFERIDO NO Í-

ATENCIOSAMENTE,

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CHEFE DO SCDP SUBSTITUTO

1404

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 434

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

São Paulo, 22 de agosto de 1969

Sra. Chefe

Assisti ao ensaio geral da peça "PROCURA-SE UMA ROSA" de Pedro Bloch e Glaucio Gil, a ser apresentado pelo GESTO.

Trata-se de duas peças com mesmo título e mesmo tema. Uma é um pequeno drama de subúrbio e a outra uma farsa. Ambas tratam do caso de desaparecimento da esposa de um operário. Na primeira a coisa é atribuida à pobreza, à falta de confortos materiais, e na segunda a causa é nitidamente o caráter de Rosa, que não consegue resistir à tentação de consolar os homens infelizes.

A encenação, feita por amadores estudantes universitários, é bem razoável e consegue captar o sentido de ambos os textos com bastante inteligência. Nada é acrescentado ao texto aprovado por Brasília nem em palavras nem em intenção.

Opino pela liberação do Certificado com a impropriedade para menores de 18 anos, especialmente devido à segunda parte.

João Ernesto Coelho Neto
Censor, nº133

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
D. R. - S. P.
22 8 69

Em 28/8/69
O Rd autorizando o espetáculo p/ 18 anos e informar que nenhum certificado segue para substituição

Em tempo.
28/8/69
O Grupo Gesto não possui certificado. Rd. informando que o Grupo não poderá apresentar

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, P. 435

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CÓPIA PARA CONTRÔLE DE SERVIÇO

DELEGADO REGIONAL DO DPF/SP
SÃO PAULO - SP

219-TOTO 28 08 69

ESTA CHEFIA ESTRANHA REMESSA RELATÓRIO PEÇA TEATRAL "PROCURA-SE UMA ROSA" VG FIRMADO TÉCNICO CEN - SURA JOÃO ERNESTO COELHO VG VEZ QUE PEDIDO CENSURA GRUPO GEX- TU ESTA PEÇA FOI INDEFERIDO ART. 44 DEC 20493/46 VG NÃO POS- SUINDO VG O MESMO VG O COMPETENTE CERTIFICADO CENSURA PT TCDP DEVERÁ ESCLARECER ESTA CHEFIA RESPEITO DISSO PT SDS ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA CHEFE DO SCDP.

Proc ~~1094~~

Livro 1

Folha 66

142

112

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 436

PROCURA-SE UMA ROSA	DISTRIBUIÇÃO

AUTOR PEDRO BLOCH

M. J. - D. P. F.
SERVIÇO CENSURA DE
DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 438

313-TCTC
25 - 11 - 69

Chefe do SCDP
Sr.Delegado Regional do DPF/SP
Peça Teatral (encaminha)

Sr.Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que seja devolvido, através da TCDP dessa DR, a Sra. Celina Lourdes Alves Neves, residente a Rua : Gerson França, 6-66- Bauru, os scripts da peça teatral " PROCURA-SE UMA ROSA ", autoria de Pedro Bloch, esclarecendo que tal fato se deve a mesma estar em desacordo com as formalidades exigidas pela Portaria nº 20/69-SCDP, publicada no Diário Oficial da União de 14 de abril de 1969.

Sem mais para o momento, subscrevo-me atenciosamente,

CONSTANCIO MONTEIRO
Chefe do SCDP/SUBSTITº

Deferido o original
27/11/69

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0093, p. 437

143

Exmo. Sr. Chefe da Censura Federal em BRASÍLIA

Em, 25/10/69
Devolver ao interessado, via DR, de ac. c/ art. 88 D. 20493/46

Respeitosas Saudações

Acompanha a presente, duas peças para a devida Censura Federal, sendo que uma delas já foi encaminhada há tempos e devolvida por constar uma Entrevista com pessoa da platéia. Esta peça é de meu filho Paulo Roberto Alves Neves, com quem falei e cortamos essa parte que visava apenas a Música brasileira, mas que de fato poderia ser interpretada de maneira diferente, se caísse em mãos menos escrupulosas que as nossas, que visamos apenas o Trabalho pela Cultura e pela Arte, dentro dos princípios Cristãos e da Família e Pátria Brasileira.

Fundamos a Federação Bauruense de Teatro Amador, há 2 anos e temos levado nosso trabalho sempre, como Mãe, Chefe de Família Diretora de Escola e Orientadora de Teatro Amador, ou seja naqueles princípios de certa Rigidez e Disciplina que aprendemos de nossos Pais, embora saibamos que estamos vivendo numa época perigosa nêste fim de Século. Para contrabalançarmos as fôrças do Mal, é necessário, assim o julgamos, que nós, mãis de família, entremos também nêsse movimento teatral, para colaborar no bom sentido, para que tudo se encaminhe da melhor maneira possível, procurando ajudar e evitar erros.

Patrióticamente e com o pensamento voltado para Deus e a Família, é que estamos trabalhando em nossa Federação.

Aguardando ordens, de V. Excia., subscreve-se muito

Atenciosamente

Celina Lourdes Alves Neves